



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

LAILA PRISCILA GRAF ORNELLAS

**“SÃO SÓ DOIS LADOS DA MESMA VIAGEM, O TREM QUE
CHEGA É O MESMO TREM DA PARTIDA”:** TRAJETÓRIAS
LABORAIS DE BRASILEIROS/AS RETORNADOS/AS DA
EUROPA OCIDENTAL.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Chalfin Coutinho

FLORIANÓPOLIS, SC
2015

LAILA PRISCILA GRAF ORNELLAS

“SÃO SÓ DOIS LADOS DA MESMA VIAGEM, O TREM QUE CHEGA É O MESMO TREM DA PARTIDA”: TRAJETÓRIAS LABORAIS DE BRASILEIROS/AS RETORNADOS/AS DA EUROPA OCIDENTAL.

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Doutor em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Chalfin Coutinho

FLORIANÓPOLIS, SC
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ornellas, Laila Priscila Graf

?São só dois lados da mesma viagem, o trem que chega é o mesmo trem da partida? : trajetórias laborais de brasileiros/as retornados/as da Europa Ocidental / Laila Priscila Graf Ornellas ; orientadora, Maria Chalfin Coutinho - Florianópolis, SC, 2015.
229 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Trajetórias Laborais. 3. Narrativas. 4. Migração de Retorno. I. Coutinho, Maria Chalfin. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

LAILA PRISCILA GRAF ORNELLAS

“São só dois lados da mesma viagem, o trem que chega é o mesmo trem da partida”: trajetórias laborais de brasileiros/as retornados/as da Europa Ocidental.

Esta Tese de Doutorado foi julgada adequada para a obtenção do Título de Doutor em Psicologia e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Florianópolis, 23 de fevereiro de 2015.

Prof.^a. Dr.^a. Carmen Leontina O. O. Moré. Coordenadora do Curso (PPGP-UFSC)

Banca Examinadora:

Prof.^a. Dr.^a. Maria Chalfin Coutinho (UFSC- Orientadora)

Prof.^a. Dr.^a. Mériti De Souza (PPGP- UFSC).

Prof.^a. Dr.^a. Maria Juracy Filgueiras Toneli (PPGP – UFSC).

Prof.^a. Dr.^a. Gláucia de Oliveira Assis (PPGH – UDESC).

Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti da Silva (CEPPAC – UNB).

Prof.^a. Dr.^a. Dulce Helena Penna Soares (PPGP- UFSC, Suplente).

Prof.^a. Dr.^a. Geruza Tavares D´Avila (PPGA/MA - UFRRJ, Suplente Externo).

Florianópolis, 2015.

Aos migrantes “retornados”, pelas
dificuldades e invisibilidades.

Com muito amor, em especial, à
minha família, que é tudo para mim.

AGRADECIMENTOS

Esta tese de doutoramento pôde ser realizada somente com diversos apoios e suporte, que precisam ser evidenciados, embora eu seja integralmente responsável pela mesma e pelas ideias contidas aqui. Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pelo milagre da vida e por estar comigo em todos os momentos.

Agradeço à minha orientadora, Maria Chalfin Coutinho, por me acolher novamente como sua orientanda, por acreditar em mim, pela paciência e firmeza que me possibilitaram desenvolver esta tese. Além disso, preciso agradecer por todos os auxílios, textos, leituras e reflexões que efetuou durante a condução deste trabalho.

Agradeço aos professores/as do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, pelo acolhimento e pelos ensinamentos que recebi durante todo este período. Agradeço à CAPES, pelo auxílio de bolsa de estudo para a condução deste trabalho.

Agradeço em especial à prof. Dra. Dulce Helena Penna Soares por suas contribuições teóricas e afetivas ao longo desse processo. Como também às professoras Maria Juracy F. Toneli, Mériti de Souza e a Gláucia de Oliveira Assis, pelas contribuições na banca de qualificação do projeto de tese.

Agradeço às minhas companheiras do NETCOS, pelas trocas, pelo compartilhamento de ideias, de pensamentos e, especialmente, de vida: Regina Célia Paulineli Borges, Maria Fernanda Diogo, Geruza Tavares D'Avila, Tielly Maders, Sandra Resende Dalmaso.

Agradeço aos colegas e professores Gustavo Dias, Tânia Tonhati, Cleverson de Souza, Dr. Leonardo Cavalcanti e Dra. Yara Evans, pelas conversas referentes às ideias iniciais desta tese e também pelo suporte para conduzi-la. Agradeço também a Elton e Adriano, pelas reflexões e conversas sobre o projeto.

Agradeço à minha querida madrinha, Beth Vargas; à minha amiga Márcia Beatriz F. Inocêncio (*in memoriam*), presente no meu coração e nas lembranças; e, também, a Claudia Holetz, pelo apoio nessa caminhada. Também às contribuições valiosas durante o cotidiano de Rosa e Ana Lúcia.

Agradeço a todos os participantes deste estudo, os quais entrevistei, e àquelas pessoas com que conversei brevemente, que prestaram depoimentos, por terem dividido comigo suas vidas e me atenderem tão prontamente nas diversas solicitações necessárias ao trabalho.

Preciso agradecer o suporte técnico, tanto pelo auxílio de parte das transcrições feitas por Beatriz como pelas revisões feitas por André, da ReVisão.

Agradeço às famílias Graf e Schwinden; e, mais especialmente, às minhas saudosas e queridas avós (*in memoriam*). Aos meus pais, pela vida e por tudo que me possibilitaram; amo-os hoje e sempre. Agradeço ao meu irmão, por seu um dos pilares da minha vida e à minha cunhada, pela parceria constante. Também quero agradecer à minha querida sogra e ao meu sogro (*in memoriam*), que, juntamente com meus cunhados, me receberam tão afetuosamente na família e pelo apoio constante.

Por último, de uma maneira muito especial, agradeço ao meu marido, que, além de estar comigo nessa empreitada, leu diversas páginas do manuscrito e me apoiou nos momentos mais difíceis da construção deste trabalho. Obrigada por tudo.

ORNELLAS, Laila Priscila Graf. **“São só dois lados da mesma viagem, o trem que chega é o mesmo trem da partida”**: trajetórias laborais de brasileiros/as retornados/as da Europa Ocidental. 229 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

Orientadora: Dr^a. Maria Chalfin Coutinho

Data da defesa: 23/02/2015

RESUMO

Nesta tese, enfoquei as trajetórias laborais de brasileiros/as retornados/as da Europa Ocidental posteriormente ao ano de 2008. O estudo foi fundamentado em uma concepção francesa de trajetórias sociais e em estudos relacionado à migração internacional, considerando articulados os processos de emigração e imigração. O suporte teórico-metodológico foi desenvolvido a partir de um diálogo entre uma concepção de trajetórias sociais com o construcionismo social e com o estudo das narrativas. Investiguei os aspectos objetivos e subjetivos das trajetórias, sendo que o segundo envolveu o estudo das narrativas. Com as narrativas, não procurei compreender o real ou concreto nas produções discursivas, mas sim os significados atribuídos às experiências. Trabalhei principalmente com o material produzido por dez participantes, caracterizados por serem cinco homens e cinco mulheres, com duração da experiência migratória de um a seis anos, em sua maioria jovens, com ensino superior concluído, situados nas camadas socioeconômicas médias e urbanas brasileiras e retornados há entre um e dois anos. Para o levantamento de informações efetuei entrevistas e apliquei a técnica das trajetórias sociais com os dez participantes, além de incorporar, de modo adicional, outras entrevistas complementares, depoimentos, documentos e registros no diário de campo. Para compreensão das informações levantadas trabalhei especialmente com o material principal, efetuando análises das trajetórias objetivas, por meio do estudo dos casos, e das subjetivas, com emprego da análise temática das narrativas. O material complementar foi, posteriormente, articulado ao material principal. Identifiquei nas trajetórias objetivas os lugares sociais ocupados pelos sujeitos, com a existência de dois agrupamentos de trajetórias: mais contínuas e fragmentadas; observando que foram as particularidades da vida das pessoas que caracterizaram essas modalidades de trajetórias. Nas trajetórias subjetivas, envolvendo as histórias dos sujeitos, observei, além dos aspectos pessoais, narrativas

sobre as saídas, destinos, retornos e futuros. Efetivei a compreensão da constituição das trajetórias dos migrantes retornados a partir da intersecção das dimensões objetivas e subjetivas, desse modo pude, também, evidenciar três dimensões centrais nas trajetórias sociais dos participantes: “ser migrante”, “de ser no retorno”, “transversalidade do trabalho”. Essas três dimensões são relacionadas às construções identitárias desses sujeitos, entendendo-os como participantes ativos na produção da história e de suas estórias de vida. Por meio da investigação pude evidenciar um movimento processual, em que a vida humana está sendo constantemente produzida e construída, desmistificando esse suposto “retorno”.

Palavras-chave: Trajetórias laborais. Narrativas. Migração de retorno.

ORNELLAS, Laila Priscila Graf. **“There are only two sides of the same journey, the train that arrives is the same train of departure”**: Labour trajectories of Brazilians returning from Western Europe. 229p. Thesis (Ph.D in Psychology) Psychology Postgraduate Program, Department of Psychology, Santa Catarina Federal University, Florianópolis, 2015.

Doctoral Supervisor: Dr^a. Maria Chalfin Coutinho
Thesis Defense: 23/02/2015

ABSTRACT

In this thesis, I focused on the labour trajectories of Brazilians returning from Western Europe, after the year 2008. The study was based on a French conception of social trajectories and other studies related to international migration, in which both emigration and immigration processes are involved. The methodological and theoretical approach was made by the concepts of social trajectories, social constructionist theories, and narrative studies. I investigated the “objective” and “subjective” dimensions of the trajectories related to work, and this second dimension involved the study of narratives or speech of them, based on an understanding that the discursive productions are not real or concrete, but that they are meanings attributed to the experience. I interviewed ten participants and studied their social trajectories, they were five male and five female, they had lived abroad between one and six years, mostly were young and had a university degree, mostly situated in Brazilians economic middle and urban class, having returned to the original country between one and four years. In the study, I also incorporated additional interviews, statements, documents, and logs in a field diary. In the analysis, I worked with the material generated with the key participants through a case study approach. As well, I analysed “objective” trajectories and, by studying narratives, I analysed the “subjective” trajectories. The additional material was subsequently articulated into the main material. In the results, I identified two dimensions: "objective" dimension, where I identified the social spaces occupied by the research subjects and two groups of labour trajectories - both continuous and fragmented. In the "subjective" dimension I observed narratives about the departure process, destinations, returns, and futures. In the final results, I concluded that the constitution of social trajectories of returning migrants was produced by the intersection of the “objective” and “subjective” dimensions, and also

highlighted three key dimensions: "being a migrant", "to be in return," and "transversal work." These three key and central dimensions are related to the identity construction of the research subjects, understanding them as active participants in the production of history and their life stories. The results showed a motion process, in which human life is constantly being produced and built, demystifying this supposed "return".

Keywords: Labour trajectories. Narratives. Return migration.

ORNELLAS, Laila Priscila Graf. **“Sólo hay dos lados de una misma jornada, el tren que llega es el mismo tren de la partida”**: Las trayectorias laborales de los brasileños que regresaron de la Europa Occidental. 229 hojas. Tesis (Doctorado en Psicología). Programa de Postgrado en Psicología, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

Directora: Prof^a. Dr^a. Maria Chalfin Coutinho.

Defensa: 23/02/2015

RESUMEN

En esta tesis, me centré en estudiar las trayectorias laborales de los brasileños y las brasileñas que regresaron de la Europa Occidental, a partir del año de 2008. El estudio se basó en una concepción francesa de las trayectorias sociales y en estudios relacionados con la migración internacional, teniendo en cuenta los argumentos de los procesos de emigración e inmigración. El apoyo metodológico y teórico fue desarrollado a partir de un diálogo entre una concepción de las trayectorias sociales con el construccionismo social y el estudio de las narrativas. Yo estudié las dimensiones “objetivas” y “subjetivas” de las trayectorias, y la segunda dimensión fue con el estudio de las narrativas. Con la narración, no se intentó entender lo real o lo concreto en las producciones discursivas, sino los significados atribuidos a la experiencia. Trabajé con diez participantes, con entrevistas y el estudio de las trayectorias sociales. Ellos eran cinco hombres e cinco mujeres, con la duración de la experiencia migratoria de uno a seis años, en su mayoría jóvenes, con educación superior completa, que se encuentra en los estratos socioeconómicos medio brasileño y urbano y regresó entre uno y cuatro años. Yo incorporé al estudio de modo adicional, entrevistas adicionales, declaraciones, documentos y registros en diario de campo. En el análisis, trabajé con el material generado con los participantes claves, haciendo un análisis “objetivo” de las trayectorias a través del estudio de casos, y uno “subjetivo” con un análisis de las narrativas temáticas. El material adicional se articuló posteriormente del material principal. En los resultados, identifiqué dos dimensiones: en las trayectorias "objetivas", fueron los espacios sociales ocupados por los sujetos, con la existencia de dos grupos de trayectorias laborales- las más continuas y las fragmentadas. En la dimensión "subjetiva" que implican las historias de los sujetos, observé, además de los aspectos

personales, relatos sobre las salidas, los destinos, los regresos y los futuros. Con los resultados finales, observé que la constitución de las trayectorias sociales de los migrantes que regresan implica la intersección de las dimensiones “objetivas” y “subjetivas”, y así se destacaron tres dimensiones claves: "ser migrante", "estar en retorno," y “trabajo transversal”. Estas tres dimensiones centrales están relacionadas con la construcción de la identidad de estas personas, entendiéndolas como participantes activos en la producción de la historia y sus historias de vida. Los resultados mostraron una noción de movimiento, en que constantemente se produce y se construye la vida humana, desmitificando este supuesto "retorno".

Palabras claves: Trayectorias laborales. Narrativas. La migración de retorno.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplo do processo dos blocos narrativos, 95.

Quadro 2 – Exemplo das “seqüências de temas”, 96.

Quadro 3 – Exemplo da organização dos processos nos eixos narrativos, 97.

Quadro 4 – Exemplo das categorias temáticas iniciais relacionadas às entrevistas, 98.

Quadro 5 – Categorias temáticas iniciais e finais, 99.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
AISSMi	Associação Internacional Scalabriniana a Serviço dos Migrantes
BC	<i>British Council</i>
CAPES Superior	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e Caribe
CNIg	Conselho Nacional de Imigração
CSEM	Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios
DEPLA Exterior	Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior
FAPESC	Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina
FURB	Universidade Regional de Blumenau
GEB	Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido
GIPADMA	Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JRS	Serviço Jesuíta aos Refugiados
LSE	<i>London School of Economics</i>
NETCOS	Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito
OIM	Organização Internacional para as Migrações
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organizações das Nações Unidas (<i>UN United Nations</i>)
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i> do Brasil
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
VOLP	Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa

SUMÁRIO

1.2 ENFRENTANDO O VENTO.....	30
2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS	41
2.1 MODOS DE ESTUDO DAS TRAJETÓRIAS	41
2.1.1 <i>Trajетórias sociais na concepção de Claude Dubar.....</i>	41
2.1.2 <i>Trajетórias no contexto do trabalho</i>	44
2.1.3 <i>Histórico</i>	45
2.1.4 <i>Trajетórias laborais.....</i>	47
2.2 MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS	50
2.2.1 <i>Compreensão do movimento de “retorno”</i>	57
3 PERCURSO.....	63
3.1 CONCEPÇÕES DA PESQUISA	63
3.1.1 <i>Suporte teórico do construcionismo social.....</i>	64
3.1.2 <i>Suporte teórico do método das narrativas.....</i>	67
3.2 ENTRADA NO “CAMPO DE PESQUISA”	74
3.2.1 <i>Acesso ao campo</i>	74
3.2.2 <i>Procedimentos éticos.....</i>	76
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA	77
3.3.1 <i>Participantes principais</i>	78
3.3.2 <i>Participantes de apoio.....</i>	81
3.4 BREVE EXPLANAÇÃO DO ESTUDO EXPLORATÓRIO	82
3.5 PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DE INFORMAÇÕES	83
3.5.1 <i>Geração das informações com os participantes principais.....</i>	83
3.5.1.1 <i>Entrevistas com roteiro.....</i>	84
3.5.1.2 <i>Aplicação da Técnica das Trajetórias Sociais (TTS).....</i>	87
3.5.2 <i>Geração das Informações complementares: participantes de</i>	
<i>apoio, documentos,</i>	89
<i>depoimentos, diário de campo</i>	89
3.5.2.1 <i>Entrevistas complementares</i>	89
3.5.2.2 <i>Depoimentos coletados.....</i>	89
3.5.2.3 <i>Documentos e anotações no diário de campo.....</i>	89
3.6.1 <i>Organização do conjunto total das informações geradas</i>	91
3.6.2 <i>Processo de análise do material.....</i>	92
3.6.2.1 <i>Análises do material principal.....</i>	93
3.6.2.2 <i>Análises dos materiais complementares</i>	100
4 TRAJETÓRIAS OBJETIVAS.....	101
4.1 CONTEXTO PESSOAL	101
4.2 CONTEXTO EDUCACIONAL E LABORAL	109

4.3 ESTUDO DAS TRAJETÓRIAS.....	111
4.3.1 Trajetórias “mais contínuas”	111
4.3.1.1 Análise compreensiva	113
4.3.2 Trajetórias “fragmentadas”	113
4.3.2.1 Construídas a cada etapa.....	113
4.3.2.2 Análise compreensiva	115
4.3.2.3 Associadas ao estudo	116
4.3.2.4 Análise compreensiva	118
4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO.....	119
5 TRAJETÓRIAS SUBJETIVAS	121
5.1 PARTIDAS.....	121
5.1.1 Significados das partidas.....	121
5.1.2 Planejamentos: apoio/redes e tempo	129
5.2 DESTINOS	131
5.2.1 Narrativas mais relacionadas à dimensão do trabalho/emprego/renda	131
5.2.1.1 Inserção laboral nos países de destino	132
5.2.1.2 Relação com colegas no trabalho e contratantes.....	139
5.2.1.3 Rendimentos e finanças: economia de recursos.....	143
5.2.2 Narrativas no destino relacionadas à dimensão social e familiar	146
5.2.2.1 Residência: compartilhada	146
5.2.2.2 Tempo livre	147
5.3 RETORNOS	150
5.3.1 Significados dos retornos.....	150
5.3.1.1 Retorno com data prevista	151
5.3.1.2 Retorno com inserção profissional anterior.....	155
5.3.1.3 Questões familiares.....	157
5.3.2 Narrativas após o retorno – trabalho, família, amigos e tempo livre.....	162
5.3.2.1 Migração interna pós-retorno.....	162
5.3.2.2 Reinserção laboral.....	164
5.3.2.3 Contexto familiar, amigos e tempo livre	167
5.4 FUTUROS	169
5.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO.....	172
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
7. REFERÊNCIAS	181
8. APÊNDICES.....	201
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ENTREVISTA	203

APÊNDICE B – TABELA DE IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES	
PRINCIPAIS	205
APÊNDICE C – COMPARAÇÃO ENTRE A DATA DE PARTIDA, REGRESSO E A DATA DAS ENTREVISTAS.....	207
APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS SUJEITOS DE PESQUISA	209
APÊNDICE E – RESUMO DA ELABORAÇÃO DA ANÁLISE TEMÁTICA	
NARRATIVA – 13 PASSOS	211
9. ANEXOS.....	213
ANEXO A – MAPA POLÍTICO DA EUROPA	215
ANEXO B – TABELA SOBRE OS CENSOS DE 2000 E 2010 DO IBGE.....	217
ANEXO C – BANNER DO PORTAL DO RETORNO	219
ANEXO D – TABELA DOS CINCO NÍVEIS DE ESTRUTURA DOS TEXTOS	
NARRATIVOS DE GEE (1991)	221
ANEXO E – PARECER DO CEP DE APROVAÇÃO DO PROJETO	223
ANEXO F – MODELO DAS TRAJETÓRIAS SOCIAIS.....	227
ANEXO G – TABELA REFERENTE AO ÍNDICE DE DESEMPREGO NA EUROPA ENTRE 2000 A 2012.....	229

1 ENTRE ROTAS E FRONTEIRAS

Eu inicio esta introdução com uma apresentação pessoal e, após, detalho o problema de pesquisa, as perguntas e a relevância social e científica desta tese de doutoramento. Na apresentação pessoal, descrevo a minha implicação com o fenômeno investigado, e abordo este envolvimento devido às perspectivas teóricas e metodológicas do construcionismo social e dos estudos das narrativas empregados na tese¹, as quais destacam que as questões de pesquisa são formuladas considerando a participação do pesquisador na sociedade. Além disso, saliento aqui a escolha do título da tese: “São só dois lados da mesma viagem, o trem que chega é o mesmo trem da partida”, o qual é parte da letra “Encontros e Despedidas”, escrita por Milton Nascimento e Fernando Brant, tendo sido elegida por expressar que na plataforma da estação, por meio do trem, é o lugar onde ocorrem as chegadas e as partidas. Como irei discutir, os caminhos são muitos e as significações do processo migratório também o são. Escolhi esses versos como título desta tese por expressar ideias de idas e vindas, com possíveis “retornos”² presentes na caminhada da vida.

Somente a título de esclarecimentos iniciais, neste trabalho emprego o termo “migração” para me referir aos movimentos migratórios em geral e uso o termo “imigração” para me referir tanto às pessoas que vieram ao Brasil na imigração colonial como aos novos imigrantes que entram no país no final do século XX e início do século XXI, sendo que também uso esse termo quando falo de brasileiros no exterior, os quais são imigrantes naqueles países, como esclarece Silva (2009). Os emigrantes são aqueles que saem do país rumo a outro, por exemplo, os brasileiros que saem do Brasil em direção aos países da Europa Ocidental³. Diante disso, esclareço que trabalhei com brasileiros que, em algum momento, foram emigrantes (saíram do país), imigrantes (em outro país da Europa Ocidental) e, após um período igual ou maior que um ano, eram “retornados”⁴. Agora efetuo a minha apresentação pessoal e depois a introdução da tese de doutoramento.

¹ Detalho essas perspectivas no capítulo 3.1.

² Discuto a concepção de retorno no item 2.2.1, em que explico o motivo do emprego das aspas.

³ Ver mapa, no Anexo A.

⁴ Apresento com mais detalhes essa discussão sobre migração no item 2.2.

1.1 ALÇANDO VOO⁵

Entendo a pesquisa implicada com a trajetória pessoal, como mencionei, e falar sobre essa relação ajuda os leitores a compreenderem a caminhada pessoal e profissional do pesquisador. Follari (2008) assinala que o cientista sempre deixa transparecer suas marcas, mesmo quando acredita que as apaga. Para Gaulejac (1987), existem em cada história⁶ singular possibilidades de compreender elementos sociais, econômicos e históricos, visto que a vida humana está imbricada com essa outra história maior. Diante disso, começo o delineamento da problemática desta tese por meio da minha apresentação, narrando certos aspectos da minha vida relacionada aos meus estudos acadêmicos.

Um dos meus primeiros interesses investigativos foi relativo às relações de gênero: conhecer os sujeitos, as dimensões e os lugares sociais destinados aos gêneros. No final da graduação em psicologia, na Universidade Regional de Blumenau, apresentei três trabalhos no XII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, ocorrido em Porto Alegre. O primeiro foi sobre o atendimento psicossocial às mulheres no Serviço Judiciário (Graf & Frassão, 2003);

⁵ A narrativa desta tese será efetuada na primeira pessoa do singular, sendo que contextualizo essa opção no âmbito das perspectivas teóricas e metodológicas adotadas no capítulo 3, que versa sobre o método de pesquisa.

⁶ Destaco aqui que emprego no decorrer desta tese os termos *história* e *estória* com significações diferentes. Uso o termo história nos casos em que o autor assim denomina como foi feito aqui por Gaulejac (1987), ou quando se refere a algum momento social e histórico ocorrido no passado (Sacconi, 2011; Houaiss et al, 2001). No entanto, emprego o termo estória para falar das narrativas das pessoas, como dos meus entrevistados, quando relatam suas vivências e constroem a coerência sobre as suas falas, ou melhor, na “[...] *construção autonarrativa de coerência, de unidade e de sentido, uma perspectiva endógena ao vivido onde se funde memória-imaginação-emoção, narrador autodiegético, sujeito na 1ª pessoa*” (Jesus, Paulo Renato, em correspondência, em 26 de agosto de 2014). Esse entendimento pode ser visto em Jesus (2010) e também em Nobre Lima (2009), em que segundo essa autora: “[...] *as estórias de vida baseiam-se em factos biográficos, mas não se confundem com a história de vida. Quer isto significar que o indivíduo seleciona os fatos vividos em função do significado que lhes atribui e trabalha em imaginação o seu passado e o seu futuro para construir uma estória que faça sentido a si próprio e à sua audiência*” (grifos nossos, p. 19).

o segundo foi o trabalho de conclusão de curso (TCC) sobre gênero e relações institucionais em uma casa semiabrigo para meninas (Graf & Brognoli, 2003); e o terceiro foi em parceria com minhas colegas do curso de licenciatura em psicologia, em que desenvolvemos uma proposta de atuação como docentes em psicologia no âmbito do ensino médio enfocando o tema da sexualidade humana (Graf, Vaz & Wilde, 2003). Foram trabalhos que me auxiliaram a compreender a importância do estudo, da pesquisa e da docência no âmbito da psicologia e na minha vida.

Depois de graduada, com o título de licenciatura em psicologia, além de psicóloga, fui convidada para atuar como professora e instrutora de cursos de preparação profissional no Centro de Integração Empresa – Escola (CIEE) e em outra empresa de qualificação profissional voltada para jovens e adultos, nas quais ministrei aulas sobre relações humanas no trabalho, comunicação e oratória, qualidade de vida, preparação profissional para empresa e para vendas. Essas práticas me aproximaram dos temas relacionados ao contexto do trabalho e me colocaram muitas perguntas. Para respondê-las, efetuei uma especialização em gestão e educação do trabalhador pelo Instituto Superior do Litoral do Paraná e, além disso, me aproximei do campo científico, atuando como técnica de pesquisa em um projeto financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (FAPESC) junto com o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente (GIPADMA)⁷. Trabalhei com esse grupo por mais de três anos, auxiliando em projetos de iniciação científica, na submissão de projetos às agências financiadoras e nos seus respectivos desenvolvimentos, pesquisando a produção de carne de aves e suínos em diversos estabelecimentos nas cidades da microrregião de Blumenau.

Durante a especialização e no trabalho com pesquisa, comecei a buscar informações teóricas sobre as relações de trabalho e entre trabalho e gênero. Com a entrada no programa de mestrado na pós-graduação em psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina em 2008, avancei nesses entendimentos e construí a dissertação de mestrado orientada pela professora Dr^a. Maria Chalfin Coutinho e defendida na PPGP/UFSC (Graf, 2009). Investiguei os sentidos do trabalho para mulheres em uma indústria de abate e processamento de carnes no

⁷ Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente (GIPADMA/FURB), no qual, entre os anos 2004-2007, participavam os professores Ms. Iara Maria Chaves, Dra. Vera Iten Teixeira e Dr. Luciano Félix Florit (Coordenador).

interior do estado de Santa Catarina, analisando as assimetrias e desigualdades na divisão sexual do trabalho industrial e no espaço doméstico.

Como muitas outras pessoas no Brasil, tinha o interesse em residir no exterior, e, depois do “retorno” de uma querida amiga, a qual me indicou todos os passos para efetuar os procedimentos, comecei a me organizar para essa empreitada. Logo após a defesa da dissertação, organizei-me para morar como uma migrante internacional em Londres (Reino Unido) por um período de um ano e permaneci naquele país entre maio de 2009 e agosto de 2010. A escolha daquele país ocorreu por pretender conhecer a Inglaterra, a Europa, bem como aperfeiçoar meus conhecimentos da língua inglesa.

As vivências como migrante, estudante estrangeira de língua inglesa e trabalhadora foram perpassadas por diversos problemas e, também, algumas superações. A solicitação do visto de estudante à Embaixada Britânica exigiu documentações, como a declaração de Imposto de Renda, um avalista, o pagamento da matrícula antecipada de um curso de inglês, em uma escola recomendada pelo *British Council*⁸. Antes da viagem, precisei fazer uma entrevista presencial para coleta de dados biométricos no consulado britânico em São Paulo. Depois disso, recebi um visto de estudante internacional, com a autorização para residir naquele país e para exercício de atividades laborais de vinte horas semanais⁹.

Na chegada ao Reino Unido, cabe ressaltar nesse período as dificuldades com a língua inglesa, especialmente com o “*british accent*” (entonação britânica) e nas atividades ocupacionais possíveis para uma imigrante brasileira em Londres. Trabalhei como atendente de lanchonete, como garçonete em eventos, como diarista *part time* e cuidando de crianças. Por outro lado, pude vivenciar diversas práticas culturais¹⁰, frequentar museus, shows, viajar, bem como participar de

⁸ O *British Council (BC)* é uma organização internacional britânica voltada para relações culturais e educacionais. Ela tem o objetivo de fortalecer os laços entre o Reino Unido e mais de 100 países, oferecendo informações estudantis e culturais para os estudantes. Disponível em: <<http://www.britishcouncil.org>>. Acesso em: 04.11.2014.

⁹ Nos últimos meses de estadia, por volta de junho a agosto de 2010, houve alteração na Lei Britânica, reduzindo as horas de trabalho concedidas aos estudantes para 10 horas semanais de trabalho.

¹⁰ Aqui, cabe esclarecer informações sobre o conceito de *aculturação*. Segundo Dortier (2010), este conceito significaria a modificação de uma cultura em

eventos promovidos pelas universidades. Fui às palestras (*Public Lectures*) de Anthony Giddens, Richard Sennet, David Harvey e participei de um evento Marxista (*Marxism Festival*)¹¹, com palestras de Slavoj Žižek, entre outros.

Nesse período, participei do Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido (GEB), no qual se efetuavam debates sobre pesquisa e a migração brasileira no Reino Unido¹². Após as reuniões, íamos a um “pub” próximo e continuávamos as discussões. A partir de conversas com colegas¹³, comecei a refletir sobre os estudos no campo das migrações internacionais e observei essa como uma problemática relevante para dar continuidade aos meus estudos. Como as relações de trabalho já eram a minha temática de interesse, construí um projeto de tese de doutorado abarcando o tema do trabalho no contexto das migrações internacional.

Resgatando a importância das questões migratórias em minha história pessoal e familiar, pude compreender essa temática relacionada com minhas vivências. Uma análise preliminar revela pontos de conexões: minha cidade de origem é em Santa Catarina, marcada pelas imigrações germânicas e italianas. As festas locais, os nomes das escolas, ruas e instituições herdaram marcas dessas imigrações, sendo comum no cotidiano da cidade os vocábulos migrantes, imigração e emigração. Diante disso, minha história pessoal, familiar, meu período como migrante brasileira em Londres e as diversas conversas com brasileiros e estrangeiros compuseram meu envolvimento nesta tese de doutoramento.

contato com outra. Segundo o autor, esse termo foi primeiramente introduzido na Antropologia nos anos de 1940, em uma época marcada pelo colonialismo, designando uma relação de uma cultura dominada, que em contato com outra dominante, sofria intensamente a influência daquela. No entanto, segundo o mesmo autor, a Antropologia contemporânea possui uma visão menos homogênea das culturas, esclarecendo a existência de uma maior diversidade dos processos de transformação de uma cultura em contato com outras, como a existência de fenômenos como sincretismo, de integração e influência.

¹¹ Disponível em: <<http://www.marxismfestival.org.uk/>>. Acesso em: 04.11.2014

¹² Participei dos seminários entre agosto de 2009 a agosto de 2010. Informações disponíveis em: <<http://geblondon.wordpress.com/>>. Acesso em: 04.11.2014.

¹³ Agradeço o apoio dos colegas e professores Gustavo Dias, Tânia Tonhati, Cleverson de Souza, Dr. Leonardo Cavalcanti e Dra. Yara Evans.

1.2 ENFRENTANDO O VENTO

Em se tratando de um estudo focado na temática das migrações internacionais, cabe questionar o significado de migração. Aqui a título de considerações iniciais, salientando que no capítulo teórico da tese retomarei e aprofundarei o conceito, trago as definições presentes no dicionário do Houaiss et al. (2001, s/p): “Migração: 1. Movimentação de entrada (imigração) ou saída (emigração) de indivíduo ou grupo de indivíduos; em busca de melhores condições de vida (essa movimentação pode ser entre países diferentes ou dentro de um mesmo país)”. No latim, “*migratio*” significa a passagem de um lugar para outro, emigração. Migrante: quem ou o que migra, sendo uma palavra originária do latim “*migrans*”, “*migrantis*”, “*migrare*”, as quais significam ir para outra parte, emigrar, mudar de moradia, mudar-se, passar de um lugar para outro. Assim, diante dessa definição, o processo de migrar é movimentar-se podendo ser dentro de um mesmo país ou entre países, e para começar a discorrer sobre as características deste estudo, eu demarco aqui que a movimentação a ser analisada será na perspectiva internacional.

A migração internacional é uma questão social presente ao longo da história da humanidade, que adentra a contemporaneidade e esse início de século XXI. Houve diversos movimentos migratórios distribuídos pelo mundo e em diferentes períodos históricos, como diferentes teóricos já assinalaram (Koser, 2007; Dortier, 2010; Dubet, 1996). As migrações também ocorreram associadas a eventos globais, como revoluções, guerras, crescimento e o declínio de impérios, mudanças econômicas e climáticas.

Como assinalado acima, diversos fluxos migratórios aconteceram no transcurso do tempo histórico¹⁴. Mais especificamente no contexto brasileiro, Beozzo (1992) explica a ocorrência da vasta imigração portuguesa nos primeiros séculos; depois, foram quase dois séculos de deslocamento forçado, massificado e violento de pessoas oriundas do

¹⁴ Os fluxos migratórios, segundo Dortier (2010), são movimentos de população de certos países para outros ou de certas regiões para outras. Na história, segundo o autor, ocorreram grandes fluxos como aqueles ocorridos em 1850, com milhões de pessoas deixando o velho continente para se estabelecer nos países da América, Austrália e na África do Sul. O autor também assinalou a ocorrência de uma inversão dos fluxos migratórios após a Segunda Guerra Mundial; ao invés do fluxo se originar do Norte para o Sul, estavam se originando do Sul para o Norte.

continente africano¹⁵, como também, a partir de 1850, existiu o fluxo de migração alemã, italiana, espanhóis e japoneses. Paiva (2007) também esclarece que a migração europeia no Brasil foi um processo intenso, com o recebimento no país de mais de 50 milhões de pessoas¹⁶. Bem como essa característica imigratória do país não cessou na contemporaneidade, como assinala Póvoa Neto (2012)¹⁷.

Quanto à emigração de brasileiros para o exterior, o processo se intensificou a partir da década de 1980, no auge da crise econômica brasileira (Patarra, 2005; Paiva, 2007; Firmeza, 2007). Antes desse período, havia migrantes brasileiros indo para o exterior, mas eram em menor número, de camadas econômicas mais elevadas e com objetivos distintos. Siqueira (2009) salientou que, desde a década de 1960, já havia pessoas indo para o exterior na região de Governador Valadares¹⁸, no entanto a autora também afirma que na década de 1980 esse fluxo migratório tomou maiores proporções.

Brasileiros de regiões empobrecidas, com poucos empregos, migraram para o exterior buscando oportunidades de trabalho, qualidade de vida e renda. Martes (2001) esclarece que 1,5 milhão de pessoas deixaram o Brasil em meados da década de 1980, e esse fenômeno foi importante segundo a autora por revelar um movimento contrário ao que vinha ocorrendo no contexto brasileiro, pautado mais em imigração, principiando assim um fluxo de emigração no país: ocorreu “uma inflexão na tradição do Brasil” como esclarece Martes (2001). E esse fenômeno foi significativo por mostrar um movimento migratório

¹⁵ Autores como Vainer (2007) questionam esse fenômeno ser chamado de migração por não terem se constituído como uma “escolha” dessa população, mas sim um tráfico que causou um grande deslocamento intercontinental.

¹⁶ Paiva (2007) assinalou que 50 milhões de pessoas adentraram o país e, por outro lado, Dortier (2010) indicou que foram 40 milhões de pessoas que deixaram o velho continente. Diante disso, já assinalo aqui as dificuldades inerentes às informações estatísticas relacionadas ao estudo migratório, existindo diversos desencontros nas informações numéricas, haja vista as dificuldades em precisá-las (Koser, 2007; Wills et al., 2010).

¹⁷ Segundo Póvoa Neto (2012), atualmente no Brasil há um perfil de imigração mais pulverizado, com variedade de nacionalidades e menor do ponto de vista quantitativo. Essa migração, segundo o autor, é relacionada aos fatores da crise econômica da Europa pós-2008, do crescimento econômico brasileiro e evidência do país em torno de eventos globais (Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas em 2016 no Brasil).

¹⁸ Foi nessa cidade, como assinala Siqueira (2009), que o fluxo migratório para os Estados Unidos da América se iniciou.

diferente da tradição do país, como apresenta a autora, tratou-se de uma inflexão na tradição do Brasil, caracterizada pela imigração.

Durante e após a década de 1980, Martes (2001) esclarece o surgimento de um contexto socioeconômico no Brasil (também internacional) caracterizado pela reestruturação produtiva, globalização, pela ampliação e acesso aos meios de comunicação, diminuição dos custos de transporte, maior acesso de informações e a construção de redes sociais internacionais. Esses fatores demarcaram um campo diferenciado em relação ao antigo fenômeno migratório, cujas pessoas praticamente rompiam relações com seus países de origem. A autora, em suas análises, sinaliza a dinamicidade desse contexto recente, mostrando ser um processo diferenciado das migrações anteriores. Quanto ao processo de emigração em seguida a década de 1980, a autora entende que os brasileiros deixaram o país por alguns motivos, como: a queda na mobilidade social no Brasil em decorrência da recessão nos anos 1980, o impacto da reestruturação econômica nos anos 1990 e a diminuição das migrações internas¹⁹ no país no mesmo período. Sales (1992) esclarece que, além desses motivos, houve tanto na Europa Ocidental como nos Estados Unidos (após a Segunda Guerra Mundial), a necessidade de uma força de trabalho imigrante na indústria e na agricultura e, em meados da década de 1990, já existia essa necessidade criada para suportar a expansão desses países.

Os brasileiros emigraram diante de diversos fatores presentes no contexto, ocorrendo idas e vindas, permanências e regressos envolvendo também as práticas transnacionais²⁰. Segundo o Ministério das Relações Exteriores (2011), com estimativas do ano de 2010, haveria mais de três milhões de brasileiros no exterior, distribuídos assim: um milhão e trezentas mil pessoas na América do Norte, novecentos mil pessoas na

¹⁹ Segundo Brito (2009), a migração interna é caracterizada por aquela feita entre estados, uma migração comumente feita em direção às áreas urbanas, em particular àquelas direcionadas às grandes cidades e aglomerados metropolitanos.

²⁰ As práticas transnacionais, conforme os esclarecimentos de Al-Ali e Koser (2004), são aquelas as quais envolvem o processo migratório no contexto contemporâneo e globalizado. Nesse contexto, os acessos aos transportes e as comunicações eletrônicas cresceram e, em decorrência, os migrantes têm possibilidades de estar em múltiplas localidades e também construir identidades relacionadas aos diversos territórios aos quais se relacionam. Nessa visão, a família e os laços de cuidado deixam de ser apenas construídos localmente para voltar-se a uma perspectiva global, tornando as relações entre as sociedades de origem e destino mais ampliadas e reestruturadas.

Europa (Reino Unido com 180 mil, Espanha com 158 mil e Portugal com 136 mil), Japão com 230 mil e Paraguai com 200 mil brasileiros. Com o aumento da emigração de brasileiros para países desenvolvidos, Patarra (2005) esclarece que o fenômeno tornou-se relevante e crescente nas produções científicas nacionais e internacionais.

Patarra (2006) salienta que pelas migrações internacionais serem diversas, produzindo diferentes significados no contexto global atual, no âmbito dos estudos acadêmicos há necessidade de serem feitos estudos teóricos e empíricos internacionais, articulando com as transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas e culturais. Segundo a teórica, com estudos sobre migrações contemporâneas, é possível analisar as mudanças advindas do processo de reestruturação produtiva e, diante disso, suas consequências nas mobilidades do capital e da população em diferentes partes do mundo. A autora demarca que os estudos sobre os movimentos migratórios internacionais são importantes por permitirem evidenciar as vicissitudes da reestruturação econômica e produtiva em âmbito global.

Recentemente, foi possível identificar que, embora a emigração de brasileiros não tenha cessado, observou-se, por meio de relatos de pessoas, mídia brasileira e internacional, um aumento do “retorno” de brasileiros ao Brasil. Reportagens em jornais falava de um “contra fluxo” da população brasileira: Passos, em dezembro de 2011, escreve sobre a diminuição da procura de jovens pelo exterior e diminuição das remessas de dólares por brasileiros no exterior (Passos, 2011). Em abril de 2012, o programa jornalístico *A Voz do Brasil* indicou as melhorias nas condições do mercado de trabalho brasileiro e comentou sobre o retorno de brasileiros (EBC Serviços – Programa *A Voz do Brasil*, 2012). Douglas escreve em maio de 2012 sobre o regresso²¹ dos brasileiros residentes em Portugal no jornal multicultural *The Prisma* (Douglas, 2012)²².

²¹ O termo *regresso* é frequentemente indicado nos textos e na literatura dos estudos migratórios de retorno. Aqui eu o emprego apenas como sinônimo de *retorno*, no entanto o termo que mais se adéqua aos estudos migratórios para caracterizar este fenômeno seja “*retorno*”, aqui usado frequentemente entre aspas, conforme indiquei na nota de rodapé número dois.

²² Segundo as palavras do autor, a maior comunidade de Portugal, que tem sido estável por muitos anos, vem sendo atingida pela crise econômica. Os brasileiros estão indo embora, bem como os portugueses também. “*The main immigrant communities in Portugal have been stable for many years but the*

Identificar o número de brasileiros retornados ao Brasil é complexo. Muitas dificuldades estão presentes nesse processo, pois se desconhece inclusive com precisão o número de brasileiros no exterior. Segundo MRE (2012), a dificuldade em efetuar as estimativas de brasileiros emigrados ocorre em razão de muitas pessoas evitarem submeter-se a pesquisas por encontrarem-se indocumentados²³. Dentre os países de destino, essa dificuldade está presente em todos, exceto no Japão, onde praticamente toda a comunidade brasileira está computada em estatísticas oficiais. Diante disso, as dificuldades em quantificar as pessoas retornadas se intensificam. No entanto, segundo o MRE (2012), no ano de 2012 havia cerca de 2,5 milhões de brasileiros no exterior, ocorrendo uma redução de aproximadamente de 30% em relação ao número de brasileiros computados em 2008. Segundo o relatório do MRE (2012), a crise econômica após 2008 originou controles migratórios²⁴ mais rígidos para a entrada e permanência dos brasileiros nos países de destino, inibindo as decisões de emigração e favorecendo o regresso, sendo esse, por sua vez, também estimulado por programas de retorno voluntário²⁵.

Um importante modo de conhecer a dimensão dessa população de retorno é pelas análises do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012a; IBGE, 2012b), elas revelam o aumento do número de brasileiros residentes do exterior voltando para o domicílio nacional, embora já assinalassem o movimento de retorno em outras pesquisas. A pesquisa no IBGE (2012a; IBGEb) identificou que houve uma entrada

economic crisis is provoking changes. Brazilians are leaving and so are the Portuguese themselves” (Douglas, 2012, s/p).

²³ Segundo Firmeza (2007), o termo *indocumentado* ou *não documentado* é referente aos estrangeiros que residem no país sem os papéis ou documentos necessários para a residência. O termo vem ao encontro de desvincular a ideia presente no termo “*ilegal*”, que, embora seja um termo frequentemente utilizado na mídia, não concebe a pessoa como cidadão. No Brasil, segundo o autor, os estudiosos das ciências humanas e sociais preferem o termo *indocumentado* para se referir aos nacionais no exterior como aos estrangeiros no país; em segundo lugar, os estudiosos optam pelo termo *irregulares*, mas este é usado com menor frequência. Diante disso, emprego o termo *indocumentado* para corresponder a essa falta de documento no decorrer desta tese.

²⁴ Cabe destacar aqui o trabalho de Toressan (1994) em que detalha as modificações constantes efetuadas nas políticas migratórias da Inglaterra no decorrer do tempo.

²⁵ Comentarei sobre esses programas no capítulo 4.

no país de 286,5 mil pessoas residentes no exterior (juntando brasileiros e estrangeiros), e, desse número, *174,6 mil eram brasileiros*, nascidos no Brasil, caracterizando-as, assim, como migrantes internacionais de retorno, sendo os outros 111,9 estrangeiros. O número total de brasileiros retornados e estrangeiros entrando no país foi 86,7% maior em relação ao estudo de 2000, uma vez que, no Censo de 2000, entraram no país um total de 143.644 imigrantes (brasileiros e estrangeiros), e, desses, 87.886 pessoas eram brasileiras de retorno²⁶.

O local para o qual os brasileiros retornaram foram diversos. No entanto, segundo o Censo de 2010, mais da metade dos estrangeiros e os *brasileiros de retorno* foi residir nos estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais, e, após, foram para o Rio de Janeiro e Goiás (IBGE, 2012a; 2012b).

Diante desse contexto, o “retorno” foi apresentado frequentemente na mídia brasileira como um resultado de melhorias nas condições econômicas e de trabalho no país e os aspectos positivos foram acentuados. Porém, Lourenço e Cunha (2012) assinalaram que, além desses aspectos, existem dificuldades encontradas pelas pessoas em decorrência desse regresso²⁷. Eles coletaram alguns depoimentos sobre pessoas que retornaram e estavam infelizes; lembraram que esse processo poderia gerar depressão e para algumas pessoas até o suicídio²⁸. DeBiaggi (2004) assinala a questão do *choque cultural reverso*, em que muitos migrantes não estão preparados para retornar e tampouco cientes das mudanças que ocorreram em suas comunidades ou cidades de origem e em eles mesmos. Uma entrevista recente feita por jornalistas evidencia as dificuldades; eles relatam as falas de Natasha Pinassi, analista de marketing de 34 anos, a qual viveu um ano na

²⁶ Ver a tabela do IBGE referente a essa comparação no Anexo B.

²⁷ Reportagens foram noticiadas em Passos (2011), EBC Serviços – Programa A Voz do Brasil (2012), Lourenço e Cunha (2012).

²⁸ Os autores citaram o neuropsiquiatra Décio Nakagawa, o qual efetuou trabalho junto à comunidade japonesa no Brasil e cunhou a expressão *síndrome do regresso*, falando das dificuldades relacionadas ao retorno de japoneses brasileiros, que depois de anos no Japão retornaram ao Brasil. Também citaram o trabalho da psicóloga Dra. Kyoko Nakagawa, coordenadora do projeto Kaeru de reintegração de crianças retornadas do Japão, indicando que a adaptação a um país estrangeiro ocorre próxima a seis meses, mas no regresso a readaptação demora cerca de dois anos (LOURENÇO & CUNHA, 2012, s/p). Uma entrevista com o médico pode se encontrada em Kanno (2009) e mais informações sobre o projeto Kaeru estão disponíveis em: <<http://projetokaeru.org.br/>>. Acesso: 10.11.2014.

Austrália. Segundo as falas da entrevistada: “Em pouco tempo no Brasil, percebi que deveria ter feito minha vida na Austrália. Já não via graça nas pessoas e nos lugares que frequentava antes. Só conversava com brasileiros que conheci no exterior” (Lourenço & Cunha, 2012, s/p). Segundo a depoente, houve dificuldades em contar com um suporte da família. “Não pude falar o que sentia. Eu me culpava por estar sofrendo enquanto meus pais estavam felizes com minha volta” (Lourenço & Cunha, 2012, s/p). Diante disso, cabe salientar que o fenômeno envolve a subjetividade das pessoas e as suas relações, como apresentarei adiante nesta tese.

Do ponto de vista acadêmico, estudos mais recentes têm sido elaborados para compreender as dinâmicas e os processos dessa “migração de retorno”, especialmente envolvendo brasileiros. Apresento aqui alguns envolvendo o Japão, Estados Unidos e da Europa. Hirano (2005) discutiu a questão da migração de retorno dos *decasséguis*²⁹ com experiência migratória internacional, caracterizando o perfil sociodemográfico, problematizando o processo de reintegração social e econômica na sociedade e no país de origem. O autor enfocou os brasileiros de origem japonesa que retornaram à cidade de Maringá (PR) e salientou em suas considerações a necessidade de haver uma preocupação com essas pessoas pela dificuldade do processo de retorno, decorrente da ausência de apoio e de projetos de reintegração econômica, social e cultural (Hirano, 2005).

Siqueira (2007; 2009) investiga o retorno de brasileiros dos Estados Unidos à microrregião de Governador Valadares. A autora identifica basicamente dois grupos de migrantes: os que tiveram o *sonho frustrado* e aqueles com o *sonho realizado* relacionado ao retorno. O primeiro grupo identificado foi o das pessoas que retornaram ao Brasil, algumas com sucesso no projeto de retorno, outras, não, mas que decidiram voltar a emigrar. O segundo grupo de brasileiros foi constituído por aqueles emigrados que retornam ao Brasil e aqui permaneceram. A autora assinalou que, a partir de um princípio de que o retorno é constitutivo do projeto migrante, algumas pessoas conseguem

²⁹ Segundo Galimberti (2002), o termo *dekassegui*, na língua japonesa, é referente, de maneira geral, às pessoas que vão para longe de suas cidades ou países em busca de trabalho; de modo que, no contexto nipo-brasileiro, refere-se aos japoneses radicados no Brasil e seus descendentes que viajaram ao Japão para trabalhar em períodos de tempo variados. De acordo com o autor, o termo tem uma conotação pejorativa, porém sendo cada vez mais aceito com a intensificação dos movimentos migratórios mundiais e com a globalização.

retornar, mas outros não necessariamente. Nos resultados, ela esclarece que mais tempo no exterior aumentaram as dificuldades do retorno, sendo que muitas das tentativas frustradas ocorreram com pessoas que investiram em negócios no Brasil sem observância das demandas do mercado e a falta de conhecimento administrativo, gerencial ou do próprio negócio.

Sobre o retorno de brasileiros, como assinalado pelas informações do IBGE (2012a; 2012b) e Siqueira (2009), é um processo que já ocorreria, tendo sido possível identificar um acréscimo desse processo nos anos recentes. Outros estudiosos da migração também se voltaram sobre essa questão, com estudos buscando analisar múltiplos aspectos gerados com o retorno de brasileiros e, em especial, articulados com a crise econômica de 2008 nos Estados Unidos e Europa³⁰.

Diante da complexidade dos estudos migratórios, Sayad (1998) esclarece que a única característica em que a comunidade científica praticamente concorda é de a imigração ser *um fato social completo*, ou seja, a migração ocorre como um encontro de múltiplas disciplinas³¹ e em um espaço qualificado em diversos sentidos, como o espaço físico, geográfico, social, histórico, econômico, psicológico, entre outros, criando um vasto campo de possibilidades de estudos³².

Diante do exposto acima, existem múltiplas possibilidades para analisar o contexto migratório, especialmente por se referir a diversas dimensões relacionadas às vivências de brasileiros no exterior e também no percurso do “retorno”. Efetuei, assim, um “recorte” para entender a dimensão subjetiva do migrante – brasileiro e retornado –, relacionada à dimensão do trabalho no sentido de investigar “[...] os fenômenos psicológicos que problematizam a posição do trabalho na sociedade”

³⁰ Siqueira, Assis e Dias (2010), Nunan e Peixoto (2012); Fazito (2010), Marin e Pozobon (2010), Lima e Braga (2010); Fusco e Souchaud (2010), Cavalcanti e Parella (2012), Siqueira e Santos (2013); Pereira e Siqueira (2013), Tedesco (2013), Cavalcanti e Parella (2013), Assis e Campos (2009), Fernandes, Nunan e Carvalho (2011).

³¹ Sayad (1998) cita história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia, psicologia social, ciências cognitivas, antropologia, e eu acrescento as ciências da saúde, medicina, fonoaudiologia, entre outras.

³² Esclareço com mais detalhe a questão migratória no item 2.2 *Migrações Internacionais*.

(Sato, 2013, p. 99). Aqui investiguei a relação entre subjetividade articulada com trabalho, como feito em outros estudos³³.

Após este, efetuei um segundo “recorte”. No campo da psicologia do trabalho, há ainda muitas formas de abordar a relação entre subjetividade e a dimensão do trabalho. Para ser mais precisa, eu enfoquei especialmente a *categoria das trajetórias laborais*³⁴. Trata-se, diante disso, de uma tese com enfoque tanto na migração de retorno, como na dimensão subjetiva humana relacionada ao trabalho, com a análise das trajetórias laborais. Procurei responder à seguinte pergunta: *como se constituem as trajetórias laborais de brasileiros/as retornados de vivências migratórias em países da Europa Ocidental?* Para responder a essa questão, elaborei os seguintes objetivos de pesquisa.

Objetivo geral: compreender as trajetórias laborais de brasileiros/as retornados/as de vivências migratórias em países da Europa Ocidental.

Objetivos específicos:

- a) Conhecer as significações que levaram os/as brasileiros/as a migrar para Europa Ocidental;
- b) Identificar narrativas de inserção laboral e sobre as relações de trabalho na Europa Ocidental;
- c) Conhecer as significações que ensejaram o regresso dos/das brasileiros/as;
- d) Compreender narrativas de reinserção laboral dos/das brasileiros/as no retorno.

Esses objetivos foram delimitados a partir dos estudos críticos da Psicologia Social do Trabalho. Sampaio (1998) esclarece que os estudos de psicologia relacionados ao trabalho podem ser divididos em três faces- psicologia industrial, organizacional e do trabalho. Essas faces surgiram em momentos históricos diferenciados e, embora com propostas distintas, todas permanecem presentes na atualidade. A psicologia industrial se desenvolveu no início do século XX com preocupações relacionadas ao aumento da produtividade industrial, aumento da produção pela força de trabalho, nos processos de seleção e colocação de pessoal, adequando o “homem certo ao lugar certo” a partir de uma visão taylorista predominante no ambiente industrial. Na década de 1960, teóricos observam a necessidade de ampliar os estudos

³³ Soares e Sestren (2007), Coutinho (2009), Graf e Coutinho (2010), Sampaio (1998), Pulido-Martínez e Sato (2013), Sato (2013), D’Avila (2014), Diogo (2012), Maders (2014).

³⁴ Explico esse conceito com mais detalhes no item 2.1.

para as organizações, estudando valores, cultura, elaboração de planos de cargos e salários. A partir dos anos 1980, surge a psicologia do trabalho com crítica às psicologias anteriores, pautada nos estudos da psicologia social surgida no contexto da América Latina e no Brasil e preocupada com as situações de desemprego, relações de gênero, raça e etnia no mercado de trabalho, processos de exclusão e inclusão de pessoas no mercado de trabalho, informalidades, precariedade, entre outros. Pulido-Martínez e Sato (2013) esclarecem que a psicologia crítica se propõe a conceituar o trabalho como um fenômeno complexo, envolto em relações de dominação, conflito e classe social, além de incorporar conceitos de subjetividade, identidade e significados do trabalho. Essa abordagem, como apresenta Sato (2013), volta-se ao estudo da identidade, subjetividade, problemas humanos no trabalho, gênero, desemprego no contexto atual do trabalho.

Esta tese se propôs a prosseguir nessa direção, a partir de uma compreensão crítica da psicologia do trabalho, a qual está articulada com estudos oriundos das ciências sociais e, aqui, com o estudo das migrações. Patarra (2005), como já mencionei, salienta que as contribuições teóricas e empíricas dos estudos sobre migrações internacionais, em um contexto globalizado, permitem evidenciar a diversidade e os múltiplos significados do fenômeno. É, assim, possível subsidiar práticas sociais e políticas com o objetivo de assegurar direitos humanos para as pessoas oriundas de outras nacionalidades. Segundo a autora, os estudos podem evidenciar dificuldades e contradições presentes na vida dessas pessoas e na sociedade, incentivando políticas públicas de atendimento à população. Quanto aos brasileiros retornados, como estudos apresentados acima mostraram, essas iniciativas também são necessárias, destaco aqui a criação do *Portal do Retorno*³⁵, pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), para atuar com brasileiros nesse contexto.

A partir dessas considerações, apresento a organização desta tese. O manuscrito está subdividido em seis partes principais: introdução, referencial teórico, método de pesquisa, dois capítulos de resultados e as considerações finais. A primeira parte deste trabalho é constituída por esta introdução, com aspectos relacionados à apresentação pessoal do pesquisador, ao problema e à relevância do estudo. No segundo capítulo, apresento as perspectivas teóricas; em primeiro lugar, discuto a concepção das trajetórias laborais e, após, as migrações internacionais.

³⁵ Ver o Anexo C sobre o Portal do Retorno. Disponível em: <<http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br>>. Acesso em: 04/11/2014.

No terceiro item, descrevo o método da pesquisa, detalhando as concepções teóricas de investigação do construcionismo social e do método das narrativas, e apresento os participantes da pesquisa, os procedimentos de geração das informações e os procedimentos de análise das informações.

Após, exponho os resultados da tese articulados com a teoria. No quarto capítulo, apresento os resultados relacionados às trajetórias objetivas dos participantes e o contexto pessoal, educacional e o estudo das trajetórias. No quinto capítulo, abordo os resultados das trajetórias subjetivas, com análise fundamentada nas narrativas dos participantes, e indico os aspectos das partidas, dos destinos, retornos e futuros. Por fim, no sexto capítulo, exponho as considerações finais da tese, relacionando-as aos objetivos.

2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Neste capítulo, trabalho com os dois grandes temas da tese, que são as trajetórias e as migrações internacionais, as quais serão definidas em neste capítulo. Esses temas são empregados de modo relacionado nesta tese de doutorado, mas, para melhor exposição, primeiro apresento as concepções e perspectivas teóricas quanto aos *modos de estudo das trajetórias* e, depois, enfoco as *migrações com suas características e diversidades*.

2.1 MODOS DE ESTUDO DAS TRAJETÓRIAS

Existem diversos estudos e abordagens nos modos de estudar as trajetórias (Gaulejac, 1987; Dubar, 1998; Silva, 2010; Barros, 2010), como também nas formas de entendê-la em relação ao trabalho (ou das trajetórias laborais de acordo com o termo empregado nesta tese, em que discuto adiante). Com tantas possibilidades, há também uma diversidade de entendimentos sobre o significado das trajetórias. Diante disso, irei primeiramente conceituar as trajetórias a partir do enfoque de Dubar (1998). Ele é o teórico dos mais importantes para esta tese de doutoramento, visto que analiso os resultados da tese inspirada no trabalho dele, mas com adaptações, e, após, irei efetuar discussões sobre o histórico das trajetórias no contexto do trabalho, sobre o entendimento das “trajetórias laborais” e o seu emprego no contexto migratório.

2.1.1 Trajetórias sociais na concepção de Claude Dubar

Para Dubar (1998), as trajetórias sociais são os percursos feitos pelos sujeitos ao longo de suas vidas, enquanto participantes da sociedade. O autor compreende a construção dessas trajetórias por meio de dois processos: a) trajetórias “objetivas”, caracterizadas pela sequência de posições sociais ocupadas pelos sujeitos no decorrer de suas vidas, em um ou mais campos da prática social; b) trajetórias “subjetivas”, constituídas pelas narrativas ou os discursos produzidos pelas pessoas, relacionados aos percursos realizados. Segundo o autor, “Essa ‘trajetória subjetiva’ resulta, a um só tempo, de uma leitura interpretativa do passado e de uma projeção antecipatória do futuro” (Dubar, 2005, p. XIX).

As trajetórias sociais são um modo de identificar os percursos dos sujeitos com análises das dimensões “objetivas” e “subjetivas”. A análise conjunta dessas duas dimensões viabiliza a compreensão da

identidade social do sujeito, que se constitui ao mesmo tempo por processos sociais e biográficos (Dubar, 1998). Perante isso, as trajetórias sociais são um modo de investigar os aspectos identitários das pessoas.

Cabe assinalar a concepção de “identidade” para o autor. Dubar (1998; 2005; 2009) reformulou as ideias relacionadas ao conceito de *identidade* ao longo de sua obra. Primeiramente, entendeu como necessária a compreensão desse conceito por ele possibilitar uma visão da “subjetividade” dos sujeitos, algo que considerou importante por entender que as pessoas se posicionam sobre os acontecimentos e promovem a construção de suas vidas (por meio de escolhas, decisões, opiniões e formulações). Mas, posteriormente, ele redefiniu o termo para evitar noções que pudessem levar a concepções deterministas sobre a construção biográfica das pessoas. Para evitar esse tipo de entendimento, ele substituiu-o para “formas identitárias”.

Dubar (1998) efetuou diversos estudos para compreender as inter-relações da dimensão psíquica com a dimensão social. Ele analisou teorias oriundas tanto da psicologia como da sociologia, e observou dificuldades nas propostas teóricas em estabelecer relações conjuntas entre processos sociais, e entre esses com os processos subjetivos. Segundo o autor, certas teorias davam mais ênfase a aspectos individuais (*essencialistas*), compreendendo o ser humano atrelado a traços de caráter ou fatores determinantes ocorridos na primeira infância, ou davam ênfase aos aspectos mais estruturais (*relativistas*), entendendo a identidade como uma ilusão, ou, de outra forma, que a identidade seria determinada por elementos presentes na estrutura social ou no grupo social (Dubar, 2005). Diante desses estudos, o teórico procurou superar essa polarização, adotando uma perspectiva relacional, articulando elementos “objetivos” e “subjetivos” e, também, incorporando ambas as dimensões para entender a constituição do sujeito (Coutinho, 2009).

Dubar (1998) buscou em estudos sociológicos argumentos para compreender o ser humano a partir de seus lugares sociais, porém incluindo a subjetividade. Ele emprega uma perspectiva *nominalista*, a qual também a chama de *existencialista*, caracterizando-se por entender os seres humanos como *existências contingentes*, significando que a existência humana é circunstancial, por não haver pertencimentos essenciais, diferenças significativas e permanentes anteriores. Para o autor, “O que existem são modos de identificação, variáveis no decorrer da história coletiva e da vida pessoal, destinações a categorias diversas que dependem do contexto” (Dubar, 2009, p. 14). Na concepção do

teórico, a constituição identitária envolve dois processos de identificação.

Essas maneiras de identificar são de dois tipos: as identificações atribuídas pelos outros (o que chamo “*identidade para outrem*”) e as identificações reivindicadas por si mesmo (“*identidades para si*”). Pode-se sempre, com efeito, aceitar ou recusar as identidades que lhe são atribuídas. Pode-se identificar-se de modo diferente aquele que é praticado pelo outro. É a relação entre esses dois processos de identificação que está no fundamento da noção de formas identitárias (Dubar, 2009, p. 14)³⁶.

Segundo Dubar (2009), as categorias de *identificação de outrem* são mais permanentes no decorrer do tempo, mas elas não são imutáveis, pois ocorrem modificações sociais nos significados atribuídos aos processos sociais ou nas circunstâncias, tais como no desemprego, mudanças (como a migração), rompimentos amorosos. As categorias de *identificação para si* se referem às narrativas produzidas pelas pessoas, ou seja, os modos de relatar os acontecimentos e entendê-los. Esses modos de entender ou narrar podem ser diferentes das categorias presentes nas *identificações para outrem*, pois as pessoas podem vivenciar uma situação social e discordar sobre seu significado. As identificações *para si* e *para outrem* são estabelecidas diferentemente, conforme o modo de organização social.

Demazière e Dubar (2006) reavaliaram o conceito de “formas identitárias” e passaram posteriormente a defini-las como “formas narrativas”, pois entenderam que, no trabalho de unir as dimensões para outrem (objetiva) e para si (subjativa), eles criavam uma nova produção

³⁶ Nesse fragmento descrito aqui é possível compreender que os autores efetuam uma correlação entre as categorias “objetivas” com as identificações “para outrem” e as “subjativas” com as identificações “para si”. “Após muitas hesitações e debates, essas formas foram julgadas por nós estruturalmente semelhantes às formas encontradas nas nossas pesquisas anteriores sobre as ‘inovações’ nas empresas e sobre os desempregados de longa duração. Com efeito, os conjuntos de narrativas reagrupadas nas mesmas pilhas podiam ser caracterizadas em dois eixos: o que opunha a inscrição dos relatos nas categorias ‘oficiais’, consideradas ‘objetivas’ (para outrem), e a vontade de forjar e de privilegiar categorizações ‘nativas’ reivindicadas como ‘subjativas’ (para si)” (Demazière & Dubar, 2006, p. 180).

teórica. “Parecia-nos evidente que essas duas operações, de agregação e de nominação, nos faziam sair de um enfoque puramente indutivo, ao mobilizar ‘pontos de vista’ sobre as narrativas que eram também interpretações” (Demazière & Dubar, 2006, p. 178). As “formas narrativas” se constituíam de um processo de análise das *identificações de si* e das *identificações para outrem* e de agregar essas duas dimensões, produzindo novas interpretações nesse processo.

Retomando a compreensão das trajetórias sociais, com a investigação das trajetórias “objetivas”, é possível compreender as identificações “para outrem”; e, com a análise das trajetórias “subjetivas” conhecer as identificações “para si”. No estudo integrado dessas duas dimensões, sem privilegiar uma em detrimento de outra, pode-se entender a constituição identitária das pessoas. A junção dessas duas dimensões foi considerada como difícil por Dubar (1998), porém necessária para entender a trajetória social e os processos identitários.

2.1.2 Trajetórias no contexto do trabalho

Há entendimentos diferenciados quanto ao conceito de trajetórias, como já mencionei. Aqui cabe explicar que entendo essa noção pautada em Dubar (1998; 2005; 2009) e, mais especificamente, relacionando-a com a dimensão do trabalho, conforme detalho em continuidade. De forma breve, no estudo da literatura sobre o tema pude perceber que alguns autores empregam o termo “trajetórias ocupacionais”- geralmente para analisarem as mobilidades ocupacionais, investigando os percursos dos trabalhadores no mercado de trabalho em relação aos empregos -, e outros teóricos usam “trajetórias profissionais”, como Dubar (2005), compreendendo o termo “profissional” no sentido da língua francesa, sendo caracterizado por todos os trabalhos remunerados, incluindo as profissões. Diante de um entendimento diferente entre os termos *profissão* e *ocupação* na língua portuguesa (como também ocorre no idioma anglo-saxão), opto por empregar o conceito de “trajetórias laborais” nessa tese de doutoramento. Essa opção foi escolhida por permitir abarcar amplamente a dimensão do trabalho: os trabalhos remunerados, não-remunerados, domésticos e as profissões; explicarei mais detalhes sobre essa noção em continuidade. No estudo da literatura, pude observar que esses três termos – ocupação, profissão e labor- associados ao termo das trajetórias se referem aos modos de entendimento dos teóricos e de suas especificações conceituais. Diante disso, primeiro efetuo um resgate histórico sobre o emprego conceitual das trajetórias no contexto do

trabalho, que se iniciou no estudo da mobilidade das ocupações e, depois, apresentou a importância do emprego do termo trajetórias laborais neste estudo.

2.1.3 Histórico

Nos anos 1970 e 1980, os pesquisadores sociais analisavam os processos de trabalho no contexto brasileiro enfocando fundamentalmente as experiências dos trabalhadores nas empresas, dinâmicas micro organizacionais, relacionamentos entre grupos, liderança e outros (Guimarães & Hirata, 2006). Os estudos eram feitos no espaço interno das empresas e, parte deles, também envolvia as famílias ou instituições próximas. Esse trabalho, feito pelos pesquisadores na época, possibilitou importantes conhecimentos sobre a identidade dos trabalhadores e sobre o desenvolvimento das atividades laborais. Cogo (2011) esclarece que nessa época foram feitos estudos mais voltados ao perfil da força de trabalho, consistindo em analisar o sexo, a idade, a escolaridade das pessoas nos postos de trabalho, considerando esses elementos como uns dos mais relevantes para a obtenção de novos cargos. No final da década de 1980, o escopo dos estudos se ampliou e os pesquisadores passaram a estudar as cadeias produtivas e as redes de empresas, abrindo novos campos de investigações.

Contudo, a partir da década de 1990 houve mudanças significativas no contexto do trabalho brasileiro (Guimarães & Hirata, 2006). Vieram as reestruturações produtivas, modificações dos processos de trabalho e dos modos de gerenciar os trabalhadores, desemprego, entre outras, que influenciaram diretamente a dinâmica da inserção de pessoas no mercado de trabalho. Essas mudanças nos modos de inserção nas organizações começaram a serem estudadas por sociólogos, administradores, psicólogos, engenheiros de produção preocupados com os efeitos relacionados à colocação do pessoal e à mobilidade dos sujeitos. Houve uma atenção especial ao acompanhamento dos acessos aos empregos devido ao elevado índice de desemprego e as dificuldades existentes no mercado de trabalho. Os pesquisadores atuaram analisando os padrões estabelecidos pela seleção, a intensificação do trânsito de trabalhadores nos empregos, a recente flexibilização nas relações de trabalho e a mobilidade ocupacional (analisando as mudanças de cargos durante um período determinado).

A década de 1990 foi marcante para a população trabalhadora brasileira e para os estudos de trabalho. Segundo Pero (2006), a

economia brasileira nessa década passou por um forte ajuste produtivo provocado pelos desdobramentos de uma nova configuração, fundamentada na abertura econômica, estabilização monetária e valorização cambial. A reestruturação produtiva foi intensificada e ampliada, ocasionando mudanças nos modos de organizar o processo produtivo e o trabalho, com a ampliação da terceirização, enxugamento de pessoal, aumento das exigências quanto a qualificação profissional e, entre outras, a exigência da multifuncionalidade para o trabalhador. Com esse contexto, transcorreu um crescimento de atividades informais, com a inserção de trabalhadores no mercado como autônomos, como empregados sem carteira de trabalho assinada. No final dos anos 1990, a taxa de desemprego se intensificou em todas as regiões brasileiras e entre 1998/1999 há um aumento generalizado dela (Pero, 2006).

Em um contexto de instabilidade e profunda transformação, Guimarães e Hirata (2006) pontuaram que a mobilidade de pessoas no mercado de trabalho se tornou objeto de atenção analítica de primeira ordem. Essa mobilidade corresponde ao estudo das pessoas ocupadas, em que por meio dos relatórios estatísticos de ocupações, os pesquisadores analisam a diminuição ou crescimento dos indicadores nos diversos postos de trabalho em determinados períodos. A análise também enfocava os efeitos dessas mudanças no âmbito pessoal e familiar, buscando compreender como as pessoas lidavam com essas mudanças e como estas alteravam a dinâmica familiar. Era uma temática clássica da sociologia; no entanto, naquela circunstância, o tema foi reposicionado quanto a sua relevância e como um campo importante questionamentos teóricos e metodológicos.

Na contemporaneidade, pesquisadores de instituições brasileiras, francesas, outros países e diferentes núcleos de pesquisa estão envolvidos em discussões sobre o estudo da mobilidade das pessoas no mercado de trabalho, em diferentes perspectivas e nomenclaturas, como assinalado por Cogo (2011).

Aqui cabe ressaltar as trajetórias laborais como um processo de mobilidade dos trabalhadores. Contudo, conforme mencionou Cogo (2011), as organizações estão implicadas nestes percursos quando promovem ou demitem um trabalhador (Cogo, 2011). Por isso, não se deve considerar somente o trabalhador como o único responsável por sua admissão nos empregos, mas sim de forma contextualizada, compreendendo as organizações (e o processo de construção da mesma), suas políticas internas e externas, bem como do mercado de trabalho (Cogo, 2011). Diante disso, o estudo das trajetórias se torna um efetivo

modo de conhecer a dinâmica do mercado de trabalho a partir do percurso do trabalhador.

Muitos estudos sobre as trajetórias de trabalho são feitos por pesquisadores com abordagens mais longitudinais, ou seja, que incorporam uma análise da vida das pessoas e as relacionam com as posições ocupadas no mercado de trabalho (Cogo, 2011). A análise longitudinal possibilita compreender o contexto social e histórico, articulado com a dimensão biografia das pessoas. Esses procedimentos são adotados por autores como Gaulejac (1987) e como Dubar (1998), já mencionado, entre outros. Para Cogo (2011), os estudos das trajetórias, também nomeadas de *itinerários* ou *percursos individuais*, possibilitaram a construção de um conjunto de trabalhos empíricos não unificados teoricamente, que podem contribuir para o entendimento de aspectos comuns e fatores sociais capazes de influenciar, de forma positiva ou negativa, o destino das pessoas e as ações frente ao desemprego e a precariedade de inserção no mercado de trabalho.

2.1.4 Trajetórias laborais

Aqui justifico o emprego do termo trajetórias laborais para entender os percursos dos trabalhadores no contexto da migração internacional, *incorporando as dimensões ocupacionais e profissionais*. Abordo inicialmente a diferença entre ocupação e profissão e as possibilidades de usar “laboral” no contexto migratório. As distinções entre “profissão” e “ocupação” foram estabelecidas com o desenvolvimento da sociedade industrial, pois quando o trabalho era pautado em atividades agrícolas e artesãs não havia necessidade de diferenciar (Dubar, 2009; 2012).

Para Dubar (1999), por um lado, tradicionalmente há um entendimento sobre as “profissões” com uma noção de qualificação, como uma marca que distingue um determinado grupo profissional de outros, tratando-se de um grupo de trabalho mais fechado, ocupando um espaço de trabalho mais segmentado em relação a outras pessoas. Esse grupo teria um controle, tem atividades regidas por normas e são reconhecidos pelo Estado. Por outro lado, as ocupações não teriam o mesmo tipo de organização ou *status*. Segundo Dubar (1999), seriam atividades desprovidas de regras e outros acordos de regulamentação de trabalho. Nas “profissões”, estariam a medicina, as engenharias, a advocacia, a contabilidade, a psicologia, por exemplo. Nas “ocupações”, estariam os assalariados comuns, como os operários e empregados sem conhecimento técnico de nível superior.

Porém, essa divisão entre profissão e ocupação vai se tornando mais complexa, conforme os estudos vão focalizando essa divisão. Dubar (1999) cita a existência de outras atividades localizadas entre os dois modelos, as chamadas de “semiprofissões”, como os policiais, os docentes ou servidores públicos, pois possuem atividades segmentadas, regidas por regras burocráticas, modelos de gestão, e são dependentes de políticas públicas, contudo sem conhecimento técnico que seja comum aos sujeitos de cada um desses grupos.

Dubar (2012) indica que, nos dias de hoje, muitas “profissões” estão prejudicadas, pois, embora as pessoas possuam a qualificação profissional, elas não conseguem a inserção laboral nas áreas de formação. Isso ocorre especialmente com jovens, visto que atualmente a formação de nível superior e específica não é mais garantia de inserção profissional. Assim, ele sugere que, diante desse cenário, é importante que a pessoa se identifique com o trabalho e o faça com satisfação, seja qual for. O autor conclui que todas as atividades de trabalho podem ser consideradas com condições de profissionalização, ou seja, poderiam permitir satisfação, um conhecimento especializado e socialização.

A partir dos estudos de Dubar (2005), o critério da divisão entre ocupação e profissão transita da rigidez para flexibilidade e abre caminhos para a transposição de fronteiras. Do mesmo modo ocorre no trabalho de Franzoi (2006). Esta, com base também em Dubar, aproveita uma noção conceitual de “profissão” em uma modalidade expandida. Ela entende a profissão no sentido *lato* e não derivado de uma formação teórica ou de uma regulamentação específica, mas do reconhecimento social dos saberes que a pessoa adquiriu na esfera da formação e dos serviços e produtos por ela oferecidos. Desse modo, para essa autora, a pessoa é considerada uma profissional ao ocupar uma posição no mercado de trabalho, mesmo não tendo o ensino superior ou técnico específico, mas sendo uma posição relacionada aos conhecimentos adquiridos no percurso laboral do trabalhador.

Diante dos estudos de Dubar (2005) e Franzoi (2006), observa-se a necessidade de compreender a questão da profissão de modo mais amplo; por outro lado, não seria possível compreender ocupação e profissão como termos sinônimos, como nos alertou Franzoi (2006), pois para ela a noção de profissão é ampliada e pode ser atribuída ao profissional, mas a ocupação ainda seria uma “divisão social técnica do trabalho” (Franzoi, 2009, s/p). Assim, cabe pensar em como lidar com essas questões nos estudos migratórios, especialmente quando pessoas transitam por espaços ocupacionais.

Nos estudos sobre migrações de brasileiros, pode-se observar que as pessoas transitam entre as profissões e ocupações. No estudo da migração internacional, Wills et al. (2010) mostraram uma elevada escolaridade dos brasileiros residentes em Londres, maior do que a encontrada na média educacional brasileira, no entanto essas mesmas pessoas, em geral, encontravam-se em ocupações consideradas de baixa qualificação no exterior, empregadas nos setores de serviços, nos serviços de conservação e limpeza, como atendentes em hotéis, construção, bares e outros trabalhos do setor de serviços. Evans (2010) também identificou o mesmo aspecto, mostrando que os migrantes estavam em “trabalhos que pouco têm a ver com o que faziam no Brasil” (Evans, 2010, p. 15). No estudo com uma trabalhadora brasileira em Londres, identifiquei uma significativa diferença entre a formação educacional, os empregos no Brasil e os trabalhos realizados em Londres. No Brasil, a entrevistada era formada em ciências biológicas, professora de escolas municipal e estadual e possuía pós-graduação, mas no contexto migratório na Inglaterra ela realizava os serviços de limpeza e conservação de ambientes e cuidava de crianças (Graf, 2010). Também observei essa elevada qualificação no estudo feito juntamente com uma colega, em Tonhati e Graf (2010). Com esses estudos apresentados acima, destaco a existência de uma transição entre a profissão e formação no Brasil e as atividades desenvolvidas no contexto europeu.

Observando as atuações no mercado de trabalho de brasileiros/as, no Brasil e na Europa, é necessário analisar as trajetórias articulando aspectos da profissão e da ocupação, que são dinâmicas ao longo do tempo de trabalho e no espaço. No Houaiss et al (2001), a palavra *labor* tem o significado de trabalho, faina, tarefa árdua e demorada; o *laboral* é relativo a trabalho; trabalhista. Ou seja, o termo *labor* tem um significado mais amplo, podendo estudar as relações de trabalho em geral, sem deixar a dimensão do trabalho reprodutivo, aquelas atividades relacionadas à esfera familiar presentes especialmente na vida das mulheres³⁷. Assim, o termo das trajetórias laborais pode ser aproveitado para estudar os trabalhos remunerados em ocupações e profissões (com a formação e regulamentos), autônomos, informais e os não-remunerados.

Esse termo “trajetórias laborais” também foi usado no estudo da migração por pesquisadores, geralmente espanhóis, como Miguélez et al. (2011) e Vidal-Coso e Miret (2009), sobre as relações de trabalho de

³⁷ Hirata (2002), Graf (2009), Diogo (2012).

imigrantes de diversas procedências na Espanha, como também por Moya e Escudero (2005), em investigação sobre trabalhadores em uma cidade no Chile. Assim destaco que as *trajetórias laborais* podem ser aproveitadas no contexto de trabalho migrante, especialmente no emprego na língua portuguesa, por se aproximar dos trabalhos desenvolvidos na Espanha e por apresentar o caráter de trabalho remunerado e não remunerado e não consistir em terminologia dúbia para o objetivo aqui proposto (como profissão, que, embora no sentido francês, possa ser considerado trabalho remunerado, mas no português e na literatura inglesa não o são).

2.2 MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

A temática das migrações se caracteriza pela complexidade, sobretudo por estar vinculada a outras questões de importância global, como cidadania, nacionalismo, fronteiras, dominação, relações internacionais, políticas e jurisdição, leis e organizações internacionais, entre outras. Sayad (1998) esclarece a existência de uma variedade teórica no estudo das migrações. O autor lembra-nos de a migração ser caracterizada como um *fato social completo*, o que significa ser constituída por diversos elementos, a única característica na qual existe concordância na comunidade científica. Para Sayad (1998, p. 16) o fato social total significa.

“...é verdade; falar da imigração é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica (história demográfica e história política da formação da população francesa), e também em sua extensão sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes na sociedade e de seu funcionamento; mas com a condição de não tomarmos deliberadamente o partido de mutilar esse objeto de uma de suas partes integrantes, a parte relativa à emigração”³⁸.

³⁸ Esse sentido de fato social empregado por Sayad foi anteriormente atribuído por Mauss (2003), conforme também mencionado por Fazito (2010). Martins (2005, p. 46) explica que esse total para Mauss pode ser entendido a partir de duas compreensões do total: “totalidade no sentido de que a sociedade inclui todos os fenômenos humanos de natureza econômica, cultural, política, religiosa, entre outros, sem haver nenhuma hierarquia prévia que justifique uma economia natural que precederia os demais fenômenos sociais. Totalidade,

Sayad (1998, p. 15) sustenta que “todo itinerário do imigrante é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas”. Essas disciplinas são a história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia e psicologia social, ciências cognitivas, antropologia.

Embora considerando as diversidades no campo das migrações, Póvoa Neto (2007) diz ser possível estudá-las considerando-as como um campo de debates, em que o estudo das migrações pode enfocar diferentes problemáticas e discursos. Os pesquisadores, em seus diversos campos de estudos, podem propor enfoques e perspectivas distintas na produção dos conhecimentos contemplando esse como um campo de estudos, de debate e de práticas políticas e sociais.

Sayad (1998) sustenta ser a migração, em uma primeira leitura, um lugar de deslocamento de pessoas no espaço, um processo que ocorre primeiramente em um espaço físico. Esse acontecimento pode ser associado aos objetivos de estudo das ciências que estudam as populações, o espaço e a história. Porém, o espaço dos deslocamentos não pode ser considerado apenas como físico ou histórico, visto que é qualificado por questões sociais, econômicas, políticas, culturais e, também, humanas, sendo um objeto privilegiado de estudo do âmbito da compreensão do ser humano e da psicologia.

Diante do fato de que os deslocamentos envolvem os humanos, a psicologia pode contribuir com os estudos migratórios por estudar fenômenos subjetivos e psicológicos³⁹. Desta forma, estudo o migrante em uma perspectiva de análise microsocial, ou seja, a partir do enfoque dos fenômenos psicológicos, compreendo o ser migrante enquanto pessoa⁴⁰. Em uma visão construcionista social, o sujeito é constituído a partir dos processos históricos e sociais, juntamente com as práticas discursivas e, nesse entendimento, o estudo da pessoa pode ser feito

também, no sentido de que a natureza desses bens produzidos pelos membros das comunidades não é apenas material, mas também e, sobretudo, simbólica”.

³⁹ Sato (2013) esclarece que a psicologia comporta diferentes vertentes teórico-metodológicas e expectativas quanto à compreensão e explicação dos fenômenos psicológicos. Como já apresentei, aqui é feito a partir de Dubar (1998; 2005; 2009) articulada com a psicologia do construcionismo Social de Gergen (2009), como apresentarei em sequência.

⁴⁰ Emprego a concepção sujeito a partir da abordagem do construcionismo social, em que explicarei mais detalhadamente no capítulo do método.

diante de um deslocamento analisando minuciosamente os contextos e a subjetividade.

Além de objetivar conhecer a pessoa migrante, também promovo uma leitura da pessoa em relação à dimensão do trabalho⁴¹. Silva (2007) esclarece que o trabalho só existe na pessoa do trabalhador, ou seja, o trabalho é constitutivo do ser. Diante disso, compreendo o migrante como um ser humano, um ser integral com múltiplas dimensões e possibilidades, sendo que nesta pesquisa há uma análise da dimensão do ser humano em relação ao trabalho. Estudo as pessoas e suas vivências relacionadas ao processo migratório, pela lente analítica da psicologia, compreendo o ser a partir do construcionismo social.

Sayad (1998) assinala que a migração versa sobre “*um fato social total*”, como já mencionei, pois para o teórico, para falar da migração, é preciso falar da sociedade, falar de seu aspecto histórico, das estruturas presentes da sociedade e seu funcionamento. Porém, o autor ressalta duas partes como constitutivas do fenômeno: a imigração e a emigração. Porque, para Sayad, somente é possível se estabelecer como imigrante na sociedade de destino se a pessoa deixar outro espaço ou local em uma emigração. Essas duas partes são integrantes da migração.

Sayad (1998) explica como a relação entre emigração e imigração é unida dialeticamente: há um primeiro momento e um segundo momento. No primeiro, ocorre que as pessoas em um determinado período, de uma maneira particular, que possuem uma relação também particular com seus países, vão a outro lugar em um segundo momento, adentrando de forma particular a sociedade de destino. Tanto a saída do país de origem como a chegada é muito específica, cada pessoa emigra e imigra de modo muito específico, sendo integrada ao país de destino de modo também particular. Além disso, cabe destacar a migração, em cada uma de suas formas, na saída e no ingresso, repercute nas condições deixadas na sociedade de emigração e na sociedade de imigração. A saída da pessoa de uma determinada localidade, família e região promove uma ausência nas pessoas que ali ainda se mantiveram como a entrada na sociedade de destino produz um acontecimento.

Sayad (1998) também discute problema decorrente do processo migratório. No seu entender, salvo situações excepcionais, quando as pessoas estão nos países de destino, engendram-se em uma situação que

⁴¹ Estudos sobre essa relação entre pessoa (subjetividade) e a dimensão do trabalho também foram feitos por outros pesquisadores da psicologia, tais como: Soares e Sestren (2007), Coutinho (2009), Graf e Coutinho (2010), Pulido-Martínez e Sato (2013) e Sato (2013).

parece destiná-las a uma dupla contradição de posição, pois não se sabe se é um estado provisório que se pensa em estender infinitamente ou se é um estado mais definido que se pensa viver com um grande sentimento de provisoriedade. É uma condição que oscila segundo as circunstâncias entre o estado provisório e a situação duradoura, considerada uma situação ambígua a qual o imigrante vivencia e é diretamente relacionada às práticas e políticas dos países de destino.

O autor acima citado destacou que os discursos relacionados ao imigrante na sociedade de destino sofreram alterações. No período após a Segunda Guerra Mundial, após 1945, o teórico se refere a um período de expansão econômica dos países europeus e esses eram grandes consumidores de imigração, pois precisavam de força de trabalho em grande quantidade para as obras em curso nos países devastados pela guerra. Segundo o autor, naquela época, após a guerra, havia um discurso sustentado por empresários, políticos, homens no poder, partidos políticos e sindicatos dizendo que os imigrantes eram necessários e indispensáveis para a economia e para a demografia, independentemente dos sentimentos ou opiniões pessoais dos mesmos. As narrativas e discursos na mídia eram relacionados a elementos positivos da migração. Segundo o autor, esse discurso positivo perpassou a todos os envolvidos, fortalecendo uma crença de que os imigrantes tinham um lugar durável e estável naqueles países- mesmo a margem e na parte inferior da hierarquia social. A situação nas sociedades se caracterizava como de haver maior segurança para os imigrantes, embora não definitiva. Em outro período, a partir de meados de 1970 e 1980 essa situação mudou. Diante do fato de que os imigrantes começavam a reivindicar uma existência plena, fora dos papéis outrora viabilizados, deixaram de se parecer com a definição dada a eles, houve uma revisão dessa ideia de valorização da imigração. As pessoas do poder, como políticos e governantes, retrocederam em seus discursos e retornaram a uma visão mais restrita, ou mais depreciativa, que pudesse desencorajar a imigração e servissem de refluxo dos imigrantes, uma noção que atrela o imigrante a ser unicamente uma força de trabalho, provisória ou em trânsito. Sayad (1998) esclarece que o entendimento e os discursos sobre a migração sofreu alterações durante o século XX conforme os interesses políticos, empresariais ou outros subjacentes nas sociedades de destino, ela foi relacionada a elementos positivos, como depois a elementos negativos.

Tal como visto em Sayad (1998), o entendimento comum do processo migratório o relaciona com ser basicamente uma força de trabalho. Segundo o autor, a definição ideal da imigração, presente nos

discursos nas sociedades receptoras, seria atrelá-la a sua condição de trabalho. Esse vínculo daria uma conotação justificável a migração, mas apenas se pudesse ser basicamente provisória ou temporária, como o autor menciona, ou em trânsito, sem que pudesse trazer juntamente com ela aspectos relacionados a permanência e a condição de vida das pessoas naquelas sociedades.

Os discursos que perpassam a sociedade de recepção, notadamente no estudo de Sayad (2008), associam o migrante ao trabalho, necessária apenas por isso. Entretanto, nas práticas cotidianas havia atitudes contra os imigrantes, em que as pessoas da sociedade receptora efetuavam distinção constante entre “nós” e “eles”, entendendo o “eles”, os migrantes, desejáveis apenas como uma “força de trabalho” não competidora com a dos nacionais, sendo essa distinção causadora das mais agudas práticas de racismo e hostilidade em geral, pois o imigrante é considerado um concorrente em situações econômicas e sociais adversas para o “nós”, ou seja, as pessoas da sociedade receptora⁴². Mas o migrante, não é apenas uma força e trabalho, é um ser e é existente. O migrante, depois de um período no país de destino, toma esse destino como sua casa, bem como lembra Sayad (1998).

[...] não existe imigração, mesmo autodominada de trabalho e exclusivamente de trabalho (se é que tal coisa é possível), como a imigração argelina na França (grosso modo desde 1910 até depois de 1950), que não se transforme em imigração familiar, ou seja, no fundo, em imigração de povoamento; e, por fim, quando é chegada a hora em que é preciso, quer se queira quer não, tomar uma decisão, conforme manda a lógica da ordem nacional, ora pela volta definitiva, ora pela fusão na naturalidade (outro modo de chamar a naturalização), ou seja, em ambos os casos, por uma dupla ficção: a ficção de uma volta que se sabe impossível e a ficção de uma naturalização ambígua (Sayad, 1998, p. 20).

⁴² Segundo Sayad (1998), são nessas práticas cotidianas que se mostram as maiores dificuldades encontradas pelos migrantes, pois é onde ocorrem humilhações e desconfianças quanto ao *status* migratório, se trabalha ou não, se é desempregado, além das verificações múltiplas dos documentos, da prova de identidade em cada momento, do local da sua residência, do documento de trabalho, de sua renda etc.

Diante dessas considerações, a migração envolve o ser humano de modo integral, com corpo físico e social, com suas referências, seus relacionamentos, seu passado, seu presente e suas possibilidades no futuro. Silva (2007) destaca que a complexidade das situações envolvendo a vida na migração exige do pesquisador a adoção de uma postura capaz de entendê-la como um processo social e os migrantes como agentes desse processo, sugerindo uma análise da migração “enquanto um acontecimento histórico” (p. 58), que atinge os que partem e os que ficam, constituídos por elementos objetivos, estruturais, culturais, subjetivos, gênero, classe etnia.

Um importante aspecto relacionado a problemática da migração é quanto ao pertencer a terra. Paiva (2007) problematiza a ideia dos lugares a serem vividos e das dicotomias entre ser “nativo” e “forasteiros”, ou melhor, ser “nacional” ou “estrangeiro”. Para isso, o autor discute a problemática do nacionalismo; ele observa como as construções modernas das nações e consolidação dos países em meados do século XIX contribuíram para aumentar a demarcação das fronteiras, perpetuando divisões territoriais, linguísticas, culturais e religiosas. O autor possui uma perspectiva histórica, segundo ele “todos podem ser considerados migrantes”, diante disso, somente o tempo pode separar o sujeito nacional daquele migrante, a diferença entre eles é apenas o tempo de fixação na cidade ou local. Diante disso, não há possibilidade de separar as pessoas migrantes das outras pessoas, pois essas últimas podem estar mais tempo na localidade, mas não significa que também não foram constituídas a partir de migrações anteriores, de processos históricos que separaram grupos e consolidaram as divisões territoriais.

Como relatado na introdução desta tese, muitos países adotam a definição de migrante a partir do referencial da Organização das Nações Unidas (ONU) De acordo com a ONU:

Migrante de longa duração: (*long-term migrant*): se refere a uma pessoa que se muda de um país para outro e esse se torna o seu ou a sua residência usual por um período de pelo menos um ano (12 meses), de modo que esse país de destinação efetivamente torna-se o seu novo país de residência. Da perspectiva do país de origem, a pessoa irá ser um emigrante de longa duração do

país de destino a pessoa será um imigrante de longa duração (United Nation, 1998, p. 95)⁴³.

Essa noção de migrante corresponde a uma pessoa vivendo fora de seu país por um ano ou mais tempo (United Nation, 1998; Koser, 2007). No entanto, cabe salientar a existência de outras subdivisões quanto a migração, gerando discussões e debates. Existem as migrações temporárias, sazonais (Silva & Menezes, 2007). Também o debate referente aos migrantes “voluntários” e os “migrantes forçados”; esclarecendo brevemente, por não se constituir foco aqui, os primeiros seriam aqueles que, de algum modo, optaram migrar, e os segundos são considerados aquelas pessoas que não a escolheram, mas são derivadas de conflitos, perseguições, razões ambientais, como seca ou fome⁴⁴.

Há diversas discussões a serem feitas no âmbito da migração. Saliento que faço esse debate a partir dos conhecimentos da psicologia, com análises do processo subjetivo ou “micro” que corresponde ao ser migrante, com base nos estudos de Sayad (2010). Segundo esse autor, existem dimensões mais universais e outras específicas na compreensão da migração e estudos podem mostrar o que há nesse universal com elementos comuns a diversos movimentos migratórios, assim como enfocar especificidade no fato de migrar e, nesse sentido, “nenhuma migração assemelha-se a outra” (p. 10). Diante disso, trabalho a partir da especificidade do ato de migrar, visando entender o processo singular e as vivências específicas das pessoas.

Firmeza (2007) esclarece que as questões econômicas costumam ter peso importante no processo decisório dos migrantes, embora não sejam as únicas questões a serem envolvidas na decisão. Segundo o autor, a migração é influenciada pelo processo de evolução do mercado internacional; os níveis salariais mais altos nos países de destino funcionam como uma estratégia de acumulação de recursos para o migrante. Outro fator de mobilidade é referente ao casamento. Coleman

⁴³ Essa foi uma tradução livre de: “Long-term migrant: A person who moves to a country other than that of his or her usual residence for a period of at least a year (12 months), so that the country of destination effectively becomes his or her new country of usual residence. From the perspective of the country of departure, the person will be a long-term emigrant and from that of the country of arrival, the person will be a long-term immigrant”.

⁴⁴ Há diversos debates sobre essa noção de migrantes forçados, aqui somente cabe destacar que nesse grupo também estariam aqueles solicitantes de refúgio (refugiados), tal como assinala Koser (2007).

(1984) esclarece que os casamentos potencializam as migrações. Segundo este autor, o casamento é uma prática social em que há uma mudança de moradia, uma vez que duas pessoas as quais anteriormente residiam separadamente, possivelmente em localidades diferenciadas, passam a morar juntas com o deslocamento de um ou ambos. Esse movimento promove modificações da dinâmica familiar, pois podem ocorrer alterações de locais de residência quando há o crescimento ou o declínio do tamanho da família, ou quando há mudanças de emprego ou transferências. Para Assis (2007), as migrações de longa distância provocam significativas transformações nos sujeitos que vivenciam essas experiências, podendo existir, inclusive, uma redefinição das relações de gênero, segundo a autora: “[...] as mulheres, em geral, vivenciam uma maior autonomia e empoderamento na sociedade de emigração, não apenas porque tem melhores ganhos, a despeito de um trabalho de baixo status, mas também porque atributos da feminilidade brasileira são valorizados [...]” (Assis, 2007, p. 768). Agora, abordo a migração no movimento “de volta” para casa.

2.2.1 Compreensão do movimento de “retorno”

Começo discutindo o conceito de retorno indicado pela ONU. Segundo essa organização, os migrantes retornados (*returning migrants*) são pessoas que estão “retornando ao seu país nacional após terem sido migrantes internacionais (independente de se de curta duração ou de longa duração) em outro país e objetivam permanecer em seus próprios países pelo menos um ano”⁴⁵ (United Nation, 1998, p. 95). Essa noção precisa ser ampliada, desenvolvo-a aqui especialmente com os estudos de Sayad (2000).

Sayad (2000) vê o retorno como tema central para o conhecimento do ato de emigrar e de imigrar, compreendê-lo implica antes no entendimento da emigração e da imigração como constituintes da migração. O autor confere a essa dupla constituição da migração o papel essencial para a análise do ser humano enquanto migrante, uma vez que pressupõe necessariamente vários modos de relações: uma relação com o tempo, com o tempo de ontem, o tempo do futuro e suas vinculações com o tempo presente, em que se está vivenciando a

⁴⁵ Esta foi uma tradução livre de: “*Returning migrants*: Persons returning to their country of citizenship after having been international migrants (whether short-term or long-term) in another country and who are intending to stay in their own country for at least a year” (United Nation, 1998, p. 95).

imigração; uma relação com o espaço, com a terra, com o lugar em que se viveu e onde se vive, não só como espaços geográficos, mas também como espaço social; uma relação com o grupo social, aquele que foi deixado no lugar de origem e também aquele no qual o imigrante entrou, em maior ou menor grau de inserção. Segundo Sayad (2000), todas essas relações se mantêm entre si solidárias umas com as outras e constituem o ser social.

Segundo Sayad (2000), o espaço permite efetuar uma transição, estar aqui e depois lá, mas o tempo não permite voltar. O passado não regressa e também não se torna novamente presente; assim, constata-se uma irreversibilidade do tempo. “Se de um lado, pode-se sempre voltar ao ponto de partida, o espaço se presta bem a esse ir e vir, de outro lado, não se pode voltar ao tempo de partida, tornar-se novamente aquele que se era nesse momento” (Sayad, 2000, p. 12). É possível compreender que a pessoa, no sentido da experiência, nunca volta para o mesmo lugar, ou seja, “não existe verdadeiramente retorno (ao idêntico)” (p. 12). A pessoa no exterior vivenciou outras situações, teve mudanças de hábitos e ela construiu um novo cotidiano para sua vida. Assim, esse movimento de “retorno” pode ser considerado como uma ficção, como assinala Sayad (1998).

Em continuidade com os comentários do autor citado acima, os países e as cidades de origem não permanecem parados no tempo, pois as condições se transformam no transcurso do tempo. Tanto as pessoas quanto os lugares de origem se transformam, pois nas cidades acontecem eventos, festividades e encontros, mudanças políticas e sociais dos quais o emigrante não participa. Por outro lado, os acontecimentos na vida do migrante nos países de destino podem ser muito diversificados, com mudanças profundas nos significados atribuídos a práticas cotidianas e no entendimento da vida. Assim, do ponto de vista subjetivo, não há um retorno possível, mas sim outro deslocamento, que pode ser considerado como uma nova migração ou como um novo movimento migratório.

Porém, cabe assinalar que, mesmo com essas mudanças na vida do emigrante, não há como considerar uma renúncia ao grupo de origem. Segundo Sayad (2000), a emigração, mesmo de longa duração, não pode ser pensada como uma recusa ao grupo de origem ou uma abdicação dele, pois, como observa o autor, essa seria uma renúncia a si mesmo, visto que uma pessoa existe enquanto ser social, e por isso ela só tem existência pelo grupo e para ele, sobretudo no grupo de seus pares. O migrante somente deixaria o grupo para melhor encontrá-lo, e a ideia de ocorrer esse encontro como se nada tivesse acontecido participa

de uma ilusão, da qual se alimenta a nostalgia de pensar que irá encontrar tudo como era antes. Como afirma o autor, não é possível deixar uma terra impune, pois o tempo passa para todos.

A presença no país estrangeiro também tem seus efeitos, pois não é possível uma pessoa habitar outro lugar sem que “algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades do contato, dos domínios, das experiências e das sensibilidades individuais” (Sayad, 2000, p. 14). Para Sayad, a imigração deixa marcas nas vidas das pessoas e elas ocorrem no âmbito subjetivo, nas questões pessoais, nos modos de se organizar, de pensar e refletir sobre a vida. Diante das considerações de Sayad (2000) e Sayad (1998), pode-se compreender a relevância do fenômeno do retorno, quanto às problemáticas que advém com esse processo, não sendo simplesmente uma “volta”. Portanto, esse retorno ao mesmo poderia ser entendido como uma *ilusão*, ou como um “retorno” entre aspas, por se caracterizar um processo distinto de uma volta ou um regresso ao mesmo ponto de partida, sendo impossível esse movimento, mas sim seria um novo processo.

No contexto dos estudos da migração brasileira, pude observar que o fenômeno da migração de retorno teve mais evidência com as crises econômicas ocorridas nos Estados Unidos e Europa, iniciando-se entre 2007 e 2008. Dal Rosso (2012) esclarece que a crise de 2008 é um fato social. Segundo o autor, a crise financeira, econômica e social, iniciada naquele ano, projetou impactos negativos sobre as condições de vida das populações de países de todo mundo. A crise se iniciou nos Estados Unidos e, depois, desdobrou-se para a Europa, para o Japão e para outros países⁴⁶.

Pereira e Siqueira (2013) assinalam que as estatísticas não contemplam as dinâmicas de retorno. De acordo com as autoras, a recente crise econômica mundial, ao afetar negativamente o contexto econômico de vários países de destino da emigração brasileira, constituiu-se um dos fatores que intensificaram o retorno. Alertam as autoras que o regresso ao país de origem pode também ser oriundo de dificuldades de adaptação e desafios presentes nos países de destino.

Segundo Maldonado e Hayem (2014), a incerteza econômica e o mercado de trabalho desaquecido na Europa afetaram a quantidade de dinheiro que os migrantes enviavam aos seus países de origem, especialmente os migrantes vivendo na Espanha, haja vista que os

⁴⁶ Sobre a crise, ver Dal Rosso (2012), Dal Rosso (Org.) (2011) e Dal Rosso (2011).

Estados Unidos apresentam melhoras econômicas em 2014. Conforme os autores, a diminuição do fluxo de remessas ao Brasil está vinculada ao retorno dos migrantes ao Brasil. Segundo eles, cerca de 20% de migrantes brasileiros do exterior retornaram em comparação com o número de migrantes em 2010, e explicam que isso é devido às melhoras econômicas no contexto brasileiro.

Para Fusco e Souchaud (2010), o retorno de brasileiros se mostra ainda um fenômeno pouco estudado, mas com significativa representação, pois agrega muitas facetas pouco conectadas, fragmentadas e em construção. De acordo com esses autores, há dificuldade em compreender as pessoas retornadas, pois elas não apresentam diferenças quanto ao emprego da linguagem, características físicas e não aparentam outras diferenças quanto aos brasileiros residentes no país. Nas relações cotidianas, elas parecem ser pessoas como outras que já viviam no país. Porém, há diferenças como variações na linguagem, esquecimentos, as falas com termos estrangeiros entre outros.

Outro aspecto importante levantado por Fusco e Souchaud (2010) é de o retornado geralmente não voltar ao lugar de nascimento ou para onde residem seus familiares, mas ao lugar o qual tinha deixado antes de partir. Marandola Jr. e Dal Gallo (2010) salientam que emigrar envolve processos de redefinição de territorialidades. Esse conceito é referente à relação estabelecida pela pessoa direcionada ao com seu contexto social, uma produção singular e cotidiana para se estabelecer em um determinado espaço e lugar. A migração exige que a pessoa desenvolva novos entrelaçamentos com o mundo social para produzir seu pertencer, sendo um processo que pode trazer dificuldades, haja vista as situações desconhecidas a serem enfrentadas, e pode até desestabilizar a pessoa em relação à sua segurança pessoal. Como o retorno é um novo processo, ele também é cercado de exigências, pois os migrantes precisam desenvolver novas inter-relações com os espaços e com as pessoas, agravado pela necessidade de “estar melhor” do que quando partiu.

Com uma perspectiva transacional das migrações, Cavalcanti e Parella (2013) mostram a necessidade de entender o retorno para além de um processo de inversão da migração, observando a impossibilidade de pensar nele como uma ação estática e definitiva. Ao contrário, para os autores é preciso compreendê-lo imerso na dinâmica das relações e experiências entre as sociedades de destino e origem. Para a pessoa, os espaços e os saberes proporcionados pela experiência migratória nos países de destino promovem ampliação dos conhecimentos e

possibilidades de circulação nos territórios. Na análise dos autores, o regresso não pode ser pensado como definitivo, tampouco com a existência de rompimento de laços estabelecidos nos países de destino.

A partir de estudos com migrantes brasileiros de retorno, Siqueira, Assis e Dias (2010) identificaram cinco processos: *retorno temporário*, com o migrante definindo o país de destino como permanente; *retorno continuado*, em que o migrante tenta o retorno, mas, por não ter conseguido se adaptar, volta ao país de destino; *retorno permanente*, no qual aquelas pessoas retornam e conseguem se estabelecer na cidade e no país de origem e não pretendem migrar novamente; o *transmigrante*, sendo aquele que reside entre dois lugares por ter condições sociais e econômicas para uma mobilidade permanente; e os *retornados da crise pós-2007*, pois, segundo os autores, as pessoas foram atingidas pela crise e estavam ocupando majoritariamente o mercado de trabalho secundário, como construção civil e outros subempregos.

Do ponto de vista das informações estatísticas, como apresentei na introdução desta tese, pode-se perceber um acréscimo da migração de retorno entre os brasileiros. Como assinalai também, existem dificuldades em mesurar a população de brasileiros retornados. No entanto, foi possível verificar transformações nos registros de retorno nas análises dos Censos Demográficos dos Censos de 2000 e 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012a; 2012b). Os dados do IBGE mostram um número significativo de brasileiros retornados no Censo de 2010 (IBGE, 2012a; 2012b). No Censo de 2000, 87.886 mil pessoas residindo no Brasil eram brasileiros de retorno, e, no Censo de 2010, 175.766 mil pessoas residindo no Brasil eram brasileiros de retorno.

Essas informações mostram número de retornados dobrou no transcorrer de dez anos. Segundo o Censo Demográfico em 2010, o percentual de brasileiros (migrantes internacionais de retorno) foi relativamente maior entre aqueles que vieram dos Estados Unidos (84,1% eram brasileiros retornados), Japão (89,3% eram brasileiros retornados) e Portugal (76,7% eram brasileiros retornados), e menor entre aqueles com origem no Paraguai (56,4% eram brasileiros retornados) e na Bolívia (24,5% eram brasileiros retornados) (IBGE, 2012a; 2012b).

Com essas considerações teóricas apresentadas neste capítulo, sobre trajetórias laborais e migrações internacionais, busquei iluminar um caminho compreensivo para análise dos resultados da tese. Esse caminho teórico posteriormente foi incorporado às análises dos

resultados da pesquisa, articulando as informações geradas e ampliando-as. No próximo capítulo da tese, apresento os procedimentos teóricos e metodológicos da pesquisa, os procedimentos de coleta de informações, o processo de entrada no campo, o estudo exploratório e o processo de análise das informações.

3 PERCURSO

3.1 CONCEPÇÕES DA PESQUISA

Para explicar como foi efetuada a pesquisa, primeiramente descrevo as perspectivas teóricas e de método e, também, apresento os participantes, os modos de gerar as informações e os procedimentos de análise do material.

Esta pesquisa adotou um enfoque qualitativo de investigação. Creswell (2003) esclarece que a perspectiva qualitativa procura entender as experiências e os sentidos produzidos pelas pessoas direcionados a certos objetos ou fenômenos. Esses sentidos são variados e múltiplos, assim o investigador precisa de um olhar atento para identificar as complexidades presentes nas visões dos sujeitos. Com isso, objetiva-se desenvolver um movimento de conhecer as redes de complexidades presentes nas relações humanas sem procurar acomodar esse conhecimento em poucas categorias analíticas, mas sim entender essas conexões e seus subsequentes desdobramentos para além da aparência.

Mesmo essa investigação tendo fundamentalmente o enfoque qualitativo, sendo as entrevistas a principal ferramenta para o recolhimento das informações, também trabalhei com outros materiais. Ecléia Bosi (2003) sugere que documentos, informes estatísticos, materiais gráficos produzidos por instituições governamentais e não governamentais podem promover um maior detalhamento da pesquisa. Segundo a autora, as pesquisas qualitativas e quantitativas não devem ser excludentes entre si, uma vez que certa união pode oportunizar complementaridades entre elas. Incorporar uma consulta a materiais como jornais, revistas, músicas, livros, imagens, anedotas, estatísticas possibilitam ao pesquisador conhecer mais fatos diversificados e, assim, “vibrar” junto ao estudo.

Essa investigação pode ser considerada também como uma *investigação descritiva explicativa*. De acordo com Gil (2002), a parte *descritiva* estaria relacionada aos objetivos da tese, por não ser um trabalho baseado em hipóteses (procurando explicações de causa e efeito) ou testes, mas sim envolver perguntas que buscam descrever os fenômenos. A base *explicativa* do estudo estaria relacionada ao procurar evidenciar as características de uma determinada população ou fenômeno em um maior nível de profundidade, juntamente com o emprego de instrumentos como roteiros de entrevistas, observações, entre outros.

Quanto à perspectiva teórico-metodológica, empreguei o *construcionismo social* como paradigma técnico-científico e, após, articulei-o com a perspectiva teórica do estudo das narrativas. Burr (2003) lembra que o construcionismo social insiste em ser crítico quanto à maneira comumente utilizada pelas pessoas em compreender o mundo, como se ele fosse “natural” ou “dado” (*taken-for-granted*), e nos convida a questionar o modo como o observamos que sob seu olhar ele é entrelaçado e produzido pelo social. A proposta dessa perspectiva é desafiar a visão convencional do conhecimento científico, baseada em um modelo objetivo, sem considerar os vieses envolvidos nos estudos e nas observações. Essa abordagem nos alerta para suspeitarmos de nossas verdades sobre o “mundo-como ele é”, problematizando crenças estabelecidas como incontestáveis pelos sujeitos e pela sociedade. O construcionismo social difere dos paradigmas tradicionais da pesquisa científica por compreender esse “mundo” como relacional e não concordar com uma objetividade absoluta.

Diante desta perspectiva, há a necessidade de incluir o pesquisador/a na produção do conhecimento, com ele/ela participando da geração dos saberes, das análises e da produção integral do estudo. Diante disso, é salutar evidenciar a voz e a presença do pesquisador em seu trabalho e “quebrar” certas regras da pesquisa tradicional em ciências sociais utilizando a primeira pessoa na escrita, possibilitando evidenciar também as narrativas dos pesquisadores no processo, tal como esclarece Chase (2005). Segundo Riessman (2008), os pesquisadores participam da construção da narrativa da pesquisa. Ou seja, existe uma implicação do pesquisador no processo de construir as narrativas, sendo que as informações geradas não são apenas histórias narradas pelos sujeitos, mas sim são elaboradas na relação particular, estabelecida em um momento específico, entre o pesquisador e o entrevistado.

Nesta tese, procuro evidenciar a minha participação na geração das informações de pesquisa, escrevendo, entre outras ações, na primeira pessoa do singular. Beiras (2012), no trabalho com narrativas, também empregou a primeira pessoa em sua tese de doutoramento, apenas assinalando a primeira pessoa do plural quando o processo descrito envolvia mais pessoas. A seguir, apresento especificidades do suporte teórico do construcionismo social e do método das narrativas.

3.1.1 Suporte teórico do construcionismo social

O estudo com o construcionismo social (CS) tende a se diferenciar das pesquisas tradicionais no âmbito da psicologia, conforme explica Gergen (2009). No entanto, segundo esse autor, esse aporte teórico não pretende romper com nenhuma tradição científica, mas sim questionar certas práticas. Diante disso, indico alguns apontamentos nos modos de trabalho feito pela pesquisa construcionista.

Na pesquisa CS, os pesquisadores selecionam um fenômeno para estudar, mas sabem que essa escolha implica em dar “voz” ou “visibilidade” a certos objetos em detrimento de outros. Essa opção é feita observando uma tradição cultural da qual os pesquisadores também fazem parte. Do ponto de vista construcionista não há possibilidade de refletir sobre um mundo separando pessoas e objetos, é importante ter a consciência das características da localidade do estudo e evidenciar quais grupos e sujeitos são auxiliados ou prejudicados no desenvolvimento das análises (Gergen, 2009).

De acordo com Gergen (2009), os cientistas são participantes de uma tradição social e isso ocorre independentemente de suas práticas desenvolvidas como pesquisadores. Os pesquisadores estão imersos em tradições sociais onde vivem e participam, levando consigo certos valores produzidos por certa origem social, espacial (lugar de residência) e pelas relações sociais estabelecidas no decurso do tempo. Esses valores se evidenciam na pesquisa em diversos momentos, como, por exemplo, nas palavras selecionadas para a formulação do projeto, nos aspectos a serem analisados em relação ao fenômeno, nas descrições e análises do problema etc. Tanto que os problemas de pesquisa são selecionados por serem coerentes com a vida das pessoas em sociedade. Para Burr (2005), do ponto de vista do construcionista, o pesquisador deve evidenciar o seu envolvimento com os fenômenos estudados, pois possibilita aos leitores compreender como ocorreram os modos de entender o problema.

Gergen (2009) esclarece que o entendimento (ou a crença) em uma natureza estável pode ser vantajoso no caso das ciências naturais, mas torna-se complexo nas ciências humanas. No estudo dos fenômenos humanos, as pessoas têm a capacidade de refletir sobre as “hipóteses” de trabalho e dar aos pesquisadores outras explicações sobre os aspectos investigados na pesquisa. Diante disso, a predição pode ser dificultada, pois, no decorrer da pesquisa, as pessoas podem mudar de opinião ou até mesmo de curso de vida, sendo que as mudanças podem não ser previsíveis nos projetos de investigação. O autor assinala ser importante de que os investigadores nas ciências humanas tenham uma postura de igualdade de relações com seus investigados. Em concordância, Burr

(1995) sustenta a necessidade de integrar as vozes das ciências, ou seja, dos estudos já realizados e dos autores, com as vozes dos entrevistados, incorporando os pesquisados como autênticos coparticipantes do processo investigativo. No pensamento construcionista, os pesquisados estão integrados no estudo e participam da construção dele.

Outro ponto importante no estudo construcionista é o caráter da linguagem. Gergen (2009) salienta que os números são descrições da vida humana e são tão adequados como pinturas, escultura, poesia, palavras e música, sendo cada um desses modos diferenciados de representar o mundo. O autor assinala que os números podem ser usados para encobrir ou reduzir informações valiosas, portanto ele não os valoriza em detrimento de outros modos de comunicar as práticas sociais.

Do ponto de vista construcionista, não haveria uma única resposta para o estudo ou a investigação em curso. Cada construção científica tem, juntamente, potencial e limites, sendo importante convidar as diferentes vozes para o desenvolvimento de um diálogo sem sobrepujar os conhecimentos dos diversos atores envolvidos. Ou seja, em relação a um problema é possível existirem mais perguntas e mais respostas sobre ele. Gergen (2009) esclarece que não há uma única verdade, sendo que todas as tradições e modos de vida sustentam certos valores e práticas a serem consideradas verdadeiras para as pessoas, sendo uma preocupação construcionista valorizar as diversas possibilidades de vida e, com seus estudos, iluminar esses modos de vida gratificantes e diversificados.

Gergen (2009) e Burr (1995) valorizam a conciliação dos estudos empíricos com reflexões teóricas, sinalizando que juntos podem vitalizar discussões relevantes para a vida em sociedade. Os estudos de campo podem auxiliar a evidenciar problemas que ocorrem na vida cotidiana, gerando informações relevantes em diversos temas e problemas sociais, como desemprego, juventudes, aposentadoria, migrações, entre outros.

Gergen (2009) esclarece três frequentes estilos de se efetuar estudos empíricos ou de campo a partir do construcionismo social:

a) O primeiro são etnografias e os novos modos de efetuar história. São tipos de pesquisa tradicionais, mas com novos modos de analisar o material;

b) O segundo são os estudos discursivos. Eles carregam elementos do trabalho tradicional do empirismo, mas com um enfoque mais voltado à linguagem. Eles são compostos pelos estudos do discurso, das narrativas e do discurso em ação como resultado conversacional;

c) O terceiro estilo são as autoetnografias, a pesquisa colaborativa, pesquisa-ação e a pesquisa como “*performance*”. Essas representam uma maior quebra nos modos tradicionais de efetuar pesquisas, transformando a própria ideia de pesquisar.

Nesta tese de doutoramento, trabalhei com as narrativas, um subtipo de estudo discursivo, a partir do fundamento do construcionismo social. A escolha pelas narrativas foi pautada no modo como esse procedimento possibilita a aproximação com os sujeitos a partir de uma perspectiva relacional entre pesquisador e pesquisado e por permitir conhecer o contexto vivido por meio das histórias de vida.

Com base no construcionismo social, não me preocupei se as informações prestadas fossem verdadeiras ou com a precisão dos fatos ocorridos, mas sim com as narrativas das pessoas sobre suas vivências. Eu me ocupei com as narrativas das pessoas sobre seus processos laborais e migratórios, focando nos relatos as experiências vividas e nos significados produzidos sobre essas experiências. As narrativas foram coletadas/geradas a partir das histórias que as pessoas contaram sobre suas trajetórias laborais. Destarte, não focalizei a “verdade” dos fatos nas vidas migrantes, mas sim nas histórias, os contos e os relatos.

3.1.2 Suporte teórico do método das narrativas

Explicar o conceito de narrativa não é fácil. Riessman (2008) esclarece essa dificuldade conceitual com o termo, mas, para propósitos investigativos, elas precisam ser definidas. Segundo a autora, as narrativas carregam diferentes significados e são usadas de vários modos por diferentes disciplinas e frequentemente são usadas como sinônimo de “história”, como ela mesma realiza, sem diferenciação. Como irei esclarecer e já indiquei brevemente na introdução da tese, a autora compreende as histórias como sinônimos de narrativas por entender que são contos produzidos.

Do ponto de vista da autora acima, as narrativas ou as histórias são eventos importantes selecionados, organizados, conectados e avaliados como significativos para uma audiência em particular. Nesse ato de contar, ocorre um resgate dos episódios, os quais são articulados entre eles para serem narrados. Cabe salientar que as histórias narradas não estão prontas ou previamente estabelecidas, mas são construídas no próprio processo da fala.

No âmbito de uma investigação, diante dos esclarecimentos de Riessman (2008), os entrevistados constroem histórias sobre as suas vivências, lembranças, sentimentos, reflexões passadas e atuais e, assim, criam narrativas sobre os temas sugeridos. As narrativas criadas se alteram conforme o público, mudando se forem direcionadas a um pesquisador ou a um colega. No entanto, nessa perspectiva, os pesquisadores também são contadores de histórias, pois eles escrevem narrativas sobre narrativas.

Riessman (2008) esclarece que as narrativas podem ser mitos, lendas, fábulas, contos, novelas, histórias, tragédias, dramas, comédias, pinturas, filmes, conversações, memórias, biografias, autobiografias, diários, documentos arquivados, projetos sociais, registros médicos, documentos organizacionais, teorias científicas, músicas populares, fotografias e outros trabalhos artísticos. A autora explica que não são narrativos os textos descontínuos, as listas ou textos curtos. Segundo a autora, a maioria dos pesquisadores tende a trabalhar com alguma modalidade textual, mas também há trabalhos com imagens e outros artefatos.

O conceito de narrativa em geral alcançou um grau acentuado de popularidade, porém parte da especificidade tem se perdido com essa popularização. Não seria todo o texto uma narrativa, pois seria necessário efetuar uma apreensão analítica, compreendendo a especificidade da história, a sequência da história, e especificar as pessoas e particularidades do contexto (Riessman, 2008). Chase (2005) argumenta que a concepção de narrativas varia em um *continuum* de entendimento, ou seja, este pode ser ilustrado com a imagem de uma linha; de um lado, estaria uma concepção bem restrita, a partir da compreensão linguística, em que a narrativa seria uma unidade de discurso, uma resposta restrita a uma pergunta específica, centrada em um tópico e organizada por uma temporalidade. Do outro lado da linha, estariam os trabalhos efetuados pela história social e antropologia, em que a narrativa se referia a uma história de vida inteira, feita com várias entrevistas e documentos. No meio desse *continuum*, estariam as pesquisas em psicologia e sociologia, em que as narrativas pessoais são escritas a partir de sessões de falas sobre a vida, sobre um aspecto singular, ou com múltiplas entrevistas de pesquisa, ou conversações terapêuticas. A diversidade de emprego das narrativas em curso mostram sua complexidade e a ausência de uma simples definição.

Segundo Chase (2005), a investigação narrativa é um subtipo de pesquisa qualitativa, sendo voltada para o estudo da biografia das pessoas. Além disso, pode ser oral ou escrita, ouvida em um trabalho de

campo, em uma entrevista ou ocorrer naturalmente em uma conversação. Para essa autora, em qualquer situação, a narrativa pode ser a) uma pequena história típica sobre um evento em particular, ou eventos específicos como um encontro com amigos, chefe ou médico; b) uma história estendida sobre um aspecto significativo na vida de uma pessoa, como a escolaridade, o trabalho, o casamento, o divórcio, o nascimento, uma doença, um trauma, incluindo uma participação em uma guerra ou em um movimento social; ou também c) a vida inteira de uma pessoa, do nascimento até o momento presente.

Segundo a autora acima citada, muitos pesquisadores usam a expressão história de vida (*life story*) para designar a narrativa, contada pelas próprias pessoas, sobre trechos ou temas específicos e significantes na vida delas. No entanto, ela salienta que autores como do *Personal Narratives Group* (1989) empregam para isso o termo “*Personal Narratives*” (PN), ou, em tradução livre, “narrativas pessoais” para detalharem o mesmo processo e, especialmente, para distinguirem seus trabalhos das narrativas literárias ou folclóricas que possuem objetivos mais artísticos. Nesse sentido, as PN, como as histórias de vida, são usadas para a investigação de um tópico narrativo referente à vida de uma pessoa, que pode ser efetuado por meio da fala, mas também por meio da leitura de diários, jornais, cartas e autobiografias.

A vida de uma pessoa pode ser estudada por meio da narrativa, no ato de uma pessoa contar suas histórias vividas. A leitura não estaria voltada aos acontecimentos passados, mas sim ao ato de narrar, pois é nele que a pessoa reformula o sentido das experiências passadas. Por isso, Chase (2005) explica que a narrativa é um modo de formar sentido em retrospectiva. Quando a pessoa narra, ela, ao mesmo tempo, reflete sobre os acontecimentos e recria conexões entre os eventos, organiza as experiências em termos temporais, visualiza determinadas ações passadas e seus resultados, bem como seleciona os fatos ou acontecimentos respeitando o seu público. Nas histórias de vida ou nas PN, o foco é no ponto de vista do narrador. Tipicamente, os narradores estruturam os seus contos no tempo e no espaço; eles olham atrás e recontam as vidas localizadas em tempo e lugares particulares. Entre os diversos modos possíveis de organizar o enredo, conforme lembra Riessman (2008), a organização mais familiar é aquela feita temporalmente, em especial é uma resposta à cultura ocidental preocupada em relacionar o tempo aos acontecimentos.

No processo da pesquisa, é importante que os pesquisadores atentem para a fala das pessoas, observem como a conexão de eventos, as seqüências e os modos de apresentar os sentidos para que os ouvintes

registrem sua estória. O pesquisador não encontra as estórias prontas, mas participa da construção delas, pois ele efetua perguntas sobre a vida dos sujeitos, propõe temas, dá mais atenção a alguns fatos em detrimento de outros. Os pesquisadores interagem com seus entrevistados e participam da narrativa. Chase (2005) claramente adverte que pesquisador e narrador estão implicados na construção da narrativa e a análise é efetuada a partir do material produzido por ambos. Franklin (1997) explica que o emprego das narrativas como processo metodológico ainda tem dificuldades de se posicionar no plano central dos estudos em psicologia. Com uma perspectiva feminista, social construcionista e pós-modernista, a autora sustenta a importância do uso das narrativas nas pesquisas como um modo de produzir significados, sendo que esta produção é feita durante as entrevistas, no momento em que elas oferecem uma ordenação dos eventos pessoais ou outros dentro de uma dimensão temporal. As narrativas podem ser geradas a partir de entrevistas abertas, no entanto a decisão sobre o modo de empregar a entrevista deve ser relacionada às escolhas teóricas e metodológicas do pesquisador sobre o projeto, as quais variam, e as narrativas podem considerar essas variações.

A análise em uma pesquisa narrativa é desenvolvida enfatizando a “voz” do narrador, procurando evidenciar a sua estória. O pesquisador observa como o narrador comunica, qual é sua posição de sujeito, qual o lugar social, como efetua as conexões entre as estórias; isso para iluminar a singularidade, a realidade e experiência do contador. Na análise, é necessário considerar as similaridades e diferenças entre as narrativas, o tempo, local e os saberes. Sempre considerado que os pesquisadores são também narradores porque descrevem interpretações, análises, efetuem relações, enfatizam ideias, escolhem lugares para publicar seus resultados, ou seja, os pesquisadores também produzem significados com seus estudos.

Riessman (2008) explica que a análise das narrativas pode ser feita enfocando um texto, uma pessoa, um grupo de pessoas. As estórias podem estar combinadas a partir de temas ou pode ser feito um estudo singular de uma pessoa ou de muitas pessoas, como caso singular ou múltiplo. Franklin (1997) também sustenta o emprego do estudo de caso para a investigação narrativa. Segundo a autora, existem diversos modos de estudar um caso individual (*single case study approach*); o formato tradicional seria estudar a produção artística de uma pessoa, usar seus materiais pessoais, como diários, revistas, cartas e entrevistas, desenvolver um estudo intensivo nos objetos de trabalho para ter acesso ao processo de trabalho e também aos relatos das pessoas sobre suas

obras. Porém, esse modelo é mais tradicional na visão da teórica, e ela, mesmo aproveitando parte das concepções proporcionadas por ele, avança incorporando outros entendimentos.

Franklin (1997) entende o emprego da entrevista como instrumento principal de pesquisa para o estudo de caso. Diferentemente de “recolher informações”, a autora salienta ser por meio da entrevista em que há uma oportunidade de trocas de reflexões entre o entrevistador e o entrevistado, ou seja, é feita uma interação entre pessoas, dialógica, demarcando perspectivas e pontos de vista, não procurando um consenso, mas o levantamento de ideias, reflexões e produção narrativa. Um aspecto importante na perspectiva narrativa para a autora é não haver sentidos *a priori*, mas de eles serem construídos na inter-relação, no qual as trocas discursivas possibilitam contribuir significativamente para a construção das próprias reflexões e narrativas entre os participantes (entrevistador e entrevistado).

A autora citada acima explica também que o estudo de caso pode ser empregado em uma perspectiva comparativa (*comparative case study approach*). Segundo Franklin (1997), para desenvolver esse modo de estudo, o pesquisador precisa selecionar certo número de pessoas como participantes do estudo, pessoas que apresentam alguns aspectos ou características em comum: como gênero, profissão, idade. Cada pessoa selecionada constituiria um “caso”, constituindo-se um “grupo de casos”, um estudo multicaso. Cada caso seria estudado separadamente, mas não entendidos como isolados, e sim em relação a outros casos. Segundo a autora, esse grupo de casos forneceria uma base para a articulação de similaridades e diferenças entre as pessoas, contextualizando percepções por meio da comparação, com a possibilidade de no final das análises e resultados incorporar mais confirmações por não ter os resultados relacionados a apenas uma pessoa. Essa perspectiva, dentro do âmbito dos estudos narrativos, é adotada nesta pesquisa como será explicado nos procedimentos de coleta e análise do material.

Para Riessman (2008), o importante no estudo das narrativas é que o percurso seja registrado pelo pesquisador; a autora esclarece que os estudos narrativos têm validade quando o trabalho de pesquisa é documentado, tanto o processo de coletar como interpretar as informações. Sinaliza também que a validade do estudo é reforçada quando o pesquisador detalha os seus procedimentos, quando é atencioso com a transcrição das entrevistas, sendo acurado com a linguagem usada na entrevista, com aproximação da fala e da transcrição. Além disso, ele deve dar atenção ao contexto da produção

da fala, da estrutura do discurso e, deste modo, comparar similaridades e diferenças entre as histórias dos participantes.

Quanto à transcrição, é importante dar a atenção à linguagem como a autora acima mencionou. Elliott G. Mishler (1991) explica, primeiramente com analogia do uso de fotografia, que, quando surgiu, era vista como a forma mais próxima da realidade “concreta” e de ser um processo em que “a natureza pudesse pintar ela mesma”, no entanto a autora assinala a emergência de visões alternativas sobre representação com concepções de processo de produção das fotos e de contexto. No caso das transcrições, essa autora esclarece que a transcrição é também produzida e é feita a partir de um certo entendimento da realidade. Segundo a autora, a transcrição não é uma produção livre, mas também não está colada às falas, sem qualquer engajamento ou interpretação. “A precisão das transcrições é usada como critério de avaliação da validade dos estudos, são feitos nisso um chamado por objetividade como se isso revelasse maiores microscópios níveis de detalhe”⁴⁷ (p. 301, tradução livre). A autora salienta que há diferenças entre o discurso falado e o discurso posteriormente transcrito e não necessariamente seria o nível de detalhe que poderia mostrar essa “realidade” de modo mais fidedigna por haver, como em uma fotografia, um enquadramento ou ângulo em que é registrado a foto ou o discurso. “Existe um número infinito de decisões que precisam ser feitas sobre a representação do discurso como texto, isto é, como uma transcrição, em que, mesmo que aparentemente pareça mundana, tem serias implicações em como nós poderemos entender o discurso”⁴⁸ (p. 301, tradução livre).

Quanto às especificidades das análises narrativas, Riessman (2008, p. 18) esclarece que, embora apresente uma tipologia diferenciando quatro distintos modos de análise, ela encoraja, diante deste momento pós-moderno, modos diferentes de efetuar análise, que o pesquisador seja criativo, e sugere aos seus estudantes romperem as fronteiras das tipologias feitas por ela para abrir espaço para a criação de uma análise própria de cada pesquisador para as particularidades de seu estudo. Segundo a autora “As quatro abordagens da pesquisa narrativa

⁴⁷ “The accuracy of transcripts is used as a criterion for assessing the value of studies, and claims are made for objectivity as it is revealed in increasingly microscopic levels of detail” (Mischler, 1991, p. 301).

⁴⁸ “There are an endless number of decisions that must be made about the representation of speech as text, that is, as a transcript, which, although apparently mundane, have serious implications for how we might understand the discourse” (Mischler, 1991, p. 301).

não são mutuamente exclusivas, em prática, elas podem ser adaptadas e combinadas” (Riessman, 2008, p.18, tradução livre) ⁴⁹.

Diante disso, os quatro procedimentos analíticos sugeridos por Riessman (2008) são as narrativas temáticas, estrutural, dialógica/perfomática e visual. A narrativa temática tem foco mais voltado para o conteúdo do que as outras modalidades, e é a mais empregada especialmente para estudos de campo com grande quantidade de material coletado por meio de entrevistas, observações e documentos. A análise estrutural é menos familiar, com enfoque na estrutura ou formato dos textos narrativos frequentemente usados nos estudos linguísticos em trechos menores de discurso. A dialógica/perfomática enfoca especialmente a interação entre as pessoas e como elas conjuntamente constroem narrativas, eles analisam o contexto, a influência do pesquisador, do enquadre e das circunstancias sociais da produção e interpretação das narrativas. Por último, seriam as análises visuais que correspondem com outros tipos de materiais, não apenas a linguagem, mas gestos, corpo, movimentos, sons e imagens - captadas por meio de estudo em fotografias, pinturas, colagens e diários em vídeos, em que estudiosos integram palavras a imagens.

Nos procedimentos de análise das narrativas temáticas, Riessman (2008) salienta que os pesquisadores, especialmente aqueles que trabalham com entrevistas, frequentemente estudam as estórias das pessoas, em um procedimento de reconstruir a experiência vivida. Esses estudos são feitos com poucas pessoas e não pretendem ser representativos estatisticamente, mas que possam contribuir no desenvolvimento do argumento analítico, e a pesquisa possa (re) construir significados sociais.

Um trabalho importante de análise é de Gee (1991), citado por Riessman (2008) que tem uma abordagem mais voltada para a análise estrutural. Gee (1991) considera o texto transcrito em termo de linhas e versos. Cada linha, numerada, é feita de uma ou mais unidades de ideia (*idea units*), sendo que cada uma delas é separada por um *slash* (“/”) dentro da própria linha. Em resumo, ele começa o trabalho organizando o material em linhas, versos, estrofes e partes. Cada linha é numerada e feita de uma ou mais ideias, que são chamadas de “unidade de ideia”,

⁴⁹ “The four approaches to narrative inquiry are not mutually exclusive; in practice, they can be adapted and combined. As with all typologies, boundaries are fuzzy. In these postmodern times of boundary crossing, I encourage students to innovate and transgress the borders created by my separate chapters” (Riessman, 2008, p. 18).

geralmente organizadas em quatro linhas. Essas linhas compõem uma estrofe, que tratam de um assunto. Após essa organização, esse texto é analisado em cinco níveis de análise⁵⁰, sendo o primeiro: a) o primeiro nível: a linha, verso e estrofe segmentam as narrativas em blocos hierárquicos relacionados aos pedaços de informações, ideias, eventos e outros. Detalho apenas esse 1º nível por considerá-lo útil para a análise temática das narrativas, a qual, como explicarei adiante, utilizei nesta tese.

3.2 ENTRADA NO “CAMPO DE PESQUISA”

3.2.1 Acesso ao campo

Durante o processo de pesquisa de campo, tive dificuldade em encontrar os migrantes brasileiros/as retornados/as, geralmente localizados por indicações. Especialmente por eles estarem em diversas cidades, estados e localidades. Diante da dificuldade em encontrar esse “campo”, busquei a perspectiva de campo-tema sugerida por Peter Spink (2003; 2008), pois essa possibilitou uma entrada no “campo” a partir do meu tema de pesquisa, como detalho em continuidade.

Para Spink (2003), o termo “pesquisa de campo” é normalmente empregado na psicologia social, como nas ciências sociais, para descrever um tipo de pesquisa feito nos em lugares sociais, fora de laboratórios ou de uma sala de entrevista. A concepção desse modo de estudos é pautada em uma compreensão clássica da antropologia e sociologia, em que o pesquisador se direciona ao “campo” para coletar informações a partir de uma variedade de procedimentos e, posteriormente, trabalha com o material coletado em um gabinete. O autor revisa essa ideia quando encontra dificuldades relacionadas à suas práticas de pesquisa. Na “pesquisa de campo”, ele observa não apenas “um campo” como um local espacialmente delimitado, mas sim múltiplos campos e espaços para desenvolver o estudo.

Buscando fundamentos teóricos para uma nova maneira de “entrar no campo”, Spink (2003) buscou fundamentos nos estudos de Kurt Lewin (1952) e Ian Hacking (1999) para entender o “campo de pesquisa” para além de um lugar específico e fisicamente determinado, propondo uma noção de “campo-tema”. Nessa noção, o “campo” não seria determinado por uma localização específica, mas sim pela “processualidade” dos temas situados socialmente. Diversos espaços

⁵⁰ Ver tabela proposta por Gee (1991) no Anexo D.

sociais corresponderiam à noção do “campo de pesquisa”, em que o pesquisador poderia circular e coletar informações relacionadas ao seu foco de pesquisa.

Spink (2003) esclarece que a noção “campo-tema” é pautada nos lugares específicos onde ocorrem os processos no mundo, chamando-os de temas situados. Para o pesquisador, o campo-tema agora não seria um universo distante, separado, não relacionado, ou um lugar determinado para efetuar observações, mas sim o pesquisador, no seu cotidiano, estaria envolvido pelo campo; seriam os lugares onde ele circula que poderiam emergir os assuntos relacionados ao seu estudo. Segundo o autor, o campo seria o argumento ou as práticas discursivas em que as pessoas estão relacionadas, esses argumentos teriam diversas faces e materialidades, ocorrendo, inclusive, em diferentes lugares; não seria o caso de pensar que as pesquisas fossem efetuadas em um tipo de vácuo, onde não haveria um “espaço”, mas sim, haveria uma abertura de espaços para outros lugares onde seria possível “encontrar” informações de pesquisa. Esses novos espaços podem ser mapeados e contextualizados, pois as materialidades desses lugares estão presentes e são concretas, como *shoppings*, cinema, bares, restaurantes, ponto de ônibus. Diante das formulações do autor, outros espaços sociais são possíveis para coleta ou geração de materiais, como conversas, eventos, lugares, espaços e tempos. Com essa perspectiva do campo-tema, é aceitável a um pesquisador compreender uma fila do ônibus como um local importante para uma conversa sobre seu tema de pesquisa, um balcão de padaria, eventos acadêmicos, os cafés das universidades, etc.

A *internet*, documentos e artefatos também podem ser considerados como um “campo de pesquisa”, conforme Spink (2003), pois são lugares e envolvem a materialidade, e todos esses podem promover o diálogo e a conversação. Assim, segundo o autor: “O campo é o método e não o lugar; o foco está na compreensão da construção de sentidos no espaço de vida do indivíduo, grupo, instituição ou comunidade” (p. 36). Observando às construções de sentido na vida cotidiana dos sujeitos, dos grupos, instituição, comunidade; portanto, a “pesquisa de campo” seria redefinida como um “campo-tema”, em que ela seria constituída por múltiplos espaços evidenciando as redes que conectam vozes, lugares, momentos anteriormente desconhecidos, ampliando as reflexões, cruzando ideias, com distintos argumentos que constituiriam outros argumentos, artefatos e materialidade.

A pesquisa de campo com os migrantes foi elaborada a partir dessa perspectiva de “campo-tema” de Spink (2003; 2008), considerando falas, histórias e documentos presentes em diversos

espaços sociais. Não é possível considerar somente “um campo”, pois conversas ocorreram em diversos espaços como na universidade, nos cafés, visitas a amigos, em uma loja, em bares nos finais de semanas⁵¹. Pessoas conhecidas e desconhecidas comentavam de algum parente retornado ou de alguém que residia no exterior, contavam-me suas estórias, seus trabalhos, escolhas de partida e regresso. Essa perspectiva de “campo-tema” promove efetivas trocas discursivas no âmbito social e nas práticas cotidianas, considerando o pesquisador “dentro” do campo de pesquisa em sua vida diária. Batista, Bernardes & Menegon (2014) também discorrem sobre a importância das conversas cotidianas durante o processo de pesquisa. Diante destas considerações, o trabalho de campo desta tese ocorreu nos espaços da *internet*, *shoppings*, restaurante, jornais, na universidade, além dos lugares em que foram desenvolvidas as entrevistas. Agora, comento sobre os procedimentos éticos desenvolvidos na pesquisa.

3.2.2 Procedimentos éticos

A preocupação ética esteve presente em todo o percurso da pesquisa. Foram vários momentos de reflexão e pensamento quanto a esse aspecto fundamental em pesquisas em ciências humanas e em psicologia. O projeto de pesquisa foi submetido no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina⁵², atendendo aos procedimentos éticos estabelecidos pelo Conselho Nacional de Saúde, em especial a Resolução 196/1996⁵³.

Antes de começar as entrevistas com os participantes principais ou com os participantes de apoio, eu esclarecia os procedimentos da pesquisa e também lia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁵⁴. Após esse processo, confirmava verbalmente o consentimento deles na participação do estudo, e, com o aceite verbal, solicitava a eles a assinatura do documento citado. Cabe destacar que os participantes da pesquisa precisam estar esclarecidos, serem voluntários e aceitarem participar.

Diante disso, cuidei de assegurar o sigilo das pessoas e das instituições. Desse modo, retirei parte das informações geradas que

⁵¹ Detalho esse aspecto no item “Procedimentos de geração de informações”.

⁵² O parecer de aprovação consta no Anexo E.

⁵³ Embora, atualmente, haja uma nova resolução em vigor a Resolução CNS No 466, de 12 de dezembro de 2012.

⁵⁴ Esse TCLE está detalhado no Apêndice A.

pudessem comprometer os participantes ou uma exposição desnecessária. Todos os nomes foram alterados para fictícios; eles foram geralmente sugeridos pelos participantes ou consentidos por eles.

Durante as entrevistas, esclareci ao entrevistado que em qualquer momento poderia não responder à questão proposta ou falar parcialmente, assegurando a sua privacidade em relação aos conteúdos abordados. Eles também foram informados de que em qualquer momento poderiam ter suas informações retiradas do estudo. Saliento também que, ao término da pesquisa, informarei os resultados do trabalho aos participantes e eles serão convidados para a defesa pública da tese.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Neste estudo, trabalhei com grupos de entrevistados, os *participantes principais* e os *participantes de apoio*. Os primeiros foram aqueles com os quais efetuei as análises das narrativas e com os segundos geraram informações complementares ao estudo. A escolha foi feita unicamente em relação à qualidade final do material final e o atendimento aos critérios adotados, pois todos os relatos foram considerados importantes por possibilitarem compreender o fenômeno em profundidade.

No estudo, eu procurei atender cinco critérios para definir os participantes principais. No primeiro, eles precisavam ter residido mais de um ano no exterior. Esse tempo é usado como critério de imigrante internacional pelas Organizações das Nações Unidas (ONU), em que considera alguém imigrante quando residiu fora de seu país de origem por um período maior ou igual a um ano (Koser, 2007). O segundo critério foi eles terem exercido atividades laborais na migração. O terceiro relacionava-se a eles residirem em países da Europa ocidental, como Reino Unido, Espanha ou Portugal, sendo esses os países que mais recebem migrantes brasileiros (Ministério das Relações Exteriores, 2011). Em informações estatísticas de 2010, segundo o MRE (2011), havia novecentos mil brasileiros na Europa; no Reino Unido, 180 mil; na Espanha, 158 mil; e em Portugal, 136 mil. O quarto critério foi referente aos participantes terem regressado do exterior a partir do ano 2007.

O quinto critério de seleção dos participantes foi a inclusão dos diferentes *status* migratórios, ou seja, eles não foram selecionados por seus documentos migratórios. Antunes (2003) sustenta que as condições de trabalho precário podem estar presentes em diversos modos de

inserção no mercado de trabalho, como no âmbito do formal e informal. Diante disso, seria importante observar os diferentes modos de inserção nos países de destino e suas narrativas. Esses critérios foram às referências na seleção dos participantes, mas houve casos que por não atenderem os critérios (por serem entrevistas feitas em outros lugares, períodos de tempo) ou dificuldades quanto ao material, agreguei de outro modo ao estudo. Diante disso, efetuei a seguinte organização: dez entrevistados foram considerados *participantes principais* do estudo (atendiam todos os critérios e o material arquivado estava com qualidade), e outros, foram considerados *participantes de apoio*, pela importância dessas entrevistas e das informações apresentadas.

Quanto ao número de participantes, de acordo com o estudo das narrativas e do construcionismo social não há a necessidade de haver grande número de pessoas, pois se preocupa com as histórias narradas e em conhecer o “ponto de vista” do narrador (Riessman, 2008). Segundo a autora, no estudo com narrativas, poucas pessoas ou um único sujeito já podem ser considerados suficientes. Chase (2005) esclarece que a maioria dos pesquisadores narrativos dirigirem seus estudos focalizando uma pequena quantidade de pessoas, baseando-se muitas vezes no relato de apenas uma pessoa.

Riessman (2008) e Gee (1991) esclarecem a importância de localizar os sujeitos e o contexto nos quais as entrevistas foram efetuadas, pois o estudo com uma perspectiva narrativa considera esses elementos integrantes da pesquisa⁵⁵. A seguir, descrevo um breve perfil dos participantes principais de pesquisa, dos lugares em que as entrevistas foram realizadas, e relembro que todos os nomes aqui assinalados são fictícios para resguardar as identidades.

3.3.1 Participantes principais

1) Ana: A entrevista ocorreu no estado de Santa Catarina, em uma escola de Idiomas de língua estrangeira, em que ela trabalhava. O contato com ela foi a partir de indicação do coordenador pedagógico da escola. A entrevista foi presencial, com duração de uma hora e meia. Ana tem 32 anos, casada, sem filhos, escolaridade superior completo em Psicologia e mestrado. Residiu na capital da Inglaterra. No começo tinha visto de estudante, depois de cônjuge e no final tinha visto de

⁵⁵ Saliento que no Apêndice B encontra-se uma tabela de identificação dos sujeitos e no Apêndice C encontra-se outra tabela comparativa entre as datas de partida, regresso e datas das entrevistas.

permanência por casamento. Residiu na Inglaterra por cinco anos e retornou ao Brasil em novembro de 2011. A entrevista de pesquisa, juntamente com a TTS⁵⁶, ocorreu em Santa Catarina em agosto de 2012 e foi presencial.

2) Jordi: indicado por uma professora da universidade, foi contatado por *e-mail* e aceitou participar da pesquisa. Conversei com Jordi por intermédio do *Skype*, com duração de uma hora e meia. Ele tem 29 anos, é solteiro, sem filhos, com escolaridade superior completo, mestrado e cursa doutorado na área de psicologia. Residiu em Barcelona, Espanha, com visto de estudante internacional vinculado a um curso de pós-graduação. Residiu naquele país por quatro anos. Jordi retornou em agosto de 2012. A entrevista principal ocorreu *on-line*, em setembro de 2012, com a TTS, mas também efetuei outra entrevistei no dia 15 de março de 2014 para mais especificações.

3) Camile: foi indicada por meio de familiares. Contatei a entrevistada por telefone e ela aceitou participar da pesquisa. Assim, agendei um horário no período noturno em uma escola e a entrevista durou uma hora e meia. Ela tem 49 anos, divorciada, uma filha, escolaridade superior completo em ciências biológicas e farmácia. A entrevistada residiu em três países no exterior, Argentina, Espanha e Inglaterra. Ela permaneceu três anos na Inglaterra, com o visto de turista e depois sem documento. Retornou para o Brasil em novembro de 2010. A entrevista ocorreu em Santa Catarina, presencial, juntamente com a TTS, em setembro de 2012.

4) Danuza: foi indicada por uma amiga em comum e aceitou participar da pesquisa. Efetuei a entrevista por meio do *Skype*, sendo que a conversa durou uma hora e meia. Ela tem 29 anos, solteira, sem filhos, escolaridade superior completo em ciências da computação e efetua uma pós-graduação. Residiu em Londres, na Inglaterra, por um ano. Estava com o visto de estudante internacional vinculado a uma escola de inglês para estrangeiros. Danuza retornou em julho de 2008, e a entrevista ocorreu de modo *on-line*, juntamente com a TTS, em setembro de 2012.

5) Pedro: era um amigo da Inglaterra. Conversei com ele sobre a pesquisa e ele aceitou participar dela. A entrevista foi realizada no Rio de Janeiro e teve duração de uma hora e meia. Ele tem 27 anos, é solteiro, sem filhos, com escolaridade superior completo em sistemas da informação, e cursa especialização em desenvolvimento de projetos. Ele

⁵⁶ TTS refere-se a Técnica das Trajetórias Sociais (Gaulejac, 1987), usada juntamente com as entrevistas, que será apresentada nos procedimentos de coleta de informações.

residiu quatro anos na Inglaterra, na cidade de Cambridge. Ele tinha visto de trabalho durante todo o período vinculado a uma empresa de computação. Pedro retornou ao Brasil em agosto de 2011, e a entrevista ocorreu de modo presencial, no Rio de Janeiro, juntamente com a TTS, em agosto de 2012.

6) Guilherme: conheci-o em Londres, pois estudávamos na mesma escola de inglês. Foram duas entrevistas, com meia hora a primeira e uma a hora a segunda. Ele tem 26 anos, é solteiro, sem filhos, e natural de uma cidade de quinze mil habitantes no interior do Estado de São Paulo. cursou a graduação em tecnólogo de gastronomia. Residiu em Londres, na Inglaterra, durante dois anos, com o visto de estudante internacional vinculado a uma escola de língua inglesa para estrangeiros. Ele retornou ao Brasil em agosto de 2010. A primeira entrevista foi em Londres de modo presencial em maio de 2010, e outra no Brasil juntamente com a TTS, de modo *on-line* em maio de 2012.

7) Gabriel: foi indicado por uma amiga, estava morando em São Paulo e, quando fui àquela cidade, agendei uma entrevista em um *shopping*. A entrevista foi de uma hora e meia. Ele tem 32 anos, solteiro, sem filhos, escolaridade superior completo no curso de tecnologia e processos gerenciais. Residiu na Espanha, Valência, durante quatro anos, com o visto de turista e, após, ficou sem documentação. Gabriel retornou em fevereiro de 2009, e a entrevista ocorreu presencial, juntamente com a TTS, em São Paulo, em setembro de 2012.

8) Heloisa: foi indicada por uma amiga. Agendei um encontro em um café perto da universidade e conversamos por uma hora e meia. Ela tem 28 anos, solteira, sem filhos, escolaridade superior completo em tecnologia e redes e, atualmente, efetua sua segunda graduação, em sistemas da computação. Residiu em Londres, na Inglaterra, por um ano. Tinha o visto de estudante internacional vinculado a uma escola de língua inglesa para estrangeiros. Heloisa retornou em março de 2010, e a entrevista ocorreu presencial, juntamente com a TTS, em Santa Catarina, em agosto de 2012.

9) Amanda: foi indicada por uma professora. Agendamos um horário para conversar por meio do *Skype*, sendo que conversamos por um período de uma hora e meia. Ela tem 33 anos, é casada, com um filho de um ano e meio, e escolaridade superior completo em psicologia e pós-graduação. Residiu quatro anos e meio na Inglaterra, na cidade de Londres e em outra cidade do interior. Tinha dupla nacionalidade, brasileira e portuguesa, além de passaporte e documentação portuguesa. Amanda retornou em junho de 2011, e a entrevista ocorreu *on-line*, juntamente com a TTS, em agosto de 2012.

10) Eduardo Neves: foi indicado por outra entrevistada. Agendei um encontro em um café e conversamos por volta de meia hora. Ele tem 32 anos, é divorciado, sem filhos, graduado em ciências da computação, com pós-graduação. Teve duas migrações para o exterior: residiu no Japão em 2000 e, após, em 2009 na Inglaterra. No período da Inglaterra, ele residiu por um ano em Londres, com visto de trabalho vinculado a uma empresa de sistema da informação. Eduardo Neves retornou em junho de 2010, e a entrevista ocorreu de modo presencial, juntamente com a TTS, em Santa Catarina, em agosto de 2012.

3.3.2 Participantes de apoio

1) *Fabrizio*⁵⁷: 28 anos, casado, sem filhos, escolaridade superior completo em Administração de empresas e Publicidade. Dupla cidadania, brasileira e italiana. Residente em Londres, Inglaterra, por dois anos e dois meses. Trabalhava como garçom. A entrevista foi realizada na Inglaterra, em maio de 2010.

2) *Cristina*: 25 anos, casada, sem filhos, escolaridade superior completo em Fisioterapia, com dupla nacionalidade, brasileira e italiana. Residente em Londres, Inglaterra, por um ano e sete meses. Trabalhava como garçonete. A entrevista foi realizada na Inglaterra, em maio de 2010.

3) *Mônica*: 26 anos, união estável, sem filhos, escolaridade superior em tecnólogo de Gastronomia. Visto de estudante internacional. Após, teve duplo documento, brasileiro e italiano, obtido por casamento. Trabalhava como garçonete. A entrevista foi realizada na Inglaterra, em maio de 2010.

4) *Maria*: 28 anos, união estável, uma filha de oito anos, escolaridade ensino superior incompleto em administração de empresas e marketing. Sem documentação. Residente em Londres, Inglaterra, há mais de três anos. Trabalhava com limpeza e como garçonete. A entrevista foi realizada na Inglaterra, em agosto de 2010.

5) *Tatiana*: 26 anos, solteira, sem filhos, superior completo em jornalismo. Residiu em Londres por dez meses, entre 2006 e 2007, com o visto de estudante internacional. Trabalhou como garçonete em *Pubs*. A entrevista foi realizada em Santa Catarina, em maio de 2012.

6) *Vanessa*: 28 anos (aprox.), solteira, sem filhos, superior completo. Residiu em Londres em 2007 a 2008, com visto de estudante internacional. Trabalhava em serviços de garçonete e limpeza. No Brasil

⁵⁷ Todos os nomes aqui são fictícios.

trabalhava na secretaria de uma escola de línguas. A entrevista foi realizada em Santa Catarina, em agosto de 2012.

7) *Helena*: 40 anos (aprox.), solteira, sem filhos, superior completo em pedagogia. Concursada pública no Estado. Residiu em Londres por dois anos, entre 2007 e 2009. Com visto de estudante internacional, trabalhou em serviços domésticos e garçomete. A entrevista foi realizada em São Paulo, em setembro de 2012.

8) *Rafael*: 27 anos, solteiro, sem filhos, superior completo em Direito, professor de inglês. Residiu nove meses na Irlanda, entre março de 2011 a janeiro de 2012, com visto de estudante internacional. Trabalhou em loja, em publicidade de loja. A entrevista foi realizada em Santa Catarina, em junho de 2012.

3.4 BREVE EXPLANAÇÃO DO ESTUDO EXPLORATÓRIO

Bosi (2003) esclarece que a efetuação do estudo chamado pela metodologia de “exploratório” é essencial antes da pesquisa de campo, por ensinar a fazer e reelaborar o futuro roteiro de entrevista, como também possibilitar um encontro prévio com os entrevistados, observando questões na linguagem usual dos depoentes e identificando outros temas ou perguntas relevantes.

Efetuamos este estudo com dois sujeitos de pesquisa: Guilherme⁵⁸, que residiu em Londres e atendia os critérios de pesquisa e teve suas análises incluídas nesta tese, e Rafael, que residiu na Irlanda, mas, por ter residido menos de um ano, não considerei como participante principal, embora com informações valiosas do processo de retorno.

Com Guilherme, efetuamos a coleta de informações por meio de duas entrevistas; a primeira ocorreu no próprio local de trabalho em Londres em 2010, e a segunda entrevista, por via *web* no *Skype*, sendo que, juntando as duas, há mais de duas horas de conversa gravadas. O entrevistado consentiu formalmente a utilização dos dados dele, com assinatura de termo do TCLE. . No segundo caso, efetuamos duas entrevistas presenciais em maio de 2011, com uma primeira entrevista seguindo o roteiro de entrevista, e a segunda entrevista com a análise das trajetórias sociais.

Os dois formatos de coleta possibilitaram investigar a realidade dos entrevistados e compreender o movimento entre o país de origem,

⁵⁸ Todos os nomes de participantes citados nessa pesquisa são fictícios.

país de destino e retorno, e suas relações de trabalho nesse processo. Cabem salientar as riquezas diferenciadas entre as duas entrevistas: com Guilherme foi interessante por nós termos realizado uma das entrevistas diretamente no local de trabalho no país de destino, onde pudemos efetuar juntamente uma observação do espaço e das pessoas. O procedimento eletrônico permitiu criar uma situação como se estivéssemos face a face, no mesmo lugar, mostrando-se um bom instrumento técnico para pesquisa.

Na entrevista com Rafael, embora não tivéssemos acesso ao local de migração e o conhecimento prévio do país, a Irlanda, foi possível conhecer a realidade do país de destino e as particularidades de suas atividades laborais por meio do discurso do entrevistado. Temos também mais de duas horas de entrevista gravada com Rafael, com detalhes referentes aos dados coletados por meio da entrevista com roteiro e da TTS que será explicada em sequência. Nesse estudo, a entrevista foi importante e a TTS foi complementar para compreender mais detalhes da vida das pessoas investigadas. Diogo (2012) e D'Ávila (2014) conciliando entrevistas e técnicas de estudo de trajetórias, também desenvolveram estudos abordando os sujeitos individualmente. Assim, com esse estudo foi importante para compreender as narrativas dos sujeitos, evidenciando nos percurso migrações internas, relações interpessoais e familiares, as migrações internacionais e migrações internas posteriores. Nesse estudo foi importante conciliar outra técnica com o emprego da entrevista, sendo também, em um contexto de pesquisa, viável no meio eletrônico.

3.5 PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DE INFORMAÇÕES

Como já relatei, o *corpus* central do trabalho foi feito com as informações geradas com os *participantes principais*, assim as narrativas foram elaboradas a partir desse material e complementadas com outros. Esse item está dividido em informações geradas com os participantes principais e em informações complementares geradas com os participantes de apoio e outros materiais.

3.5.1 Geração das informações com os participantes principais

As narrativas podem ser coletadas de diversos modos, como já mencionei, com elementos textuais, orais, visuais, produções gráficas, estórias, informações publicadas na internet e outros, como indicado por Riessman (2008). Para produzir as narrativas junto aos participantes

principais, no âmbito desta pesquisa qualitativa, usei dois procedimentos: *entrevistas com roteiro* e a *técnica das trajetórias sociais*, de Gaulejac (1987).

3.5.1.1 Entrevistas com roteiro

Para efetuar as entrevistas com os dez participantes principais do estudo, desenvolvi um roteiro com perguntas para que eu pudesse, de uma forma mais organizada, conhecer o perfil dos sujeitos e produzir falas dos entrevistados sobre suas vivências migratórias.

O roteiro continha perguntas relativas ao perfil dos participantes, como idade, estado civil, se tem filhos ou não, naturalidade, escolaridade, renda pessoal e familiar, cargo atual no trabalho, tempo no exterior, local e período. Perguntei sobre a trajetória escolar, sobre os cursos e formações adicionais. Depois, questões sobre as atividades laborais e de vida no período anterior à migração internacional, sobre o processo migratório, sobre a vida laboral no exterior, quais os trabalhos ou empregos em que atuou, entre outros. Após, enfoquei as questões sobre o processo de retorno, qual o motivo de regressar, os trabalhos efetuados nesse período pós-migração e a vida social e familiar⁵⁹.

Após a formulação do roteiro, comecei a contatar pessoas para o estudo conforme os critérios adotados. Falei da pesquisa para conhecidos e, inclusive, escrevi um texto com os critérios da pesquisa e o encaminhei a diversos colegas, conhecidos, amigos profissionais e pessoais⁶⁰. Também usei a rede social do *Facebook* para publicar o convite e encaminhei-o por *e-mail* para diversas pessoas, além de ter divulgado para acadêmicos de universidades e escolas.

Empreguei neste estudo o procedimento chamado de “bola de neve” (*snowball*), mas iniciei com pessoas conhecidas que foram indicando possíveis participantes e, após, os participantes indicavam outros para o estudo. Essa modalidade de recrutar os entrevistados

⁵⁹ Ver apêndice D, com o roteiro da entrevista.

⁶⁰ O texto era o seguinte: “Brasileiros/as Retornados da Europa. Se você souber de pessoas ou conhecidos que moraram e trabalharam na Europa (Grã-Bretanha, Espanha e Portugal) por no mínimo um ano e retornou ao Brasil após-2007, por gentileza, me retornar indicando o nome, telefone ou *e-mail* da pessoa, pois estarei contatando-os para uma investigação. É uma pesquisa sigilosa e atende aos procedimentos éticos estabelecidos pelo Conselho Nacional de Saúde. Agradeço desde já, Laila Graf – Pesquisadora de Psicologia (PPGP-UFSC). E-mail: lailagraf@gmail.com”.

também foi usada por Assis (2011) e Martins Junior e Dias (2013) no estudo da migração de brasileiros. Saliento que o trabalho com essa técnica não tem o objetivo de estabelecer uma amostra representativa da população, por se tratar de pesquisa qualitativa, e é empregada geralmente quando há dificuldades em localizar os pesquisados.

Após obter informações sobre os possíveis participantes, entrei em contato por telefone ou *e-mail*. Primeiramente, assegurei que a pessoa atendia aos critérios e, após, agendava a entrevista. Aqui destaco que vários contatados não participaram da pesquisa, tanto pelos critérios adotados ou por não quererem conceder a entrevista por algum motivo, postergando o agendamento das datas.

Se a pessoa atendesse aos critérios de pesquisa, eu explicava os objetivos do estudo, os procedimentos e os princípios éticos e conferia se ela concordava em participar. Após isso, marcávamos um encontro presencial ou *on-line*, dependendo da disponibilidade dos participantes e das possibilidades geográficas para o encontro.

Cabe ressaltar que, antes de cada trabalho com os entrevistados, tanto presencial quanto *on-line*, apresentei a eles os aspectos éticos da pesquisa e solicitei a assinatura do TCLE. Nas entrevistas *on-line*, optei por encaminhar o termo por *e-mail*, solicitando a assinatura e retorno do documento de modo eletrônico. Recebi o retorno do termo em todas as entrevistas feitas *on-line*.

Aqui eu explico os procedimentos das entrevistas feitas presencialmente e, depois, as *on-line*. A efetuação das entrevistas de modo presencial foi em espaços combinados entre pesquisador e pesquisados, mas geralmente públicos e fácil acesso para ambos. Elas foram feitas na praça de alimentação de um *shopping center*, em um café e na casa de amigos. Zago (2003), em relação ao processo de entrevista, destaca a importância de fomentar um diálogo entre duas pessoas, aproximando o pesquisador e o informante para possibilitar uma fala livre sobre a vida cotidiana. A ideia era abrir um espaço para a fala do comum, das experiências, como ocorre em uma conversa entre amigos, em espaços cotidianos.

As entrevistas *on-line* foram recursos adotados para facilitar o acesso aos pesquisados. Com esses participantes, usei o recurso da internet de *videoconferência* por meio da tecnologia do *Skype*, efetuando conversas em tempo real, com o mesmo roteiro de entrevista e procedimentos éticos das presenciais. As conversas foram realizadas com os recursos de áudio e vídeo por meio de *webcam*, com o contato direto e em tempo real. Somente com um entrevistado usei apenas o áudio, por não ter câmera instalada no computador.

Sobre o trabalho de pesquisa com recursos eletrônicos, Silva (2009), que também investigou em sua tese a migração internacional relacionada ao mundo de trabalho, esclareceu que as entrevistas feitas na internet são fontes que envolvem outras formas de relação entre o entrevistador e entrevistado, pois as perguntas e respostas são feitas a distância por meio de programas como o *Messenger* e o *Skype*, os quais possibilitam utilização simultânea de texto ou voz ou imagem; no entanto, o autor enfatiza que esses recursos promovem fontes de informação tão relevantes e confiáveis como quaisquer outras. Mendes (2009) também corrobora esse entendimento, ressaltando que a *internet*, com seu amplo poder comunicativo, tecnologia de fácil acesso e baixo custo, pode ser usada em métodos de pesquisa qualitativa para a coleta de informações e análise de dados. O autor afirma que a pesquisa *on-line* é um recurso possível e disponível aos pesquisadores, especialmente em pesquisas qualitativas, embora seja necessário assegurar que os participantes possam ler e escrever, acessar os recursos tecnológicos e operá-los adequadamente.

Sobre o emprego da *internet* em pesquisas, Markham (*in press*) ressalta que esse ambiente, por ser um fenômeno social contemporâneo, pode ser usado como uma ferramenta ou um campo de estudos para pesquisas qualitativas. Para a autora, será o desenho do projeto de pesquisa que direcionará os modos de uso da internet. A autora sustenta que a qualidade da internet é relacionada ao desprendimento geográfico, isto é, ela pode ignorar a distância na comunicação cotidiana, transmitindo informações entre pessoas e arquivos em tempo real e baixo custo. Essa capacidade da internet de transcender o tempo e espaço possibilita acessar participantes de pesquisa em diversos lugares do mundo em tempo real, de modo que pode aumentar a disponibilidade dos participantes e articular comparações entre pessoas ou casos que eram anteriormente inviáveis. Assim, segundo a autora, com o emprego da internet nas pesquisas, elas podem ser desenhadas sem tantas restrições espaciais ou geográficas entre pesquisadores e participantes. Como já mencionei, dos dez participantes principais, com quatro efetuei de modo eletrônico.

Diante dessas compreensões sobre estudo com internet, esclareço que as entrevistas *on-line* foram feitas com os entrevistados acessando o computador em suas residências e em seus locais de trabalho quando possível. Mas, em geral, eles preferiram conceder as entrevistas quando estavam em suas residências e no período noturno. Todos os

entrevistados pela *internet* tinham acesso à internet de *banda larga*⁶¹ e os horários e períodos foram escolhidos em comum acordo comigo. Percebi que eles contavam com tempo suficiente e se sentiram confortáveis para conceder a entrevista.

Para Bosi (2003), a elaboração de uma entrevista mais próxima ao ideal seria aquela em que possibilitasse a formação de laços de amizade entre o entrevistador e o entrevistado, lembrando que aquele espaço aberto para a fala e aquela relação entre duas pessoas não deveria ser considerado como efêmero. Considerei esse aspecto no decorrer do trabalho de campo, promovendo a criação de laços de relacionamento com os entrevistados durante as conversas e me colocando à disposição para consulta e perguntas. Eles frequentemente eram conhecidos de outros amigos ou conhecidos meus, assim havia espaço para alguns comentários mais relacionados a essas redes de relacionamento. Porém, no decorrer da entrevista, procurava me manter em uma postura discreta e permitir a fala do entrevistado fluir, para assim conhecer mais sobre a pessoa, suas histórias ou “ponto de vista” do outro, como esclarece Chase (2005). Outra autora também me auxiliou a pensar sobre o posicionamento do entrevistador: Margery Franklin (1997) sugere que, quando o entrevistado é conhecido do pesquisador, que esse promova uma postura de estabelecer uma “conversa” com o entrevistado, mais do que se ater restritamente as perguntas do roteiro. Diante disso, busquei estabelecer conversas com os entrevistados, conhecer suas opiniões, explicações, informações, reclamações, confirmações e argumentos na construção das narrativas sobre suas vidas. Contudo, como pesquisadora, também participei dessas produções, pois em cada momento eu estava interagindo com o participante, com minhas questões, dúvida de pesquisa, mas também como pessoa, brasileira, “retornada”, mas preocupada em focar as histórias dos meus entrevistados naqueles momentos.

3.5.1.2 Aplicação da Técnica das Trajetórias Sociais (TTS)

No mesmo encontro e após a entrevista, efetuei com os participantes principais uma aplicação adaptada da técnica das trajetórias sociais (TTS) de Gaulejac (1987). Naquele momento, perguntei se eles preferiam ter um segundo encontro para trabalhar a técnica, sendo que parte deles preferia efetuar-la naquele momento, e outros eu não conseguiria encontrá-los novamente.

⁶¹ Acesso à internet sem limitação de tempo de conexão.

O trabalho consistiu em solicitar a eles a produção gráfica de suas trajetórias sociais. Mostrei o exemplo do desenho da TTS de Gaujejac (1987)⁶², expliquei em português o desenho e solicitei que os participantes indicassem, por meio da produção gráfica, os elementos principais de trabalho de seus antepassados, da sua vida educacional e profissional no passado, no presente e no futuro. Ofereci uma folha de papel tamanho A4 e canetas coloridas, deixando os participantes à vontade para efetuarem o desenho e, em seguida, perguntei-lhes sobre suas produções gráficas. Eles falaram aspectos complementares aos da entrevista, narrando estórias sobre a família de origem e fatos marcantes em suas vidas sociais e profissionais.

Nessa pesquisa, o uso da técnica foi complementar ao da entrevista e pode-se dizer que foi uma adaptação da TTS de Gaulejac (1987), pois o autor a utiliza com uma proposta mais terapêutica e de aprofundamento clínico a partir dos conhecimentos da psicanálise, os quais não são compartilhados nos fundamentos desta tese. No entanto, cabe assinalar que esse procedimento já foi empregado com adaptações no campo científico, como em Diogo (2012), D'Avila (2014) e Soares e Sestren (2007). Ele permitiu uma investigação genealógica das profissões dos pais e dos avós e das trajetórias educacionais e profissionais dos participantes. Segundo Gaulejac (1987), essa técnica permite a produção discursiva sobre as experiências pessoais e produz um material de qualidade sobre a vida dos participantes. Para o autor, esse é um procedimento histórico e permite produzir um discurso sobre o passado, ao mesmo tempo em que exprime uma permanência no presente: no aqui e agora.

Segundo Gaulejac (1987), a qualidade do material produzido com a técnica da TTS é dependente do grau de implicação dos participantes na confecção do material e na entrevista. Assim, ele recomenda selecionar sujeitos dispostos a falar sobre suas experiências, com capacidade e disponibilidade, resultando em um aumento substancial da qualidade do material. A TTS procura integrar o processo dialético entre os aspectos da análise e a experiência, onde o sentido, a função de um fato humano se descobre por meio da confrontação entre a elaboração teórica e a experiência do vivido, entre a objetividade de análise e a subjetividade da consciência individual (Gaulejac, 1987).

Diante disso, a TTS é um instrumento de pesquisa possível para compreender as trajetórias laborais dos participantes. Soares e Sestren (2007), com fundamento em Gaulejac (1987), sustentam a possibilidade

⁶² Ver o modelo no Anexo F.

de usar a técnica em pesquisa. As autoras mostram o uso da técnica como uma ferramenta de pesquisa em seus estudos sobre processos de escolha profissional e de carreira e nos estudos sobre a relação do sujeito com seu trabalho. Elas usam essa técnica com adaptação, nomeada trajetória socioprofissional (TSP), como um instrumento efetivo para compreender as relações entre constituição do sujeito e o trabalho.

3.5.2 Geração das Informações complementares: participantes de apoio, documentos, depoimentos, diário de campo.

3.5.2.1 Entrevistas complementares

As entrevistas feitas com os participantes de apoio foram consideradas complementares, geralmente não seguiram um roteiro padronizado e versaram sobre os temas relacionados à experiência migratória, formação educacional, trabalho cotidiano durante o período no exterior e do regresso, quando foram feitas no Brasil. Elas foram feitas nos locais de trabalho e espaços públicos. Cabe ressaltar que essas informações foram incorporadas de modo complementar.

3.5.2.2 Depoimentos coletados

Durante a pesquisa de campo, também conheci diversas pessoas, muitas que residam no exterior e retornados, e conversei a respeito do processo migratório. Como essas conversas não tinham as características de “entrevista”, somente tomei notas posteriormente às conversas e não efetuei outros tipos de registro. Entre essas pessoas, conversei com uma pessoa que residiu por mais de quatro anos na Bélgica e era retornada ao Brasil há menos de quatro meses em outubro de 2013. Conversei frequentemente com dois amigos brasileiros retornados da Inglaterra, os quais residiram no exterior por mais de quatro anos, outra colega que residiu na Inglaterra e outro casal residindo na Inglaterra. Coutinho (2000) salienta que relatos ou entrevistas efetuadas de maneira rápida sobre temáticas relacionadas com os objetivos da pesquisa podem ser considerados como depoimentos, por serem, sobretudo, conversas, sem roteiro, gravações ou espaços apropriados de pesquisa, mas que produzem informações importantes sobre o processo da pesquisa.

3.5.2.3 Documentos e anotações no diário de campo

Coletei documentos em jornais eletrônicos, *sites* da internet, jornais impressos, reportagens, mapas, fotografias, revistas e periódicos. Valles (1997) assinala que os documentos usados pelos pesquisadores podem estar situados em arquivos oficiais e/ou privados, terem diversas características e serem produzidos para os mais diversos fins, e eles não necessariamente precisam ser construídos para objetivos de pesquisa.

Também efetuei diversas buscas de informações no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) relativo ao regresso de brasileiros/as ao Brasil. Estudei as informações dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 sobre a imigração internacional e o retorno de brasileiros a partir de diversas buscas no *site* e em tabelas do instituto. Arqueei ei os seguintes documentos:

a) Documentos do Portal do Retorno. Arqueei quatorze páginas em pasta privada e eletrônica, (<http://retorno.itamaraty.gov.br>).

b) Documentos do Portal brasileiros no Mundo. Arqueei mais de trinta páginas do *site* e cinco cartilhas sobre migração, com setenta e duas páginas de texto. Cartilha da Mulher Vítima de Violência, Cartilha de Retorno ao Brasil, Cartilha Tráfico de Seres Humanos, Cartilha do Trabalhador, Cartilha de Orientação Jurídica aos Brasileiros no Exterior. Esses documentos foram arquivados em pasta privada e eletrônica, (<http://www.brasileirosnomundo.mre.gov.br>).

c) Documentos relativos a 1ª. COMIGRAR” (MRE, 2014a; MRE, 2014b). Um documento oficial elaborado a partir das Plenárias Públicas e Consultas realizadas à sociedade civil no exterior⁶³. O documento contém trinta e seis páginas e foi arquivado em pasta privada e eletrônica;

d) Relatório de Pesquisa intitulado: “*Fatores positivos e obstáculos para a reintegração sustentável no Brasil*”, publicado em maio de 2013⁶⁴, coordenado por Duval Fernandes e editado pela Organização Internacional para as Migrações (OIM)- Missão Portugal. O documento possui 138 páginas e foi arquivado em pasta privada e eletrônica;

⁶³ Disponível em

<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/contribuicoes-comigrar>. Acesso em 13.11.2014

⁶⁴ Disponível em <http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/programas_de_retorno_voluntario.xml#oim>.

Acesso em: 25.05.2014.

e) arquivo do Decreto 7.214/2010 – Diretrizes da política governamental para os brasileiros no exterior, em que são estabelecidos princípios e diretrizes da política governamental para as comunidades brasileiras no exterior⁶⁵. O documento possui sete páginas e foi arquivado em pasta privada e eletrônica;

g) Documentos do IBGE⁶⁶, em especial: *Censo Demográfico 2010: Resultados gerais da amostra (2012a)*, *Atualização dos dados de Migração (IBGE, 2012b)*, *Reflexões sobre os Deslocamentos Populacionais no Brasil (IBGE, 2011)*;

h) Mensagens, documentos e reportagens eletrônicas. Muitas delas recebidas pela lista do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios – NIEM⁶⁷. Após me cadastrar no grupo, em outubro de 2013 até a presente data maio de 2014, recebi um total de 1.060 mensagens. Eu arqueei separadamente mais de cinquenta documentos eletrônicos, de reportagens publicadas em diversos jornais nacionais e internacionais.

i) Reportagens de mídia impressa. “*Habilidade cultural para negócios globais*”, reportagem de Andy Molinsky em *O Globo*, 21.07.2013. “*Voltando para casa: importação de brasileiros. Governo brasileiro elabora programa para repatriar mão de obra qualificada que foi trabalhar no exterior*”, reportagem de Eliane Oliveira, Caderno de Economia, em *O Globo*, 17.02.2013. “*É preciso agregar valor às experiências no exterior*”, publicado no *Diário Catarinense*, 11.12.2013⁶⁸.

3.6 ORGANIZAÇÃO E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

3.6.1 Organização do conjunto total das informações geradas

⁶⁵ Disponível em:

<<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/apresentacao/decreto-7.214-de-15-06-2010>>. Acesso em: 25.05.2014.

⁶⁶ Localizados no site: (<http://www.ibge.gov.br>). Acesso em: 13.11.2014.

⁶⁷ Esta lista faz parte de um núcleo de pesquisa NIEM da Universidade Federal do Rio de Janeiro e é direcionada ao tema “migrações e sociedade”, em que pesquisadores divulgam diariamente mensagens eletrônicas sobre o contexto migratório no Brasil e no mundo. Foi fundada em 20 de janeiro de 2002 e conta atualmente com 1415 associados, a partir das informações coletadas no site em 27.05.2014 e é coordenado pelo Prof. Dr. Helion Póvoa Neto (UFRJ).

⁶⁸ Molinsky (2013), Oliveira (2013) e *Diário Catarinense* (2013).

Aqui eu explico o conjunto dos materiais e documentos gerados com a pesquisa de campo. Freitas (2008), que pesquisou narrativas no contexto migratório, também apresentou o conjunto de materiais gerados com a pesquisa antes de esclarecer os procedimentos de análise. O *corpus* central desta tese foi constituído pelo trabalho feito com os dez principais do estudo (Entrevistas e TTS). Todos os materiais com esses participantes foram gravados em um gravador digital e transcritos em documento eletrônico. Cada caso estudado gerou em média uma hora e meia de gravação e a média de quinze páginas de transcrição. Ao total, foram geradas 121 páginas de transcrição em arquivo *Word*, com uma formatação de espaçamento entre linhas simples. Também foram produzidas imagens com a TTS de cada participante.

As entrevistas com os oito participantes de apoio foram registradas em aparelho digital ou escritas no diário de campo, esse material gravado gerou 198,27 minutos de áudio (três horas e trinta minutos). Os depoimentos coletados durante o trabalho foram igualmente registrados no diário. Em síntese, registrei no diário de campo as entrevistas complementares, os depoimentos e outras anotações. Nele, escrevi comentários durante todo o percurso da pesquisa, desde as intenções iniciais para elaborar a proposta do projeto de estudo até as reflexões analíticas finais. Para isso, usei dois cadernos de capa dura, completando ambos no processo final da tese. Os documentos coletados foram arquivados em pastas física e eletrônicas. Arquivei cerca de cinquenta arquivos de páginas eletrônicas e mais de trezentas páginas de texto.

3.6.2 Processo de análise do material

O processo de análise ocorreu em toda pesquisa, desde as reflexões iniciais do projeto até as finais. Yin (2005) sinaliza a importância de estabelecer uma estratégia geral e específica para organizar o material e desenvolver os processos analíticos. Diante disso, nesta tese primeiramente analisei o material principal, gerado com os participantes principais - o *corpus* central desta tese de doutoramento. Posteriormente analisei o material complementar, com o objetivo de incorporar ao material principal. Como já mencionei o material principal ou *corpus* central deste estudo foi formado pelas transcrições de todas as entrevistas e falas produzidas na aplicação da TTS com os participantes principais. Primeiramente relato o processo feito com o material principal e, depois, com o material complementar.

3.6.2.1 Análises do material principal

Essas análises foram fundamentadas no material discursivo gerados com as entrevistas e com a técnica TTS, produzidas com os participantes principais do estudo. Todas as falas foram transcritas, inclusive as geradas com a TTS, tendo analisado as narrativas dos participantes sobre as imagens e não as produções gráficas em si mesmas.

Após o processo de transcrição de todo o material, estabeleci a princípio dois processos analíticos inspirada nos estudos de Dubar (1998; 2005), como já havia mencionado, e menciono a questão da inspiração, pois efetuei modificações nos procedimentos adotados pelo autor. Identifiquei os elementos presentes nas trajetórias “objetivas” e, posteriormente, os elementos relacionados com as “subjetivas”. Cabe destacar que essa divisão foi um recurso de análise, visto serem duas dimensões indissociáveis. Primeiro, falarei do processo efetuado para compreender as trajetórias “objetivas”.

Sobre a dimensão “objetiva”, Dubar (1998) esclarece que ela envolve os elementos relacionados aos aspectos sociais, como um discurso considerado “por fora”, ou seja, no âmbito social, desconsiderando nesse procedimento as reflexões dos sujeitos. Diante disso, depois de variadas leituras, primeiramente assinalei aspectos relacionadas com o perfil de cada participante, caracterização com informações referentes às idades, cidades, países de destino, datas de saída, retornos, profissões, datas e forma de contato com a pesquisadora e local de entrevista⁶⁹.

Em continuidade, após identificar o perfil dos participantes, desenvolvi uma análise compreensiva relacionada a cada um dos casos. Riessman (2008) assinala que os estudos narrativos são voltados para a especificidade, para o particular e para o caso, e podem envolver toda a vida de uma pessoa. Estudei os relatos dos dez participantes lendo o material de cada um repetidas vezes. Após, formulei um resumo estendido sobre cada caso com elementos sobre as atividades laborais e os percursos migratórios. Após a análise de cada caso, articulei os resultados com a compreensão de Dubar (1998) e Franzoi (2006) sobre as modalidades de trajetórias objetivas, identificando os casos

⁶⁹ Essas informações, além de serem discutidas no capítulo 5, como já mencionado, podem ser vistas no Apêndice B, em que consta a tabela de identificação dos participantes principais.

relacionando-os às modalidades de trajetórias “mais contínuas” e “fragmentadas”. Esses resultados gerados foram discutidos e podem ser observados no primeiro capítulo analítico.

Agora apresento os procedimentos de análise das trajetórias subjetivas. Segundo Dubar (1998, 2005), essa vertente incorpora as reflexões dos entrevistados sobre suas vidas, ou seja, suas narrativas. Para efetuar esse processo compreendendo as produções discursivas dos entrevistados, empreguei o método das narrativas temáticas. Como já assinalai, Riessman (2008) esclarece a importância de aproveitar as narrativas temáticas quando os materiais são extensos, provenientes de longas entrevistas e com muitos participantes. Por isso, esse modo de análise se adequou nesse trabalho por abarcar um vasto material proveniente das extensas conversas com os sujeitos da pesquisa.

Para a análise das narrativas, trabalhei com ideias de Riessman (2008) e Gee (1991), como apresento a diante. Chaise (2005) e Riessman (2008) esclarecem que no trabalho com narrativas não há um procedimento único e rígido, mas o pesquisador é instigado a produzir seu próprio caminho analítico. Diante disso, a preocupação aqui foi voltada ao estudo dos temas mencionados nas entrevistas.

Riessman (2008) esclarece que a análise temática é o método mais comum entre os demais tipos, considerando-o particularmente apropriado quando o foco está no conteúdo das informações, sendo especialmente adequada para pesquisas com trabalho de campo. Diante disso, efetuei um trabalho que articulou conhecimento de Riessman (2008) e, parcialmente, o trabalho de Gee (1991), mas com substanciais modificações, como apresento a seguir.

Tendo todas as falas dos participantes transcritas, organizei-as evitando segmentá-las além do necessário para compreender as histórias. Assim, com material transcrito, organizei-o em um arquivo *Word* dividido em duas colunas. Cada participante principal teve seu material organizado em um documento contendo duas colunas, na primeira adicionei todo o material transcrito do caso e a segunda coluna permaneceu em branco até um momento subsequente.

Para facilitar o processo, coloquei o material de cinco participantes em um mesmo documento *Word* e cinco em outro; mantendo as duas colunas e deixando uma página em branco entre eles. Trabalhei por casos e inicialmente com a primeira coluna do material, em que continha toda a narrativa do entrevistado, li todo o material transcrito repetidamente e, após, fui segmentando as narrativas em blocos, ou seja, criando parágrafos no material em que percebia trechos ou histórias sobre um determinado assunto. Efetuei diversas

segmentações no material de cada participante. Esse processo deixou o texto dos participantes seccionados em diversos “parágrafos”, os quais eu nomeei de “blocos narrativos”. Saliento que essa divisão do material foi conduzida para manter a continuidade da narrativa, evitando perder os sentidos dos relatos.

Trabalhando por casos, construí esses “blocos narrativos” no material de todos os participantes. Com todo esse processo pronto, posteriormente, usei a segunda coluna, que em princípio estava em branco, para nomeá-los, ou seja, dar-lhes um título. Cada “bloco narrativo” foi nomeado por mim em relação aos assuntos presentes nos trechos narrativos. A seguir, no Quadro 1, segue um exemplo da segmentação dos “parágrafos” e do processo de nomeação (podendo ser chamados também de temas).

Quadro 1 – Exemplo do processo dos blocos narrativos

Primeira Coluna	Segunda Coluna
<p>“Parágrafos” ou “Blocos Narrativos” da entrevista de Guilherme</p> <p>Eu adoro o frio, sinto muita falta de Londres.</p> <p>Sinto muita falta de lá, eu estava vendo as fotos e fico com vontade de estar lá.</p> <p>Lá em (Londres) não é como São Paulo, no mínimo cinquenta reais você gasta, lá não você chegava antes na Balada e nem pagava para entrar, chegava na boa. São Paulo, se você tem bastante dinheiro é muito bom.</p> <p>Para na minha cidade, não daria para trabalhar na minha área, não tem o que fazer aqui na minha cidade. Eu fiquei com vontade de trabalhar em navio, mas daí eu fiquei com medo de não aguentar o baque, então procurei vir para São Paulo até sair minha documentação, pois eu vou tirar a cidadania. Daí deu certo, fiz o ajudante de cargo e estou gostando de trabalhar lá, mas ainda estou juntando os documentos para voltar para a Europa.</p> <p>E a experiência em Londres te ajudou?</p>	<p>Nomeação dos blocos narrativos (temas)</p> <p>Sentir falta de Londres (retorno)</p> <p>Retorno: trabalho e projeto</p> <p>Londres – trabalho</p>

Ah, lá é diferente por ser restaurante mesmo, tinha que soltar prato, mas ajudou no currículo, com experiência em Londres.	
--	--

Fonte: Documentos de pesquisa.

Braun e Clarke (2006) elucidam que um dos méritos da análise temática é sua flexibilidade, podendo se adaptar aos diversos tipos de pesquisa. Riessman (2008) corrobora esse entendimento, relatando não haver regras rígidas na análise narrativa, devendo-se estar relacionada ao estudo e as perspectivas. Após esse processo de segmentação dos blocos narrativos no material de todos os entrevistados, trabalhei fundamentalmente com os títulos gerados. Organizei-os em uma lista para cada entrevistado, formando para cada caso uma “sequência de temas”. Segue no Quadro 2 um exemplo.

Quadro 2 – Exemplo das “sequências de temas”

Sequência de temas:

GUILHERME:

Sentir falta de Londres

(retorno)

Retorno: trabalho e projeto

Londres – trabalho

Londres –atividades e trabalho

Brasil retorno- atividades e trabalho- A falta de poder aquisitivo.

Ida a Londres- planejamento e projeto

Conhecimento anterior do exterior – Europa

Família de origem

Arranjo afetivo e domiciliar em Londres

A primeira dificuldade no exterior

Salário e modos de entrada no mercado de trabalho Exterior

Supervisores no exterior

Vida social e familiar no exterior

Recursos financeiros no exterior

(...)

Fonte: Documentos de pesquisa.

Após a formulação de dez listas, analisei as “sequências de temas” de todos os entrevistados e, após, identifiquei aproximações entre os participantes. Nas listas, todos os participantes tinham referências a quatro processos: “*aspectos pessoais*”; “*saída do Brasil*”; “*estada no país de destino*”; “*retorno ao Brasil*”, diante disso, posteriormente, organizei as listas de todos os participantes em relação a

esses quatro processos encontrados, conforme pode ser visto no Quadro 3.

Quadro 3 – Exemplo da organização dos processos nos eixos narrativos

NOME E ASPECTOS PESSOAIS	ANTES - SAÍDA DO PAÍS	NO DESTINO	NO RETORNO
GUILHERME: Retorno: trabalho e projeto Família de origem História laboral da família Relação com dinheiro Ingresso – inserção laboral no País de destino	Ida a Londres- planejamento e projeto Conhecimento anterior do exterior – Europa Ajuda de custo a ida a Londres Trabalhos antes de sair do Brasil	Londres – trabalho Londres – atividades e trabalho Arranjo afetivo e domiciliar em Londres A primeira dificuldade no exterior Salário e modos de entrada no mercado de trabalho Exterior Supervisores no exterior Vida social e familiar no exterior Recursos financeiro no exterior	Sentir falta de Londres (Retorno) Brasil retorno- atividades e trabalho- A falta de poder aquisitivo. Retorno ao Brasil – primeiros momentos Motivo e sentimento de retorno ao Brasil

Fonte: Documentos de pesquisa.

Essa organização dos temas em eixos narrativos foi feita para os dez casos: os “aspectos pessoais” foram associados todos os temas à dimensão pessoal dos sujeitos, como características familiares, atividades laborais dos pais e avós, entre outros. Em “saída do Brasil” foram os temas do processo de saída como os motivos e planejamentos; na “estada no país de destino” foram os temas da vida cotidiana no exterior; e em “retorno ao Brasil” foram sobre a vida no regresso.

Após o processo descrito acima, agreguei os temas presentes nos eixos de todos os participantes. Formando uma lista comum em relação aos eixos (saída, destino e retorno). Posteriormente analisando os temas em comuns, identifiquei as principais categorias presentes e elas formaram as *categorias temáticas iniciais*. Após a formulação dessas *categorias temáticas iniciais*, elas foram agregadas aos materiais dos entrevistados, como consta no Quadro 4.

Quadro 4 – Exemplo das categorias temáticas iniciais relacionadas às entrevistas

Eixo “Saída”: (1) Motivos de ida ao Exterior:

Gabriel: Sempre quis morar fora e não arranjava emprego

Eduardo Neves: foram várias coisas, sempre gostei da Inglaterra, sonho e tive oportunidade de emprego.

Pedro: emprego fez ir para o exterior, e por ser fora do Brasil, experiência, oportunidade de emprego.

Bernardo: tinha uma coisa com o país, a Espanha e queria estudar uma pois, tinha vontade de conhecer a Espanha, gostava da língua,

Gabriel: estava cansado do trabalho, dois anos efetuando a mesma atividade e tendo que lidar com cobranças do serviço, o irmão estava na Espanha sozinho, foi acompanhar o irmão.

Amanda: escolha para capacitação para a carreira, ter parcerias internacionais, experiência fora daria oportunidades diferenciadas no mercado de trabalho brasileiro. Sempre quis ter uma experiência fora do país. A escolha da língua inglesa fez a opção pela Inglaterra, pois seria mais proveitoso profissionalmente, por ter gostado do país e por ser na Europa onde tinha cidadania.

Heloisa: tinha um colega com o plano de ir a Londres, e ela nunca tinha pensado em morar fora, e começou a conversar com ele e a coisa foi evoluindo. Tinha a chance de conseguir licença da atividade profissional pública.

Ana: intenção era efetuar pós-graduação, queria ir para a Austrália primeiro, mas depois conheceu o ex-namorado que é de Londres e foi com ele. Foi na primeira vez como estudante.

Danuzi: foi pela experiência, não tanto pelo estudo, mas para fazer uma experiência, conversou com o primo que já morava lá e outras pessoas para ter informações. Foi pela experiência de morar fora.

Camile: dar um passeio, renovar os ares, aprender o inglês.

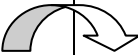
Fonte: Documentos de pesquisa.

Depois das categorias iniciais serem relacionadas com os relatos dos entrevistados, elas também foram relacionadas com a literatura, e com uma reorganização, identifiquei as *categorias analíticas finais*, produzindo os itens das trajetórias “subjetivas”. Novamente cabe

destacar, que a separação entre as trajetórias “objetivas” e “subjetivas” foram estratégias de análises, por serem processos indissociáveis.

Quadro 5 – Categorias temáticas iniciais e finais

Categorias temáticas iniciais conforme o material	Reorganização dos temas conforme a literatura	Categorias temáticas finais
<p>Motivos de ida ao Exterior: Planejamento e projeto- preparação para ida</p> <p>Trabalhos realizados antes da migração</p> <p>Conhecimento prévio da Europa: viagens, descendência.</p> <p>Língua estrangeira</p> <p>Mudanças anteriores dentro do país- migração interna.</p> <p>Reflexões</p>	<p>Motivos de ida ao Exterior</p> <p>Planejamento e projeto- preparação para migrar.</p>	<p>PARTIDAS</p> <p>Significados das partidas</p> <p>Planejamentos: apoio/redes e tempo.</p>
<p>Entrada no país de destino</p> <p>Visto</p> <p>Linguagem estrangeira</p> <p>Primeiras atividades laborais, ingresso no mercado de trabalho.</p> <p>Segundo momentos de trabalho no exterior</p> <p>Relação com colegas de trabalho</p> <p>Relação com supervisores</p> <p>Rendimentos e finanças</p> <p>Residências no Exterior</p> <p>Lazer</p> <p>Atividades domésticas</p> <p>Reflexões</p>	<p>Primeiras atividades laborais, ingresso no mercado de trabalho.</p> <p>Segundo momentos de trabalho no exterior</p> <p>Relação com colegas de trabalho</p> <p>Relação com supervisores</p> <p>Rendimentos e finanças</p> <p>Residências no Exterior</p> <p>Lazer</p> <p>Atividades domésticas</p>	<p>DESTINOS</p> <p>Narrativas mais relacionadas à dimensão do trabalho/emprego/renda</p> <p>Narrativas no destino mais relacionadas à dimensão social e familiar</p>

Preparativos e planejamento para o Retorno Sentimentos no retorno Retorno como Impacto Motivos de retorno Trabalhos no regresso Retorno- trabalhos com o uso da língua estrangeira Modos de viver no Brasil após retorno Planos e projetos futuros Reflexões	 Preparativos, motivos e planejamento para o Retorno Trabalhos no regresso Retorno- trabalhos com o uso da língua estrangeira Modos de viver no Brasil após retorno Planos e projetos futuros	RETORNOS Significados dos Retornos Narrativas no retorno- trabalho, família, amigos e tempo livre Futuros
--	--	---

Fonte: Documentos de pesquisa.

Com esse procedimento, pude identificar as *categorias temáticas finais* e construir o segundo capítulo analítico de resultados da tese, chamado de *trajetórias subjetivas*, envolvendo os temas narrativos⁷⁰. A seguir, apresento os procedimentos desenvolvidos com os materiais complementares.

3.6.2.2 Análises dos materiais complementares

Esse trabalho foi mais voltado à organização do material. Foram organizados as entrevistas complementares, depoimentos, documentos e diferentes anotações no diário de campo para serem incorporados ao material principal, conforme a necessidade de contextualizar determinados processos ou fenômenos, no âmbito das categorias temáticas finais.

Com os documentos, trabalhei especialmente com o material do IBGE, efetuando variadas consultas ao *site* do instituto, tabelas e na organização das informações. Com os documentos dos Censos do IBGE do ano de 2000 e 2010 pude contextualizar o fenômeno do retorno dos brasileiros e a entrada de outros estrangeiros no Brasil. Também efetuei recorrentes leituras de notas presentes no diário de campo e nos outros materiais. Esses foram sempre analisados de acordo com o contexto no qual foram produzidos, como ensina Valles (1997).

⁷⁰ Apresento uma versão resumida desse trabalho analítico no Apêndice E.

4 TRAJETÓRIAS OBJETIVAS

Neste capítulo, abordo o processo chamado a “identidade para o outro” ou “trajetória objetiva”. Apresento, primeiramente, as características sociais dos participantes: no primeiro item, “contexto pessoal”, apresento a idade, gênero, estado civil, origem, destino, migrações anteriores, renda, ascendentes, profissão dos pais, documentos. Depois, discuto os elementos quanto à formação, educação e atividades laborais anteriores à migração. Esse segundo item foi nomeado de “Contexto educacional e laboral”.

Em continuidade, descrevo a análise das trajetórias no item chamado “Estudo das trajetórias”. Aqui, apresento duas modalidades de trajetórias objetivas, sendo “mais contínuas” e as “fragmentadas”. As “mais contínuas” se referem àquelas trajetórias mais articuladas entre as vivências no Brasil, no exterior e no regresso; as “fragmentadas” se referem aos participantes que assumiram trabalhos e ocupações em setores diversos e também incorpora uma subdivisão nomeada “fragmentadas e associadas ao estudo” referindo-se aquelas com mais diversidade entre os setores e com uma relação mais acentuada com as atividades de formação e educação. Diante desses esclarecimentos, seguem os resultados e discussões.

4.1 CONTEXTO PESSOAL

Entre os participantes da pesquisa, observei que eles eram em sua maioria jovens. Nove tinham idades entre 26 anos e 33 anos, e somente uma entrevistada, Camile, tinha 49 anos no momento da entrevista. Assim, a maioria dos aqui entrevistados era jovem⁷¹. Estudos desenvolvidos na Europa também revelaram a juventude entre os migrantes brasileiros. Solé, Cavalcanti e Parella (2011) identificaram em um estudo na Espanha com imigrantes brasileiros que 54% da população investigada tinham idades entre 20-34 anos. Evans et al., (2011), em estudo na Inglaterra, feito com brasileiros residentes na cidade de Londres, identificaram que 69% dos pesquisados tinham idades entre 25 e 39 anos.

⁷¹ O Estatuto da Juventude considera o jovem com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) (Brasil, 2013). Destaco que o propósito aqui não seria relacionado à discussão das “juventudes”, mas, para isso, ver Borges e Coutinho (2010) e D’Avila (2014).

No estudo, havia a participação das mulheres. Dos entrevistados, cinco eram mulheres e cinco eram homens (os dois na Espanha eram homens). A presença das mulheres na migração brasileira é analisada por Assis (2007) e (2011) e por Scott (2011). Scott (2011) observa que a participação das mulheres nesse contexto já pode ser entendida como recorrente e pode-se superar aquele pensamento antigo, o qual considerava que as maiores distâncias inibiria a migração de mulheres pelas dificuldades relacionadas ao percurso. Em termos numéricos, estudos também mostraram a presença de mulheres entre os migrantes na Europa; na pesquisa feita na cidade de Londres, 61% eram mulheres entre a população pesquisada, e, no estudo realizado na Espanha, 59,67% dos pesquisados eram mulheres (Evans et al., 2011; Solé, Cavalcanti, Parella, 2011). Esses dois estudos citados, enfocando os brasileiros na Europa, revelam haver mais mulheres do que homens na população de imigrantes.

Quanto ao estado civil, a maioria era solteira e sem filhos: na época da entrevista, somente dois estavam casados e neste grupo uma pessoa tinha uma filha de dois anos. Outra entrevistada, Camile, era solteira, mas tinha uma filha de 25 anos, que era independente financeiramente. Na época da migração, dois entrevistados foram legalmente casados para Europa, sendo que ambos contraíram matrimônio para poderem levar consigo seus cônjuges. Uma entrevistada, Ana, migrou solteira, mas já residia com o namorado, e os outros entrevistados migraram solteiros⁷².

Em relação aos estados de origem dos entrevistados, quatro eram de Santa Catarina, dois do Rio Grande do Sul, um do Paraná, um de Minas Gerais, um de São Paulo e outro do Ceará. Todos eram residentes de áreas urbanas. Antes de migrarem, seis residiam em capitais e quatro residiam em cidades do interior, embora a vida deles fosse consideravelmente urbana. Mesmo Guilherme, que residia em uma cidade pequena no interior de São Paulo, com aproximadamente vinte mil habitantes, vivia na parte central da cidade e não na parte rural.

A diversidade de origem foi encontrada em Londres, com mais pessoas provenientes das regiões Sul e Sudeste, como também grande variedade foi encontrada nos estudos na Espanha (Evans et al., 2011; Solé, Cavalcanti, Parella, 2011; Masanet, Baeninger, Mateo, 2012).

Entre os oito participantes que residiram na Inglaterra, seis moraram na cidade de Londres, um em Cambridge e outro em Reading. Na Espanha, um residiu na cidade de Barcelona e outro em Valência.

⁷² Discuto o processo de partida no subcapítulo 5.1.

Wills et al. (2010) identificam uma maior presença de migrantes brasileiros na cidade de Londres do que em cidades no Interior da Inglaterra. Solé, Cavalcanti e Parella (2011) indicam que, na Espanha, comunidades maiores de brasileiros estavam na província de Barcelona (com 10.160 brasileiros), seguida da província de Madrid (com 6.675 brasileiros) e da província de Galícia (com 5.472 brasileiros). Solé, Cavalcanti e Parella (2011) identificaram certa tendência à dispersão dos residentes brasileiros no território espanhol, como também uma perda da importância de Madrid como principal destino deles.

Quanto às migrações anteriores, houve migrações internacionais para os EUA, Argentina e Japão e também migrações internas. Três entrevistados já tinham migrado para o exterior antes de irem para Europa: Pedro, Eduardo Neves e Camile. Pedro residiu por um ano nos Estados Unidos da América e quatro meses na Argentina. Eduardo Neves morou um ano no Japão durante o período de graduação. Camile morou quatro anos na Argentina, oito meses na Espanha e foi para Moçambique (sudeste da África) por quinze dias, embora ela tivesse o propósito de permanecer lá mais tempo.

Xavier de Brito (2010) esclarece a concepção de “*habitus* de migrante”, a qual é relacionada aos conhecimentos adquiridos pelos sujeitos sobre como transitar nos espaços e territórios após a imigração. As pessoas no processo migratório adquirem conhecimentos de como circular ou se estabelecer nos espaços e, quando estiverem em uma nova situação, elas já saberão como proceder para enfrentar as dificuldades relacionadas ao seu estabelecimento no novo território.

Três entrevistados narraram que mudaram de cidade e/ou de estados dentro do país: Ana, Gabriel, Heloísa. Ana, em sua infância e juventude, relatou ter mudado de residência diversas vezes em cidades no interior de Minas Gerais junto com seus pais. Gabriel foi com sua família em 1998 residir em Goiânia e depois no Rio de Janeiro e, após, retornou com a família para Curitiba. Heloísa foi para a capital do estado para realizar a faculdade e foi morar sozinha por volta dos dezessete anos. Pedro também havia deixado a residência dos pais para cursar a faculdade. É possível identificar uma familiaridade com a mudança nos entrevistados, pois, mesmo tendo migrado dentro do Brasil, o processo de integração com a geografia, hábitos e costumes locais também é necessário ser feito. Apenas três deles não tinham residido em outro lugar, estado ou cidade: Amanda, Danuza e Jordi.

A maioria dos meus entrevistados tinha rendimentos provenientes de suas atividades laborais. Apenas Jordi estava sem renda na primeira entrevista, pois havia retornado há pouco tempo. Diante disso, dois

recebiam entre 2 a 3 salários mínimos, dois entre 3 a 5 salários mínimos, três entre 5 a 10 salários mínimos e dois deles recebiam o valor maior de dez salários mínimos. Essa renda era somente deles, desconsiderando a renda familiar e outros auxílios e suportes familiares, como também desconsiderando as diferenças do custo de vida como moradia, alimentação e outros existentes entre cidades.

Durante o período no exterior, todos os aqui entrevistados tinham renda a partir das atividades remuneradas realizadas. A maioria deles levou recursos para os meses iniciais, mas depois apenas se mantiveram com os obtidos por meio do trabalho, embora alguns mais que outros contaram em períodos específicos com recursos financeiros próprios do Brasil ou de familiares. Camile e Gabriel relataram que enviavam recursos regulamente para o Brasil.

Ascendência⁷³ dos entrevistados era em parte proveniente de países europeus. Aqui abordo a origem de seus familiares. Amanda tinha descendência portuguesa, pois seu avô era português e tinha a documentação referente à dupla cidadania. Guilherme era descendente de italianos, embora tenha ido para a Europa com visto de estudante. Na época da entrevista, faltava apenas um documento para que obtivesse a cidadania daquele país. Eduardo Neves tinha descendência japonesa. Danuza tinha a ascendência alemã e, após retornar ao Brasil, recebeu o documento que lhe conferia a dupla cidadania. Camile também tinha antepassados de origem alemã e, na época da entrevista, estava organizando a documentação para solicitar a dupla cidadania.

Quatro entrevistados eram descendentes de europeus e um de japoneses. É importante ressaltar que, embora algumas dessas pessoas não tenham entrado nos países de destino com os documentos que lhes daria a dupla cidadania, eles tinham boas chances de consegui-los. Tanto que Danuza, que foi como estudante e efetuou trabalhos considerados de pouca qualificação, conseguiu seu documento logo após retornar ao Brasil. Sobre os documentos, escreverei adiante.

Em relação ao domínio do idioma, Eduardo que já havia residido nos Estados Unidos tendo mais facilidade entre os entrevistados, já dominava o idioma, João também já tinha bom domínio, seguido de Amanda. Jordi também teve facilidade com o espanhol, embora residisse em Barcelona em que o idioma principal é o catalão, mas segundo ele, se adaptou facilmente com a língua. Guilherme, Camile, Gabriel, Danuza e Heloisa relataram dificuldades no início com o

⁷³ Referente à linha das gerações anteriores, conforme o Houaiss et al.(2001).

idioma, com certa noção mais insuficiente e foram se aperfeiçoando com o tempo.

Atividade laboral e profissão dos pais, a maior parte dos meus entrevistados tinha os pais com formação superior, e outros tinham o ensino médio, mas ocupavam atividades em serviços públicos. Atualmente, parte deles já estava aposentada, como indicarei a seguir. Primeiro falo dos pais e depois das mães.

A formação educacional e a atuação dos pais eram a seguinte: Pedro e Eduardo Neves tinham o pai atuando em bancos estatais; os dois já estavam aposentados. O pai de Jordi atuava como professor de educação física em uma escola de ensino fundamental e médio federal; ele também já estava aposentado. O pai de Amanda era dentista, profissional liberal e também já se encontrava aposentado. O pai de Danuza era formado em pedagogia e atuava em uma empresa privada de consultoria. O pai de Ana era engenheiro e servidor ainda público de uma empresa estatal. O pai de Camile era agricultor e empresário. O pai de Gabriel era comerciante. O pai de Guilherme era servidor público de prefeitura; ele ainda estava trabalhando. O pai de Heloísa era eletricitista servidor de uma empresa pública estadual de energia, e ele ainda estava atuando.

Em relação às mães dos entrevistados, cinco tinham a mãe exercendo uma atividade laboral remunerada e outras cinco exerciam atividades domésticas não remuneradas, ou seja, trabalhavam em suas residências. As mães que exerciam atividades eram de Amanda, que trabalhava como profissional liberal (dentista); a mãe de Pedro, bancária, era aposentada, mas ainda estava trabalhando; a mãe de Gabriel era esteticista e ainda trabalhava, a mãe de Eduardo Neves era servidora pública federal; a mãe de Jordi era graduada em pedagogia e atuava como professora de cursos técnicos e profissionalizantes. Das cinco que não atuavam no mercado formal, uma delas tinha um curso de magistério e outra realizava serviços de costura e comercializava vestimentas em pequena escala. As outras trabalhavam em suas residências e cuidavam das atividades domésticas da família.

Entre dupla cidadania e indocumentados. As pessoas aqui entrevistadas tiveram *status* migratório diferentes no período de residência na Europa: dois possuíam dupla cidadania, quatro eram estudantes, dois tinham permissão de trabalho e dois eram indocumentados. Esse *status* migratório é referente ao tipo de documento ou visto expedido pelos órgãos públicos dos países de destino para conceder entrada às pessoas, conforme a legislação, considerando aquilo que os entrevistados narraram.

Entre os pesquisados, Amanda tinha dupla cidadania pela ascendência portuguesa. Ana primeiro entrou na Inglaterra com o documento de estudante, depois teve o documento de cônjuge e, por último, o documento de dupla cidadania; nesse caso, foi possível perceber a mobilidade de categoria, feita pela coabitação com o cônjuge e pelo casamento. Pedro e Eduardo Neves tiveram documentos de trabalho e, em ambos os casos, trabalhavam com sistemas de informação e foram contratados no Brasil para trabalharem na Inglaterra. Quatro pesquisados tinham o documento de estudante (Jordi, Danuza, Guilherme, Heloísa). Dois deles estavam sem documentos (Gabriel e Camile). Gabriel entrou com o visto de turista e Camile com o de estudante.

Como apresento a seguir, estudos mostram que o *status* migratório é um aspecto fundamental para o trânsito das pessoas, inserção no mercado de trabalho e no acesso às práticas e políticas públicas. Assis (2008) lembra, por sua vez, que *status* migratório não era tão relevante antes dos atentados de 11 de setembro de 2001, no contexto dos Estados Unidos, pois mesmo as pessoas sem documentos podiam dirigir, colocar os filhos nas escolas e ter uma vida consideravelmente boa. Na época ocorreram ataques em diferentes países como Espanha e Inglaterra, mas esse é evidenciado pela autora em sua análise com brasileiros nos Estados Unidos. Segundo a autora, a partir dos atentados às Torres Gêmeas em Nova York, iniciou-se um controle intensificado das fronteiras, da emissão dos vistos e também um controle maior sobre as pessoas estrangeiras atuando no mercado de trabalho. Aumentou a fiscalização nas empresas e passou-se a ter um maior policiamento nas ruas. As pessoas começaram a ser abordadas para mostrarem seus documentos. Nessa época, foram integradas as atividades de policiamento com os setores de registros da migração, ocasionando maior fiscalização e controle sobre os brasileiros e pessoas de outras nacionalidades que ali viviam. Esse aspecto ocorreu nos Estados Unidos, mas influenciou a circularidade dos brasileiros em relação à migração internacional, pois foi a partir desse período que houve uma maior elevação da emigração brasileira para a Europa. Pereira e Siqueira (2013), sobre a circularidade de brasileiros, assinalam que na Europa a emigração brasileira afirmou-se, sobretudo, a partir dos anos 2000, de modo que anteriormente o principal destino eram os Estados Unidos. Essas autoras indicam que muitos brasileiros optaram por Portugal ou outros países da Europa, como Reino Unido. Segundo as autoras isso ocorreu porque as pessoas acreditavam "... numa maior facilidade de entrada no país, comparativamente com os Estados

Unidos, por exemplo, onde a obtenção de vistos e a permanência sem documentação causam maiores constrangimentos aos estrangeiros” (p. 125). Cabe salientar que, como também assinalam as autoras, o brasileiro com descendência italiana ou portuguesa ou de qualquer outro país europeu pode viver e trabalhar na União Europeia sem a necessidade de visto⁷⁴, assim como o turista brasileiro não precisa obter visto para ingresso naqueles países, tendo em geral permanência autorizada de até três meses.

O *status* migratório pode exercer um papel determinante no acesso ou exclusão de direitos no país de destino, tal como esclarece Sampaio (2013). Se a pessoa não tiver documentação de que está legalmente no país, ela não consegue atendimento no posto de saúde, acesso escolar aos filhos e empregos. Sampaio (2013) salienta que pode haver significativa diversidade de *status* migratório entre as pessoas que convivem juntas. Nas cidades como Londres e Barcelona, é possível encontrar pessoas morando juntas numa mesma residência, com documentos de estudante, dupla-nacionalidade e não documentadas. No entanto, cada situação migratória produz um modo específico de circulação no território e acesso ao mercado de trabalho. Direitos e deveres distintos são atrelados às pessoas, dependendo da modalidade de documento (visto), cuja situação modifica a experiência migratória observando que a pessoa precisa se adequar as regulamentações

⁷⁴ Portes (2014) esclarece recentemente que o Reino Unido entrou em 1973 no Tratado de Roma de 1958 (*the Treaty of Rome*), no qual se estabeleceu a Comunidade Europeia (*European Economic Community*), que se fundamenta em quatro princípios ou também chamados de “quatro liberdades” (“*four freedom*”). Essas quatro liberdades eram: movimento livre de trabalho, de capital, de produtos e serviços. Segundo o autor, o objetivo era estabelecer uma economia de mercado liberal, em que as pessoas pudessem negociar umas com as outras através das fronteiras, e o movimento dos trabalhadores era visto como uma parte desse processo. No entanto, segundo o autor, é possível afirmar que os direitos quanto aos movimentos do trabalho foram progressivamente estendidos, especialmente em 2004 quando oito novos países ingressaram como membros da União Europeia e a mobilidade dentro desta cresceu rapidamente. São atualmente **28 Estados-membros**, sendo que a partir de 2004 tornaram Estados-membros da União Europeia, com o ano de adesão: Bulgária (2007), Chipre (2004), Croácia (2013), Eslováquia (2004), Eslovênia (2004), Estônia (2004), Hungria (2004), Letônia (2004), Lituânia (2004), Malta (2004), Polônia (2004), República Checa (2004), Romênia (2007). Disponível em: <http://europa.eu/about-eu/countries/index_pt.htm>. Acesso em: 04.11.2014.

presentes nestes documentos. Por exemplo, trabalhadores qualificados e com acesso ao mercado de trabalho terão diferentes experiências migratórias de pessoas solicitando refúgio, embora sejam provenientes de um mesmo país.

Um intenso debate é feito, nos estudos migratórios, sobre essa questão da documentação, pois ela é determinante para a qualidade de vida do migrante nos países de destino (Sampaio, 2013). Os indocumentados são aqueles que se encontram nas piores condições entre os migrantes e a população, pois não possuem registro para acessarem os serviços de saúde, para conseguir moradia. Além disso, acessam espaços precários no mercado de trabalho, ficam à mercê dos interesses dos superiores, sofrem ameaças, precisam estar atentos para não serem abordados pelo policiamento sem terem documentos para apresentar. A situação do indocumentado os coloca em significativa vulnerabilidade, quanto à sua condição de migrante, como indica Bustamante (2002) como apresentarei a seguir, mas também quanto à sua integridade física e psíquica.

Bustamante (2002) considera a vulnerabilidade dos migrantes uma construção social relacionada a estar em um país diferente do seu próprio. Ou seja, são as leis e regulamentações usadas pelas instituições sociais as quais diferenciam um nacional de um estrangeiro. Para o autor, também há vulneráveis em seus países de origem, mas são por questões internas dos países, sendo que a diferença entre ser um vulnerável no exterior e no próprio país é a relação com o Estado, pois quando está em seu país de origem sua relação com o Estado é de nacional, mas quando está no exterior sua relação com o Estado é de estrangeiro. Segundo ele, são os direitos dos migrantes ao acesso aos recursos e proteção do Estado ou carência desses que os posicionam em vulnerabilidade. Lussi e Marinuci (2007, p. 2) destacam: “Faz-se necessário elucidar, portanto, que a vulnerabilidade não se refere à pessoa do migrante, mas à situação em que ela se encontra no ato migratório”.

Esses documentos serviram aos entrevistados para atravessarem as fronteiras entre os países. Sendo que Amanda apresentou o passaporte português, Pedro e Eduardo Neves apresentaram o documento de trabalho, Jordi, Heloisa, Danuza, Guilherme, Camile e Gabriel entraram como turistas. Ana entrou primeiro como estudante, depois mudou de condição, como mencionei. Essa passagem pelas fronteiras foi um momento de tensão especialmente para aqueles grupos ou sujeitos considerados mais indesejáveis, tal como menciona Seyferth (2008), e

nessa pesquisa isso ocorreu para os indocumentados e com documentos de estudantes.

Evan e al. (2011), em pesquisa com brasileiros em Londres, identificaram que a maior parcela dos seus pesquisados tinha passaporte europeu. Em segundo lugar, vinham os residentes ou cônjuges de residentes, com documentos que possibilitam direitos de residência, de trabalho e sociais. Do total, 5% eram documentados como estudante, 2,5% tinham permissão de trabalho e 29% eram indocumentados. Os autores esclarecem que as leis de migração se modificaram nos últimos anos com o objetivo de aumentar o controle migratório. As mais recentes se relacionavam com a preocupação de setores de imigração e políticos com os imigrantes, especialmente quanto à colocação deles no mercado de trabalho, assim como quanto aos usos dos benefícios sociais e públicos ofertados pelo Estado. Abordarei, adiante, a relação da documentação com os acessos ao mercado de trabalho no país de destino.

4.2 CONTEXTO EDUCACIONAL E LABORAL

Quanto à formação e educação, praticamente todos os entrevistados tinham cursado o ensino superior antes de migrar. Apenas Gabriel não havia concluído essa etapa, deixando dois cursos incompletos, mas terminou uma formação no regresso. Cabe destacar que, no momento da entrevista, Pedro e Danuza estavam cursando pós-graduação, Amanda tinha pós-doutorado, Jordi estava finalizando o seu doutoramento, Ana tinha terminado o mestrado e Heloísa estava cursando uma segunda graduação.

Em pesquisas feitas com brasileiros na Europa, também foi possível verificar um elevado nível educacional entre brasileiros, especialmente se comparado com as pessoas no Brasil. Em Londres, os pesquisadores identificaram que 53% eram graduados, e 73% tinham ingressado em algum curso superior sem concluí-lo. Na Espanha, pesquisadores identificaram que, entre os brasileiros, 15% tinham curso superior, e 65,2% tinham concluído o ensino fundamental e médio (Evans et al., 2011; Solé, Cavalcanti, Parella, 2011). Essas informações mostram o elevado nível de escolaridade de brasileiros e, além disso, acima da média brasileira, 7,7 anos em 2011 (Fórum Nacional de Educação, 2013).

Segundo Firmeza (2007), a “fuga de cérebros” (*brain drain*) não se configuraria um problema grave para o Brasil, pois, segundo ele, os brasileiros ofereceriam em sua maioria uma força de trabalho não

qualificada no exterior. Somente uma pequena parcela de brasileiros atuaria em atividades altamente qualificadas, tais como: executivos de empresas multinacionais ou professores universitários. No entanto, cabe destacar que não seria o fato de os brasileiros não serem qualificados, mas sim os postos de trabalho nos destinos que teriam restrições. Lopes (2012) esclarece que a “fuga de cérebros” pode ocorrer independente de as pessoas ocuparem postos de trabalho relacionados com sua formação nos países de destino, observando que é uma força de trabalho qualificada, independente do emprego, que é direcionada a outros destinos.

Continuando com a discussão acima, é importante falar sobre a divisão por qualificação no contexto da migração. Segundo Koser (2007), nos estudos migratórios é feita uma divisão entre as pessoas que exercem trabalhos com necessidade de baixa qualificação (*low skilled*) e aquelas em que é necessária alta qualificação (*highly skilled*). No entanto, Knowles e Harper (2009) lembram que essa divisão parte de um juízo formado especialmente nos países de destino, receptores de força de trabalho, para segmentar uma parte específica do mercado de trabalho em seus territórios, deixando para os migrantes apenas os trabalhos mais precários e de risco. Esses autores identificaram migrantes com elevada qualificação exercendo atividades consideradas de baixa exigência em termos de estudos e conhecimentos. Diante disso, eles sinalizam que é possível questionar o emprego deste termo “baixa qualificação” (*low skilled*), preferindo adotar a noção de (*migrant skill*), que em tradução literal significa “habilidade migrante” e permite compreender as habilidades que as pessoas têm e suas capacidades de operar no mundo, não se referindo somente àquelas possibilidades de postos de trabalho determinados, os quais são acessados dentro de um restrito mercado de trabalho.

Sobre os trabalhos dos/as entrevistados/as antes de migrar, em geral eles eram recém-formados. Entre os meus entrevistados, cinco pessoas migraram logo após a conclusão do curso de graduação ou até com dois anos de formado. Outros cinco já atuavam no mercado de trabalho. Entre os cinco primeiros: Guilherme havia concluído o curso de gastronomia há pouco tempo; Jordi, a graduação em psicologia; Pedro e Danuza, o curso em sistemas da informação; Ana tinha terminado o curso de psicologia.

Cinco outros participantes já tinham inserção profissional. Amanda era professora universitária; Heloisa era concursada em cargo de ensino médio; Gabriel era coordenador de provedor de internet; João

era consultor em sistemas de informação; Camile era professora da rede pública estadual e municipal, mas também exerceu outras atividades.

Três entrevistados, daqueles que já tinham inserção laboral antes de migrar, assinalaram que estavam insatisfeitos com seus empregos. Falaram que estavam “cansados” pela elevada carga de trabalho. Antunes (2013) explica que as exigências contemporâneas no mercado de trabalho, após o processo de re-estruturação do capital, deixaram não somente pessoas em trabalhos instáveis, mas os próprios empregos se tornaram mais precários, com elevada carga, multifunções, entre outros.

4.3 ESTUDO DAS TRAJETÓRIAS

Essa análise é relacionada às modalidades de trajetórias no âmbito do trabalho baseado nos estudos de Dubar (2005). Nomeei as trajetórias sem buscar enquadrar os entrevistados, mas sim compreender os processos.

As trajetórias foram compreendidas em duas modalidades processuais. A primeira foi nomeada de “**mais contínuas**”, em que os entrevistados desenvolviam atividades no Brasil, depois exerceram atividades no mesmo setor no exterior e no retorno voltaram também a exercer atividades profissionais relacionadas às anteriores. Mesmo algumas vezes trocando de empregos, eles não modificaram suas áreas de atuação substancialmente.

A segunda modalidade foi as “**trajetórias fragmentadas**” e são divididas em dois tipos. As “**construídas a cada etapa**” correspondem àquelas as quais as pessoas no percurso de suas vidas trocaram de áreas de atuação ou segmentos de mercado entre a saída do país, permanência no exterior e no retorno; algumas vezes eles voltaram a atuar em áreas anteriores à migração e outras alteraram de área. Na segunda, “**mais associadas ao estudo**”, compreendendo aquelas em que os participantes exerciam atividades laborais na sociedade de destino, mas dividiam seu tempo cotidiano entre o trabalho e estudo.

4.3.1 Trajetórias “mais contínuas”

Trajetórias “mais contínuas”: três entrevistados tiveram trajetórias “mais contínuas” entre as atividades feitas no Brasil, no exterior e no regresso. Eles foram Pedro, Amanda e Eduardo Neves.

Pedro, durante a graduação, trabalhou como monitor em um laboratório de informática na universidade, com pesquisa e

desenvolvimento de sistemas, adquirindo significativa experiência nessa área de atuação. Prestes a concluir seu curso, ele encaminhou seu currículo para algumas empresas, dentre elas uma na Inglaterra, que era parceira do laboratório em que trabalhava no Brasil. Ele já sabia o inglês e tinha experiência internacional. Foi chamado pela empresa inglesa para uma entrevista e aprovado no processo. Terminou a graduação e, logo em seguida, foi para o emprego na Inglaterra. Ele foi com o visto de trabalho e atuou durante todo o período na mesma organização, como engenheiro de redes. Após três anos e meio, diante de certas questões presentes em sua vida, avaliou a possibilidade de regressar ao Brasil, portanto encaminhou o currículo à outra empresa do mesmo segmento, sendo aprovado. Ele efetuou a entrevista pela internet e, embora ele tivesse pleiteado um cargo de gerente, foi convidado para o cargo de coordenador. Assim, Pedro voltou ao Brasil e começou a atuar nessa empresa, permanecendo até o momento da entrevista.

No Brasil, Amanda tinha terminado o curso de doutorado e era professora de uma faculdade particular. Tinha dupla cidadania e conseguiu uma bolsa para realizar estudos de pós-doutorado na Inglaterra. Entrou no país com a documentação portuguesa e, de início, na segunda semana conseguiu um trabalho como professora de escolas para crianças. Após seis meses, ela foi trabalhar na universidade no pós-doutorado. Durante um ano, trabalhou na universidade e depois decidiu continuar na Inglaterra. Prestou seleção para um cargo de pesquisadora. Aprovada, foi morar em outra cidade. Ela trabalhou com projetos e pesquisas na universidade e, depois de quase quatro anos, a partir de reflexões a serem ainda detalhadas, ela resolveu enviar seu currículo ao Brasil. Foi contratada como professora universitária, trabalha com projetos de pesquisa afins com os quais atuava na Inglaterra, permanecendo nessa atividade na data da entrevista.

Eduardo Neves era formado, tinha experiência de viver no exterior e domínio da língua inglesa. Foi para a Inglaterra por vários motivos. Trabalhava com sistemas bancários e na época prestou seleção para dois processos: um para os Estados Unidos e outro para a Inglaterra. Embora aprovado em ambos, ele escolheu a Inglaterra. No primeiro ano, ele dava suporte em informática para a empresa em Londres e, por esse motivo, morando no Brasil, viajava a cada dois meses para lá. Ele foi cinco vezes para a Inglaterra em um ano. No segundo ano, de comum acordo com a empresa inglesa, foi residir em Londres. Morou um ano lá e trabalhou direto na mesma empresa. Após esse período, o projeto se encerrou e ele retornou ao Brasil para trabalhar na sede no Ceará. Depois, candidatou-se para um emprego em

uma empresa em Santa Catarina, onde reside há mais de dois anos, contudo havia mudado recentemente de empresa no período da entrevista, mas era no mesmo setor de sistemas de informática.

4.3.1.1 Análise compreensiva

Os três entrevistados tiveram vivências profissionais mais contínuas no transcurso de suas trajetórias de vida. As vivências profissionais de Pedro foram mais contínuas porque sua formação na graduação proporcionou os conhecimentos e a experiência para pleitear uma atividade profissional no exterior e esta, por sua vez, possibilitou uma recolocação profissional no Brasil. Ele foi considerado como uma “força de trabalho qualificada” no país de destino, ou seja, os conhecimentos que ele obteve em sistemas da informação na universidade e no estágio no laboratório da universidade possibilitaram uma inserção qualificada no mercado de trabalho da Inglaterra.

Amanda tem uma formação e qualificação elevada que também possibilitou uma inserção qualificada no mercado de trabalho da Inglaterra. Com isso, aliado à sua cidadania, pôde acessar o mercado inglês sem significativas restrições. As atividades profissionais também puderam ser entendidas quase em encadeamento entre as atividades feitas no Brasil, no exterior e no regresso ao país. Amanda, no exterior, teve apenas uma atividade não tão direcionada à sua qualificação, mas a possibilitou ampliar seus conhecimentos da língua inglesa e, em geral, todas as atividades foram relacionadas diretamente com sua formação profissional.

João é graduado em ciências da computação e os conhecimentos adquiridos possibilitaram diversas movimentações entre cidades e estados no Brasil e no exterior. Esses três entrevistados conseguiram posições ou postos de trabalho de mais destaque em relação àquelas que possuíam antes de migrar ou no exterior, no entanto é preciso cautela com afirmações relacionadas aos rendimentos e ao custo de vida. Assim, os trabalhos nas trajetórias desses três entrevistados podem ser entendidos como ocorrendo quase em um encadeamento, ou seja, um se articulou a outro.

4.3.2 Trajetórias “fragmentadas”

4.3.2.1 Construídas a cada etapa

Três entrevistados tiveram trajetórias que aqui podem ser chamadas “construída a cada etapa”, observando que em cada momento entre o Brasil, o exterior e o retorno, eles mudaram de área, tendo uma nova inserção no mercado de trabalho. Esses foram os casos de Ana, Camile e Gabriel.

Ana concluiu o curso superior de psicologia, na cidade de Governador Valadares-MG, e, após um ano e meio de formada, ela foi para Londres. Conseguiu o visto de estudante e, por um ano, foi estudar em uma escola de inglês e, ao mesmo tempo, trabalhava cuidando de crianças. Após oito meses na Inglaterra, retornou por um período de um ano para o Brasil, junto com o namorado inglês. Ela foi morar em São Paulo para acompanhar o namorado e realizar um curso de formação em psicologia clínica, no entanto não se adaptou e retornou à Inglaterra. Nesse segundo momento, conseguiu um visto de cônjuge, ingressou em um curso de pós-graduação e trabalhou em uma instituição internacional de atendimento a disputas internacionais, ela coordenava uma equipe com pessoas de diversas nacionalidades que preparavam as salas, com cafés, e organizavam as cadeiras e mesas. O curso de pós-graduação era o mestrado em antropologia. Após o término do curso de mestrado, ela casou-se e trocou de emprego. Foi trabalhar em um hospital coordenando uma equipe de terapias com profissionais de saúde. No retorno, com o marido, foi primeiramente para a cidade dos pais, em Minas Gerais. Passaram um mês na cidade e resolveram tratar do visto de permanência do marido. Eles mudaram primeiramente para Belo Horizonte para efetuar o processo. Após oito meses, foram para Santa Catarina; ela conseguiu um emprego como professora de inglês, trabalho que executava até o momento da entrevista, e ele estava procurando emprego.

Camile efetuou o curso de graduação em ciências biológicas, mas, com o nascimento de sua filha, ela trancou a matrícula na faculdade. Segundo ela, quando a filha já tinha mais idade, sem mencionar a idade, ela cursou a faculdade de farmácia e, tempo depois, retornou ao curso de biologia e o concluiu. Ela teve sua própria empresa, uma loja de confecção. Também foi representante comercial nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, assim como foi professora de biologia. Camile residiu por quatro anos na Argentina em Buenos Aires, onde atuava em uma empresa de confecção, desenhando os modelos de vestimentas. Depois foi morar na Espanha e poucos dias em Moçambique. Voltou ao Brasil e foi trabalhar como professora. Após mais um período no Brasil, foi para Londres. Lá, ela matriculou-se em um curso de inglês, por cerca de seis meses, pois não tinha domínio

do idioma. Diferente de outros entrevistados, ela não permaneceu durante todo o período no exterior no curso. Logo conseguiu um trabalho, que era de limpeza em uma na escola. Trabalhou com limpeza em escritórios e residências. Não tinha documentos e trocava de residência para evitar fiscalização. No retorno, começou a trabalhar como caixa de supermercado, depois como caixa de farmácia, até quando encontrou um diretor de escola conhecido que lhe ofereceu um trabalho de professora. Atualmente, ela atua como professora em três escolas.

Gabriel iniciou o curso de informática e trancou a matrícula após dois anos. Depois, iniciou o curso de administração por mais dois anos e não concluiu. Trabalhava como coordenador de uma empresa provedora de internet há alguns anos, quando resolveu ir para a Espanha. Foi como turista, sendo recepcionado pelo irmão, que já morava lá. Logo conseguiu trabalhar em clubes noturnos e em bares como garçom. Também trabalhou na construção civil, que disse ter uma elevada remuneração para os padrões de lá. Depois de um período na Espanha, em 2006 veio para o Brasil, ficando por cinco meses. Quando retornou à Espanha, teve dificuldades de início para conseguir trabalho. Depois, trabalhou como segurança à noite e na entrega de eletrodomésticos durante o dia, ficando nesses trabalhos por quase dois anos. Gabriel retornou ao Brasil, ficou por um ano cuidando do pai e depois realizou um curso superior em tecnologia e processos gerenciais. Em seguida, ele foi selecionado para o emprego de consultor de informática em uma empresa de seguros, segundo ele, por sua fluência na língua espanhola, pois era uma empresa sul-americana. A matriz da empresa era em Curitiba, onde ele foi contratado, mas, como no setor dele os principais clientes estavam em São Paulo, ele se mudou para lá.

4.3.2.2 Análise compreensiva

As trajetórias de Ana, Camile e Gabriel foram mais fragmentadas entre as atividades que realizaram no Brasil, depois no exterior e no regresso. Elas podem ser entendidas como construídas a cada etapa, pois a cada segmento eles precisaram se inserirem no mercado de trabalho em áreas, algumas vezes, diversas da formação e das atividades feitas anteriormente. Eles tiveram uma variedade de vivências ocupacionais e precisaram encontrar caminhos dentro das possibilidades e contextos nos quais estavam inseridos. No caso de Amanda, a formação em psicologia não diretamente lhe possibilitou inserção no exterior e nem no regresso, mas, indiretamente, possivelmente lhe auxiliou com

conhecimentos em coordenar equipes e para atuar como professora de Inglês. Camile era formada em dois cursos de graduação no Brasil e, juntamente com suas diversas experiências, pôde criar meios de se inserir em atuações profissionais no exterior e após, no retorno. Camile tinha recursos para construir sua trajetória como um novo processo a cada etapa, em Londres, com certas atividades, e, no Brasil, com outras, até retornar para o ambiente escolar. Gabriel também não realizou na Espanha as atividades que exercia anteriormente no Brasil, mas, depois, efetuou outra formação superior e teve inserção em outra empresa. Essas trajetórias foram mais fragmentadas, ou seja, sem a continuidade entre os trabalhos feitos nos segmentos de vivências entre o Brasil, exterior e o regresso, por isso eu também as chamo de trajetórias “construídas a cada etapa”, pois as pessoas precisaram construir novos percursos.

4.3.2.3 Associadas ao estudo

Essas trajetórias são também fragmentadas, no entanto são relacionadas a um cotidiano mais dividido entre trabalho e estudo, especialmente no período na Europa. Essas trajetórias foram as de Guilherme, Danuza, Jordi e Heloísa.

Guilherme é graduado em gastronomia por uma faculdade particular no interior do estado de São Paulo. Ele tinha terminado a graduação e, durante um breve período, procurou empregos na região, mas não conseguiu uma boa colocação e, logo após, como já tinha planos de morar no exterior, planejou e migrou para Londres. Tinha uma amiga próxima em Londres que o incentivou a ir. Ele foi como estudante de inglês e, em menos de uma semana, estava trabalhando em um hotel, servindo café da manhã para hóspedes. Guilherme, nos últimos meses em Londres, trabalhou também na recepção do hotel e efetuou atividades de limpeza em escritórios. Ele tinha apenas um dia de folga por semana no hotel, com vinte horas de trabalho semanais. Após dois anos e uma renovação de visto, ele voltou ao Brasil. No retorno, ficou alguns meses de férias na casa dos seus pais e depois se mudou para a capital paulista, a convite de primas. Começou a procurar emprego. Primeiro foi em um navio transatlântico. Entregou currículo e tornou a procurar emprego em São Paulo, capital. Conseguiu como auxiliar em um restaurante, onde ficou poucos meses e, depois, consegue atuar em sua formação, foi chamado para o restaurante de um hotel onde está atualmente e já teve duas promoções.

Danuza fez o curso superior em sistemas da informação. Durante a faculdade, também realizou cursos de programação complementares,

trabalhou como monitora de trabalhos de conclusão de curso na universidade e, após a faculdade, ministrou aulas de computação em cursos profissionalizantes. Depois de dois anos de formada, embarcou para Londres como estudante. Na Inglaterra, começou o curso de inglês e, na segunda semana, conseguiu um trabalho de limpeza nas salas de aula de uma universidade. Durante todo ano em Londres, ela trabalhou com limpeza nessa universidade, pois tinha a carga horária de três horas e meia, e também realizou outros “bicos”, levando cachorro para passear, cuidando de crianças, consertando computadores, limpando casas. Danuza retornou ao Brasil na data prevista pelo visto. Dois dias após o retorno ao Brasil, uma colega ligou pedindo para ela dar aulas de inglês como professora substituta. Antes de terminar os três meses de contrato, ligaram para a residência dela, oferecendo um trabalho com informática e, logo em seguida, ela foi contratada. Ela relata que nessa empresa começou do básico. Depois de três anos, conseguiu mudar de área, onde, além de cuidar dos processos, usava o aprendizado da língua inglesa em traduções para o português de manuais técnicos de programação e qualidade.

Jordi foi para Barcelona após terminar a graduação em psicologia. Por meio de colegas, soube de informações e se matriculou em um curso de mestrado na Espanha. Lá, relatou sua dificuldade em conseguir trabalho remunerado. O visto de estudante permitia uma atuação de vinte horas semanais, mas, com a necessidade de efetuar um contrato especial, o qual os empregadores não estavam dispostos a efetuar por haver mais pessoas disponíveis sem essa condição. Ele passou muito tempo tentando entender como ingressar no mercado de trabalho, elaborando o currículo e se aprimorando no idioma. Após um período, colocou no currículo um curso de juiz de futebol e foi chamado para trabalhar em jogos aos finais de semana e, em seguida, atuou no treinamento de futebol para jovens. Após, conseguiu um trabalho associado a um estágio pela universidade como treinador social de futebol, em um bairro de imigrantes. Juntamente com essa atividade, ele vendia ingressos de shows, musicais e festas que ocorriam em Barcelona. Também trabalhou na portaria de um bar, controlando as pessoas que estavam fumando. No último ano do curso de doutorado, após já ter concluído o mestrado, ele planejou retornar e terminá-lo no Brasil. Conseguiu modificar o regime do curso, efetuando uma modalidade de estudo que se chama “sanduíche” de formato invertido, ou seja, passando um ano em uma universidade brasileira. Atualmente, ele está em processo de conclusão do curso, trabalhando com assessoria e consultório.

Heloísa é concursada pública há mais de dez anos em uma empresa de energia. É formada em tecnologia de redes e atualmente cursa sua segunda graduação em sistemas da informação. Heloísa residiu um ano em Londres, efetuando um curso de inglês como estudante internacional, com visto de estudante e residindo por um ano naquele país. Na época antes de migrar, já estava formada e tinha a possibilidade de pedir licença não remunerada na empresa por até dois anos. Ela teve dificuldade em conseguir essa licença, mas com insistência a obteve. Lá, ela começou a frequentar a escola e procurar emprego, conseguindo seu primeiro trabalho através de uma amiga brasileira em uma loja de presentes. Ela trabalhava em todos os setores da loja: recebia pagamento, contava estoque e até pregou prateleira na parede com uma furadeira, atividade que ela nunca havia feito. Após um período, procurou outra atividade para auferir maior rendimento e melhores condições quanto aos horários de trabalho, sem precisar atuar aos finais de semana. Ela encontrou por meio de um site outro trabalho, com salário maior e próximo da escola de inglês; era relacionado com informática, com suporte em sistemas. Trabalhava oito horas diárias e, sem contrato de trabalho, prestava serviços de suporte também para outros países, como a Suíça e ela ficou nesse emprego até retornar ao Brasil. Entre outros motivos, ela voltou por causa do vencimento do visto e retornou para a cidade de anterior a migração. No Brasil, ela esperou a recolocação na empresa por poucos meses e nesse período estudou para outro concurso no qual passou. Resolveu não assumir, pois era mais distante e ela queria retornar à universidade. Voltou ao serviço anterior e prestou vestibular para o curso de sistemas de informação, que cursa atualmente.

4.3.2.4 Análise compreensiva

Esses quatro entrevistados passaram por diversas vivências laborais no exterior, sendo assim mais fragmentadas entre as realizadas no Brasil, no exterior e no regresso. No entanto, eles, especialmente no exterior, dividiam o tempo entre trabalho e estudo. No caso de Guilherme, ele não teve experiência profissional na área no Brasil, no entanto na Inglaterra ele iniciou trabalhando em uma cozinha servindo “café da manhã”; segundo ele, havia proximidade entre as atividades executadas pois ambas eram na cozinha, mas eram distintas, pois no Brasil ele foi formado para ser o coordenador da cozinha, ser “*Chef*” e, no exterior, atuava como cozinheiro e garçom. Danuza, no Brasil, atuava como professora, enquanto que, no exterior, realizava atividades

de limpeza nas escolas, mas também consertou computadores, atividade relacionada aos conhecimentos os quais ela adquiriu em sua graduação. Jordi atuou em diversas atividades, mas aquela que permaneceu mais tempo foi diretamente relacionada com a universidade na qual conseguiu atuar por meio de um estágio. Heloísa também teve diversas experiências no exterior, mas estava em um curso de inglês; na volta, retomou ao seu cargo anterior e a especificidade foi que o labor na Inglaterra entrou em sua trajetória quase como um parêntese, ou seja, ela retornou para um cargo e um percurso laboral já estabilizado no Brasil, embora continue seus estudos com sua segunda graduação.

4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Este capítulo versou sobre as trajetórias “objetivas” dos participantes, compreendendo estes como elementos constitutivos presentes na vida dos entrevistados. Significa que esse grupo de entrevistados possuíam algumas características comuns, como sendo de camadas socioeconômicas medianas, urbanas, serem em sua maioria jovens, com escolaridade de nível superior. Além disso, analisei as trajetórias dos participantes, em que foi significativa a observação de haver dois processos referentes às trajetórias laborais. Um grupo de entrevistados ficou caracterizado por ter trajetórias “mais contínuas”, desenvolvendo nas sociedades de destino atividades semelhantes às realizadas no contexto brasileiro, com valorização e relações de trabalho pautado em atividades correspondente ao nível superior. O segundo grupo teve trajetórias “fragmentadas”, em que na passagem entre as sociedades de origem e a sociedade de destino tiveram maiores quebras quanto na dimensão do trabalho, precisando recriar suas trajetórias laborais. Sendo importante destacar aqui que essas trajetórias diferenciadas devem-se as características pessoais, acessos que se tornaram viabilizadores de diferenciadas trajetórias, sendo que somente pelo social se efeturaram estas diferenciações. Cabe destacar também que a análise das trajetórias sociais precisa levar em consideração também a dimensão “subjéctiva”, a qual corresponde à fala das pessoas sobre suas vidas – as narrativas da pessoa sobre o lugar que ocupa que podem ser formuladas em acordo ou desacordo com a dimensão objetiva (a pessoa pode não se considerar “migrante” por exemplo). Diante disso, no próximo capítulo, discuto essa segunda dimensão, a qual corresponde ao entendimento dos sujeitos sobre as situações vivenciadas.

5 TRAJETÓRIAS SUBJETIVAS

Com base no estudo de Dubar (1998), a “identidade biográfica” das pessoas, também chamada “identidade para si”, pode ser compreendida por meio das narrativas das pessoas sobre suas vidas. As pessoas, no momento em que contam suas trajetórias por meio de histórias, podem justificar sua “posição” e também antecipar seus possíveis futuros. Esse processo envolve uma “interiorização ativa”, segundo Dubar (2005), pois se refere aos modos como as pessoas aprendem suas identidades.

Diante dessas considerações, este capítulo está dividido em quatro itens principais. O primeiro refere-se às partidas, sobre os sentidos/significados da partida e os planejamentos; o segundo é sobre os destinos, com as narrativas relacionadas à dimensão do trabalho e à dimensão social e familiar. O terceiro é relacionado aos sentidos/significados do retorno e sobre as narrativas do retorno relacionadas ao trabalho, família, amigos e tempo livre e, por último, o quarto item é sobre os futuros dos participantes.

5.1 PARTIDAS

5.1.1 Significados das partidas

Para entender os significados (*meaning*) da decisão quanto às partidas, trabalho com os conhecimentos de Gergen (2009). Para esse autor, o ser humano é constituído a partir da socialização e, na medida em que ocorrem as interações entre as pessoas, os significados são construídos conjuntamente. Segundo o autor, as pessoas, em suas interações, atribuem significados aos objetos e às vivências no mundo. Diante de uma perspectiva construcionista, as escolhas feitas pelos sujeitos são feitas mediante um processo de criação conjunta de significados tanto direcionados para a própria pessoa como para seu futuro (Souza & Scorsolini-Comin, 2011). Após esses comentários, esclareço os significados relacionados à partida para meus entrevistados.

Em geral, meus entrevistados indicaram variados aspectos que lhes levaram a residir no exterior, não se caracterizando por ser apenas um fator, podendo ser chamados de “**mosaicos de significados da partida**”, por analogia às peças de porcelana com as quais, a partir de um processo de trabalho de junção, viabilizado por uma reflexão e

estudo, pode-se compor um quadro ou enfeite⁷⁵. Assim, identifiquei nas narrativas dos meus entrevistados três aspectos (ou elementos) dessa composição: 1) maior capacitação e profissionalização, oferta e oportunidade de emprego; 2) “para conhecer e experimentar”; 3) questões mais pessoais, relacionamentos, facilidades e outros. Como em um mosaico, esses três aspectos se constituem conjuntamente.

O primeiro foi “**maior capacitação e profissionalização, oferta e oportunidade de emprego**”, referindo-se às seguintes falas: Guilherme: “não arranjava emprego no Brasil”. Eduardo Neves: “tive uma oportunidade de emprego”. Amanda afirmou ter ido para ampliar e desenvolver a “carreira”. Gabriel: estava “descontente com o trabalho”. Jordi tinha o “curso de mestrado” que ele queria.

Dubar (2005) defende a tese da centralidade do trabalho na vida pessoal, especialmente em um contexto de crise. Segundo o autor, a privação de um trabalho é um sofrimento íntimo, é um golpe na autoestima. É tão sofrida como uma perda de um relacionamento com alguém próximo e pode gerar desorganização da pessoa no âmbito do social. Por outro lado, o fato de ser reconhecido no trabalho, de estabelecer relações (profícuas ou mesmo conflituosas) com os outros, de se empenhar em sua atividade é uma forma de construir a identidade pessoal e criar laços sociais. Os meus entrevistados assinalaram a importância da dimensão do trabalho na vida deles e, por sua vez, essa dimensão participou das reflexões e discussões sobre o processo da partida.

Primeiro, são várias coisas. Primeiro, eu sempre gostei muito da Inglaterra e tive um sonho de conhecer a Inglaterra. Então, quando eu estava morando em Recife, eu estava de “saco cheio” da minha empresa lá e aí eu recebi um contato desse amigo meu. Aí, eu recebi o contato desse amigo meu, que morava em [no Ceará], dizendo que a empresa dele estava contratando gente para pegar um projeto com o parceiro na Inglaterra, em Londres. E eu mandei meu currículo e eles gostaram do meu currículo e tal, falaram que iam fazer contato comigo, só que passou um mês e dois meses e nada; eu achei que eles tinham

⁷⁵ Um mosaico, segundo o Houaiss et al. (2001), é uma imagem ou padrão visual criado pela incrustação de pequenas peças coloridas sobre uma superfície (parede, piso etc.), aglomeradas e fixadas por um cimento.

desistido. Só que nesse tempo houve outra empresa em Salvador, que não era empresa mundial, só com sede em Salvador, mas precisava de gente para trabalhar em um projeto nos Estados Unidos, em que eu também mandei meu currículo, e eu fui chamado para ir para trabalhar com eles lá, nos Estados Unidos, só que no outro tempo a empresa de [Ceará] me chamou também e aí eu escolhi ir para Londres, né? Como eu falei, era um sonho, né? Era ganhando menos do que eu ganhava em Recife, mas eu preferi realizar o sonho, né? (Eduardo Neves).

Na fala de Eduardo Neves apresentada acima, é possível destacar a dimensão do trabalho em “oportunidade de trabalho”, mas também o aspecto de “realizar um sonho”. Quanto ao trabalho, foi possível observar como ele já estava associado, naquela época, à expressão de “não aguentar mais”, de Eduardo já estar estafado a ponto de precisar encontrar novos objetivos. Assim, ele buscou desafios em outra organização, que pudesse viabilizar outras experiências associadas ao trabalho. Amanda e Gabriel também relataram já estarem esgotados de seus trabalhos anteriores. A dimensão do trabalho é importante para as pessoas, mas, especialmente, quando promove sentidos mais positivos associados a ele, como outros estudos já evidenciaram (Graf, 2009; Coutinho, 2009; Borges & Coutinho, 2010; Diogo, 2012).

Como para Eduardo morar em Londres se ligava a “realizar um sonho”, esse aspecto esteve presente nas narrativas de praticamente todos os meus participantes. Chamo aqui da dimensão “**Para conhecer e experimentar**” e essa dimensão pode ser observada nas seguintes falas: Jordi esclarece que “gostava do país e da língua”; Eduardo Neves que “Sempre gostei da Inglaterra” e “era um sonho”; Guilherme indicou que “sempre quis morar fora”; Amanda “gostar do país”, “com a possibilidade de conhecer outros lugares na Europa”; Danuza foi pela experiência de “morar fora” e “não tanto pelo estudo”; Camile foi “renovar os ares”; Gabriel “tinha vontade de conhecer a Espanha”.

O interesse em residir no exterior e, especialmente, na Europa circula no discurso social a partir dos atrativos de conhecer o “velho” continente, conhecer a história, as origens e viver no “primeiro mundo”. Esse interesse tem origem nos discursos construídos socialmente. Segundo o Sayad (2000), a relação entre mundo desenvolvido e o subdesenvolvido parece reproduzir a mesma relação do paradigma do campo que alimenta a cidade, o rural fornecendo força de trabalho e

insumos e a cidade fornecendo “cultura”, “conhecimento” e “atrativos”. Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2007) também se referem à divisão do poder entre países centro e periferias, apresentando essa divisão como um processo efetuado regularmente por séculos por meio de poder e ideologias. Esses processos são históricos e eles foram consolidando certos tipos de relações estabelecidas entre os países e presentes até os dias atuais.

Os elos históricos entre o Brasil e os países europeus produziram “lugares” nos discursos sociais e alguns mais “atraentes” que outros. D’Avila Neto e Cavas (2011), com análises fundamentadas em Sousa Santos (2010), pensam questões a partir das desigualdades provenientes do processo colonizador estabelecido no Brasil. D’Avila Neto e Cavas (2011) evidenciam que, no Brasil, a população teria sofrido uma ambivalência na constituição de uma identidade brasileira oriunda de um processo colonizador de duplo sentido: da colonização feita pelos portugueses e da feita pelos países pelos quais o próprio Portugal era colonizado, como Inglaterra. “As identidades dominantes e subalternas que derivam daí indicam diferentes formas e jogos de poder que podemos detectar em nossa constituição colonial. No Brasil colonial, havia um intrincado complexo de relações baseadas na autoridade e dominação [...]” (D’Avila Neto e Cavas, 2011, p. 6). Sousa e Santos (2010) esclarecem que suas análises suplantam o pós-modernismo e do pós-colonialismo convidando-nos a compreender o mundo em toda a sua complexidade, não apenas opondo o Sul e Norte, mas também as contradições existentes no próprio Sul-Sul e Norte-Norte. Ele oferece uma concepção mais ampla do pós-colonialismo na compreensão transformadora do mundo. D’Avila Neto e Cavas (2011) esclarecem que as fronteiras e as divisões excluem, redefinem e podem subjugar os outros, mas também podem recriar, traduzir e subverter as subjetividades ao questioná-las.

As falas sociais relacionadas à “Europa” transmitem uma ideia de ela ser o “berço histórico da humanidade”, de “qualidade” e aspectos “positivos”, relacionadas ao “velho continente” e suas cidades, especialmente Londres, Paris, Barcelona, Madrid e Milão, são frequentemente associadas pela mídia brasileiras como capitais da moda, cultura, conhecimento, ciências, entre outras características. Diante desses aspectos presentes nos discursos sociais, aquelas cidades se tornam significativamente mais atraentes e interessantes de serem conhecidas e para se viver do que cidades de outros continentes.

Eu fui mais pela experiência de viver fora, não tanto pelo estudo; eu fui para fazer uma experiência (Danuza).

Ah, eu sempre quis morar fora e daí eu conheci a Carol, na faculdade, que estava indo e fazendo os processos. Aqui depois de formado eu não arranjava emprego, daí pensei em ir para lá, passei um ano planejando. Todos os empregos pagavam pouco (Guilherme).

Na época ainda tinha mais oportunidades, era uma cultura que eu também me identificava, gostava, então. Foi uma série de fatores; eu não tive ninguém que me indicou, não foi por causa de ninguém. Eu tinha algumas pessoas que eu conhecia que moravam lá já, mas não eram pessoas muito próximas, então não influenciaram essa decisão, na tomada de decisão. Depois que eu decidi ir, fique sabendo: “ah, tem o fulano que mora lá, tem o sicrano que mora lá”, algumas pessoas que acabei sabendo que moravam lá, mas não influenciaram na decisão (Amanda).

Nas narrativas dos três entrevistados acima, é possível compreender os elementos relacionados à experiência, à cultura, ao “sempre quis morar fora do país” por haver significações circulando no país e no território brasileiro que observam o “exterior” com atributos positivos e, em determinados segmentos, mais positivos dos que os associados ao próprio país. No entanto, mesmo ocorrendo significações nos contextos sociais, foram os sentidos atribuídos por eles ao processo que viabilizaram a migração.

O terceiro aspecto é referente a elementos mais particulares da vida dos meus entrevistados, envolvendo também os relacionamentos e foi nomeado de “**Questões mais pessoais, relacionamentos, facilidades**”. Gabriel assinalou que seu irmão estava na Espanha sozinho e foi acompanhá-lo. Amanda relatou ser uma oportunidade de formar parcerias internacionais por meio de uma bolsa de estudo de pós-doutoramento; Guilherme tinha uma amiga muito próxima residindo em Londres. Heloísa tinha um amigo próximo no Brasil efetuando planos para residir em Londres e tinha possibilidade de conseguir licença do trabalho. Ana tinha um namorado inglês; Danuza, um primo que morava

lá. Camile queria se recuperar do falecimento de dois irmãos ocorridos naquela época, em que cuidou de ambos durante a doença.

Gergen (2009) entende o ser humano constituído a partir dos seus relacionamentos. Ou seja, os aqui participantes estavam em relacionamentos interpessoais com outras pessoas e esses produziram sentidos sobre a partida, muito além de recepcioná-los ou mostrar os documentos a serem conseguidos, mas que produziam entendimentos de que era possível e viável efetuar o processo migratório, e que seria proveitoso. Não somente as pessoas que estavam diretamente implicadas no processo foram as referências para eles, mas outras também que produziram juntamente com eles sentidos positivos associados à experiência. Assim, eles tiveram suporte de pessoas próximas para consolidar esse projeto.

Nas falas dos meus entrevistados, eles evidenciaram esse processo, tiveram suporte dos familiares, dos amigos, quiseram ir para superar dificuldades familiares, como também tinham pessoas no exterior que os auxiliaram nos caminhos a serem tomados e, algumas vezes, podiam abrigá-los. Aqui pode-se entender a importância das redes de relacionamento entre amigos, familiares e conhecidos na construção desses caminhos, como esclareceram Sasaki e Assis (2000), não apenas para viabilizar o processo migratório, mas construindo sentidos sobre essa ser uma opção válida.

As pessoas, a partir de um enfoque construcionista social, criam significados conjuntamente e, por meio dessa criação conjunta, tomam certos direcionamentos em suas vidas em detrimento de outros caminhos, rumo a um futuro. Esse entendimento também pode ser visto em Souza e Scorsolini-Comin (2011). Os meus entrevistados contaram com a rede de relacionamento de amigos e parentes, como também de colegas e conhecidos nas instituições nas quais eles trabalhavam. Embora Amanda e Heloísa não tivessem pessoas tão próximas residindo em Londres, elas puderam contar com redes de contato de universidades, *websites*, *blogs* e informações de outros migrantes. Tal como apresenta Gergen (2009), a pessoa é um ser em relação e está constantemente se relacionando com outras no percurso de sua vida.

Diante disso, destaco que os aspectos citados acima foram identificados nas narrativas dos meus participantes, os quais são entendidos de modo relacionados, sendo inviável segmentar a dimensão do trabalho, do conhecer e experimentar e das questões mais pessoais. Esses fatores permitiram construir os sentidos relacionados à partida para meus entrevistados: o primeiro foi relacionado à dimensão do trabalho, o segundo a conhecer e experimentar e o terceiro envolveu

certas particularidades de cada um dos entrevistados e seus relacionamentos. Esses sentidos são considerados aqui em equidade, mas, como ocorre na confecção de um mosaico, alguns podem ser entendidos como mais importantes do que outros.

Investigação com brasileiros em Londres também mostrou a presença desses três aspectos que identifiquei nas narrativas dos meus entrevistados. Os pesquisadores, em pesquisa efetuada em Londres, observaram a importância do “estudo” nas respostas dos migrantes brasileiros quando perguntados sobre o motivo que os levaram a migrar:

Quase um terço dos pesquisados veio a Londres com a intenção de *estudar*, compreendendo assim a maior parcela de todas as razões apresentadas. Mais de um quarto dos pesquisados apontou *trabalhar e estudar* como a principal razão, correspondendo à segunda maior proporção da amostragem. Outra importante parcela das razões indicadas para a vinda a Londres foi *trabalhar*, representando pouco menos de um quarto das razões. Ainda, cerca de 21% dos pesquisados mudaram-se para Londres permanentemente (EVANS et al., 2011, p. 12).

Os resultados identificados por Evans et al. (2011) mostram a presença significativa do “estudo” e do “trabalho” nas respostas dos brasileiros, e esses dois aspectos envolveram cerca de 77% das respostas dos entrevistados. No caso dos meus entrevistados, como também no estudo assinalado acima, não houve um único aspecto a ser considerado em relação aos motivos no processo migratório, mas sim diversos. Entre eles, envolviam questões presentes na sociedade de destino, mas também presentes na sociedade de origem. Ora, eram as características que seriam encontradas na Europa, ora eram as dificuldades enfrentadas no contexto brasileiro. No entanto, como ressaltado por Evans et al. (2011), os objetivos quanto ao “estudo” estavam presentes, diferentemente de pesquisas efetuadas com brasileiros nos Estados Unidos, por exemplo. Siqueira (2009) mostra a significativa menção dos entrevistados quanto ao objetivo de migrar ser relacionado ao “trabalho”:

O principal motivo que move os habitantes da Microrregião de Governador Valadares a emigrar para os EUA é a questão econômica, a busca de

ganhar dinheiro, conforme declarado por 58% deles. Ganhar dinheiro para adquirir bens no Brasil e melhorar de vida. Observa-se que 28% afirmaram que emigraram para encontrar com filhos (as), esposos(as) e pais (Siqueira, 2009, p. 75).

Diante dos estudos apresentados acima, especificamente da citação de Evans et al (2011), de é possível identificar que os objetivos dos brasileiros em Londres, mais especificamente, estariam também associados ao “estudo”, embora sem desconsiderar a dimensão do trabalho. Enquanto que para Siqueira (2009), os objetivos dos brasileiros estariam mais voltados à aquisição econômica.

Sobre o contexto social, Basso (2013) esclarece que existem basicamente quatro motivos que impulsionam pessoas dos países periféricos a migrarem para os centrais. Primeiro, seriam as desigualdades existentes de desenvolvimento no mercado mundial, havendo países com maior industrialização do que outros. O segundo seriam as migrações em massa do campo para as cidades, em decorrência da industrialização das atividades e diminuição da possibilidade de subsistência na lavoura. O terceiro fator seria a expectativa de crescimento da população nos países periféricos. O quarto fator seria relacionado a demandas dos países centrais de trabalho a “baixo custo”, com pouco ou quase nenhum direito de trabalho. Esses aspectos promovem as construções de significados, ou seja, as pessoas vivenciam esses processos em suas vidas cotidianas, mas a apropriação de cada pessoa é feita de modo singular, ou seja, diante desse contexto a pessoa produz sentidos sobre esses processos e, em decorrência, alguns “escolhem”, dentro de um campo discursivo, migrar e outras não.

Segundo Souza e Scorsolini-Comin (2011), atualmente as pessoas possuem uma grande quantidade de elementos disponíveis na cultura e podem usá-los para criar seus próprios caminhos. Ou seja, a partir dessa diversidade elas se apropriam de elementos presentes nos discursos sociais e criam para si mesmas versões do mundo e vão se constituindo a partir desse processo. Diante disso, não haveria um caminho *a priori* a ser escolhido, mas sim apropriações de elementos presentes em um contexto social e produzidos por meio dos relacionamentos. Assim, os caminhos são produzidos na integração de elementos coletivos e pessoais, como na integração de peças, que, com trabalho, o qual pode configurar uma partida.

5.1.2 Planejamentos: apoio/redes e tempo

Aqui entendo o planejamento como a organização dos elementos que viabilizaram o processo da migração. Esses elementos também podem ser entendidos como as peças que assinaléi no item anterior, em que, com sua organização, geraram condições para construir o caminho. Diante disso, cabe considerar que cada entrevistado partiu de condições diferenciadas. A construção dos percursos também foi distinta.

Na análise das narrativas dos meus entrevistados, foi possível perceber que todos eles contaram com auxílio de pelo menos uma pessoa para efetuar o processo migratório. Nesse aspecto, houve pouca diferença entre eles. Alguns contaram com apoio mais institucional, como pessoas vinculadas a empresas ou universidades, e outros contaram com o auxílio de amigo ou parente.

Os entrevistados que contaram mais com a rede profissional foram Eduardo, Pedro, Amanda e Camile. Eduardo Neves contou com o auxílio da empresa no Brasil, que estabeleceu o apoio e o contato com a empresa na Inglaterra. Pedro contou com o auxílio dos colegas e professores do laboratório de informática onde trabalhava como estagiário em uma universidade brasileira e, após a sua contratação por parte de uma empresa inglesa, também contou com ela para efetuar os trâmites relacionados aos documentos, moradia e as primeiras providências no destino. Amanda também contou com apoio institucional, por meio dos convênios entre as universidades e subsídio do governo Federal, por meio de bolsa de estudos.

Os participantes que contaram com auxílio e informações provenientes de amigos e parentes foram Guilherme, Jordi, Gabriel, Ana, Danuza. Guilherme tinha uma amiga que lhe auxiliou em todos os aspectos do planejamento e também na chegada, com residência e emprego; ele também contou com o auxílio financeiro dos pais. Gabriel, que já tinha o irmão que já morava na Espanha, guardou recursos financeiros e estudou espanhol. Jordi contou com o auxílio de um ex-colega de faculdade sobre os cursos oferecidos na Espanha. Ana contou com o namorado britânico. Danuza tinha um primo na Inglaterra, que a ajudou. Diante desses casos, Camile efetuou um procedimento distinto; ela contratou uma agência de viagens e não contou com alguém, em seus relacionamentos mais próximos, para lhe auxiliar.

Como já mencionei, esses entrevistados efetuaram o planejamento de acordo com as suas possibilidades, alguns maiores apoios institucionais, e outros, de amigos e familiares. Sasaki e Assis (2000) salientam que a migração de longa distância é relacionada a

muitos riscos para a pessoa, desde os afetos à segurança pessoal até diferente padrão de vida e de renda. Assim, o apoio se torna fundamental para auxiliá-las a entender como é a vida naquele país, quais os caminhos a serem tomados e as possibilidades de viverem lá. Sasaki e Assis (2000) salientam que o apoio de parentes, amigos, vizinhos ou colegas no destino é importante, pois promove a circulação de informações confiáveis, possibilitando menores riscos e gerando mais confiança para os migrantes.

Para estudar lá, a gente pesquisava muito, muito. Na época, tinha o Orkut e tinha muitos fóruns, comunidades com informações, então a gente pesquisou tanto a escola como as empresas para auxílio de visto. Isso tudo a gente pesquisou pela internet (Heloísa).

Essa fala de Heloísa mostra como ela obteve informações para morar em Londres, a partir de buscas e muita pesquisa sobre pessoas que já haviam residido naquele país. Francisco (2011) esclarece que as redes de relacionamento constituídas entre os migrantes promovem trocas de experiências e informações, redes econômicas, culturais e simbólicas. Os sistemas de telecomunicações e a mídia também são evidenciados pelo autor em razão do potencial de transformar o cotidiano das pessoas e fortalecer as redes de parentesco e de amizades com conexões frequentes, pois o uso da *internet* nas residências das pessoas possibilita comunicação audiovisual instantânea a baixo custo. As redes sociais na *internet* e as páginas eletrônicas escritas, como *blogs*, vídeos, entre outros, possibilitam o acesso a informações do cotidiano das pessoas e acompanhar as vivências delas em diversas partes do mundo, bem como conhecer diversos assuntos, inclusive sobre como morar na Inglaterra, Espanha ou em outros países.

Miguélez et al. (2011) também sustentam a importância das redes nas trajetórias laborais dos imigrantes porque proporcionam informações para a mobilidade social, mas lembram que nem todas as redes têm a mesma qualidade e o mesmo acesso de informações, observando que a informação das redes depende da posição de seus membros na estrutura social. Aqui cabe salientar que cada participante teve um acesso distinto as informações. Guilherme contou com uma amiga, que, além de ajudar nos trâmites, o abrigou em sua residência e no seu trabalho. Por outro lado, Heloísa encontrou moradia por meio de um *site* e contou com a indicação de uma amiga do Brasil para

conseguir uma atividade remunerada. Eles acessaram as informações dentro de suas possibilidades.

Um aspecto que se destacou nas narrativas referentes à organização da migração foi o tempo dispensado pelos participantes para planejar o processo de saída para o exterior. Para a maior parte dos entrevistados, o processo durou entre seis meses a um ano. “[...] aí pensei em ir para lá, passei um ano planejando” (Guilherme). Assim, entre os entrevistados houve diferenças no tempo de planejamento, que, em geral, levou mais seis meses. O tempo implicado nesse processo não é imediato, precisa de esforço e implicação no processo. Araújo e Duque (2012) salientam que, nas sociedades modernas, o tempo e seus modos de uso estão diretamente relacionados às formas de tomada de decisão, na organização, nas interações e construções de identidades individuais e coletivas. No caso dos meus entrevistados, o tempo dispensado possibilitou conhecer e efetuar os trâmites para o acesso à documentação, mas também é um tempo que promove uma construção narrativa pessoal e dialógica com outras pessoas sobre os aspectos relacionados à sociedade de destino. A busca de informações, assinalada na fala de Heloísa apresentada acima, também pode ser entendida como um processo de produção de significações entre ela e aquela sociedade, de trocas que vão além das informações objetivas, mas certa apropriação do sujeito sobre aquele contexto.

5.2 DESTINOS

Dentro das informações analisadas, foi possível destacar dois subitens sobre os aspectos relacionados às narrativas dos meus entrevistados na sociedade de destino, sendo que o primeiro foi **mais relacionado à dimensão do trabalho** e outro **mais relacionado à dimensão social e familiar**. Essas dimensões não são entendidas aqui como separadas, mas efetuei essa divisão somente para melhor apresentação e discussão dos resultados.

5.2.1 Narrativas mais relacionadas à dimensão do trabalho/emprego/renda

Na análise das narrativas, pude observar três aspectos sobre o trabalho remunerado no contexto da sociedade de destino: 1) inserção laboral nos países de destino, 2) relações com colegas e supervisores; e 3) rendimentos e finanças.

5.2.1.1 *Inserção laboral nos países de destino*

Miguélez et al. (2011) entendem o conceito de inserção laboral como a parte de um processo inicial que abre espaço para uma trajetória laboral posterior, em outras palavras, é o primeiro trabalho renumerado acessado pelo imigrante. Segundo os autores, essa concepção é útil, pois consideram essa inserção como o primeiro contato concreto com o mercado de trabalho, oferecendo uma possibilidade de compreender o perfil de oferta e demanda de trabalho. Para o estudo da inserção laboral dos aqui entrevistados, empreguei essa concepção assinalada pelos autores acima.

Todos os entrevistados tiveram inserções laborais no destino. No entanto, essa inserção foi diferenciada entre eles; alguns tiveram mais dificuldades e outros menos em relação ao primeiro trabalho acessado por eles no exterior. Observe-se que cada um tinha uma situação específica e diferentes habilidades (*migrant skills*), tal como falam Knowles e Harper (2009). Diante dessas diferenças, a inserção laboral feita naqueles países transitou entre uma “elevada complexidade”, porque a pessoa precisou lidar com diversos elementos até descobrir uma possibilidade de inserção, e um processo mais “ameno”, observando que a pessoa já saiu do Brasil com a inserção laboral acordada.

Os casos de maior complexidade, como aqui chamei, foram aqueles que estavam com o documento de estudante e os que estavam indocumentados. Foram dificuldades de inserção profissional pois os caminhos estavam difíceis de serem encontrados, como naqueles “jardins de labirinto” referido por Pais (2001), em que a pessoa procura encontrar os caminhos em um jardim de grama, alto e sem visualizar a saída, com diversos caminhos a serem tomados e nem sempre se sabe onde seria a chegada ou o próximo passo a ser tomado. O relato Jordi mostra um processo de complexidade de inserção na sociedade de destino, em que ele, no próprio caminho, foi conhecendo como conseguir um trabalho remunerado.

Nesse meio tempo foi bem complicado, porque eu cheguei e estava começando a fazer entrevistas de emprego para vários lugares. Eu me cadastrei em várias áreas, fui atrás. E eles me chamavam bastante para as entrevistas. Eram duas, três semanas e eu fazia duas, três, quatro, cheguei a fazer até cinco entrevistas numa semana. Mas

justamente nessa época começou a crise, foi quando explodiu, assim, a crise lá. Aí, vi já que tinha dado um mês e meio que eu estava fazendo uma entrevista por semana, mas não conseguia mais entrevistas e, nesse meio tempo também, eu me dei conta da questão de papéis [...] Teve pelo menos um lugar assim, que era até bom [...] era uma rede de materiais esportivos que tem em toda a Europa. Eu, sem querer, entrei lá para duas vagas que era de supervisor e de vendedor. Eu fui lá, fiz a entrevista e o cara falou assim: “Perfeito, então quando vier agora o seu documento a gente já assina, mas, como você está fazendo o mestrado, não te importa de nos primeiros dois meses ser vendedor e depois eu te coloco para supervisor”. Eu falei: “Perfeito!”. No trabalho, eu cheguei lá e o gerente ficou “p...”, falando que ele não podia contratar sem papel e tal. Porque é muito complicado, aí que eu comecei a batalha de procurar trabalho; eu já estava também indo a umas instituições que ajudam imigrantes para procurar trabalho também (Jordi).

Da narrativa de Jordi, é possível compreender a complexidade da inserção laboral na sociedade de destino, como no caso ser estudante em 2009, na Espanha. Ele precisou conhecer o espaço social, a necessidade de documentos, os processos e critérios para ingressar em uma atividade laboral. Cabe salientar assim, a partir desta narrativa descrita, as dificuldades presentes na vida do migrante brasileiro no exterior. Como apresentou Bustamante (2002), em que é a própria condição de ser uma pessoa de outro país, já caracteriza a vulnerabilidade do imigrante. Essa vulnerabilidade é encontrada em diversos momentos na vida do migrante no exterior, presentes especialmente no exercício das atividades laborais, mas também em diversas outras atividades cotidianas. Normas, regulamentos, legislação já interferem nas possibilidades de trabalho e nos modos das pessoas poderem se inserir no mercado de trabalho. Sem considerar as falas, os comentários e preconceitos direcionados as pessoas migrantes.

Um dos entrevistados, Eduardo Neves, narrou sobre a diferença entre ser brasileiro no exterior e pessoas do exterior no Brasil. Ele disse que no exterior, no caso de Londres, quem vem de “fora” não é bem visto, diferentemente do que ocorre no Brasil, em que é bem recebido, especialmente se a pessoa é proveniente de países centrais como

Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha, ou seja, países do Norte como esclarece Sousa Santos (2010). Segundo Antunes (2013), o trabalho migrante pode ser considerado a “ponta do iceberg” das dificuldades encontradas nas relações de trabalho, por se constituir como precária e de âmbito global. A precariedade não se situa somente no trabalho dos imigrantes, mas são nessas ocupações em que é possível observar melhor as contradições sociais.

Wills et al. (2010) explicaram a ocorrência de uma “nova” divisão do trabalho migrante nas cidades globais, ocorrida em um período mais recente, observando que atualmente no mercado de trabalho os empregadores privilegiam os imigrantes de origem europeia aos de outras origens. Jordi assinalou isso em sua fala, que havia mais pessoas com documentos e que poderiam trabalhar provenientes do Leste Europeu. Segundo os autores citados, as entradas de pessoas de países do Leste Europeu nos países da União Europeia promoveram significativas mudanças no mercado de trabalho, em que os empregadores poderiam contar com um suprimento de força de trabalho, a baixo custo e regulamentada. Diante disso, segundo eles, parte dos brasileiros acessam um mercado de trabalho de ocupações voltadas ao trabalho migrante, mais parciais e precários.

Assim, entre os participantes estavam aqueles que tiveram de lidar com uma maior complexidade e outros com menor, como já foi mencionado sobre nas trajetórias objetivas dos participantes. As situações mais amenas relacionadas à inserção laboral ocorreram para os meus participantes que já foram tendo contratos de trabalho (Eduardo Neves e Gustavo) e também para Amanda, com a dupla nacionalidade. Os outros participantes tiveram maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho, pois confrontaram-se com diversos procedimentos para o ingresso. Aqui, como já apresentei, as redes formadas entre os brasileiros também possibilitaram os meios de inserção no mercado de trabalho. As pessoas contaram com conhecidos enquanto estavam lá na Inglaterra ou Espanha. Teve um caso de Helena que conseguiu seu primeiro trabalho, depois de estar em Londres, com uma amiga recém-retornada de lá.

[...] mas logo depois eu acabei arranjando trabalho, que foi indicação de uma amiga minha daqui [do Brasil] que já tinha morado lá e tinha trabalhado em uma loja de presentes e ela me falou: “Vai lá, conversa com a dona da loja”; eu fui, conversei com a dona. Eles me disseram que

estavam precisando e eu acabei ficando. A amiga era de [da cidade de origem], mas ela mantinha o contato com elas [...] (Heloísa).

Conforme o relato de Heloísa foi possível observar que o processo de inserção no mercado de trabalho envolveu, além de relacionamentos na Inglaterra, relacionamentos com as pessoas no Brasil. Ou seja, a rede de relacionamentos possibilitou o ingresso das pessoas no mercado de trabalho e aquelas que foram e retornaram também puderam, com seus conhecimentos e informação, auxiliar os recém-chegados. Frequentemente, os entrevistados citaram que a “indicação” esteve muito presente na inserção. Assis (2011) lembra que os migrantes contam com parentes e amigos para arranjar o primeiro emprego, pois eles fornecem informações e dicas importantes de como obtê-los. A autora constata que os brasileiros criciumenses começavam a trabalhar no mesmo emprego que seus amigos e parentes.

Então, aí eu cheguei e eu fui morar numa casa. Aí o amigo da menina falou: “Olha, eu trabalho na universidade e eles estão sempre precisando de gente, quer trabalhar lá?”. Aí eu falei: “Sem problema”. Fui lá e comecei a trabalhar no mesmo dia. [...] E os outros, normalmente é indicação, um conhece o outro, aí eu tinha uma amiga que trabalhava de baby-sitter lá, aí a patroa dela às vezes precisava de alguém para cuidar do cachorro, e eu ficava, e assim eu fui fazendo (Danuza).

Um segundo aspecto presente nas narrativas dos/as aqui entrevistados/as quanto à inserção laboral foram às mudanças de ocupações ao longo do tempo na sociedade de destino. Eles, depois de um período, acessaram outros postos de trabalho que podem ser considerados, financeiramente e pelas condições de trabalho, um pouco melhores em relação às primeiras atividades.

Lá em Londres, eu fazia o *English Breakfast* fazia de tudo, trabalhava na máquina de lavar louça. Até no final eu trabalhei na recepção (do Hotel) (Guilherme).

[...] depois eu não estava mais gostando dali, pois pagavam pouco, tinha que trabalhar todo o final

de semana, era domingo, nove horas da manhã, e eu tinha que estar lá. Depois eu encontrei esse outro trabalho, que tinha um salário maior e eu iria trabalhar na área em que eu estava. [...] Esse eu vi em um anúncio na internet, acho que foi em uma comunidade de *Orkut*, algo assim; era com suporte de informática (Heloísa).

No caso dos meus entrevistados, houve mudanças de ocupações e, dentro das possibilidades, com certas melhorias, como já relatei. Cabe destacar que estas melhorias foram pequenas, sensíveis, mas existiram. Como mencionei acima, isso ocorreu com Guilherme e Heloísa. Jordi, após dificuldades, atuou como juiz de futebol e treinador de jogadores mirins no primeiro ano e depois ficou por mais três anos como treinador estagiário em um programa social, vinculado à universidade. Ana foi cuidadora de criança, também trabalhou como coordenadora de um juizado e depois como apoio administrativo de um setor de terapias de um hospital. Amanda também teve mudanças de ocupação.

Essas pequenas melhorias de empregos também podem estar associados a melhorias na aprendizagem do idioma, tanto do inglês como do espanhol. Com melhoras na habilidade de se comunicar na língua local, os entrevistados também puderam acessar outros trabalhos. Isso ocorreu no caso de Gabriel, Jordi, Camile.

Uma parte dos meus entrevistados atuou em trabalhos mais acessíveis aos imigrantes; eram tipos de trabalhos mais informais e parciais. Camile trabalhava com limpeza nas residências e sem vínculo. Danuza esclarece: “Então, eu trabalhei e estudei e, fora isso, ‘bico’ era o meu sobrenome, né? eu andei com cachorro, cuidei de criança, consertei computador, limpei casa...”. Parte deles atuou em atividades sem vínculo de trabalho, efetuando o que era possível diante daquele contexto.

Antunes (2013) discute que o trabalho imigrante se caracteriza por uma informalidade acentuada e associada a certos tipos de ocupação. Essa informalidade corresponde a trabalho não regulamentado, sem carteira assinada, e o trabalho precário pode ser formal ou informal. Para o autor, essa informalidade pode ser considerada um novo tipo de proletariado informal, ou seja, um subproletariado fabril e de serviços. Exemplos indicados por Antunes (2013) foram os chicanos nos Estados Unidos, os imigrantes do Leste Europeu (poloneses, húngaros, romenos, albaneses etc.) na Europa ocidental, o decasséguis no Japão e os latino-americanos (bolivianos em

particular) e os africanos em geral no Brasil, entre outros. Diante disso, cabe considerar que parte dos aqui entrevistados, especialmente Danuza, Guilherme, Gabriel, Jordi, Camile, Heloísa, acessou um mercado de trabalho considerado mais precário na sociedade de destino, sem regulamentação e baseada em atividades informais e de emprego de tempo parcial ou segmentado.

Nesse mercado de trabalho direcionado aos imigrantes, também havia segregação por gênero, embora houvesse homens exercendo atividades tradicionalmente consideradas femininas, como a limpeza. No âmbito das atividades femininas, Danuza e Camile trabalharam com limpeza e com os cuidados com crianças. Ana e Amanda também atuaram cuidado de crianças, mas nenhum participante homem atuou nesses cuidados. Guilherme trabalhou com limpeza, mas, entre os meus entrevistados, foi o único homem que assinalou esse trabalho. Gabriel e Jordi trabalharam mais com atividades de bares e noturnas, que eram atividades mais típicas masculinas. Diante disso, Wills et al. (2010) explicaram haver um padrão herdado de segmentação do mercado de trabalho, em que é feita uma divisão por meio de nacionalidade, etnicidade, raça e gênero, de modo que, frequentemente, mesmo no contexto da imigração, algumas ocupações são destinadas mais ao trabalho de homens e outros ao trabalho de mulheres.

Assis (2011) esclarece a segmentação em relação ao gênero no trabalho imigrante de brasileiros residentes nos Estados Unidos. Segundo a autora, os homens estavam concentrados nos restaurantes, como ajudantes de cozinha, garçons, copeiros, balconistas e atendentes; na construção civil e, em menor quantidade, estavam relacionados aos trabalhos de faxina, de padeiro, entregador de jornal, carpinteiro, entregador de pizza, lavanderia não doméstica e jardineiro. No caso das mulheres, elas estavam concentradas no serviço doméstico, com a maioria trabalhando em faxina, como diaristas e, em menor número, como babás. Outros trabalhos feitos por elas eram de garçonetes, ajudantes de cozinha, balconistas, atendentes, copeiras, cozinheiras e padeiras.

Embora no contexto migratório homens e mulheres possam exercer atividades não tradicionalmente associadas ao seu gênero, como a limpeza, conforme ocorreu no caso de Guilherme, Assis (2011) indica a presença de uma segmentação em relação às ocupações de homens e mulheres, mesmo no contexto migrante. No relato de Ana, apresentado a seguir, é possível observar como ela foi se estabelecendo no mercado de trabalho efetuando cuidados com crianças.

Eu comecei a trabalhar como *nanny* [...]. Na verdade eu não tinha muita opção, não estava aparecendo outra coisa, então eu peguei [o trabalho] [...] foi no *Gumtree*⁷⁶, esses sites que eles têm lá. Daí eu mandei; você manda com uma carta de intenção, e a família faz uma entrevista, se eles acharem que você encaixa no perfil que eles querem. Era uma família francesa, tinham um bebezinho; eles gostaram muito de mim e me indicaram para o casal amigo deles, e outros e outros, assim começa a rede para cuidar das criancinhas. Para mim era tranquilo, porque eles gostavam porque as crianças aprendiam comigo também. Eles só falavam francês dentro de casa, então eles gostavam bastante (Ana).

Os trabalhos com cuidados envolvem elementos afetivos e emocionais; Guimarães, Hirata e Sugita (2011) esclarecem o termo “*care*” como aquelas atividades que envolvem aspectos materiais, técnicos e relacionais. Segundo as autoras, seria a prestação de serviços que promovem apoio e assistência, além da responsabilidade com o bem-estar de outras pessoas. Carpenedo e Nardi (2013) evidenciam no estudo com oito mulheres brasileiras inseridas em atividades domésticas em Paris que as vivências delas puderam ser consideradas como complexas e multifacetadas, no entanto, mesmo em um contexto de falta de direitos, contratos informais e desigualdades, as mulheres também puderam criar alguns espaços de resistência e práticas mais voltadas à liberdade.

No caso das minhas entrevistadas, o trabalho no âmbito doméstico como cuidadoras de crianças ou nas práticas de limpeza possibilitou a elas o apoio financeiro para residirem naqueles países, mas também puderam estabelecer relações e conhecer mais profundamente a cultura por meio do trabalho. As entrevistadas produziram significados positivos relacionados a atividade. A questão subjetiva relacionada ao trabalho envolvia não somente a atividade, mas os significados de residir naquele país e sendo essa uma das possibilidades concretas de viabilizar suas vidas naquele contexto. Certamente eram atividades mais precárias no âmbito do mercado de

⁷⁶ É um site frequentemente usado na Inglaterra em que as pessoas divulgam anúncios sobre emprego, moradia, vendas de objetos, entre outros (<http://www.gumtree.com/>).

trabalho do país de destino. Danuza, na fala assinalada a seguir, por sua vez, evidencia “o segredo” (Danuza) relacionado ao trabalho do migrante:

O segredo é conhecer gente e estar disposto a topar qualquer coisa, porque é uma coisa que todo mundo diz para quem vai morar fora: “Aqui arranja trabalho quem está disposto a fazer qualquer coisa”. Aqui eu dava aula, lá eu ia limpar sala de aula. O ano que eu passei lá, eu passei esse tempo trabalhando em uma universidade, limpando a sala dos professores (Danuza).

Diante dessa fala de Danuza, é possível perceber que o trabalho realizado lá é circunscrito aquele lugar e aquele período, mostrando o desnível entre as ocupações no Brasil e daquelas acessadas no destino. O trabalho em Londres envolveu uma situação em que ela precisaria contar com uma renda para residir naquele país, e o trabalho se constituiu como viabilizador dessa vida. Assim, os sentidos atribuídos ao trabalho seriam relacionando a poder viver naquele país, aprender um idioma, conhecer outros países e cultura.

5.2.1.2 Relação com colegas no trabalho e contratantes

Todos os participantes disseram que trabalharam com pessoas de diferentes nacionalidades, como também com outros brasileiros. Wills et al. (2007), falando sobre o multinacionalismo no âmbito do trabalho, relataram que, pela importância das redes sociais, muitos dos trabalhadores investigados por eles em Londres trabalhavam com seus compatriotas, mas era um padrão que poderia ser alterado, pois havia grande rotatividade e, com a chegada de sujeitos, também ocorria a incorporação de pessoas com outras nacionalidades nos serviços.

O importante é considerar que nas cidades chamadas globais, como Londres e Barcelona, por exemplo, há uma diversidade de pessoas de diferentes nacionalidades trabalhando juntas e se relacionado. Diante disso, cabe considerar como essas pessoas podem ampliar seus conhecimentos sobre o mundo e criar sentidos coletivamente. Gergen (2009) salienta que o mundo torna-se importante a partir dos relacionamentos estabelecidos; é a partir deles que construímos os significados, sendo um aspecto feito conjuntamente com outras pessoas.

Assim, no trabalho podem haver trocas de conhecimento e nos modos de atuação.

Eu fui limpar uma casa e a mulher me mostrou como queria e tal. Foi em um dia de sol, era verão em um dos poucos dias de sol. Era um dia bonito, estava quente, e eu disse: “Vou abrir sua casa hoje”, e eu abri toda a casa. Lá é tudo vidro duplo por causa da neve. Ela foi lá embaixo e quando voltou ela disse: “*Oh, really?*” “Que lindo”, “Open Windows”. Eu abri todas as janelas e ela nunca tinha feito aquilo. Aí ela falava “*Oh good!*”. Ela parecia uma pessoa fora de si, pois eles nunca abriam casa e aqui a gente tem esse costume. Para mim aquilo era tão comum, para eles era como se estivessem tirando as roupas deles, aí eu abri tudo; ficou com outro cheirinho dentro de casa e ela gostou. Nisso a gente vê como é uma coisa cultural a limpeza da residência: diferenças entre Brasil e Londres. Para a gente, isso é tão comum, e lá eles valorizam bastante. Aqui nós temos o costume de lavar a roupa, passar e guardar. Eles não, eles lavam e jogam tudo dentro do armário. Tanto faz. Nisso a gente repara como a cultura é diferente (Camile).

Nessa narrativa de Camile, é possível entender a particularidade da construção de sentidos feita entre ela e a proprietária da residência. As trocas são efetuadas continuamente entre as pessoas; aqui no caso foi sobre como cuidar da residência e as diferenças entre as práticas feitas no Brasil e na Inglaterra. No Brasil, as exigências quanto à limpeza das residências são elevadas, pois a casa limpa se refere quase às qualidades de uma pessoa ou da “dona de casa”; na Inglaterra, outros valores são entendidos como relevantes e a limpeza não seria tão valorizada entre os nacionais, embora nessa situação específica os modos de entender a limpeza se confrontem e, nessa interação, constroem outros novos sentidos sobre como as práticas podem ser efetuadas. Para a proprietária, podem haver novos modos de cuidado com a casa e Camile pode observar outros elementos e valores presentes naquela sociedade.

Os outros aqui entrevistados relataram terem trabalhado com pessoas de diversas nacionalidades e de terem boas relações com seus colegas. Diante disso, ocorreram diversas trocas de informações, conhecimentos nesse processo de socialização entre os entrevistados, os

nacionais e as pessoas de diversas nacionalidades residentes naqueles países. Berger e Luckmann (1985), sobre socialização, esclarecem que uma pessoa na sociedade participa de um processo simultâneo, o qual exterioriza seu próprio ser no mundo social e interioriza esse último como realidade objetiva. Isso corresponde ao fato de que estar em sociedade significa participar da “dialética da sociedade” (p. 174).

Nesse processo dialético citado acima, ocorre em um primeiro momento a interiorização em que as pessoas apreendem ou interpretam um conhecimento objetivo como um fato dotado de sentido, e depois ocorre a socialização, em que as pessoas se tornam membros da sociedade. Berger e Luckmann (1985) salientam a existência de uma socialização primária, que as pessoas experimentam na infância, e uma socialização secundária, que é o processo pelo qual a pessoa já socializada é introduzida em novos setores do mundo objetivo da sociedade. Aqui enfocarei a socialização secundária. Pois os participantes deste estudo já eram socializados em uma cultura e estavam, a partir de um processo dialético, incorporando novos conhecimentos e se relacionando com pessoas de outras sociedades. Com isso, gostaria de mencionar que as múltiplas convivências, com pessoas de diversas partes do mundo, provocam, por meio das interações, novas interiorizações, além de alterarem a socialização. Assim, as pessoas aprendem outros modos de efetuar as atividades práticas da vida cotidiana, e esse processo dialético de interiorização e socialização envolvem outros elementos quando em outra sociedade.

Os colegas de trabalho dos entrevistados tinham variadas nacionalidades, mas isso também ocorria com seus superiores, com as nacionalidades indiana, sul-africana e brasileira. Quando os participantes foram perguntados sobre seus supervisores, em geral as narrativas foram relacionadas a “Muito boa, era tranquila [risos], super boa. No hospital, era a mesma coisa, era supertranquilo super-relaxado” (Ana).

No entanto, cabe considerar que nem sempre as relações estabelecidas são fluidas, pois no ambiente de trabalho podem haver divergências de opiniões, pensamentos, modos diferenciados de efetuar as atividades, expectativas, entre outras. No entanto, os relatos dos meus participantes eram mais relacionados a aspectos positivos dessa relação, a qual também evidenciava uma relação com o ser humano e com o trabalho.

[...] a liberdade do empregado na universidade, pois lá não existe cartão ponto, folha ponto, o

registro do horário que chegarás, se as pessoas vão trabalhar de casa... Ninguém pergunta isso, eu nunca tive que dizer o horário que chegaria, o horário de saída, algumas dessas coisas, aqui é muito diferente, bem diferente. Quando eu estava grávida, teve um dia que estava nevando, meu chefe me ligou e disse: “Amanda, você não vem trabalhar hoje!”. Eu não sei quando alguém iria ligar no Brasil para um funcionário dizendo para não ir trabalhar porque estava perigoso (Amanda).

Amanda assinala como eram as relações interpessoais no contexto do trabalho naquele país. Essa fala ressalta como a legislação inglesa, com um histórico de conquistas e lutas no âmbito do trabalho, eram vivenciadas nas práticas cotidianas⁷⁷. Contudo, não há possibilidade de assinalar a inexistência de divergências entre as pessoas e seus supervisores ou colegas de trabalho, observando que no trabalho, por sua característica coletiva, isso é presente. Um aspecto que se mostrou relevante foi evidenciado a partir de uma fala de um entrevistado sobre a separação entre o âmbito pessoal e do trabalho. Pedro esclarece que aprendeu essa forma de relacionamento no ambiente de trabalho na Inglaterra e, depois, ele incorporou essa divisão no Brasil. Essa divisão pode ser entendida como um modo de proteger a vida pessoal e privada do mundo social, público, e das tensões provenientes dos espaços que, no caso, eram também internacionais.

Aqui [no Brasil] as pessoas misturam muito a vida profissional, aqui meio vira um bolo só. Lá [na Inglaterra] é bem separado, no profissional: você tem teus amigos profissionais, no trabalho, e você tem teus amigos do grupo que você vai fazer alguma coisa, lá é bem assim, para mim foi mais ou menos assim. Eu me adaptei, no final eu estava bem assim, separando bem e adaptado e hoje em dia lido assim, bem separado, eu tento separar um pouco porque acho importante, talvez seja um

⁷⁷ Segundo o Escritório de Conselho aos Cidadãos (*Citizens Advice Guide*), pela legislação inglesa o empregador deve proteger o trabalhador quanto à saúde, segurança e bem-estar no trabalho, tal como é parte do dever deles estarem cientes de proporcionarem um ambiente de trabalho seguro e sem qualquer risco a saúde para o trabalhador *Citizens Advice Guide*. Disponível em: <<http://www.adviceguide.org.uk/england.htm>>. Acesso em: 22.09.2014.

pouco mais de maturidade, você saber separar isso, pois tem coisas que é melhor que fiquem em um ambiente e outras que fiquem em outro e separando para você conseguir gerenciar bem (Pedro).

Berger e Luckmann (1985) esclarecem que, diferentemente do que ocorre na socialização primária, em que a criança precisa de uma identificação carregada de emoção com as situações vivenciadas, a maior parte da socialização secundária pode dispensar a emoção e prosseguir de modo eficiente somente com as identificações feitas no contexto específico em que a pessoa vivencia. No ponto de vista construcionista, os sujeitos se apropriam das significações presentes no mundo social e isso cria modos de as pessoas se posicionarem no mundo. Diante disso, a divisão assinalada pode ser entendida como um tipo de construção social com divisas entre o âmbito pessoal e do trabalho, produzindo outro modo de envolvimento subjetivo.

5.2.1.3 Rendimentos e finanças: economia de recursos

Aqui abordo a questão da renda gerada pelo trabalho e a administração dos recursos assinalada pelos entrevistados. O rendimento proveniente do trabalho se alterava conforme suas inserções no mercado de trabalho. Em geral, eram eles que pagavam suas despesas de moradia, alimentação, transporte, vestuário com os recursos provenientes dos seus trabalhos.

De todos eles, apenas três citaram enviar recursos ao Brasil (Gabriel, Camile e Jordi). Somente Gabriel especificou o valor, que era de 600 euros por mês. Camile e Gabriel enviavam quantias variadas, conforme as suas possibilidades. Pedro e Amanda tinham salários compatíveis com os recebidos no Brasil. Os outros entrevistados viviam dos seus rendimentos, não acumularam, mas pagavam as suas despesas.

Então, o período em que eu trabalhava lá, eu trabalhei o tempo todo nessa universidade, assim, porque eu trabalhava três horas e meia lá. Com o dinheiro que ganhava nessas três horas e meia, eu conseguia pagar meu aluguel e as minhas contas todas lá. E encaixar tempo para estudar, porque eu fiz o ano escolar numa escola de inglês pra estrangeiros lá, então eu precisava ter tempo para poder estudar também... (Danuza).

Danuza conseguia viver pagando suas despesas. Guilherme contou que era muito econômico e sempre guardava recursos financeiros, solicitando uma quantia de dinheiro aos pais apenas em uma situação específica, em que era para renovar o visto⁷⁸. Em geral, o ato de economizar e se organizar financeiramente se mostrou um aspecto muito importante para meus entrevistados, pois eram responsáveis pelas suas despesas.

Os recursos financeiros, eu sempre guardava um pouco. Eu nunca precisei pedir. Eu sou muito “mão de vaca”. Eu economizava para juntar se precisava; juntei dinheiro para renovar o visto, para mostrar e até pedi um dinheiro para meu pai mostrar na conta, mas nem precisei usar (Guilherme).

No caso dos estudantes, o tempo de trabalho estava diretamente implicado com as possibilidades de obter recursos financeiros, visto que a legislação regula a inserção dos estudantes no mercado de trabalho com maiores restrições⁷⁹. Sobre a condição de ter documento de estudante, Guilherme relata:

Acho bem difícil, pois você tem poucas horas para trabalhar, eu acho que você tem que ter dinheiro, você não consegue só com um curso de inglês [...] acho que você está aqui e quer fazer outra coisa é bem difícil, pois o curso, para quem não é daqui, é bem mais caro, se você não tem

⁷⁸ Saliento que, para a renovação do visto de estudante no Reino Unido, uma das exigências é que a pessoa apresente uma quantia de dinheiro em sua conta bancária, que seja suficiente para cobrir despesas durante o período de estadia.

⁷⁹ Na Inglaterra, os regulamentos para as pessoas solicitarem os documentos são frequentemente modificados. O último documento que regula os estudantes, chamado de Tier 4, foi publicado em outubro de 2014. Esse documento detalha atualmente as diversas modalidades de estudantes e quantidade de horas de trabalho permitidas para cada um deles, ocorrendo que para cursos de inglês é 10 horas semanais. No entanto, a partir dos relatos de entrevistados e da minha própria experiência antes de 2010, o estudante de inglês tinha permissão para trabalhar 20 horas semanais. Para mais informações sobre os regulamentos ver *Tier 4 (General) student visa* <<https://www.gov.uk/tier-4-general-visa/overview>>. Acesso em: 04.11.2014.

nacionalidade é tudo mais caro. Deram dois anos você não pode mais renovar seu curso de inglês, vida aqui de estudante não é legal. Como estudante, é limitado, pois se eu tivesse outra nacionalidade, como a italiana, eu poderia... Como fala? Eu poderia trabalhar mais horas (Guilherme).

Guilherme apresenta acima as dificuldades de ser estudante estrangeiro. No caso, ele conseguia viver na Inglaterra com seu próprio trabalho e sem dívidas feitas no Brasil, mas há casos de migrantes brasileiros que contraem dívidas para as despesas relacionadas à viagem. Siqueira (2009) esclareceu, em seu estudo, que a viagem dos brasileiros aos Estados Unidos era financiada por parentes e amigos, recursos próprios ou pediam empréstimos.

Nas narrativas dos aqui entrevistados, foi possível compreender a importância do fator econômico para subsistências e para administrar suas vidas, especialmente para os jovens. No Brasil, essa questão é especialmente relevante para os jovens, em que as taxas de desocupação são mais elevadas entre eles⁸⁰ e pelo elevado custo de vida. Na Inglaterra, e com Jordi e Gabriel na Espanha, eles tinham atividades laborais que poderiam subsidiar seus custos de vida e ainda ter recursos financeiros para atividades mais voltadas para o lazer, conforme indicarei em continuidade.

Ainda sobre os jovens, Graf e Diogo (2010) também mostraram, a partir de uma pesquisa sobre os projetos futuros, a importância da autonomia financeira para os pesquisados, especialmente por esse fator permitir e viabilizar suas vidas quanto aos seus projetos de construir uma família, ser independentes dos familiares e gerenciar suas despesas. Nos migrantes entrevistados, também foi possível compreender a importância da questão econômica para eles, sendo que a remuneração recebida viabilizava as suas vidas naquele período.

⁸⁰ No relatório da PNAD (IBGE, 2013, p. 63) consta que “Dentre as características da população desocupada, destacam-se os seguintes pontos em 2012: mais da metade (57,8%) dos desocupados era de mulheres; 30,5% nunca tinham trabalhado; 34,6% eram jovens entre 18 e 24 anos de idade; 59,9% eram pretos ou pardos e 53,1% deles não tinham completado o ensino médio”. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2012/default_sintese.shtm. Acesso em: 28.09. 2014.

5.2.2 Narrativas no destino relacionadas à dimensão social e familiar

Embora essa dimensão pudesse ser desdobrada em diferentes temas, foi possível aqui focar na questão da residência, tempo livre e atividades domésticas não remuneradas (conservação e limpeza em suas próprias residências).

5.2.2.1 Residência: compartilhada

Para a maior parte dos entrevistados, a residência era compartilhada com pessoas provenientes do Brasil, ou com pessoas de outras nacionalidades, tais como inglesa, italiana, espanhola, polonesa, entre outras. Em geral, os entrevistados alugavam quartos em residências compartilhadas.

Hall (2003) indica um processo chamado de “zona de contato”, que se caracteriza pela presença espacial e temporal dos sujeitos em um mesmo ambiente, mas com histórias particulares e que se juntam em um determinado momento. Assim, a residência pode ser entendida como uma “zona de contato”, e essa convivência produz estranhamentos e outras trocas mais positivas, como auxiliar os sujeitos a entender a sociedade de destino, especialmente para os recém-chegados.

Para os aqui entrevistados, esse processo de dividir as residências possibilitou se integrar a sociedade com a troca de informações, conhecer a cidade, acessar emprego e trabalho, entre outros. Dias (2010) assinala que residir com outros brasileiros pode ser considerado um fator importante para as pessoas organizarem suas vidas no contexto migratório. É uma forma de aprenderem a usar o transporte público, de conseguir trabalho e partilhar sentimentos sobre o Brasil e os familiares.

Mas também havia problemas no partilhar residências. Heloísa disse que havia pessoas mais interessadas em festejos, sem se preocuparem com as outras pessoas que precisavam acordar cedo para trabalhar. Camile assinalou que convivia com muitos brasileiros e assim não conseguia aprender a cultura do outro país. Danuza comentou a falta de cuidados com a limpeza.

O quarto era meio pequeno e tinha muito estudante, mas era estudante que não estuda, só faz festa, então a gente queria dormir, estava cansado, e eles sempre de festa e tal, aí

resolvemos achar um lugar mais tranquilo (Heloísa).

5.2.2.2 Tempo livre

De acordo com Aquino e Martins (2007), para entender o tempo na atualidade é necessário lembrar que essa noção passou por transformações significativas ao longo da história. De forma breve, uma significativa mudança ocorreu no estabelecimento da sociedade industrial, em que os homens começaram a medir o tempo cotidiano e a quantificá-lo para uso na indústria, demarcando, assim, o tempo “dentro” e “fora” do trabalho. “Dentro” do trabalho estariam às atividades industriais e de trabalho e o tempo “fora” do trabalho é chamado comumente de “tempo livre”. O tempo livre, segundo os autores, pode ser dividido em lazer e o ócio. Aqui é importante diferenciar lazer e ócio: o lazer envolve as funções de descanso, aspectos ou atividades que produzam um desenvolvimento humano e atividades de diversão. O ócio, por sua vez, já é um tempo mais relacionado ao gratuito, liberatório, do hedonismo e do pessoal, ou seja, mais relacionado a uma experiência pessoal (Aquino & Martins, 2007).

Conforme os autores acima citados, o “tempo livre” livre envolve o lazer, ócio, mas aqui cabe também incluir o tempo do trabalho doméstico não remunerado, uma responsabilidade atribuída significativamente às mulheres⁸¹. Parte dos aqui entrevistados aproveitava o tempo livre para passear, viajar e conhecer lugares. Outros tinham de enfrentar uma carga de trabalho mais elevada, sendo que o tempo era usado eminentemente para descanso.

Lá se ganha bem, você tem dinheiro para ir a teatro, para ir comer em restaurante toda hora que dá vontade. Se gasta muito também, porque o clima sempre é assim do jeito que está hoje; ou chove, então você acaba fazendo muita coisa em lugar coberto, e tal, e você acaba gastando muito. No verão, eu saía muito, eu acampava, saía para fazer piquenique no parque, ou ia visitar um lugar

⁸¹ Segundo Bruschini (2007, p.571) “...as condições de desigualdade perante os homens se revelam também na persistência da responsabilidade das mulheres e das mães pelos afazeres domésticos e pelos cuidados com as crianças e demais familiares, como se constatou através do elevado número semanal de horas de trabalho que elas dedicam a essas atividades”.

lá perto mesmo, saía muito com meus amigos, bebia muito. Eram brasileiros, mas o pessoal de lá também, indiano, e tem gente de tudo que é lugar. Dependendo do dia da semana, você pode sair com uma nacionalidade diferente. Tinha muitos amigos brasileiros (Ana).

Dormia. Eu não queria ouvir barulho de música, não queria ouvir barulho nenhum, queria somente descansar. [...] Eu ia no cinema, ia na praia quando era verão, mas muito mais dormir (Gabriel).

Nas narrativas de Ana e Gabriel, é possível observar as diferenças quanto ao emprego do tempo livre. Ana usava o tempo mais para lazer e ócio e, para Gabriel, era significativamente diferente, pois o tempo para ele era relacionado ao descanso e à recuperação. Isso resulta das diferenças entre as atividades feitas durante o tempo “no trabalho” e a carga horária, além do tipo de trabalho desenvolvido por cada um dos participantes, sendo possível observar aqueles com intensificação de carga de trabalho e aqueles com trabalho mais balanceado entre vida no trabalho e fora dele. O estudo de Maders (2014) contribui para esse entendimento, pois no caso dos aqui entrevistados, é possível ver as significações do tempo usado para a reposição da força de trabalho e, por outro lado, aquele tempo usado mais para usufruir as possibilidades de conhecer o lugar e passear.

No tempo fora do trabalho, meus entrevistados também realizavam as atividades domésticas em suas próprias residências. Tal como considerado por Bruschini (2007), o trabalho, especialmente das mulheres, é sempre caracterizado por combinar as atividades do âmbito produtivo com as atividades do âmbito doméstico, com os cuidados com a casa, com a família, com crianças ou pessoas mais idosas. “Pois, para as mulheres, a vivência do trabalho implica sempre a combinação dessas duas esferas, seja pela articulação, seja pela superposição, tanto no meio urbano quanto no rural” (p. 542). Essa combinação de trabalho no âmbito doméstico e no produtivo também ocorreu no exterior.

Assis (2011) esclareceu, em sua pesquisa, que as mulheres casadas passaram a receber mais auxílio de seus maridos nas atividades domésticas, mesmo para aquelas que, no Brasil não as dividiam estes serviços. Esses homens, segundo a autora, passaram a dividir as tarefas, como lavar de roupas, lavar a louça do jantar, sendo que a faxina na residência uma vez por semana deixava de ser uma ajuda eventual,

passando a ser uma atividade dividida entre os moradores da casa. No entanto, a autora também identificou casais que permaneceram com um modo de organização de atividades mais parecidas com as que tinham no Brasil, sem significativa modificação.

Em geral, os aqui entrevistados, homens e mulheres, efetuavam as atividades no âmbito doméstico. Em uma situação, havia uma pessoa contratada pelo proprietário (*landlord*⁸²) para limpar as áreas comuns, mas cada pessoa limpava sua louça, roupas e seus quartos, conforme Heloísa. Eduardo Neves também realizava as atividades, sendo que geralmente comprava comida congelada para facilitar o preparo. Em especial, um destaque em relação a limpeza das residências foi dado por uma entrevistada quando relatou dificuldade quando compartilhou residência com pessoas de outras nacionalidades, preferindo por isso permanecer entre os brasileiros. Segundo seu relato abaixo:

Para europeu, não existe limpeza e esse era o pequeno problema. Então, era, assim, uma casa composta por quartos e uma cozinha e um banheiro coletivos. Teoricamente, cada semana um deveria limpar, mas o nosso conceito de limpeza é diferente do deles. Então, nós éramos três brasileiros, nessa primeira casa e era nós que limpávamos a casa na verdade. Porque eles passam pano no chão e tá feito. Lavar vaso sanitário, pia, eles não fazem isso. Pra eles, isso não é natural; nem tomam banho todos os dias. Então, éramos nós que acabávamos cuidando da limpeza. Esse foi o motivo que me levou, depois de seis meses, a morar em outra casa que era só com brasileiros. Era lá que o esquema de limpeza funcionava e ela ocorria todas as semanas, a casa era bem organizada, assim, foi por este quesito, eu não me adaptei muito a morar com europeus porquinhos (Danuza).

Os modos e as práticas da limpeza foram decisivos para Danuza em querer alterar de residência, optando por residir apenas com brasileiros. As práticas de limpeza em geral ocorriam para todos os

⁸² *Landlord* é a pessoa ou companhia de quem você aluga um quarto uma casa ou um escritório. 2. Pode ser uma pessoa que é proprietária ou gerencia um Pub ou uma casa ou uma casa de convidados ou um pequeno hotel, de acordo com o Dicionário Oxford (Oxford Advanced Learner's Compass, 2005).

entrevistados. Entre os brasileiros, pelos relatos, isso era um aspecto importante e uma ação feita frequentemente por eles mesmos.

5.3 RETORNOS

5.3.1 Significados dos retornos

Aqui analiso os significados produzidos sobre o retorno especialmente quanto à decisão de regressar ao Brasil. Como assinala com Sayad (2000), não existe um verdadeiro retorno, pois, mesmo que o espaço aceite esse movimento, não é possível voltar e, ao mesmo tempo, encontrar a mesma situação deixada. Nunca poderá haver um regresso ao mesmo ponto de partida, ocorrendo como no pensamento de Heráclito, citado por Sayad (2000), de nunca ser possível atravessar o mesmo rio duas vezes, pois as águas passam⁸³.

No retorno, o tempo já transcorreu, as pessoas e as vidas em sociedade se transformaram, e até mesmo o lugar, sob um olhar mais atento, pode-se perceber que também já não ser o mesmo. Assim aqui também não existe um único fator para engendrar o regresso, mas múltiplos, em que posso assinalar ser “**mosaico do retorno**”, com a junção de significações que unidos formaram a decisão de partir do país de imigração.

Um primeiro ponto para falar dos significados atribuídos ao retorno para meus entrevistados é que nenhum voltou por remoção administrativa (como é comumente chamada de deportação)⁸⁴. Segundo Blinder (2014), no ano de 2013, somente no Reino Unido 50.741 mil pessoas foram removidas ou deixaram o país depois de inicializado um processo de remoção. Segundo o autor, esse número cresceu em 14,5% em relação ao número em 2012. Esses números mostram um elevado controle de fronteiras ocorrendo, na atualidade, naquele país.

Os significados são produzidos nas interações entre as pessoas e, assim, produzem os atribuídos ao retorno. Diante disso, os significados

⁸³ Sayad (2000) se refere ao pensamento do filósofo grego Heráclito, em que ele emprega uma noção de fluxo universal já popularmente conhecido: “Tu não podes descer duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre ti”. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/heraclito.htm>>. Acesso em: 22.09. 2014.

⁸⁴ Comumente são chamados de “deportados”, mas os processos envolvem mais a “remoção administrativa” ou “partida voluntária” quando as pessoas já possuem em aberto processo administrativo de remoção (Blinder, 2014).

emergidos das narrativas dos aqui entrevistados foram relacionados à(s): a) expiração do visto; b) inserção laboral antes do retorno; c) questões familiares; d) crise e falta de perspectivas; e) maior qualidade de vida. Esses significados atribuídos ao retorno são produzidos pelas narrativas dos meus participantes, ou seja, perpassam a todos, embora, ocasionalmente, alguns aspectos fossem mais relevantes para uns do que para outros.

5.3.1.1 Retorno com data prevista

Nas narrativas de três entrevistados, foi possível identificar o sentido atribuído ao retorno relacionado à expiração do **visto de estudante**. Para Guilherme, Danuza, Heloísa, a data estabelecida no documento foi a data limite para permanecer na Inglaterra. Guilherme relatou sua dificuldade quanto ao retorno. Salientou que estava sem motivação para isso.

Nenhuma, por mim eu ficava lá, só voltei por causa do visto. No momento de retorno, foi legal ver a família, matar a saudade, mas o problema estava no emprego, tudo difícil; eu achava que seria difícil de novo. Eu adoro o frio, sinto muita falta de Londres, sinto muita falta de lá, eu estava vendo as fotos e fico com vontade de estar lá (Guilherme).

Helena refletiu sobre diferentes situações, tanto na Inglaterra como no Brasil. As dificuldades em ser, ao mesmo tempo, trabalhadora e estudante naquele país estavam aumentando. A carga horária autorizada para o trabalho de estudantes estava diminuindo. Houve também o aumento do controle e das exigências para a renovação do visto. Por outro lado, ela enfrentaria dificuldades em se reinserir no seu trabalho no retorno, pois havia o prazo da licença, que precisaria ser renovado.

Fiquei lá um ano e, no final, eu fiquei em dúvida se ficava mais um, e acabei decidindo voltar [...]. Eu vim chorando de lá até aqui, de arrendimento. De não saber se estava fazendo a coisa certa, mas, por outro lado, imaginei que seria a coisa certa, pois lá chegou uma época em que eu não estava mais gostando do trabalho.

Todo mundo te explorava pelo fato de você ser brasileiro e estudante [...]. A licença [no Brasil] era um ano e eu podia renovar por mais um e isso pesou também, pois eu de lá (da Inglaterra) teria que pedir renovação aqui e ia ficar naquela, esperando que saísse o resultado e, nesse meio tempo, eu lá, tinha que pedir a renovação do visto, que era caro também. Então, eu corria o risco de pedir o visto e ficar naquela, volto ou não volto. As regras lá estavam mudando também, pois quem era estudante não poderia mais trabalhar, e isso começou a pesar. Ah, pensei, eu não vou ficar aqui trabalhando de forma ilegal; não vou ficar. Pois antes eu tinha a permissão e eles iam cortar tudo. E isso pesou bastante também; eu pensava: não preciso disso (Helena).

Pereira e Siqueira (2013) também identificaram um tipo de retorno por data estabelecida, chamado pelas autoras de “retorno planejado de estudantes”, em que caracterizam um projeto migratório de curto ou médio prazo, correspondendo ao período de estudo no país de destino. Para as autoras, os projetos migratórios dessas pessoas são bem delimitados e também são concretizados dessa maneira. Elas apresentam o caso de Mateus, que tinha uma bolsa de estudos de doutoramento, na modalidade de *sanduíche*, na Noruega. Porém, há diferenças entre os aqui entrevistados e Mateus. Os meus participantes podem ser considerados duplamente qualificados, eram “trabalhadores-estudantes” na sociedade de destino.

D’Avila (2014), com base nos estudos de Foracchi (1977), esclarece que na contemporaneidade há possibilidade das pessoas conjugarem o trabalho e o estudo, sendo que essa conciliação ocorre porque existe o trabalho parcial, como também os cursos noturnos ou aqueles com meio período. No entanto, essa dinâmica de agregar essas atividades apresenta características peculiares, pois tanto o trabalho como o estudo exigem atenção e disposição, como também esclarece D’Avila (2014). Assim, segundo a autora citada, há aquele estudante que trabalha: “estudante-trabalhador”, sendo que a atividade laboral seria considerada complementar ao estudo, embora seja significativa no contexto de suas vidas. Como há aquele o “trabalhador-estudante” em que o papel de trabalhador é prioritário e o de estudante é complementar. Aqui na pesquisa, os participantes podem ser considerados “trabalhador-estudantes” nos termos esclarecidos por D’Avila (2014) e Foracchi

(1977), pois o trabalho era viabilizador de sua condição de estudantes. A realidade deles era diferente de alguém como Mateus, com subsídios do governo brasileiro, vínculos regulamentados por acordos e convênios entre universidades brasileiras e estrangeiras. Assim, cabe questionar essa “condição” de somente retratá-los como “estudantes”, pois aqui são migrantes, embora com um documento de estudante, eles são “trabalhadores-estudantes”.

Efetuando uma diferenciação entre “estudante”, “estudante-trabalhador” e um “trabalhador-estudante”, considero que o primeiro ingressa em outro país com suporte financeiro, podendo se dedicar exclusivamente às atividades acadêmicas e se relacionar com as demais pessoas e profissionais na universidade. Um “estudante-trabalhador” teria uma condição também diferente, na qual se dedicaria aos seus estudos, e teria um trabalho complementar como estágios, mas que não dependeria financeiramente dele. No entanto, um “trabalhador-estudante” embora com o documento de estudante, precisaria dos recursos provenientes do seu trabalho para a sua manutenção, tal como os aqui entrevistados, pois precisavam contar com o fruto do trabalho e estudavam em escolas pequenas, de bairro, voltadas para estrangeiros em geral, com menor infraestrutura em comparação com as universidades ou institutos de educação.

Os trabalhadores-estudantes entrevistados atuavam em atividades não diretamente relacionadas aos seus estudos, mas sim voltadas para atividades chamadas “*blue-collars*” ou, em tradução livre, eram trabalhadores de colarinho azul, que basicamente operavam em atividades de serviços e naquelas que exigissem um serviço manual⁸⁵. Schreurs et al. (2011) salientam, por sua vez, que os trabalhadores de colarinho azul (*blue-collars workers*) atuam mais frequentemente sobre os objetos que são tangíveis, como substâncias ou materiais, ferramentas, equipamentos ou produtos. Por outro lado, os trabalhadores

⁸⁵ A noção de colarinho azul é fundamentada em Van den Broeck et al. (2012), em que os autores efetuam a seguinte divisão de trabalhadores em relação ao exercício das suas atividades: trabalhadores de colarinho azul (*blue collar workers*), pessoal administrativo (*administrative personnel*), profissionais (*professionals*) e gerentes médios ou sênior (*middle or sênior managers*). No entanto, embora com essa divisão teórica, cabe ressaltar o caráter politendencial do mundo do trabalho na atualidade e as diversas dificuldades provenientes do exercício laboral em diversos segmentos e divisões de trabalhadores, tal como esclarece Antunes (2002).

de colarinho branco (*white-collar workers*) atuam principalmente com informação, com números, símbolos, ideias, conceitos e conhecimento.

Dessa forma, cabe destacar que os participantes desta pesquisa eram trabalhadores-estudantes, exercendo atividades *de colarinho azul* no exterior. Eles tinham uma data de retorno assinalada nos seus passaportes, no entanto seus projetos não eram “tão delimitados”, pois, se eles tivessem condições de permanecer possivelmente ficariam mais tempo naqueles países, como foi evidenciado na fala de Guilherme. As dificuldades estiveram presentes para essas pessoas, que optaram por retornar na data prevista, observando como essa “escolha” foi mais um impedimento de permanência do que uma opção.

Diante desse retorno e desse contexto migratório, o processo não foi facilitado “na volta para a casa”, pois as diferenças, quanto as vivências do exterior, foram sentidas também nesse processo. Danuza relatou especialmente a dificuldade em relação ao retorno para o ambiente familiar, evidenciando, assim, uma perspectiva de que essa migração causa efeitos para quem migra e para aqueles que permanecem.

Então, eu voltei na data que estava prevista para eu voltar mesmo, um ano depois. Foi um choque. Porque eu estava acostumada num ritmo de vida diferente e morando sozinha, e na volta eu voltei a morar com os meus pais. Então, para todos foi um período de adaptação um pouco difícil, assim... Especialmente nos dois primeiros meses tivemos vários conflitos aqui em casa. Então, eu estava acostumada a ficar sem dar satisfação a ninguém, vou onde eu quero, a hora que eu quero, eu volto, porém quando tu voltas a morar com os pais não é assim que funciona. E eu mesma voltei diferente; morar fora muda a cabeça, o jeito que você pensa, então é toda uma readaptação (Danuza).

Diante da condição desses entrevistados, a possibilidade de permanecer no país de destino não estava presente. Veiner (2007) esclarece que o *laisser-passer* da modernidade madura é seletivo, visto que significativa quantidade de pessoas não possui acesso a essa liberdade de ir e vir: alguns são proibidos de entrar e outros são proibidos de ficar. Parte dos entrevistados também foi proibida de ficar no país de destino pelo prazo de vencimento do visto, como também, sendo um aspecto mais de ordem pessoal e subjetiva, quanto a valores e

propósitos de vida, não esteve presente nas narrativas deles permanecer naqueles países indocumentados.

5.3.1.2 Retorno com inserção profissional anterior

A inserção profissional antes do retorno esteve presente entre os sentidos atribuídos. Esse, como eu já mencionei, não pode ser considerado como único fator, mas foi relevante nas narrativas, especialmente nas de Amanda e Pedro, pois ambos conseguiram inserção profissional antes do retorno ao Brasil. Pedro já estava vendo oportunidades de crescimento profissional na Inglaterra e mudança de emprego, já tinha vindo de férias ao Brasil e pensando em regressar, a partir desse contexto, observou uma vaga para um cargo de gerência em uma empresa brasileira e foi selecionado não para a gerência, mas para coordenador. Ele foi contratado antes mesmo de conhecer a empresa.

Eu vim para cá em 2011; de 2010 para 2011, eu vim para cá de férias, aí eu conheci uma moça, de que eu gostei bastante e ela falou: “Ah, se você quiser mesmo voltar para o Brasil, você deve pensar em alguma coisa”, e eu comecei a pensar e aquela coisa bateu e comecei a pensar: “Então tá”. Coincidentemente, nessa empresa do Brasil, eles lançaram uma vaga para cargo de gerente, para a qual eu não fui selecionado, e logo eles lançaram uma vaga para o cargo de coordenador, para o qual fui selecionado. Eu mandei meu currículo, quando estava na Inglaterra. Sim, eu vim para cá de férias, já estava de volta, e aquela coisa começou a pesar. Aí mandei o currículo para cá; o mesmo procedimento que eu fiz para lá eu fiz para cá. Mande o currículo, fiz as entrevistas e decidi voltar, mas eu achava que eles nem iam me selecionar, pois eu tinha mandado o currículo já um mês atrás. Eu estava de férias na Eslovênia e vi uma ligação do Brasil e pensei em atender, me pediram se eu ainda estava interessado em realizar a entrevista. Pensei, vou tentar, não matarei ninguém e verei no que dá. O processo seletivo foi todo por *webconference*. Dessa vez, eu não vim para cá para fazer a entrevista no Brasil e acho que se tivesse vindo eu provavelmente não teria

aceito a vaga, então eles foram inteligentes (Pedro).

Amanda também relatou que dentro de um contexto já marcado por dificuldades em relação à crise econômica, com a iminência de menor quantidade de trabalho e de verbas, ela identificou uma oportunidade em uma universidade brasileira, próxima dos seus familiares. Ela também foi selecionada e contratada pela instituição antes de retomar ao país:

Ah, eu sempre me adaptei muito bem à Inglaterra. Eu não queria voltar; eu estava muito adaptada. Se eu não tivesse tido filho, eu não teria voltado. Eu gostava muito de morar na Europa, gostava muito do ambiente de trabalho, enfim, mas eu pensava bastante na questão de, enfim, ela ter contato com a família, da Ana⁸⁶ crescer perto da família, de eu poder ter uma ajuda maior da minha mãe principalmente e também tinha algumas coisas da crise financeira em que a Inglaterra estava entrando, isso contribuiu bastante porque as verbas para os projetos de pesquisa estavam ficando mais reduzidas e como as verbas para pagar pesquisador são, enfim, sempre a cada três anos a quatro anos mais ou menos, eu disse: “Ah, daqui a pouco essa verba reduz e daqui a pouco estou sem contrato aqui e perdi essa oportunidade em um lugar que eu sabia que era, enfim, era na minha cidade, não é?” (Amanda).

Os sentidos atribuídos ao retorno envolveram a dimensão do trabalho e as oportunidades em relação à inserção profissional. O contrato de trabalho antes de retomar foi um viabilizador nesse processo. Os participantes desta pesquisa são pessoas que estão entre o amplo conjunto de “homens e mulheres que vivem da venda de sua força de trabalho”, tal como assinalado por Antunes e Alves (2004, p. 336). Com isso esclareço aqui, que são aqueles que precisam vender sua força de trabalho para viabilizarem suas vidas. Seguramente as condições entre as pessoas se alteram, mas precisa ser considerada essa classe-que-vive-do-trabalho, aquela não detentora dos meios de produção, conforme assinalou Antunes e Alves (2004). Assim, o

⁸⁶ Nome fictício.

contrato foi um viabilizador para a vinda dos participantes ao Brasil, tanto objetivamente conforme os autores indicaram acima quanto subjetivamente. Do ponto de vista da subjetividade, Coutinho (2009), esclarece que ocorrem processos de construção identitária e de sentidos no decorrer do cotidiano de trabalho, sendo esta uma dimensão central da vida humana. Graf (2009) também esclareceu esse aspecto, quando no estudo de condições precárias, trabalhadores evidenciam significações positivas de suas atividades e seus fortes vínculos com o trabalho. No caso de Amanda, o trabalho dela não somente viabilizou a sua mudança, como para sua família, podendo oferecer mais segurança econômica no regresso, como também, do ponto de vista subjetivo, proporcionar significações de continuidade a sua trajetória laboral.

Mesmo com esse vínculo antes do regresso, não há possibilidade de entender essa volta como uma “retomada” da vida anterior, observando que o retorno, como já assinalado por Sayad (2000), na experiência pessoal é sempre um novo começo.

5.3.1.3 Questões familiares

Gabriel voltou para auxiliar a família, especialmente o pai, que estava com uma doença grave, mas também já estava percebendo a dificuldade de encontrar trabalhos na Espanha. Estrella Vega (2013) também identificou esse aspecto em relação a mulheres retornadas, não deportadas, em que as suas entrevistadas esclareceram que uma das razões de retornar estava relacionada com suas famílias e para encontrarem com seus familiares.

Pereira e Siqueira (2013), em estudo com brasileiros retornados da Europa, identificaram um retorno chamado de “retorno antecipado por motivos familiares”, ocorrendo particularmente em situações de separação ou da necessidade de apoiar familiares em períodos de doença no país de origem. Com os meus entrevistados, também encontrei esses resultados, especialmente com Gabriel.

Eu voltei porque meu pai estava doente na época, de câncer. Aí eu voltei para cuidar dele, em 2009, e voltei para cuidar dele e fiquei literalmente cuidando dele de fevereiro a novembro, que foi quando ele faleceu. Aí depois, quando isso aconteceu, eu fui tirar umas férias para reorganizar a cabeça, pois nesse tempo eu fiquei praticamente sem sair de casa para nada, nem saía

para me divertir e nem nada, depois fiquei um tempo com minha mãe. Foi quando recebi essa oportunidade de trabalho que foi graças ao espanhol (Gabriel).

Embora não especialmente para auxílio à doença ou em relação à separação, nos sentidos produzidos sobre o retorno, outros entrevistados também relataram a importância de suas famílias. Amanda e Camile salientaram a importância da família, pois, no retorno, elas puderam estar mais próximas dos seus familiares. Camile poderia estar mais próxima da filha e Amanda mais próxima de sua mãe, assim como também poderia estabelecer maior proximidade da filha com a avó. Pereira e Siqueira (2013) salientam que essa dimensão familiar do retorno tem sido insuficientemente explorada na literatura, embora ela também fosse considerada importante e reconhecida nos estudos com brasileiros nos Estados Unidos.

5.3.1.4 Crise econômica e falta de perspectiva no país de destino

A crise e a falta de perspectivas estiveram presentes nas narrativas de muitos participantes. Amanda relatou as dificuldades com os projetos na universidade, quando as verbas estavam diminuindo no Reino Unido. Gabriel comentou dificuldades em conseguir trabalhos na Espanha. Nos relatos de Guilherme e Heloísa, havia o aumento do controle migratório quanto à permissão para trabalho e a maior dificuldade de obtenção de documentos para a permanência.

A crise dos países europeus e a falta de perspectivas se tornou mais evidente em dois relatos. Camile assinalou que financeiramente não era mais vantajoso permanecer. Jordi observou poucas perspectivas de trabalho após o término dos estudos na Espanha, decidindo, assim, regressar antes de finalizar o curso. Masanet e Baninger (2011) indicaram que, após quinze anos de crescimento econômico, a Espanha entrou em um período de recessão em 2008, pautada em elementos da crise econômica mundial que ocorreu naquele período, mas também por decorrência de procedimentos e políticas internas. Segundo as autoras, ocorreu uma profunda crise no emprego e, com dados de 2010, elas sinalizaram que a taxa de desemprego para a população era em média 20,33%, sendo que em relação à população estrangeira era de 30,40%.

Eu retornei porque minha filha não queria ir para lá, pois ela estava com medo, pois a crise estava

chegando ao país, já era começo de 2011, final de 2010. Eu voltei 10 de dezembro de 2010, quando começou a crise europeia, pois estava ficando mais caro para morar e aumentado... ela me disse: “Mãe, estão deportando muito”. Estava passando na televisão, estavam deportando até para chegar lá, perguntando o que iriam fazer e tal, ela não queria ir e eu já estava muito tempo fora [...]. A libra não compensava mais, estava R\$ 2,70 ou R\$ 2,45, aí era muito pouco e aqui eu tenho minha casa. Eu voltei mais por causa da crise europeia. Depois, eles já foram pegando os que estavam ilegais, já estavam pegando nas empresas. Aí só nas casas eu não iria ter dinheiro, então eu comecei a pensar na volta; eu mandei as coisas por navio que é mais barato e aí eu voltei (Camile).

Moreno Fuentes e Ferreira (2013) também enfatizam que o contexto atual da Espanha é marcado por uma forte crise econômica, com elevadas taxas de desemprego⁸⁷, diversas restrições a programas de proteção social. O resultado da crise foi um desmantelamento dos programas de redistribuição de riqueza, das conquistas da sociedade, segundo os autores, desenvolvendo, assim, práticas antiquadas como a exclusão dos imigrantes indocumentados residentes na Espanha do Sistema Nacional de Saúde (SNS). Tanto os migrantes brasileiros como outros foram afetados por essas mudanças recentes no contexto europeu, especialmente na Espanha.

[...] eu já tinha decidido que como era final do doutorado eu não precisava estar lá na Espanha. Especialmente eu não estava aprendendo mais muita coisa, então na minha formação isso não iria refletir muito [...]. E vi, com o avanço da crise também, que na minha área eu não ia conseguir trabalhar quando terminasse o doutorado. Eu iria terminar o doutorado para ser professor universitário e lá não tem vaga para professor; eles estavam diminuindo as vagas de professor, inclusive. Então, falei: “Ah, vou voltar pro Brasil porque: um, eu consigo estudar e fazer parte do

⁸⁷ Quanto aos índices de desemprego na Europa, ver Anexo G.

doutorado correlacionado com a realidade do Brasil, já que trabalho com exclusão social e aqui eu tinha trabalhado no centro [...] que trabalha com meninos de rua e, por outro lado, já poderia ir fazendo networking” (Jordi).

Na avaliação de Jordi, as oportunidades na Espanha estavam tornando-se mais raras e ele optou por regressar para reestabelecer os laços profissionais. Na Espanha, há programa de retornos para os imigrantes⁸⁸, mas, como também foi possível observar no relatório do evento da 1ª. COMIGRAR⁸⁹ foram poucos os brasileiros buscaram esse apoio para o regresso ao Brasil, sendo anunciada naquele relatório a preferência entre os brasileiros de retornarem ao Brasil por conta própria (MRE, 2014b).

No relatório citado acima, foi descrito que os brasileiros somente decidem retornar quando enfrentam uma dificuldade extrema, geralmente desconhecem os programas de retorno voluntário e pensam que, mesmo em condições dificultosas, a vida seria melhor na Espanha do que no Brasil por levarem em consideração aspectos quanto à saúde, à segurança e à educação.

Nunan e Peixoto (2012) esclarecem que os fluxos migratórios entre Brasil e Portugal também foram afetados em termos de volume, empregabilidade e remessas financeiras. Os fatores como desemprego, redução de rendimento, menor procura por força de trabalho e maior concorrência contribuíram para a revisão de expectativas dos migrantes quanto ao retorno como sendo uma das possibilidades para eles.

⁸⁸ Na Espanha, há programas de instituições não governamentais que promovem o apoio aos imigrantes, especialmente os indocumentados. Segundo as informações da OIM, esses projetos auxiliam os imigrantes com passagem, documentos, auxílio psicológico e assessoria para reinstalação no ambiente de destino, mas, para acessar esses recursos, a pessoa também precisa registrar por escrito o caráter voluntário da decisão e também não regressar àquele país por no mínimo de três anos. Ver a ACULCO (*Asociación Sociocultural y de Cooperación al Desarrollo por Colombia e Iberoamérica*) (<http://aculco.org/quienes-somos/>) e o site da OIM (<http://www.spain.iom.int/>).

⁸⁹ Esse evento se refere a 1ª. COMIGRAR – 1ª Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio (MRE, 2014a; 2014b) ocorrido em São Paulo, entre os dias 30 de maio a 01 de junho de 2014. Mais informações podem ser obtidas em <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/contribuicoes-comigrar>.

Os autores, citados acima, analisaram as pessoas em desemprego de diferentes nacionalidades e confirmaram que a recessão econômica atingiu de forma mais acentuada a população estrangeira e também os migrantes brasileiros. Eles indicaram que a recessão afetou fortemente a comunidade brasileira por terem uma história contributiva na seguridade social de curta duração em relação aos subsídios do desemprego. Assim, não podiam contar com valores rescisórios necessários à sua manutenção naquele país. O desemprego dos estrangeiros em Portugal era de 28,9% em 2010, sendo os setores mais atingidos os da construção civil, de comércio, serviços de limpeza, proteção e segurança (Nunan & Peixoto, 2012).

5.3.1.5 Qualidade de vida: em relação a condições climáticas e ambientais

Segundo Ana, o retorno envolveu “a qualidade de vida” (Ana). Esse item trata de uma peculiaridade, diferente dos outros entrevistados, da narrativa dessa entrevistada. Foi uma peculiaridade, pois somente ela assinalou essa questão como decisiva para o retorno. Ela tinha uma condição de vida e de trabalho que podem ser entendidas como qualificadas e seguras, tinha um trabalho no hospital vinculado ao governo e seu marido era policial, também vinculado ao governo. No entanto, ela já tinha a ideia de retornar, há mais tempo, e o marido a acompanhou. O significado atribuído ao retorno envolvia ter maior qualidade de vida, especialmente no modo de vida que ela vivenciava na Inglaterra, em Londres, em relação ao modo de vida que concebia existir no Brasil. O termo qualidade de vida foi aquele empregado por ela quando narrou a opção dela pelo retorno, não podendo ser assinalado que não havia qualidade de vida na situação em que ela, mas ela buscava outro modo de vida, com qualidade, especialmente em termos de temperatura, de clima e de condições ambientais.

[...] Eu estava indo para o final do meu curso quando conheci o meu marido, e a minha ideia já era voltar, também por causa disso, daí eu falei com ele que eu queria voltar e eu não queria morar em Londres para o resto da minha vida também, sabe? Não vejo muita qualidade de vida, sabe? Porque eu gosto muito de ar livre e tal, e não gosto de sair, beber e comer durante seis ou sete meses por ano, porque é isso que você faz quando está frio ou chovendo. Daí ele gostou da

ideia, pulou nela, sabe? Ele pegou carona na minha ideia, se empolgou e daí a gente não pensou mais; foi fazendo planos de como voltar e foi isso. Daí a gente veio, vendeu o que tinha lá e viemos esperando que fosse dar certo (Ana).

Ana buscou uma nova vida, um clima tropical com temperaturas mais elevadas. Estrella Vega (2013) afirma, em seu estudo com mulheres retornadas dos Estados Unidos para El Salvador, que o retorno é um projeto sempre possível entre os migrantes, pois a experiência migratória é uma forma de colocar em jogo o sentido de pertencimento a uma comunidade, ao mesmo tempo em que é um termômetro que serve para considerar os laços que unem os migrantes aos seus lugares de origem. No caso de Ana, durante o tempo de permanência no exterior, ela pensou sobre os valores presentes em sua vida e os redefiniu.

5.3.2 Narrativas após o retorno – trabalho, família, amigos e tempo livre

Aqui esclareço a vida após retorno. Sete dos meus entrevistados assinalaram dificuldades relacionadas ao retorno ao Brasil. Os fatores relacionados à Europa foram: “sentir a falta da vida que levavam”, “falta do clima frio” da Europa, “falta das opções culturais”, “museus” e “opções de lazer”.

Os fatores relacionados ao Brasil citados foram: “elevado custo de vida”, “preço elevado” nos produtos de consumo e alimentos, a “ausência do transporte público de qualidade”, “elevado ritmo de trabalho”, “elevado volume de trabalho” no Brasil, “insensibilidade das pessoas no trânsito” e “nas relações cotidianas”, “muitos compromissos familiares”.

Cabe ressaltar que os participantes deste estudo eram recém-retornados, observando que, no momento da entrevista, o mais recente tinha chegado há um mês e a pessoa com mais tempo no Brasil estava há quatro anos, sendo que a maioria havia retornado entre um a dois anos⁹⁰.

5.3.2.1 Migração interna pós-retorno

⁹⁰ Essas informações estão organizadas na Tabela 2, no Apêndice C.

Parte dos meus participantes efetuou migrações internas após retornar do exterior: entre eles, estavam Guilherme, Eduardo Neves, Ana e Gabriel.

Guilherme regressou primeiro para a cidade dos seus pais, no interior de São Paulo. Depois de um mês, foi morar com as primas na capital de São Paulo. Eduardo Neves voltou para a cidade sede de sua empresa no Ceará; depois de três meses, ele se mudou para Santa Catarina. Ana, primeiramente, retornou para uma cidade do interior de Minas Gerais onde os pais delas moravam; após poucos meses, foi morar na capital, onde ficou mais seis meses, e depois se mudou para Santa Catarina. Gabriel foi, primeiramente, para a cidade dos seus familiares, no Paraná, e depois se mudou para a capital de São Paulo.

[...] quando eu estava em [no Ceará], não estava gostando de ficar na cidade, no mesmo lugar. Tinha acabado de me divorciar, odiava meu emprego, não gostava muito da cidade também. Assim foi meio que um choque, né? Tinha acabado de voltar de Londres. Era [na cidade], e era bem caótica lá e eu fiquei bem traumatizado. Logo vi que uma empresa de [em Santa Catarina] estava contratando, e mandei meu currículo, vi que eles gostaram de mim e me contrataram. Aí eu vim para cá (Eduardo Neves).

Nesse relato, Eduardo Neves mostra os motivos dessa nova migração, agora interna. Pereira e Siqueira (2013) esclareceram que após o retorno pode haver um “estranhamento vivenciado após o retorno” (p. 135) em contraste com as vivências no país e também pelas dificuldades enfrentadas na de readaptação.

Nas análises, pude observar estranhamentos quanto ao retorno nos relatos de quase todos os entrevistados. Essas dificuldades foram relacionadas frequentemente ao funcionamento das cidades: “pequena”, “caótica” ou “nunca gostei de lá”. Eles não atribuíram todas as dificuldades ao Brasil, enquanto país, mas sim aspectos relacionados às cidades, ou estados em que moravam.

Marandola Jr. e Dall Galo (2010) esclarecem que, para o migrante voltar a ter a sensação de pertencimento, precisa, por meio de um processo gradual e contínuo, “edificar” seus lugares, ou seja, construir

“tecimentos” com as pessoas e com os espaços. Por meio dessas construções é que o migrante volta a “enraizar-se” com o local atual.

Outra parte dos meus entrevistados retornou para a mesma cidade anterior à da partida e permaneceram ali. Entre esses, estavam Camile, Danuza, Amanda, Heloísa e Jordi. Somente Pedro retornou diretamente para outra cidade. Camile voltou para cidade no interior de Santa Catarina, tal como Danuza, para a cidade de seus pais; Amanda voltou para a cidade anterior e de sua família; Heloísa voltou para a cidade anterior em que era servidora pública.

Voltei para (Santa Catarina), pois minha licença iria vencer. Fiquei um tempo na casa de um amigo para procurar um lugar para morar, para alugar; a minha licença venceria somente depois de um mês, então eu fiquei esse mês descansando, procurando apartamento e tal (Heloísa).

Embora também com “estranhamentos”, esses entrevistados já tinham vínculos mais fortes nessas cidades e territórios, como: “trabalho no serviço público”, “família”, “contrato de trabalho”, entre outros.

Por serem recém-retornados, meus entrevistados estavam em um processo de composição e edificação do pertencimento nas localidades. Estavam construindo os seus “lugares próprios”, no sentido esclarecido por Marandola Jr. e Dall Galo (2010) e Marandola Jr. (2008). Em outras palavras, isso se refere a criar raízes na sociedade atual, estabelecer laços sociais e vínculos, construindo suas “casas” e seus sentimentos de pertencimento. Do ponto de vista construcionista, os sujeitos estabelecem relações sem haver qualquer elemento *a priori* que determinaria seus modos de produzir seus espaços ou enraizamentos, seriam os sujeitos que, por meio do estabelecimento de relações, produziria significados para se incorporar a essas novas localidades.

5.3.2.2 *Reinserção laboral*

Entre meus entrevistados, Amanda, Pedro e Eduardo Neves, Heloísa já tinham vínculo de trabalho antes do retorno. Os outros seis participantes também se inseriram no mercado de trabalho brasileiro posteriormente ao regresso. No entanto, cabe destacar que essa inserção não necessariamente se caracterizou em um formato ascendente. Alguns dos entrevistados tinham melhores posições profissionais no exterior em relação àquelas conseguidas no Brasil, como também não foram todos

os participantes que conseguiram posições diretamente relacionadas às suas áreas de formação no Brasil.

Guilherme procurou emprego em São Paulo, na capital, e conseguiu um em uma posição de auxiliar em um restaurante e depois em um hotel. Gabriel foi trabalhar em uma empresa. Danuza, primeiro foi trabalhar como professora substituta de um curso de inglês, e depois alguns meses foi contratada na área de formação, que era informática. Ana foi trabalhar em uma escola de inglês como professora, embora tivesse mestrado em outra área. Camile foi atuar primeiramente como caixa de supermercado, caixa de farmácia e, somente depois disso, voltou para escola para atuar como professora em sua área de formação. Jordi voltou a trabalhar em consultório, conciliando com este as suas atividades acadêmicas de doutoramento.

Depois comecei a procurar emprego na minha área, demorou e comecei no restaurante. No começo, foi meio chatinho, pois tinha que entregar currículo, depois, no restaurante, foi por e-mail, e depois fui fazer entrevista com eles. Começar como ajudante no começo é fácil, tem bastante. Acho que agora tem mais emprego do que antes quando fui para Londres; é uma área que está crescendo muito, pois está na moda [...] (Guilherme).

Em geral, os entrevistados que retornaram e foram procurar emprego após um breve período se inseriram no mercado de trabalho, no entanto não necessariamente foram em ocupações almejadas. Cabe destacar que Gabriel passou o primeiro ano após o retorno cuidando do pai, sem também procurar trabalho. A inserção no mercado pode ser relacionada a mudanças no contexto brasileiro. Segundo o IBGE (2014)⁹¹, a taxa de desocupação em setembro de 2014 foi estimada em 4,9% para o conjunto das seis regiões metropolitanas investigadas. Nessas mesmas regiões, em 2007 a taxa era de 9,6%, em 2010 de 6,7%. Em outras palavras, a taxa de desocupação no Brasil decresceu após 2007 e, especialmente, no período posterior a 2010. A fala de Eduardo Neves mostra que, mesmo diante de um contexto de mudanças, ele não

⁹¹ Pesquisa Mensal de Emprego, setembro de 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/default.shtm> Acesso em: 04.11.2014.

passou por período de desocupação. Ele atribui isso à área de formação dele, informática.

[...] eu nunca passei um período assim de desemprego, digamos assim, geralmente em informática só se sai de um emprego para outro ou quando já tem uma coisa certa, não existe Gap⁹² entre uma empresa e outra, ou entre um emprego e outro. Geralmente o Gap é uma semana que você pede só para ter uma folga, para se organizar. Mas é porque a gente pede e não porque o mercado não forneça oportunidade (Eduardo Neves).

A maioria dos entrevistados se reinseriu após um período prévio em atividades relacionadas às suas formações. Entre os dez, somente Ana estava atuando como professora de inglês no momento da entrevista, não correspondendo diretamente a sua área de formação, mas estava se preparando para continuar seus estudos na sua área, indicando estar em uma ocupação ainda transitória.

Danuza, Ana e Gabriel indicaram usar diretamente os conhecimentos relacionados ao idioma adquiridos: Danuza e Ana como professoras em cursos de inglês e Gabriel no seu trabalho com informática.

[...] o trabalho que tenho hoje foi graças ao espanhol, do que eu aprendi lá, pois eu nunca estudei formalmente. Tirando aquela semana intensiva, eu nunca mais estudei, mas sempre fui interessado em aprender. Tenho muitos amigos lá, que me corrigiam quando eu falava errado, então meu espanhol ficou perfeito. Ele serviu para eu garantir o emprego em que estou hoje, desde abril de 2010, de analista sênior (Gabriel).

Na fala de Gabriel acima, é possível observar o emprego do idioma. Ele, no trabalho atual, aproveita os conhecimentos adquiridos na Espanha. Os entrevistados também assinalaram receber promoções em seu trabalho após o regresso. Três entrevistados assinalaram essa situação, como é possível observar na fala de Guilherme a seguir:

⁹² Espaço ou intervalo de tempo (tradução livre).

[...] Nessa parte, estou gostando de estar trabalhando aqui no Brasil, de ser bem mais reconhecido. Lá passei dois anos e nunca tive aumento de salário; aqui em menos de um ano tive duas promoções, sendo reconhecido (Guilherme).

Nessa fala de Guilherme, ele efetua uma comparação entre as vivências na Inglaterra e no Brasil; no Brasil, estava sendo reconhecido pelo seu trabalho. Diante dos aspectos relacionados à reinserção profissional dos meus entrevistados, foi possível notar uma rápida inserção, possibilidades de atuar nas áreas de formação, aproveitamento do idioma aprendido no exterior e possibilidades de progresso na carreira no Brasil.

5.3.2.3 Contexto familiar, amigos e tempo livre

Nas análises das narrativas dos meus participantes, pude observar que no regresso em geral promoveu-se uma maior proximidade dos meus entrevistados com os seus familiares ou parentes: Guilherme foi residir com as primas; Danuza e Jordi foram residir na casa dos pais; Camile foi residir com a filha; Amanda com sua família; Gabriel, Eduardo Neves e Heloísa residem sozinhos. Pedro compartilha residência com um colega. A residência, que em Londres era mais compartilhada com amigos, no Brasil, segundo as narrativas, eram partilhadas com parentes e familiares.

Os entrevistados assinalaram o elevado custo de vida no Brasil e a diminuição do tempo “livre”. Cabe ressaltar que os meus entrevistados eram um grupo heterogêneo, e residiam em cidades médias e metrópoles. As falas de Pedro Guilherme relatam as dificuldades relacionadas às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

O Rio de Janeiro é uma cidade muito cara: ela equivale os mesmos gastos que você tem em uma cidade como Londres, que possui uma infraestrutura bem melhor (Pedro).

A parte ruim [...] [é] o dinheiro, que tem que gastar em tudo aqui. Todo mundo fala isso. No mercado, você não pode comprar um queijo diferente porque é tudo caro; não tem o acesso que você tem lá. Semana retrasada, eu fui a uma

loja igual Primark⁹³, mas aqui é tudo era mais de cem reais e lá eu saía com sacolas de coisas (Guilherme).

Os serviços domésticos ocupam parte desse tempo considerado “fora” do trabalho; em geral, meus entrevistados efetuavam as atividades nos países na Europa, como também efetuam no regresso ao Brasil, mas contam aqui com mais auxílio, especialmente de pessoas para a limpeza geral da residência. Na Inglaterra, eles efetuavam refeições em suas residências e cozinhavam mais frequentemente, enquanto que, no Brasil, efetuam refeições mais em restaurantes pelas opções de restaurante com preços acessíveis, como alimentação a quilo, uma prática ausente em geral nos países europeus. Pedro nos esclarece as diferenças entre os serviços feitos no Brasil e na Inglaterra:

O fato de eu ter morado na Inglaterra não teve impacto na forma de fazer as atividades domésticas. O que muda é que na Inglaterra, pela falta de opção de almoços quentes como são oferecidos no Brasil, eu cozinhava mais em casa, enquanto que, no Brasil, eu como fora com mais frequência. Fora isso, quanto a fazer atividades domésticas, isso já era rotina para mim, uma vez que já morava há um bom tempo longe da casa dos meus pais (Pedro).

Alguns dos meus sujeitos, como Pedro, já se responsabilizam sobre as atividades de conservação e limpeza em suas residências. Outros participantes homens e mulheres também assinalaram serem os responsáveis. A presença de diarista foi assinalada por quatro entre seis entrevistados.

Além das atividades assinaladas acima, as outras atividades efetuadas por meus participantes no tempo “livre” são referentes a sair, passear, ir ao cinema, teatro, sair com amigos. Eles, em geral, disseram ter mais pessoas próximas para compartilhar os momentos aqui no país do que na Europa. Por outro lado, eles também ressaltaram maior a ausência de tempo livre do que no exterior.

⁹³ É uma loja de departamento que existe em diferentes regiões de Londres e da Inglaterra e vende roupas e objetos a preços mais populares.

Hoje em dia, estou aqui há dois anos também e tenho bem mais amigos do que lá. Faz dois anos que estou em [Santa Catarina] e tenho bem mais amigos do que lá. Aqui sempre vou a um churrasco, na casa de um amigo, sempre tem uma festa com alguém. Hoje em dia estou bem mais integrado por causa do *couchsurfing*⁹⁴; acabo me ocupando bastante com isso, então tenho que organizar os encontros, organizar alguns eventos paralelos, tem gente do Brasil inteiro (Eduardo Neves).

Eu não sei te dizer exatamente [...]. Mas aqui parece que eu tenho menos tempo assim para atividades mais de lazer assim; parece que lá sempre me sobrava tempo e aqui sempre me falta tempo (Amanda).

São variados aspectos que poderiam ser abordados para analisar a dimensão familiar, amigos e lazer no Brasil, mas destaco que as relações e as redes de relacionamento se intensificaram no país, com maior proximidade dos familiares e mais amigos, embora os custos tenham aumentado e, para alguns, o tempo disponível para as atividades de lazer tenham diminuído.

5.4 FUTUROS

Como já mencionei, para Dubar (1998), a “identidade biográfica” das pessoas, também chamada “identidade para si”, pode ser compreendida por meio das histórias narradas pelas pessoas sobre suas vidas e, isso envolve também antecipar seus possíveis futuros. As narrativas são feitas no presente, mas abarcam um entendimento de si mesmo quanto aos aspectos futuros.

Cinco dos meus entrevistados assinalaram em suas narrativas uma reflexão relacionada, de alguma maneira, à possibilidade de residirem no exterior futuramente. Entre eles, Camile e Guilherme

⁹⁴ É um programa de intercâmbio cultural, de hospitalidade e de relacionamento social, em que as pessoas viajantes chamadas de *surf* ficam na casa de outra pessoa com convidadas. Disponível em: <<http://couchsurfing.com.br/>>. Acesso em: 04.11.2014.

colocaram esse aspecto como central praticamente em suas narrativas de futuro.

Meu futuro mesmo, eu não me vejo mais morando muito tempo aqui. Eu amo o Brasil, mas assim: “Ah, trabalhar aqui no Brasil para me aposentar, ainda mais como professora”, eu não quero. Então eu trabalho como faxineira na Alemanha, me aposento lá, daí me aposento com Euro e venho morar aqui. Pois o Brasil é bom para tu morar com dinheiro, pois velho todo mundo vai ficar, mas velho pobre é a pior coisa (Camile).

Camile, tendo mais idade entre meus entrevistados, assinalou a preocupação com o período quanto estiver mais idosa, com a possibilidade de ter uma melhor condição de vida no exterior. Danuza, Pedro e Eduardo Neves indicaram que residir novamente no exterior estaria entre as possibilidades de futuro, mas não mencionam quando ou como isso seria realizado. As narrativas deles eram mais voltadas a lançar essa possibilidade para um futuro, que poderia ser distante ou próximo, conforme as vidas deles forem transcorrendo. Na fala de Eduardo a seguir é possível entender que a decisão a voltar a migrar envolve agora, após um processo migratório, a consideração dessas vivências e aspectos relacionados ao Brasil.

Eu não tenho muitos planos futuros [...]. Assim, aqui em [na cidade] eu vim para respirar um pouco e pensar na minha vida para depois e para recomeçar também. Só que eu fui gostando de ficar aqui e hoje em dia eu não penso mais em ir, não vou mentir, eu penso em me mudar do Brasil novamente, para fora de novo, mas daí eu penso não ser mais tão novo e eu já comprei um apartamento aqui e tal. E sempre que você se muda, por mais que você trabalhe com gente um nível intelectual um pouco maior, como eu trabalhava lá em Londres, você recebe um pouco de preconceito por não ser nativo, tipo, no Brasil é um pouco invertido os valores, no Brasil se dá mais valor a pessoa “de fora”, aquele de “fora do Brasil”, no estrangeiro a pessoa “de fora” é visto um pouco com desdém. Isso é uma coisa que eu

não sei se estou a fim de passar mais [...] (Eduardo).

Amanda pensa em migrar para outro país apenas se “não der certo” no Brasil, ou seja, se não conseguir se inserir no mercado de trabalho de modo satisfatório, podendo efetuar o curso de doutorado e, sendo professora, ter boa qualidade de vida. Gabriel, Amanda e Heloísa planejam permanecer no Brasil, sendo que um deles, Jordi, além de permanecer, pensa em possivelmente mudar de estado, dependendo da oferta de emprego.

Já me mudei muito, então é ficar por aqui, permanecer na [nome da universidade] até eu me aposentar (Amanda).

Os projetos dos participantes relacionados a migração, tanto interna como internacional, também envolviam as questões profissionais. Dubar (2005) esclareceu que a vida do trabalho está presente na vida cotidiana e é ainda uma dimensão central para o ser humano.

Estrella Vega (2013) ressaltou que a maioria de suas entrevistadas percebeu o retorno como um estado temporal com um projeto de voltar a migrar, pois, especialmente, atribuíram esse estado temporal a não conseguirem realizar aquilo em que trabalhavam antes de migrar e nem tampouco conseguiram outro trabalho. Nesta pesquisa ocorreu diferente, pois todos os participantes conseguiram se integrar de algum modo ao mercado de trabalho.

Nas narrativas de futuros dos participantes desta pesquisa, pude observar que eles revelaram a possibilidades de envolver a migração dependendo das circunstâncias, mostrando, assim, certa ampliação das possibilidades que possuem. Eles já têm um conhecimento sobre aqueles países e como se inserir em uma sociedade diferente. Essa é uma questão discutida por Cavalcanti e Parella (2013). Esses autores observam que, no contexto atual, existem laços dos migrantes com seus lugares de origem e destino, e, com o uso de redes sociais e internet, as relações entre espaços e tempos se tornam instantâneos, possibilitando, assim, conexões entre lugares em um mesmo tempo, como também a construção de projetos de circulação internacionais. Segundo os autores, mesmo que algumas pessoas tenham projetos de retorno mais definitivos, outras pessoas constituem projetos migratórios mais pendulares, ou seja, constituído por retornos transitórios. Porém, seja

qual for o retorno, conforme também falam os autores, se de caráter mais definitivo ou pendular, é inviável pensá-lo como estático ou definitivo.

5.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Este capítulo versou sobre as trajetórias “subjetivas” dos participantes do presente estudo. A questão específica desta análise foi referente aos modos de as pessoas entenderem ou verbalizarem as situações vivenciadas, sendo que elas poderiam estar de acordo ou em desacordo com elas. Aqui escrevi sobre os processos de partidas, sobre os aspectos presentes nos destinos, como os retornos e futuros. Esses processos foram entendidos aqui no plural por serem pautados em uma pesquisa de casos múltiplos, pois cada processo ocorreu diferentemente para cada um dos entrevistados. Tal como Sayad (2000) assinalou, nenhuma migração ocorre do mesmo modo para cada pessoa. O processo migratório é específico, feito por experiências distintas. A partir das análises dos processos de significação presentes neste capítulo, cabe destacar que as dimensões “objetivas” e “subjetivas” necessitam ser entendidas de modo articulado (Dubar, 1998; 2005; 2009). Portanto, foi feita essa articulação nas considerações finais desta tese de doutoramento, que serão apresentadas a seguir.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese de doutoramento teve o objetivo geral de *compreender as trajetórias laborais de brasileiros/as retornados/as de vivências migratórias em países da Europa Ocidental*. Para isso, estudei as trajetórias laborais de dez brasileiros/as retornados/as de países da Europa Ocidental. Analisei essas trajetórias a partir das concepções de Dubar (1998), que articula as dimensões “objetivas” e “subjetivas” para compreender as trajetórias sociais.

Especialmente para a análise da dimensão “subjetiva”, empreguei adicionalmente o construcionismo social e os estudos das narrativas de modo a elucidar as construções de significados diante dos percursos biográficos (Gergen, 2009; Dubar, 1998; 2005). As dimensões “objetivas” e “subjetivas” das trajetórias sociais dos participantes de pesquisa necessitam ser entendidas de modo integrado para entender o processo identitário. Diante disso, nessas considerações finais, procuro integrar essa duas dimensões retomando os quatro objetivos específicos da tese, tendo como base os resultados da pesquisa já descritos nos dois capítulos analíticos do manuscrito.

O primeiro objetivo específico desta tese de doutoramento buscou *conhecer as significações que levaram os/as brasileiros/as a migrar para a Europa Ocidental*. A partir da análise das dimensões “objetivas” e “subjetivas”, foi possível conhecer essas significações presentes nas trajetórias sociais dos participantes. Diversos aspectos estiveram presentes na decisão de migrar, como a construção de um mosaico, em que as peças de cerâmica eram os elementos ou fatores envolvidos. Os elementos presentes na dimensão “objetiva” eram jovens, a maioria solteira e sem filhos (apenas duas mulheres tinham-nos). Provenientes de centros urbanos, tendo a maior parte concluído o curso superior, quase a metade era de recém-formados. Três já tinham residido no exterior, e parte deles já tinham vivenciado migrações internas no país. Alguns tiveram ascendentes vindos de países europeus, dois tiveram documentos de autorização de trabalho, entre outros. Na dimensão “subjetiva” da decisão, foram assinalados pelos participantes aspectos relacionados ao trabalho (capacitação, profissionalização, oferta e oportunidades de emprego), conhecer e experimentar e as questões mais pessoais, relacionamentos e facilidades. Esses três aspectos estavam presentes nas narrativas, embora os entrevistados se distinguissem quanto à relevância de cada um deles em suas vidas.

Além da análise dos significados da decisão, também chamou atenção nesse processo de partida o item do planejamento para migrar.

Levando frequentemente mais de seis meses, objetivamente foi um processo de organização de documentos e procedimentos, necessitando dedicação e esforço para a viabilização do projeto. Subjetivamente, pode-se dizer que se tratou de um momento em que a pessoa começou a produzir narrativas para si relacionadas à migração.

Esses resultados, relativos aos significados da decisão e ao planejamento, mostraram a relevância das dimensões “objetivas” e “subjetivas” referentes à partida nas trajetórias sociais dos participantes. Assim, essa partida não pode ser pensada como “fortuita”, descompromissada com a “realidade” das vidas desses participantes, nem tampouco um processo irrefletido ou precipitado, pois foram propostas de vida a serem levadas a cabo dentro de um contexto possível, observando elementos presentes na sociedade de emigração e imigração que pudessem resultar em um sentido de vida voltado para um projeto de futuro mais promissor. Essa perspectiva de futuro envolvia a dimensão do trabalho, trazendo maior qualificação no idioma do país de destino, cursos, experiências, na dimensão cultural, tais como conhecer países e lugares relevantes e históricos na sociedade ocidental e valorizados socialmente; e na dimensão pessoal: maior conhecimento e vivências de novas culturas. Assim, esse processo de partida foi pautado por elementos constitutivos da vida das pessoas e construído em direção ao futuro desses sujeitos.

O segundo objetivo específico desta tese de doutoramento procurou *identificar a inserção laboral e as relações de trabalho na Europa Ocidental*. Quanto à inserção laboral, os elementos presentes na dimensão “objetiva” foram a escolaridade, os cursos de graduação realizados, as experiências profissionais anteriores, o processo migratório anterior, conhecimentos do idioma do país de destino, a documentação e as redes de relacionamentos anteriores. Quanto à dimensão “subjetiva”, as narrativas versavam de uma elevada “complexidade” a um processo mais ameno, ou seja, inserções laborais nos países de destino com diferentes graus de dificuldades. Diante disso, tiveram dois agrupamentos de entrevistados: aqueles com trajetórias mais contínuas e aqueles com trajetórias mais fragmentadas. Os entrevistados com maiores dificuldades de inserção foram os que tiveram trajetórias mais fragmentadas realizando trabalhos informais. No entanto, esse grupo, mesmo inserido em atividades com pouca ou nenhuma relação com a formação profissional feita no Brasil, atribuiu significações positivas ao trabalho, quando puderam contextualizá-lo com a vida que estavam levando, particularmente por terem a chance de viver em lugares como Londres e Barcelona, considerados especiais.

Assim, os relatos e as narrativas (no âmbito da dimensão “subjativa”) proporcionaram às pessoas atribuírem significações positivas quanto ao trabalho, quando relacionado a poder viver naquelas cidades, e negativas quando referentes às dificuldades de inserção, trabalhos informais, baixa remuneração, acesso a postos de trabalhos limitados e com restrições quanto à carga horária de trabalho. Os entrevistados presentes no agrupamento das trajetórias mais contínuas, inseridos em trabalhos qualificados e associados às suas áreas de formação, atribuíram significações positivas pela rápida inserção e por se sentirem participantes e integrados das relações de trabalho existentes, porém também existiram as significações negativas. Uma das significações negativas relacionadas ao trabalho pode ser considerada como ser “de fora” e “um pouco de preconceito por não ser nativo”, como assinalado na fala de um dos participantes do estudo.

Assim, a inserção e as relações de trabalho produziram novos significados nas vidas dos participantes, com construções que versavam entre elementos positivos e negativos diante das vivências, tanto no agrupamento de entrevistados com trajetórias mais contínuas como naquelas com trajetórias mais fragmentadas.

O terceiro objetivo específico desta tese procurou *conhecer as significações que ensejaram o regresso*. Como na análise das questões referentes à partida, o regresso também necessitou ser construído com elementos mais específicos e determinantes e também com outros mais difusos, que formaram verdadeiros “quebra-cabeças”. Os elementos mais específicos foram o prazo do visto, a família e possivelmente a falta de documentação, e os elementos mais difusos podem ser associados à crise, à falta de perspectiva e à qualidade de vida. Esses elementos estiveram de forma múltipla nas narrativas dos entrevistados. Assim, posso dizer que não houve um único aspecto pensado diante do momento de “partir para o regresso”. Mesmo os que voltaram em decorrência da expiração do visto de estudante, poderiam, embora com muita dificuldade (visto as restrições mais severas que estava presentes nas sociedades de destino em relação à documentação), ter pensado em permanecer sem o documento. Porém, isso não esteve presente nas narrativas desses participantes, ou seja, na dimensão “subjativa” da vida deles.

O quarto objetivo específico desta tese procurou *compreender a reinserção laboral no regresso*. Os entrevistados, em sua maioria, tiveram uma rápida reinserção no mercado de trabalho brasileiro. Em geral, os que procuraram emprego conseguiram após um período e também houve aqueles que voltaram já empregados. Um dos

entrevistados ficou sem trabalhar por um ano, mas não estava procurando emprego, pois estava cuidando do pai. Cabe destacar que, diferentemente do que ocorreu no contexto europeu, eles conseguiram reinserções nas suas áreas de formação profissional. A aprendizagem do idioma do país onde estavam foi considerada como importante em alguns casos na reinserção profissional. Em um deles, o idioma foi determinante na contratação, mas em geral os entrevistados assinalaram esse conhecimento no desempenho das atividades. Houve elementos positivos associados a uma relativamente rápida reinserção, na área de formação profissional. Alguns relataram que receberam promoção após um período de regresso e experimentaram valorização profissional. Com os elementos mais negativos associado ao “retorno”, foram assinalados a elevada carga de trabalho, estranhamentos nos modos de efetuar as atividades (tempo elevado dispensado em atividades não centrais ao trabalho) e menor preocupação com as condições de trabalho por parte dos empregadores.

Diante desses quatro objetivos específicos e considerando os dois agrupamentos de trajetórias (mais contínuas e mais fragmentadas), pude apreender três dimensões centrais associadas às trajetórias sociais dos participantes desse estudo. Nomeei essas dimensões de “construções narrativas”, que surgiram no desdobramento dos resultados, a partir dos estudos dos teóricos já assinalados (Dubar, 1998; Dubar e Demazière; Dubar, 2006; Gergen, 2009). Essas “construções narrativas” versaram sobre: a) “a construção de ser migrante”, b) “a construção de ser no retorno” c) “transversalidade do trabalho”.

Falarei primeiramente de “*a construção de ser migrante*”. As trajetórias dos participantes foram constituídas a partir de elementos “objetivos” e “subjetivos” que viabilizaram essa perspectiva de mudar para outro país e estabelecer outras relações naquele contexto. As trajetórias dos participantes foram construídas pautadas fundamentalmente nas peculiaridades objetivas das suas vidas e também nas construções narrativas feitas sobre suas vidas. Nem todas as pessoas partem para a migração; existem aquelas que ficam, como assinalou Sayad (2000). Essas trajetórias foram acompanhadas por arranjos da dimensão “objetiva” certamente, mas, também, da dimensão “subjetiva”. Demazière e Dubar (2006) esclareceram que “todos estavam na mesma situação, mas não reagiam do mesmo modo” (p. 169). Assim, havia questões nas narrativas de vida dessas pessoas que produziram essas possibilidades em suas vidas. Diante disso, defendo nesta tese que, por meio dos elementos presentes na dimensão “objetiva” e as narrativas que constituem a dimensão “subjetiva”, a

pessoa se constrói como “ser migrante”. No entanto, é um processo feito em construção contínua, ou seja, é uma construção de percurso a ser produzido continuamente durante as trajetórias de vida.

A segunda dimensão se refere à “*construção de ser no retorno*”. Esse retorno, embora no *sensu comum* possa ser pensado como uma “volta” ao mesmo ou “ao conhecido”, tem implicações nas vidas das pessoas e em seus cotidianos. Nesse “retorno”, as dificuldades dos entrevistados foram cotidianas, como clima, lazer, valores e acesso aos bens e serviços, além de condições e relações de trabalho. Conforme Sayad (2000), não é possível voltar ao tempo da partida, ou tampouco tornar-se o mesmo que se era no momento anterior, ou voltar à mesma situação deixada. Assim, “a imigração não ocorre sem deixar marcas” (p. 14). Diante disso, o retorno pode ser pensado como um processo mais silencioso comparado aos processos da emigração e a imigração, pois ele é amenizado pela noção de ser uma “volta para a casa”, em que a pessoa não teria mais problemas com a nacionalidade e documentação, como se isso somente bastasse para evitar dificuldades. Do ponto de vista da experiência, como foi observado nesta tese, ele é um processo significativo na vida das pessoas, em que elas, nesse ponto de suas trajetórias, precisam atravessar por estranhamentos e crises. Lembrando-se que o planejamento existente no processo de emigração não foi observado nas narrativas referentes ao “retorno”, assim um importante processo de preparação para essa experiência (subjativação do processo) pode não ter ocorrido nos casos analisados ou ter ocorrido em um espaço de curta duração.

No “retorno”, as pessoas precisam configurar novas relações e aprender novamente sobre um lugar outrora mais conhecido. Sayad (2000) diz que “não se deixa sua terra impunemente, pois o tempo age sobre todos os seus pares” (p. 14). Com isso, os entrevistados precisaram aprender, mesmo que pouco, sobre contexto anteriormente conhecido, reconstruir novas significações e redes de relacionamentos. Na análise das trajetórias no “retorno” e nos primeiros anos após esse processo (tendo em vista que analisei casos recém-retornados), as pessoas precisaram construir novos percursos em um processo significativo de recriar vínculos como em uma passagem por uma crise. Dubar (2009) esclarece a noção de crise no âmbito da subjetividade, sendo que essa crise pode ser associada a essa migração de “retorno”:

[...] cada vez mais pessoas, na idade adulta, enfrentam a necessidade de mudar (de emprego, de casa, de parceiro, de meio de vida...). Ora toda

mudança é geradora de “pequenas crises”: ela requer um “trabalho sobre si mesmo”, uma modificação de certos hábitos, uma perturbação das rotinas anteriores. É preciso aprender de novo, às vezes a partir do zero (Dubar, 2009, p.196).

Tal como Dubar (2009) esclarece, a identificação desses novos pontos de referência pode viabilizar uma nova construção identitária. Essas novas referências podem ser encontradas a partir da mediação de um parceiro significativo, que, segundo o autor, pode ser um profissional em um trabalho clínico, um parceiro em um encontro amoroso, a inserção em cursos educacionais (a formação continuada), ou outras pessoas significativas que podem se prestar a essa função de possibilitar ao sujeito verbalizar e elaborar uma nova narrativa sobre si mesmo e, além disso, serem capazes de validar, confortar e reconhecer a ressocialização dessa nova identidade (Dubar, 2009). Com novos marcos e pontos de referência, há uma viabilidade de a pessoa poder, progressivamente, incorporar outra configuração identitária, como observamos nas palavras de Dubar:

Toda a mudança de configuração identitária passa por esse tipo de crise que acompanha geralmente os “momentos cruciais” da existência [...]. Eles implicam a reconstrução de uma nova identidade pessoal, diferente da antiga, não apenas porque o estatuto muda “objetivamente”, mas porque o sujeito deve gerar “subjetivamente” novas relações com os outros e, talvez, sobretudo, a continuidade entre seu passado, seu presente e seu futuro” (Dubar, 2009, p. 204).

Com isso, defendo nesta tese de doutoramento que as pessoas necessitam produzir seu “ser no retorno”, ou seja, produzir significações nesse território, construir redes de relacionamento, retomar relacionamentos anteriores, produzir novas narrativas, consistentes com as configurações identitárias dos sujeitos que envolvem as dimensões objetivas e subjetivas. Precisam, assim, produzir o caminho, para viabilizar a continuidade de suas trajetórias sociais.

A terceira dimensão central foi a *transversalidade do trabalho*. A dimensão do trabalho se fez presente *transversalmente* nas trajetórias “objetivas” e “subjetivas” dos participantes durante o percurso de suas trajetórias sociais. A dimensão “objetiva” pode ser identificada na

qualificação profissional, nas experiências de trabalho, nas atividades desempenhadas, tanto as passadas quanto as almejadas. Já o ponto de vista da dimensão “subjéitiva” pode ser identificado nas narrativas referentes a: relações de trabalho, implicações com o desempenho das atividades, atribuição do valor ao trabalho e remuneração. Diante disso, a dimensão do trabalho se fez presente ao longo das trajetórias, no decorrer da análise das trajetórias “objetivas” e “subjétivas”. Assim, analisando as trajetórias dos participantes deste estudo, pude compreender que a dimensão do trabalho sucedeu transversalmente na trajetória social das pessoas. Esse “transversalmente” tem o significado de acompanhar o caminho, percorrer por dentro (Houaiss et al., 2001). Nesse sentido, a dimensão do trabalho percorreu as vidas das pessoas de modo transversal, desde o processo anterior, de saída do país, assim como no destino e no regresso. No entanto, cabe ressaltar que essa dimensão do trabalho se modificou nas passagens entre as sociedades de emigração e de imigração, pois, com as mudanças de regulamentos, normas e acesso ao mercado de trabalho, parte significativa dos entrevistados não pôde exercer atividades relacionadas à sua formação profissional nas sociedades de destino. Por outro lado, o outro agrupamento de entrevistados conseguiu transpor as dificuldades – relacionadas à regulamentação do mercado de trabalho, obtenção de documentos, e outros –, com uma inserção em atividades relacionadas às suas qualificações profissionais.

Portanto, defendendo nesta tese que a dimensão do trabalho foi central na constituição das trajetórias de todos os participantes, sendo que ela transpassou as trajetórias sociais dos entrevistados. Também saliento que as características dessa dimensão se transformaram, de forma mais acentuada para uns do que para outros, no atravessamento de fronteiras.

Diante dessas discussões sobre os objetivos específicos desta tese, saliento que as trajetórias dos participantes do estudo foram constituídas por meio de elementos “objetivos” e “subjétivos”. Isso corresponde a, objetivamente, haver lugares específicos, determinados momentos sociais e históricos na vida deles, mas que se alteram com o tempo e lidaram com modificações no percurso do processo migratório. Por outro lado, subjétivamente, existem as produções de narrativas das pessoas sobre suas vidas. No entanto, foi no intercurso desses dois posicionamentos que obtive os resultados referentes a três dimensões centrais nas trajetórias sociais dos participantes deste estudo: “ser migrante”, “de ser no retorno”, “transversalidade do trabalho”. Essas três dimensões centrais são relacionadas à construção identitária desses

sujeitos, entendendo-os como participantes ativos na produção da história e das suas estórias de vida.

Diante desses resultados, esta tese de doutoramento pode dar subsídios a práticas sociais e políticas de acolhimento para os retornados no sentido de atender às suas especificidades relacionadas ao processo de construir novamente um enraizamento na sociedade de origem. Os resultados podem ser aproveitados em práticas de Orientação Profissionais voltadas a essa população. Também podem promover subsídios para a capacitação profissional para os migrantes retornados. Com conhecimentos para outras áreas do conhecimento e intervenção, como as do serviço social, saúde, educação, entre outros.

Por último, cabe lembrar que esta tese não encerra as questões geradas sobre as trajetórias laborais dos migrantes “retornados”, pois muitos outros trabalhos necessitam ser realizados com o objetivo de criar múltiplos instrumentos para atender essa população pulverizada no âmbito do território nacional. Quanto a futuras pesquisas, elas poderiam ser voltadas para aprofundar especificidades de grupos ocupacionais e profissionais, compreendendo as características, relações de trabalho e desafios. Caberão aos pesquisadores identificar as pessoas a partir das distribuições delas pelas diversas regiões brasileiras, conhecer o perfil delas, mapear as atividades laborais do regresso, mapear possíveis outras dificuldades em relação ao processo de inserção laboral, identificar relações entre trabalho e gênero no regresso, etnia e trabalho no regresso, modos e mecanismos de inserção laboral para outros grupos no retorno, estudar as redes sociais de pessoas no regresso e suas relações com o trabalho passadas, presentes e futuras, além de investigar profissões dos retornados e identificar especificidades laborais e suas relações de trabalho cotidianas no regresso. Enfim, conhecer as diversas especificidades em relação à vida e ao trabalho das pessoas retornadas, consolidando um banco de informações para subsidiar a ampliação e o desenvolvimento de políticas públicas, propostas de atendimento, como no caso da psicologia, do atendimento psicossocial, expandindo iniciativas já existentes no âmbito da migração (Martins-Borges, 2013), incorporando os retornados e ampliando esse atendimento para outras cidades e estados brasileiros.

7. REFERÊNCIAS

- Al-Ali, Nadjé & Koser, Khalid (2004). *New Approaches to Migration? Transnational communities and the transformation of home*. (2ª ed). London and New York: Taylor & Francis e-Library.
- Antunes, Ricardo & Alves, Giovanni (2004). As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação e Sociedade*, 25 (87), 335-351.
- Antunes, Ricardo (2003). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Antunes, Ricardo. (2013). A nova morfologia do trabalho e suas principais tendências: informalidade, infoproletariado, (i) materialidade e valor. In Antunes, Ricardo (Org.), *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II*. (1a ed.) (pp.13-27). São Paulo, SP: Boitempo.
- Aquino, Cássio A. B. & Martins, José C. O. (2007). Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 7(2), 479-500.
- Araújo, Emília & Duque, Eduardo (2012). *Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as ciências sociais e humanas*. Braga, Portugal: Centro de Investigação em Ciências Sociais, Universidade do Minho. Recuperado de <http://www.comunicacao.uminho.pt/cecs/>.
- Ashcroft, Bill, Griffiths, Gareth, & Tiffin, Helen (2007). *Post-Colonial Studies: Key Concepts*. (2ª Ed). USA, Canada: Routledge.
- Assis, Gláucia de Oliveira (2007). Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Revista Estudos Feministas*, 15 (3), 745-772.
- Assis, Gláucia de Oliveira (2008). A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo - as experiências de e/í migrantes em viagens não-autorizadas no mundo global. *Cadernos Pagu*, 3(0), 219-250.
- Assis, Gláucia de Oliveira, & Campos, Emerson C. (2009). De volta para Casa: a reconstrução de identidades de emigrantes retornados.

Tempo e Argumento - Revista do Programa de Pós-Graduação em História, 1 (0), 80-99.

Assis, Gláucia de Oliveira. (2011). *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros*. Ilha de Santa Catarina, SC: Editora Mulheres.

Barros, Myriam Moraes Lins de (2010). Trajetórias de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social. *Horizontes Antropológicos, 16 (34), 71-92.*

Basso, Pietro (2013). Imigração na Europa: características e perspectivas. Tradução Patrícia Villen. In Antunes, Ricardo (org.) *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II*. (1ª. ed), (pp. 29-41), São Paulo-SP: Boitempo.

Batista, Neiza Cristina Santos; Bernardes, Jefferson, & Menegon, Vera Sônia Mincoff (2014). Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa (pp.97-122). Mary Jane Paris Spink; Jacqueline Isaac Machado Brigagão; Vanda Lúcia Vitoriano do Nascimento e Mariana Prioli

Cordeiro (Orgs.) *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas* (1.ed.) Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014 (publicação virtual).

Beiras, Adriano (2012). *La (de)construcción de subjetividades en un grupo terapéutico para hombres autores de violencia en sus relaciones afectivas*. (Tese de doutorado). Departamento de Psicología Social de la Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, Espanha.

Beozzo, Pe. José Oscar (1992). *Brasil: 500 anos de migrações. Povos indígenas, escravos africano e brasileiros, imigrantes europeus e asiáticos*. São Paulo, SP: Ed Paulinas: Centro de Estudos Migratórios.

Berger, Peter L.& Luckmann (1985). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento* (6ª ed). Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes.

Blinder, Scott (2014). Deportations, Removals and Voluntary Departures from the UK. Migration Observatory briefing, *COMPAS*, University of Oxford, UK, June. Recuperado de

<http://www.migrationobservatory.ox.ac.uk/documents/briefing-deportations-removals-and-voluntary-departures-uk>

Borges, Regina Célia P. & Coutinho, Maria Chalfin (2010). Trajetórias juvenis: significando projetos de vida a partir do primeiro emprego. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11 (2), 189-200.

Bosi, Ecléa (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social* (2a. ed). São Paulo, SP: Ateliê Editorial.

Brasil. Presidência da República (2013). LEI nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm

Braun, Virginia & Clarke, Victoria (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101.

Brito, Eduardo (2009). As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar. Recuperado de www.ence.ibge.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=372914de-2447-4554-8cdf-39be99c368e3&groupId=37690208.

Bruschini, Maria Cristina Aranha (2007). Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Caderno de Pesquisa*, 37 (132), 537-572.

Burr, Vivien (2003). *Social Constructionism* (2ª ed.). London; New York: Routledge.

Bustamente, Jorge A. (2002). La vulnerabilidad de los migrantes internacionales como sujetos de derechos humanos. *Revista Interforum*, 107 (3), p. 3. Recuperado de [em:http://www.revistainterforum.com/espanol/pdfes/jorge_5Fbustamante_5Fvulner_5Fesp.pdf](http://www.revistainterforum.com/espanol/pdfes/jorge_5Fbustamante_5Fvulner_5Fesp.pdf)

Carpenedo, Manoela & Nardi, Henrique Caetano (2013). Mulheres Brasileiras na divisão internacional do trabalho reprodutivo construindo

subjetividade(s). *Revista de Estudos Sociais*, 45 (Serviço doméstico y desigualdad social), 96-109.

Cavalcanti, Leonardo & Parella, Sonia (2012). Entre las políticas de retorno y las prácticas transnacionales de los migrantes brasileños. Re-pensando el retorno desde una perspectiva transnacional. *Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política*, 2(0), 109-124.

Cavalcanti, Leonardo & Parella, Sônia (2013). El retorno desde una perspectiva transnacional. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 41(0), 9-20.

Chase, Susan E. (2005). Narrative inquiry: Multiple lenses, approaches, voices. In Norman K. Denzin & Yvonna S. Lincoln (Eds.), *The handbook of qualitative research* (3ª. ed.) (pp. 651-679). Thousand Oaks, California: Sage.

Cogo, Paulo Sérgio Fernandes (2011). Trajetórias Profissionais. In Cattani, Antonio David, & Holzmann, Lorena (Orgs.). *Dicionário de trabalho e tecnologia*. (2ª. ed. Revisada e ampliada). Porto Alegre, RS: Zouk.

Coleman, David. A (1984). Marital choice and geographical mobility. In Boyce, A. J. (edited). *Migration and mobility: biosocial aspects of human movement* (pp.19-55). Taylor & Francis: London and Philadelphia.

Coutinho, Maria Chalfin (2000). *Entre o velho e o novo: estratégias de participação no trabalho*. (Tese de doutorado), Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP.

Coutinho, Maria Coutinho. (2009). Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12 (2), 189-202.

Creswell, John W. (2003). *Research design: qualitative, quantitative and mixed methods approaches*. (2a. ed.). Sage Publications.

D'Avila, Geruza Tavares (2014). *Movimentos laborais e sentidos atribuídos ao trabalho por jovens profissionais*. (Tese de Doutorado),

Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

Dal Rosso, Sadi (2011). Crises afetam processos de trabalho? In Nunes, Jordão Horta & Freitas, Revalino Antonio (Orgs.). *Trabalho e gênero: entre a solidariedade e a desigualdade* (pp.17-33). Goiânia: Ed. da PUC Goiás.

Dal Rosso, Sadi (2012). Reseña de “Crise, convite para a ação e um Manifesto Comunista” de ZIZEK, Slavoj. *Sociologias*, 14 (29), 338-350

Dal Rosso, Sadi (Org.) (2011). *Trabalho na Capital*. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego.

D'Avila Neto, Maria Inácia & Cavas, Claudio (2011). Diáspora Negra: Desigualdades de Gênero e Raça no Brasil. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, 2(1), 3-11.

DeBiaggi, Sylvia Dantas (2004). Homens e mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In

DeBiaggi, Sylvia Dantas & Paiva, Geraldo José (org.). *Psicologia, E/Imigração e cultura*. (pp. 135-164). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Demazière, Didier & Dubar, Dubar (2006). Trajetórias profissionais e formas identitárias: uma teorização. In N. A. Guimarães & H. Hirata (Orgs.), *Desemprego: trajetórias, identidade, mobilizações* (pp. 165-187). São Paulo: SENAC.

Diário Catarinense (2013). *É preciso agregar valor às experiências no exterior*. Publicado no Diário Catarinense em 11.12.2013.

Dias, Gustavo T. (2010). Casa de brasileiros em Londres: a importância da casa para os imigrantes brasileiros. *Travessias: Revista do Migrante*, 66(0), 45-54.

Dimitri, Fazito (2010). Análise de Redes Sociais e Migração: dois aspectos fundamentais do “retorno”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 25 (72), 89- 72.

Diogo, Maria Fernanda (2012). “*Só tem homem, pera né, eu também quero entrar nesse lugar*”. *Reflexões sobre a inserção de mulheres no segmento de vigilância patrimonial privada*. (Tese de doutorado), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

Dortier, Jean-François (coord.). (2010). *Dicionário de ciências humanas*. (1ª. ed.) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Douglas, Graham (2012). Changing migration experiences in Portugal. *The Prisma*. Recuperado de <http://www.theprisma.co.uk/2012/05/13/changing-migration-experiences-in-portugal/>.

Dubar, Claude (1998). Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educação & Sociedade*, 19(62), 13-30.

Dubar, Claude (1999). A sociologia do trabalho frente à qualificação e à competência. *Educação e Sociedade*, 19(64), 87-103.

Dubar, Claude (2005). *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes.

Dubar, Claude (2009). *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Dubar, Claude (2012). A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. *Cadernos de Pesquisa*, 42 (146), 351-367.

Dubet, François (1996). Migração. In Outhwaite, William & Bottomore, Tom (ed.). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.

EBC Serviços (2012). *A Voz do Brasil: Transcrições de 30/04/2012*. Recuperado de <http://www.ebcservicos.ebc.com.br/programas/a-voz-do-brasil/transcricoes/a-voz-do-brasil-de-30-04-2012>.

Estrella Vega, Mirna Yazmín (2013). Con la esperanza de volver: mujeres migrantes de retorno a El Salvador. *Anuario Americanista Europeo*, 11 (Sección Tema Central), 165-177.

Evans, Yara (2010). Brasileiros em Londres: um perfil socioeconômico. *Travessias: Revista do Migrante*, 66 (0), 9-19.

Evans, Yara, Tonhati, Tânia, Tentoni-Dias, Gustavo, Brightwell, Maria das Gracas, Sheringham, Olivia, Souza, Ana, & Souza, Cleverson (2011). *Por uma vida melhor: brasileiras e brasileiros em Londres*. Londres: GEB/Goldsmiths/Queen Mary/Royal Holloway, Universidade de Londres. Recuperado de www.ioe.ac.uk/Por_uma_vida_melhor.pdf

Fazito, Dimitri (2010). Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do "retorno". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 0(0), 89-100.

Fernandes, Duval, Nunan, Carolina & Carvalho, Margareth (2011). O fenômeno da migração internacional de retorno como consequência da crise mundial. *Revista de Estudos Demográficos*, 0(0), 69 – 98.

Firmeza, George Torquato (2007). *Brasileiros no exterior*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.

Follari, Roberto A. (2008). Problemas em torno da pesquisa qualitativa. In Bianchetti, Lucídio & Meksenas, Paulo. *As tramas do conhecimento: teoria, método e escrita em Ciências Humanas* (pp. 73-93). Campinas-SP: Papiros Editora.

Foracchi, Marialice (1977). *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Biblioteca Universitária.

Fórum Nacional de Educação (2013). Educação brasileira: indicadores e desafios: documentos de consulta / Organizado pelo. -- Brasília: Ministério da Educação, Secretaria Executiva, Secretaria Executiva Adjunta.

Fragoso, Suely, Recuero, Raquel, & Amaral, Adriana (2011). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina.

Francisco, Elton (2011). Sustentando redes sociais, configurando outros espaços: tecnologias e famílias transnacionais em Governador Valadares. *Revista de História*, 3(1), 93-119.

Franklin, Margery B. (1997). Making Sense: interviewing and narrative representation. In Gergen, Mary M. & Davis, Sara N. *Toward a new psychology of gender: a reader*. (pp. 99-116). New York and London: Routledge.

Franzoi, Naira Lisboa (2009). Ocupação. Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Disponível em:
<http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/ocu.html>

Franzoi, Naira Lisboa. (2006). *Entre a formação e o trabalho: trajetórias e identidades profissionais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Freitas, Lucia Gonçalves de (2008). *Discurso de identidade em narrativas de migrantes*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal de Brasília, Brasília.

Fusco, Wilson, & Souchaud, Sylvain (2010). De volta para casa: a distribuição dos brasileiros retornados do exterior, *Confins* 9. Recuperado de <http://confins.revues.org/6469>

Galimberti, Percy. (2002). *O caminho que o dekassegui sonhou (dekassegui no yumê-ji): cultura e subjetividade no movimento dekassegui*. São Paulo: EDUC/ FAPESP; Londrina: Ed. UEL.

Gaulejac, Vincent de (1987). *La névrose de classe. Trajectoire sociale et conflits d'identité. Avant-propos de Max Pagès*. Paris: Hommes & Groupes Editeurs.

Gee, James Paul (1991). A linguistic approach to narrative. *Journal of Narrative and Life History/Narrative Inquiry*, 16 (1), 15-39.

Gergen, Kenneth J (2009). *An invitation to social construction* (2ª ed). London, UK: Sage.

Gergen, Kenneth J. (2009/1985). O movimento do Construcionismo Social na Psicologia Moderna. Tradução do Original publicado em 1985. *Revista Internacional Interdisciplinar – INTERthesis*, 6 (1), 299-325.

Gil, Antonio Carlos (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (7ª ed.). São Paulo: Atlas.

Graf, Laila Priscila, & Brognoli, Felipe (2003). Instituição e Gênero: padrões da feminilidade. Apresentação de trabalho. XII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, Porto Alegre, *Anais*.

Graf, Laila Priscila, & Coutinho, Maria Chalfin. (2010). Trajetórias de mulheres atuantes em pequenos abatedouros de animais. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 13(1), 119- 132.

Graf, Laila Priscila, & Diogo, Maria Fernanda (2009). Projeções juvenis: Visões ocupacionais e marcas de gênero. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(1), 71-82.

Graf, Laila Priscila, & Frassão, Márcia (2003). Lugar ocupado por esposas que acessam o serviço judiciário. Apresentação de trabalho. XII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, Porto Alegre, *Anais*.

Graf, Laila Priscila, (2009). *Entre a cozinha e o abatedouro: os sentidos do trabalho para mulheres atuantes na indústria avícola*. (Dissertação de mestrado). Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC.

Graf, Laila Priscila, (2010). Sentidos do trabalho de *cleaner* para imigrante brasileira em Londres. Apresentação de trabalho. Seminário mensal do Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido (GEB). Abril. Londres, Reino Unido. 10 p. *Trabalho não publicado*.

Graf, Laila Priscila, Vaz, Alexandra, & Wilde, Sheila (2003). Proposta de licenciatura em psicologia sobre a sexualidade. Apresentação de trabalho. XII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, Porto Alegre, *Anais*.

Guimarães, Nadya A., Hirata, Helena, & Sugita, Kurumi (2011). Cuidado e cuidadoras: o trabalho de *care* no Brasil, França e Japão. *Sociologia & Antropologia*, 01(4), 151-180.

Guimarães, Nadya Araujo, & Hirata, Helena (2006). Apresentação. Em Guimarães, Nadya Araujo & Hirata, Helena (Orgs.). *Desemprego: trajetórias, identidades, mobilizações*. (pp. 11-21) São Paulo: Editora Senac São Paulo (Série Trabalho e Sociedade).

Hacking, Ian (1999). *The social construction of what*. Cambridge, Mass: Harvard University Press.

Hall, Stuart (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil.

Hirano, Fábio Yoiti (2005). *O caminho para casa: o retorno dos dekasseguis*. (Dissertação de mestrado), Programa de Pós-Graduação em Demografia, Universidade Estadual de Campinas.

Hirata, Helena (2002). *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo, SP: Boitempo.

Houaiss, Antônio et al. (2001). *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2922p.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2011). Estudos e Análises Informação Demográfica e Socioeconômica número 1: Reflexões sobre os Deslocamentos Populacionais no Brasil.. Oliveira, Luiz Antonio P. e Oliveira, Antonio Tadeu Ribeiro (orgs). Rio de Janeiro. p. 1-158. Recuperado de http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/reflexoes_deslocamentos/deslocamentos.pdf.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2013). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2013). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Síntese de indicadores de 2012: PNAD. Rio de Janeiro. Recuperado de http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2012/default_sintese.shtm.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2014). Indicadores IBGE: pesquisa mensal de emprego: setembro de 2014. Regiões metropolitanas de: Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Recuperado de

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2012a). Censo Demográfico 2010: Resultados gerais da amostra. Rio de Janeiro, p.1-239. Recuperado de

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_gerais_amostra/default_resultados_gerais_amostra.shtm.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2012b).

Atualização dos dados de Migração: Censo Demográfico 2010:

Resultados gerais da amostra. Rio de Janeiro, p.1-239. Recuperado de

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_gerais_amostra/default_resultados_gerais_amostra.shtm.

Jesus, Paulo Renato Cardoso de (2010). *Processos de análise narrativa: Desenvolvimento e personalidade como ser-em-estórias*. In Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Braga, 1724-1738.

Kanno, Natália (2009). Portal Japão entrevista Décio Nakagawa. Recuperado de

<http://www.japao.org.br/modules/news/article.php?storyid=306>

Knowles, Caroline, & Harper, Douglas (2009). *Hong Kong: migrant lives, landscapes, and journeys*. Chicago: The University of Chicago.

Koser, Khalid (2007). *International Migration: a very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.

Lewin, Kurt (1952). *Field Theory in Social Science*. London: Tavistock Publications.

Lima, Mariana Barbosa, & Braga, Beatriz Maria (2010). Práticas de recursos humanos do processo de repatriação de executivos brasileiros. *RAC- Revista de Administração Contemporânea*, 14 (6), 1031-1053

Lopes, Sabrina (2012). *Desemprego de indivíduos com formação superior: a emigração como possível solução*. (Dissertação de mestrado). FEP Faculdade de Economia Universidade do Porto,

Portugal. Recuperado de <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/69835/2/13701.pdf>

Lourenço, Amanda, & Cunha, Juliana (2012). De volta ao país, brasileiros sofrem “síndrome do regresso”. *Colaboração para a Folha*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1055239-de-volta-ao-pais-brasileiros-sofrem-sindrome-do-regresso.shtml>.

Lussi, Carmem, & Marinuci, Roberto (2007). Vulnerabilidade social em contexto migratório. *Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios*, 2007. Recuperado de <http://csem.org.br/index.php/artigos/artigos-e-mensagens>

Maders, Tielly Rosado (2014). *Trabalho e temporalidades: sentidos produzidos por petroleiros/as “offshore”*. Florianópolis, 2014. 154f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Maldonado, René, & Hayem, María Luisa (2014). Las remesas a América Latina y el Caribe en 2013: aún sin alcanzar niveles de pre-crisis. *Fondo Multilateral de Inversiones*, Banco Interamericano de Desarrollo. Washington, D.C.

Marandola Jr, Eduardo, & Dal Gallo, Priscila Marchiori (2010). Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. *Revista Brasileira de Estudos da População*, 27(2), 407-424.

Marandola Jr., Eduardo (2008). Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano. *Caderno de Geografia*, 18 (29), 39-58.

Marin, Elizara Carolina, & Pozobon, Rejane de Oliveira (2010). Sonhos que cruzam fronteiras: sentidos construídos a partir do processo migratório. *Sociologias*, 12(24), 382-409.

Markham, Annette (*in press*). The Internet in qualitative research. In L. Givens (Ed.), *The Sage Encyclopedia of Qualitative Research Methods* (pp. forthcoming). Thousand Oaks, CA: Sage.

Martes, Ana Cristina Braga (2001). Emigração Brasileira: formação de mercados de consumo de produtos brasileiros no exterior. *RAE Light*, 8(1), 8-12.

Martins Junior, A., & Dias, G. (2013). Imigração brasileira contemporânea: discursos e práticas de imigrantes brasileiros em Londres. *Análise Social*, 209 (4a), 810-832.

Martins, Paulo Henrique (2005). A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 73, Dezembro , p. 45-66

Martins-Borges, Lucienne (2013). Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, 21 (40), pp. 151-162 .

Masanet, Erika, & Baninger, Rosana (2011). Brasileiros e brasileiras na Espanha: mercado de trabalho, seguridade social e desemprego. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, 121(0), 59-83.

Masanet, Erika, Baeninger, Rosana, & Mateo, Miguel Ángel (2012). La inmigración brasileña en España: características, singularidades e influencia de las vinculaciones históricas, *Papeles de Población*, 71(0), 89-121.

Mauss, Marcel. (2003). *Sociologia e antropologia*. São Paulo, Cosac e Naify.

Mendes, Conrado Moreira (2009). A pesquisa on-line: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. *Hipertextus*, 2 (0), 1-9.

Miguélez, Fausto, Martín, Antonio, Alós-Moner, Ramon de, Esteban, Fernando, Lopez Roldán, Pedro, Molina, Óscar, Moreno, Sara (2011). Trayectorias laborales de los inmigrantes en España. *Centre d'Estudis Sociològics sobre la Vida Quotidiana i el Treball. Edicions 62*, S.A. Barcelona, Recuperado de http://multimedia.lacaixa.es/lacaixa/ondemand/obrasocial/pdf/Trayectorias_laborales_de_los_inmigrantes_en_Espana.pdf

Ministério das Relações Exteriores – MRE (2012). Brasileiros no Mundo: Estimativas. Terceira Edição de 2012. Ministério das Relações Exteriores. Departamento Consular e de Brasileiros no Exterior. Esplanada dos Ministérios - Bloco H. Recuperado de <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br>

Ministério das Relações Exteriores- Brasil (2014a). Relatório Completo. 1ª. COMIGRAR – 1ª Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio (São Paulo, 30 de maio a 01 de junho de 2014) módulo sobre apoio aos imigrantes brasileiros retornados. Recuperado de <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/contribuicoes-comigrar>

Ministério das Relações Exteriores- Brasil (2014b). 1a. COMIGRAR – Resultado das Plenárias Públicas e Consultas realizadas no exterior. Propostas da sociedade civil no exterior à 1a COMIGRAR. Recuperado de <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/contribuicoes-comigrar/impressao>

Ministério das Relações Exteriores –MRE (2012). Subsecretaria-Geral das Comunidades Brasileiras no Exterior. Diplomacia Consular, 2007 a 2012 / Ministério das Relações Exteriores; - Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

Mishler, Elliott G. (1991). Representing discourse: the rhetoric of transcriptions. *Journal of Narrative and Life History/Narrative Inquiry*, 1(0), 255-280.

Molinsky, Andy (2013). *Habilidade cultural para negócios globais*. O Globo, 21.07.2013.

Moreno Fuentes, Francisco J, & Ferreira, Simaia de F. (2013). Inmigración, sanidad, crisis económica y politización de la inmigración en España. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 21(40), 27-47.

Moya, Juan Sandoval, & Escudero, Nelson Arellano. (2005). Trayectorias laborales, Desempleo y Ciudadanía: el caso de Viña Del Mar. *Revista Última Década*, 13 (22), 111-136.

Nobre Lima, Luísa Isabel Gomes Freire (2009). Estórias e projetos de vida de adolescentes institucionalizados. Tese de doutorado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, 2009.

Nunan, Carolina, & Peixoto, João (2012). Crise econômica e retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 20(38), 233-250.

Oliveira, Eliane (2013). *Voltando para casa: importação de brasileiros. Governo brasileiro elabora programa para repatriar mão de obra qualificada que foi trabalhar no exterior* reportagem de Eliane Oliveira, Caderno de Economia, em O Globo, 17.02.2013.

Oxford Advanced Learner's Compass (2005). Dictionary. (7th Revised edition) London: Oxford.

Padilla, Beatriz, & Ortiz, Alejandra. (2012). Fluxos migratórios em Portugal: do boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanços e desafios. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 20(39), 159-184.

Pais, José Machado (2011). *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Lisboa, Portugal: Ambar.

Paiva, Odair da Cruz (2007). Migrações e nova fronteira utópica. In Paiva, Odair da Cruz (orgs.). *Migrações Internacionais: desafios para o século XXI* (pp.11-27). São Paulo: memorial do imigrante.

Passos, Najla (2011). Oásis global, Brasil importa mais e exporta menos trabalhadores. Carta Maior. 24 de dezembro de 2011. Recuperado de http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=19277

Patarra, Neide Lopes (2005). Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em Perspectiva*, 19(3), 23-33.

Patarra, Neide Lopes (2006). Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Estudos Avançados*, 20(57), 7-24.

Pereira, Sônia, & Siqueira, Sueli (2013). Migração, retorno e circularidade: evidência da Europa e Estados Unidos. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 41(0), 117-138.

Pero, Valéria (2006). Duração do (des)emprego formal e mobilidade ocupacional. In Guimarães, Nadya Araujo & Hirata, Helena (Orgs.). *Desemprego: trajetórias, identidades, mobilizações* (pp. 129-161). (Série Trabalho e Sociedade). São Paulo: Editora Senac São Paulo Personal Narratives Group. (Eds.). (1989). *Interpreting woman's lives: feminist theory and personal narratives*. Bloomington: Indiana University Press.

Portes, Jonathan (2014). Immigration: Could we – should we – stop migrants coming to Britain? *The Guardian. The Observer*. Recuperado de <http://www.theguardian.com/uk-news/2014/oct/19/immigration-policy-ukip-restrictions-european-union>

Póvoa Neto, Helion (2012). Migração: processo espontâneo é criminalizado. *Entrevista IHU On-Line* por telefone. Recuperado de <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/509050-migracao-processo-espontaneo-e-criminalizado-entrevista-especial-com-helion-povoa-neto>

Póvoa Neto, Helion. (2007). Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual: novos desafios para a análise. Em Coletânea de textos do Simpósio Internacional: Migração: nação, lugar dinâmicas territoriais. (pp.11-30). São Paulo. Associação Editorial Humanitas.

Pulido-Martínez, Hernán Camilo, & Sato, Leny. (2013). ...Y entonces ¿esto de la crítica qué es? De las relaciones entre la psicología y el mundo del trabajo. *Universitas Psychologica*, 12(4), 1355-1368.

Riessman, Catherine Kohler (2008). *Narrative Methods for the human Sciences*. United States of America: Sage Publications.

Sacconi, Luiz Antonio (2011). *Nossa Gramática Completa Sacconi: teoria e prática*. (31ª. ed. rev.) São Paulo: Nova Geração.

Sales, Teresa (1992). Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 9(1), 50-64.

Sampaio, Cyntia (2013). Migração e Saúde: um testemunho. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 21(40), 245-250.

Sampaio, Jader dos Reis (1998). Psicologia do trabalho em três faces. In Goulart, Íris & Sampaio, Jader R. (Orgs.) *Psicologia do Trabalho e gestão de Recursos Humanos: estudos contemporâneos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

Sasaki, Elisa Massae, & Assis, Gláucia de Oliveira (2000). Teorias das migrações internacionais. In: XII Encontro Nacional da ABEP 2000. Recuperado de http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf

Sato, Leny. (2013). Recuperando o tempo perdido: a psicologia e o trabalho não regulado. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 16(0), 99-110.

Sayad, Abdelmalek (1998). A imigração ou os paradoxos da alteridade. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Sayad, Abdelmalek (2000). O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Revista Travessia*. Número especial, 3-32. Schreurs, Bert, Van Emmerik, Hetty, De Cuyper, Nele De, Notelaers,

Guy, & De Witte, Hans (2011). Job demands–resources and early retirement intention: Differences between blue and white-collar workers. *Economic and Industrial Democracy*, 32 (1), 47-68.

Scott, Parry (2011). Fluxos migratórios femininos, desigualdades e atonômização e violência. In Arend, Silvia, Rial, Carmen, & Pedro, Joana. *Diásporas, mobilidades e migrações*. (pp. 47-66). Ilha de Santa Catarina, SC: Editora Mulheres.

Seyferth, Giralda (2008). Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político. Trabalho apresentado na 26^a *Reunião Brasileira de Antropologia*, Porto Seguro, Bahia, Brasil. Recuperado de http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/mesas_redondas/trabalhos/MR%2012/giralda%20seyferth.pdf.

Silva, Larentes da (2009). *Migrações internacionais e mundos do trabalho: Brasileiros em Portugal e na Espanha (1986-2008)*. (Tese de

doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC.

Silva, Maria A. Moraes (2007). Contribuições metodológicas para a análise das migrações. Coletânea de textos do Simpósio Internacional: *Migração: nação, lugar dinâmicas territoriais* (pp. 57-68). São Paulo. Associação Editorial Humanitas.

Silva, Maria A. Moraes, & Menezes, Marilda A. de (2007). Repensando métodos e técnicas em pesquisa de migração: entre abordagens demográficas e história oral. In Coletânea de textos do Simpósio Internacional: *Migração: nação, lugar dinâmicas territoriais* (pp.11-30). São Paulo: Associação Editorial Humanitas.

Silva, Maria Aparecida de Moraes (2010). Mulheres trabalhadoras rurais trajetórias e memórias. *Ruris*, 4 (2), 13-43.

Siqueira, Sueli (2007). O sonho frustrado e o sonho realizado: as duas faces da migração para os EUA, Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne], Débats, mis en ligne le 07 juin 2007, consultado em 28 de agosto de 2014. Recuperado de <http://nuevomundo.revues.org/5973>.

Siqueira, Sueli (2009). *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil/Estados Unidos*. Coleção Trabalho & Sociedade. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm.

Siqueira, Sueli, & Santos, Marcelo Henrique (2013). Condição de saúde do emigrante no retorno para sua terra natal. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 21(0), 131-150.

Siqueira, Sueli, Assis, Gláucia de Oliveira, & Dias, Carlos Alberto (2010). As múltiplas faces do retorno à terra natal. *Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*, 5 (0), 61-79.

Soares, Dulce. H. P., & Sestren, Gisele. (2007). A trajetória socioprofissional. In M. Lima & D. Barros (Orgs.), *Orientação profissional: teoria e técnica* (vol. 3), (pp. 81-96). São Paulo: Vetor.

Solé, Carlota, Cavalcanti, Leonardo, & Parella, Sonia (2011). *La inmigración brasileña en la estructura socioeconómica de España*.

Madrid: Observatorio Permanente de la Inmigración (OPI) Ministerio del Trabajo, v. 1. 275p.

Sousa Santos, Boaventura (2010). *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. (3ª ed). Volume 4. São Paulo, SP: Cortez.

Souza, Laura Vilela, & Scorsolini-Comin, Fábio (2011). Aconselhamento de carreira: uma apreciação construcionista social. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 12(1), 49-60.

Spink, Peter Kevin (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia e Sociedade*, 15(2), 18-42.

Spink, Peter Kevin (2008). O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, 20(número especial), 70-77.

Tedesco, João Carlos (2013). Nada é como era antes... : processos sócio-culturais nos locais de origem de fluxos migratórios para a Itália. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 5(0), 190-207.

Tonhati, Tânia, & Graf, Laila Priscila (2010). Sentidos do trabalho e do uso da internet no contexto da imigração brasileira em Londres. Resumo publicado no 1º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa 25 a 27 de novembro de 2010. 8 p. Trabalho não publicado.

Torresan, Angela (1994). *Quem Parte, Quem Fica. Uma Etnografia Sobre Imigrantes Brasileiros em Londres*. (Dissertação de mestrado), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ.

United Nation (1998). Department of Economic and Social Affairs Statistics Division Statistical Papers Series M, No. 58, Rev. 1. Recommendations on Statistics of International Migration Revision 1 United New York. Recuperado de http://unstats.un.org/unsd/publication/SeriesM/SeriesM_58rev1e.pdf.

Vainer, Carlos B. (2007). Migração e mobilidade na crise contemporânea da modernização. In Coletânea de textos do Simpósio Internacional: Migração: nação, lugar dinâmicas territoriais. (pp. 11-30). São Paulo: Associação Editorial Humanitas.

Valles, Michel S. (1997). Técnicas qualitativas de investigación social: reflexión metodológica y práctica profesional. Madrid: Universidad Complutense.

Van den Broeck, Anja, De Cuyper, Nele, Luyckx, Koen, & De Witte, Hans (2012). Employees' job demands–resources profiles, burnout and work engagement: A person-centred examination. *Economic and Industrial Democracy*, 33 (4), 691-706.

Vidal-Coso, Elena, & Miret, Pau. (2009). Labour Trajectories of immigrant women in Spain: towards a social upward mobility? Comunicació presentada a la XXVI IUSSP International Population Conference. Marrakech (Marroc). Centre d'Estudis Demogràfics, Papers de Demografia, 353, 1-31

Wills, Jane, Datta, Kavita, Evans, Yara, Herbert, Joanna, May, Jon, & McIlwaine, Cathy (2010). *Global Cities at Work: New Migrant Divisions of Labour*. London-UK: Pluto Press.

Xavier de Brito, Angela (2010). *Habitus* de migrante: um conceito que visa captar o cotidiano dos atores em mobilidade espacial. *Sociedade e Estado*, 25(3), 431-464.

Yin, Richard (2005). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. (3ª ed.) Porto Alegre, RS: Bookman,

Zago, Nair (2003). A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In Zago, Nair M. P. Carvalho & R. T. V. Vilela (Orgs.), *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação* (pp. 287-309). Rio de Janeiro: DP&A.

8. APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ENTREVISTA



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós- Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Laila Priscila Graf, sou aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Convido-o (a) a participar do processo de levantamento de informações de minha tese de doutorado, sob orientação da Professora Dra. Maria Chalfin Coutinho. A pesquisa se intitula “**As trajetórias Sócio-Profissionais de brasileiros/as sobre vivência migratória no Exterior e regresso ao Brasil**”. Esse estudo é importante por discutir as implicações da residência no exterior com as trajetórias profissionais dos brasileiros, contribuindo nos estudos sobre as relações de trabalho e migrações.

Você está sendo convidada (a) a participar desta pesquisa, na qual serão utilizados os procedimentos de entrevistas, confecção das trajetórias e fotografias pessoais. Cabe esclarecer que em nenhum material haverá a identificação do seu nome, empresa ou qualquer dado que possa lhe identificar e serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e ensino. As entrevistas serão gravadas em áudio, assim solicitarmos a autorização para o uso deste material, do documento das trajetórias e de fotografias pessoais para que possam ser utilizados e reproduzidos como resultados desta pesquisa sem fazer jus a nenhum pagamento, neste ou em qualquer tempo, seja por que motivo for.

A sua participação é absolutamente voluntária, estando a pesquisadora à disposição para qualquer esclarecimento, de modo que a sua recusa em participar, não trará qualquer penalidade ou prejuízo para você. Mantém-se também o seu direito de desistir da participação a qualquer momento.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar da pesquisa, solicito a sua assinatura em duas vias,

sendo que uma delas permanecerá em seu poder. Qualquer informação adicional ou esclarecimento acerca deste estudo poderá ser obtido junto à pesquisadora, pelo telefone (48) 9935-7880, pelo e-mail **lailagraf@gmail.com** ou junto ao de Comitê de Ética em Pesquisa desta instituição. Se você estiver de acordo em participar, posso garantir que as informações fornecidas através das entrevistas só serão utilizadas neste trabalho.

Laila Priscila Graf- Pesquisador Principal

Dra. Maria Chalfin Coutinho- Pesquisadora Responsável

Consentimento Pós-Informação

Eu _____,

RG _____

abaixo assinado, declaro por meio deste documento, meu consentimento em participar da pesquisa **“As trajetórias Sócio-Profissionais de brasileiros/as sobre vivência migratória no Exterior e regresso ao Brasil”**.

_____, ____ de _____ de 2012.

Assinatura: _____

APÊNDICE B – TABELA DE IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES PRINCIPAIS

Tabela 1 – Identificação dos sujeitos de pesquisa

Nome	Idade	Origem	Escolaridade	Destino	Permanência	Documento	Período
Ana	32 anos	MG	Superior completo e pós-graduação mestrado Psicologia	Londres	6 anos	Visto de Estudante/ Visto de Cônjuge/Dupla Cidadania	2005 a Novembro de 2011. Regressou em 2006 para o Brasil
Jordi	29 anos	RS	Superior completo. mestrado e cursa doutorado Psicologia	Barcelona	4 anos	Visto de Estudante	Agosto de 2008 a agosto de 2012
Camile	49 anos	SC	Superior completo Farmácia	Londres	3 anos	Sem documentação	Novembro de 2007 a 2010.
Danuzá	29 anos	SC	Superior completo e pós-graduação Sistemas	Londres	1 ano	Visto de Estudante	Julho de 2007 a julho de 2008
Pedro	27 anos	SC	Superior completo e pós-graduação Sistemas	Cambridge	3 anos	Visto de Trabalho	Outubro de 2007 a agosto de 2011
Guilherme	26 anos	SP	Superior completo Gastronomia	Londres	2 anos	Visto de Estudante	Agosto 2008 a Agosto 2010
Gabriel	32 anos	PR	Superior completo Informação	Valência	4 anos	Sem documentação	2005 a Fev de 2009

			depois				
Heloisa	28 anos	SC	Superior completo e cursa segunda graduação Redes	Londres	1 ano	Visto de Estudante	Março 2009 a Março 2010
Amanda	33 anos	RS	Superior completo e pós-graduação mestrado, doutorado. Psicologia	Londres / Interior da Inglaterra	4 anos e meio	Dupla cidadania	Dezembro de 2006 a junho de 2011
Eduardo Neves	32 anos	CE	Superior completo e mestrado incompleto. sistemas	Japão, Londres	1 ano	Visto de Trabalho	2009 a junho de 2010

Fonte: Documentos de pesquisa.

APÊNDICE C – COMPARAÇÃO ENTRE A DATA DE PARTIDA, REGRESSO E A DATA DAS ENTREVISTAS

Tabela 2 – Comparação entre a data de partida, regresso e as datas das entrevistas

Nome	Período de waída do Brasil	Destinos	Período de regresso ao Brasil	Data da entrevista	Período transcorrido entre o regresso e a entrevista
Ana	Meados de 2005	Londres	Novembro de 2011	27.08.2012	9 meses
Jordi	Agosto de 2008	Barcelona	Agosto de 2012	06.09.2012	1 mês
Camile	Novembro de 2007	Londres	Novembro de 2010	24.09.2012	1 ano e oito meses
Danuza	Julho de 2007	Londres	Julho de 2008	06.09.2012	4 anos e 2 meses
Pedro	Outubro de 2007	Cambridge	Agosto 2011	18.08.2012	1 ano
Guilherme	Agosto 2008	Londres	Agosto 2010	17.05. 2012	1 ano e 9 meses
Gabriel	2005	Valência	Fev de 2009	12.09.2012	3 anos e 7 meses
Heloisa	Março 2009	Londres	Marco 2010	24.08.2012	2 anos e 5 meses
Amanda	Dezembro de 2006	Londres/ Interior da Inglaterra	Junho 2011	23.08.2012	1 ano e 2 meses
Eduardo Neves	Junho de 2009	Londres	Junho de 2010	29.08.2012	2 anos e 2 meses

Fonte: Documentos de pesquisa.

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS SUJEITOS DE PESQUISA

Data da entrevista ____/____/____

Nº _____

Identificação

Sexo: () Masculino () Feminino Idade: _____

Estado civil: _____

Renda atual: pessoal - _____ familiar: _____

Possui Filhos? () Não () Sim

Quantos? _____

Idades? _____

Nível de escolaridade: _____

Cargo atual no trabalho: _____

Tempo de migração no Exterior, local e período: _____

1) Escolaridade

Conte sobre sua escolaridade, quais os cursos que você realizou.

Trajatória escolar – dificuldades, mudanças de escola, modos de aprendizagem.

Quais as formações educacionais, ensino técnico, graduação, pós-graduação?

2) Trabalho/ Situação anterior a migração

Que atividades profissionais você exerceu antes no Brasil?

Como eram essas atividades? Como sentia o mercado de trabalho em sua área?

Quais as perspectivas profissionais que observava?

Como era/estava sua situação emocional, econômica, familiar e empregatícia no Brasil?

3) Processo de Migração

Quando foi para a cidade do Exterior?

Como foi o planejamento?

Quais as principais motivações para essa migração?

Quais as atividades profissionais?

Qual período permaneceu no país de destino?

Como foi o processo de entrada no País de Destino?

Qual o tipo de documento migratório que você possuía?

Já havia residido no exterior ou viajado a turismo? Qual era a sua visão anterior sobre o país?

3.1) No Exterior – Vida Laboral

Quais as atividades laborais que efetuou?

Como iniciou em sua primeira atividade laboral no exterior? (indicação, agência de emprego?)

Quais delas você preferiu realizar?

Quais as maiores dificuldades encontradas e as maiores satisfações no trabalho?

Como eram as condições de trabalho?

Como se caracterizava a relação com os colegas? Que nacionalidade eles tinham?

Como era sua relação com os supervisores?

Qual foi a atividade que mais se identificou? E por quê?

3.2) No Exterior - Vida Social e Familiar

Você tinha familiares próximos no Exterior?

Enviava recursos financeiros à familiares no Brasil?

Como era a habitação onde morava? Quem residia com você (quantidade e nacionalidade)?

Como se caracterizava o tempo de lazer para você naquela época?

4) Retorno ao País de Origem

Qual foi sua motivação para retornar ao Brasil?

O que pensava do Brasil antes de retornar?

Como foi o período pós-retorno? Você retornou para a cidade de anteriormente?

Quais as atividades profissionais que exerceu após retonar ao Brasil?

Como foi seu processo de inserção no mercado de trabalho?

Quais são seus projetos de futuro?

4.1 Retorno – Vida Social e Familiar?

Como se caracteriza a habitação atual?

Como se caracteriza o tempo livre e lazer efetuado no Brasil?

Como se caracteriza suas relações de amizade e familiares no Brasil?

Você gostaria de complementar algum aspecto dessa entrevista?

Agradeço a participação.

APÊNDICE E – RESUMO DA ELABORAÇÃO DA ANÁLISE TEMÁTICA NARRATIVA – 13 PASSOS

Primeiro: transcrever todo o material gravado com os participantes principais em um documento Word, de todas as entrevistas e de toda aplicação da TTS, tanto as falas de início como as posteriores, de encerramento. Transcrever tudo o que está presente no gravador relacionado ao participante, como todas as notas tomadas pelo pesquisador.

Segundo: efetuar um quadro em um documento Word com duas colunas, colocar o material transcrito na primeira coluna e deixar a segunda em branco. Efetuar esse quadro para todos os participantes, podendo deixar os relatos agrupados em um único arquivo.

Terceiro: efetuar uma leitura repetida do material de cada entrevistado e, depois, separar o texto em blocos (parágrafos) respeitando a continuidade do assunto narrado.

Quarto: efetuar novamente a leitura dos blocos e criar um título para cada um deles. Os títulos devem ser concebidos relacionados diretamente ao texto presente nos blocos narrativos.

Quinto: juntar todos os títulos e colocá-los em lista junto com o nome fictício do participante da pesquisa.

Sexto: ler a lista de cada participante repetidas vezes, verificando os assuntos principais.

Sétimo: identificar os assuntos.

Oitavo: organizar os temas presentes nas listas dos participantes em relação aos assuntos gerados, também aqui chamado de “eixos”.

Nono: ler repetidamente os temas de cada eixo e verificar similaridades e diferenças entre eles.

Décimo: sintetizar os temas nos eixos, deixando apenas os semelhantes entre os participantes. Aqui foram geradas as categorias temáticas iniciais.

Décimo primeiro: com a lista dos temas iniciais, retornar ao material dos participantes, o dos blocos temáticos, e assinalar relações entre os temas iniciais e trechos de fala ou posicionamento de cada participante.

Décimo segundo: retornar às categorias temáticas iniciais, já com relação aos posicionamentos dos entrevistados, e articular com a literatura.

Décimo terceiro: reorganizar as categorias temáticas iniciais, conforme os estudos com a literatura, e desenvolver as categorias temáticas finais.

9. ANEXOS

ANEXO A – MAPA POLÍTICO DA EUROPA



Fonte: <http://www.paises-europa.com/mapa-europa.htm>

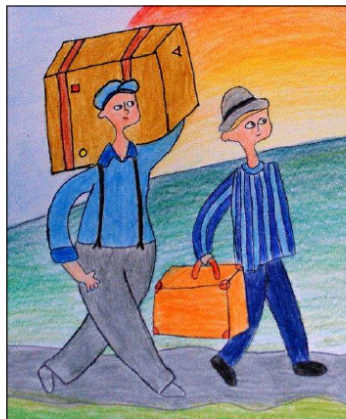
ANEXO B – TABELA SOBRE OS CENSOS DE 2000 E 2010 DO IBGE

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Pessoas que residiam em país estrangeiro há cinco anos antes da data de referência do censo		Participação relativa (%)	
	1995/2000	2005/2010	1995/2000	2005/2010
Brasil	143 644	268 295	100	100
Norte	7 538	15 661	5,2	5,9
Rorônia	1 124	3 605	0,8	1,4
Acre	699	891	0,5	0,3
Amazonas	2 033	3 626	1,4	1,3
Roraima	1 225	1 089	0,9	0,4
Pará	1 716	4 471	1,2	1,7
Amapá	501	874	0,3	0,3
Tocantins	240	1 105	0,2	0,4
Nordeste	8 456	23 169	5,9	8,5
Maranhão	244	1 442	0,2	0,5
Piauí	269	433	0,2	0,2
Ceará	1 405	3 750	1	1,4
Rio Grande do Norte	669	1 754	0,5	0,7
Paraíba	589	1 965	0,4	0,7
Pernambuco	1 927	3 960	1,3	1,5
Alagoas	220	571	0,2	0,2
Sergipe	189	411	0,1	0,2
Bahia	2 943	8 882	2	3,2
Sudeste	62 039	134 659	43,2	50,2
Minas Gerais	8 310	27 566	5,8	10,3
Espírito Santo	1 514	6 333	1,1	2,4
Rio de Janeiro	13 373	18 947	9,3	7,1
São Paulo	38 842	81 813	27	30,4
Sul	47 944	62 777	33,4	23,5
Paraná	32 011	39 119	22,3	14,6
Santa Catarina	6 328	12 219	4,4	4,6
Rio Grande do Sul	9 604	11 439	6,7	4,3
Centro-Oeste	17 667	32 029	12,3	11,9
Mato Grosso do Sul	8 322	9 040	5,8	3,4
Mato Grosso	3 359	3 994	2,3	1,6
Goiás	2 218	12 540	1,5	4,6
Distrito Federal	3 768	6 455	2,6	2,3

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000/2010.

ANEXO C – BANNER DO PORTAL DO RETORNO

PORTAL DO RETORNO



Elaborado pelo Ministério das Relações Exteriores, com o apoio do Ministério do Trabalho e Emprego, Ministério da Previdência Social, Secretaria da Receita Federal, Caixa Econômica Federal e SEBRAE, além da Secretaria de Políticas para as Mulheres, o "Portal do Retorno" é o primeiro site eletrônico destinado a centralizar todas as informações disponíveis sobre programas e serviços que possam ser úteis a nacionais brasileiros que retornam ao país, especialmente aqueles em situação de maior vulnerabilidade.

O Portal reúne informações sobre o mercado de trabalho brasileiro, alternativas de capacitação profissional, orientações para aqueles que querem dedicar-se ao empreendedorismo e aplicar suas economias de forma produtiva, orientações sobre como reinserir-se no sistema de previdência social, informações sobre legislação aduaneira para fins de transporte de bagagem e bens desacompanhados e providências práticas em relação a documentação, entre vários outros temas.

Há ainda ampla informação sobre serviços e programas de assistência na área de saúde física e psicológica, bem como centros de referência para pessoas saídas de situações de tráfico, violência e exploração laboral.

Pesquisas junto aos postos da rede consular brasileira e associações comunitárias no exterior apontam forte tendência no movimento de retorno definitivo de brasileiros residentes no exterior, especialmente os que emigraram na última década e aqueles que se encontravam nos países mais atingidos pela atual crise econômica. Estima-se, portanto, que tenha havido redução, entre 2008 e 2013, de cerca de 20% no número de brasileiros residentes no exterior, passando a diáspora brasileira de 3 milhões para aproximadamente 2,5 milhões.

O retorno ao Brasil tem se mostrado, contudo, um desafio para grande parte dos emigrantes. Após buscar a reinserção econômica no Brasil, sem êxito, durante alguns meses ou anos, muitos são levados a re-emigrar, novamente em condições de vulnerabilidade - ou seja, sem visto de trabalho, e muitas vezes assumindo dívidas para reembolso dos gastos de viagem. As causas mais comuns para a re-emigração nessas condições são: incapacidade em reinserir-se no mercado de trabalho; insucesso dos empreendimentos no Brasil; e queda de nível de vida e de renda em relação ao período passado no exterior.

<http://retorno.itamaraty.gov.br>

Ministério das
Relações Exteriores

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

ANEXO D – TABELA DOS CINCO NÍVEIS DE ESTRUTURA DOS TEXTOS NARRATIVOS DE GEE (1991)

Table 1. Five levels of structure in a narrative text with their contribution to interpretation and how they are formally signalled.

LEVEL	FORMAL MARKING	ROLE IN INTERPRETATION
1. Line and Stanza Structure	patterning	ideas and perspectives on characters, events, states, information
2. Syntax and Cohesion	word order and grammatical words	logic and connections
3. Main line/Non-main line	verbal system and aspect	plot
4. Psychological-Subjects	grammar	point of view
5. Focusing System	pitch and stress	image/theme

Fonte: Gee (1991).

ANEXO E – PARECER DO CEP DE APROVAÇÃO DO PROJETO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: z São dois lados da mesma viagem, o trem que chega é o mesmo trem da partida. z
Trajetórias ocupacionais de brasileiras/os retornados de vivências migratórias na Europa Ocidental

Pesquisador: Maria Chalfin Coutinho

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 07788412.2.0000.0121

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 216.355

Data da Relatoria: 18/02/2013

Apresentação do Projeto:

Trata -se de um Projeto de Tese de Doutorado do Programa de Psicologia da UFSC -da Área de Concentração: Práticas Sociais e Constituição do Sujeito intitulado Trajetórias ocupacionais de brasileiras/os retornados de vivências migratórias na Europa Ocidental

Práticas Sociais e Constituição do Sujeito de contatos pessoais e a partir de indicações pelo procedimento chamado de "bola de neve". Assis (2007), em pesquisa sobre migrantes brasileiros aos Estados Unidos, também recorreu ao uso de indicação de pessoas, solicitando para parentes e amigos os quais permaneceram no Brasil, a indicação de pessoas residentes no exterior. Tem como hipótese que as trajetórias ocupacionais desenvolvidas no exterior promovem re-significações dos percursos profissionais e permitem amplitude de um saberfazer, embora não constituem em si mesmo modificações nas posições sociais de trabalho dos sujeitos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Identificar as configurações das trajetórias ocupacionais de brasileiros/as retornados de vivências migratórias na Europa Ocidental

Objetivo Secundário:

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-900
UF: SC **Município:** FLORIANÓPOLIS
Telefone: (48)3721-9208 **Fax:** (48)3721-9696 **E-mail:** cep@reitoria.ufsc.br

Caracterizar como se configuraram as relações do trabalho migratório brasileiro/as efetuados na Europa Ocidental; Compreender os motivos que os levaram a migrar e quais ensejaram o regresso; Identificar os mecanismos de inserção laboral os migrantes fizeram uso no exterior? Quais no regresso; Compreender como ocorreu a organização do ambiente doméstico no exterior e como ocorreu no regresso; Assinalar como os lugares

de gênero atravessam as trajetórias ocupacionais dos migrantes; Os riscos serão mínimos desde que respeitados os princípios éticos e bioéticos estabelecidos na Resolução 196/96.

Os benefícios: O estudo possibilitará o conhecimento sobre a realidade dos migrantes brasileiros no âmbito internacional.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O projeto encontra-se teórica e metodologicamente fundamentado

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O pesquisador apresentou a documentação obrigatória para submissão e aprovação no CEPESH UFSC PROJETO, TCLE, RELATÓRIO.

FOLHA DE ROSTO CRONOGRAMA NECESSITANDO ATUALIZAÇÃO DE DATAS, ORÇAMENTO. NÃO APRESENTOU CARTA DA INSTITUIÇÃO

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Recomendo que o pesquisador apresente carta declaração da Instituição da Pesquisa realização e Adequação do Cronograma e Orçamento detalhado

Recomendações:

Concluo recomendo pendência até o atendimento das recomendações encaminhadas pelo relator do parecer

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos serão mínimos desde que respeitados os princípios éticos e bioéticos estabelecidos na Resolução 196/96.

Os benefícios: O estudo possibilitará o conhecimento sobre a realidade dos migrantes brasileiros no âmbito internacional.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto encontra-se teórica e metodologicamente fundamentado
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: O pesquisador apresentou a documentação obrigatória para submissão e aprovação no CEPESH UFSC PROJETO, TCLE, RELATÓRIO.

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Bairro: Trindade CEP: 88.040-900
UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-9208 Fax: (48)3721-9696 E-mail: cep@reitoria.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



FOLHA DE ROSTO CRONOGRAMA NECESSITANDO ATUALIZAÇÃO DE DATAS, ORÇAMENTO.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto, após esclarecimentos e adequação, está de acordo com o que é exigido para a submissão pelo sistema CEP/CONEP.

Recomendações:

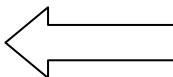
Nenhuma recomendação se aplica

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Somos pela aprovação do presente projeto.

Situação do Parecer:

Aprovado



Necessita Apreciação da CONEP:

Não

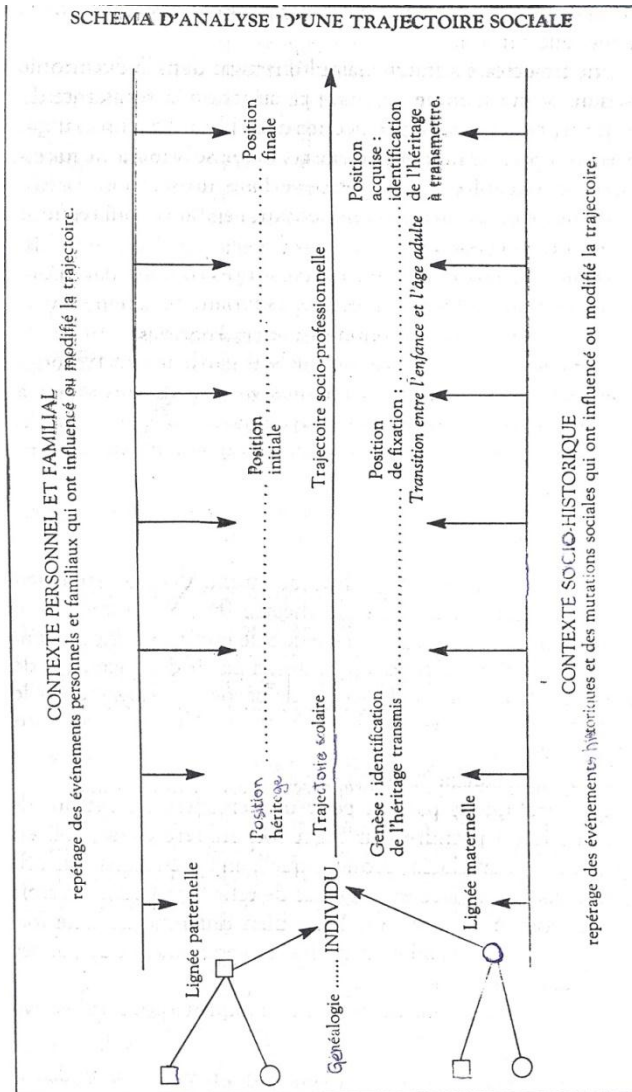
Considerações Finais a critério do CEP:

FLORIANOPOLIS, 11 de Março de 2013

Assinador por:
Washington Portela de Souza
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Bairro: Trindade CEP: 88.040-900
UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-9206 Fax: (48)3721-9696 E-mail: cep@reitoria.ufsc.br

ANEXO F – MODELO DAS TRAJETÓRIAS SOCIAIS



Fonte: Gaulejac (1987).

ANEXO G – TABELA REFERENTE AO ÍNDICE DE DESEMPREGO NA EUROPA ENTRE 2000 A 2012

Unemployment rate, quarterly average											
GEO/TIME	2000Q1	2005Q1	2007Q1	2008Q1	2009Q1	2010Q1	2011Q1	2011Q2	2011Q3	2011Q4	2012Q1
Belgium	7.2	8.4	7.9	6.9	7.6	8.4	7.2	7.1	7.3	7.2	7.3
Germany (ir)	8.2	11.4	9.2	8.0	7.6	7.5	6.3	6.0	5.8	5.6	5.6
Estonia	13.9	8.9	5.0	3.9	10.8	18.8	13.6	13.1	11.4	11.7	:
Ireland	4.6	4.2	4.5	4.9	10.3	13.0	14.2	14.2	14.7	14.7	14.6
Greece	11.6	10.0	8.7	7.9	8.9	11.1	15.2	16.7	18.4	20.5	:
Spain	12.2	9.8	8.1	9.2	16.7	19.4	20.7	21.0	22.0	23.0	23.8
France	9.5	9.1	8.8	7.5	8.9	9.9	9.6	9.6	9.7	9.8	10.0
Italy	10.6	8.0	6.3	6.4	7.5	8.6	8.2	8.2	8.4	9.1	:
Cyprus	5.0	5.2	4.2	4.0	4.2	6.5	6.6	7.3	7.9	9.3	9.8
Luxembourg	2.4	4.7	4.4	4.4	5.4	4.6	4.7	4.8	5.0	4.9	5.2
Malta	6.9	6.8	7.3	6.1	6.4	7.2	6.4	6.7	6.4	6.6	6.8
Netherlands	3.2	5.4	3.9	3.1	3.2	4.5	4.2	4.2	4.4	4.9	5.0
Austria	3.9	5.0	4.4	3.9	4.4	4.5	4.3	4.1	3.9	4.3	:
Portugal	4.8	8.2	9.2	8.3	9.7	11.6	12.3	12.6	12.7	14.1	15.0
Slovenia	6.8	6.4	5.3	4.7	4.9	6.7	8.0	8.0	8.2	8.7	8.6
Slovakia	18.4	17.0	11.4	10.2	10.1	14.7	13.4	13.3	13.5	14.0	14.0
Finland	9.9	8.6	7.1	6.3	7.3	8.7	8.0	7.8	7.7	7.6	7.5
United Kingd	5.7	4.7	5.5	5.2	7.0	7.9	7.7	7.9	8.2	8.3	:

Fonte: Eurostat.